

REVISTA LUSITANA

Arquivo de estudos filológicos e etnológicos
relativos a Portugal

DIRIGIDO POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Director do Museu Etnológico Português

SUMARIO

ARTIGOS DESENVOLVIDOS:

- Importancia da Etnografia — por J. Leite de Vasconcellos: pág. 5.
Glossario dialectologico dos Arcos de Valdevez — por F. Alves Pereira: pág. 19.
Tradições populares de Santo Tirso — por Augusto C. Pires de Lima: pág. 35.
Estudos camonianos — por Gomes de Brito: pág. 91.
Contos populares de Evora — por Bernardino Barbosa: pág. 100.
Berço d'uma cantiga em indo-português — por Sebastião R. Dalgado: pág. 108.
Turquel folklorico — por J. Diogo Ribeiro: pág. 115.
Textos antigos portugueses — por J. J. Nunes: pág. 139.
Os «cardadores» de Castelo de Vide — por Laranjo Coelho: pág. 170.
Amostras de toponímia portuguesa — por J. Leite de Vasconcellos: pág. 199.
Festas e costumes de Monchique — por Guerreiro Gascon: pág. 200.
Nomes mozarabes no Sul — por P. de Azavedo: pág. 211.
Os serões de Íora — por Augusto C. Pires de Lima: pág. 215.

MISCELANEA:

- Ptg. «ingreme», «ingrime» — por Leo Spitzer: pág. 218.
Ptg. «carripiar» — pelo mesmo: pág. 219.
Quem vai ao mar — por Oscar de Pratt & Leite de Vasconcellos: pág. 219.
Lirica patriótica — por Oscar de Pratt: pág. 218.
Jogo das chapas — por J. L. de V.: pág. 225.
Lendas — por A. C. Pires de Lima: pág. 227.
Etimologia de Cascals — por J. L. de V.: pág. 223.
Plano de Historia da lingua portuguesa — por J. L. de V.: pág. 229.
Correcções e observações a textos portuguezes — por J. L. de V.: pág. 231.
Duas cartas de G. Viana — por Augusto C. Pires de Lima: pág. 232.
Como se fórma um culto — por J. L. de V.: pág. 234.

BIBLIOGRAFIA:

- Livros — pág. 239.
Revistas — pág. 243.
Varia quaedam — pág. 244.

NECROLOGIA:

- Ernesto Monaci — por D. Carolina M. de Vasconcellos: pág. 247.
F. Adolfo Coelho — por J. L. de V.: pág. 252.

LISBOA

LIVRARIA CLASSICA EDITORA

DE A. M. TEIXEIRA

17, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 17

1919

REVISTA LUSITANA

TIPOGRAFIA DE SEQUEIRA
114, RUA DE JOSÉ FALCÃO, 122
PORTO

REVISTA LUSITANA

Arquivo de estudos filologicos e etnologicos
relativos a Portugal

DIRIGIDO

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Director do Museu Etnologico Português

VOL. XXII

LISBOA
LIVRARIA CLASSICA EDITORA
DE A. M. TEIXEIRA
17, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 17
1919

[illegible]

Importancia da Etnografia ¹

SUMÁRIO:—a) Importancia teorica: exame da psicologia geral de um povo; estudo do vocabulario (*Wörter und Sachen*); comentario da literatura antiga; fontes em que pôde beber a literatura moderna; conhecimento do viver de outr'ora, quando deixa reflexos no presente; paralelos universais, que provam a ubicuidade de muitas usanças e crenças; considerações especulativas que permitem estudar a evolução de umas e outras, e ás vezes descortinar-lhes a origem.

b) Importancia prática: administração politica interna; julgamento de crimes, etiologia de doenças mentais, explicação do fanatismo religioso; educação infantil; administração colonial; avigoramento do amor patrio.

Urgencia de colher as tradições populares. — Aprêço que lá fóra se dá á Etnografia: literatura, sociedades, ensino público, museus, congressos, exposições; factos diversos. — A Etnografia em Portugal.

A importancia da Etnografia é susceptivel de encarar-se pelo lado teorico ou especulativo, e pelo da vida prática de todos os dias. Começarei pelo teórico.

A maxima antiga γνῶθι σαυτόν, isto é, *nosce te ipsum*, que se repetiu sempre como *desideratum* de filosofia individual, maior applicação tem a um povo, olhado no conjunto: apreciar como ele interpreta a Natureza que o rodeia; qual a vivacidade ou torpor do seu engenho, a feição e grau de vitalidade da sua literatura, arte e industria tradicionaes; as suas aptidões, genio, tendencias religiosas, manifestações psiquicas espontaneas; como julga os povos que o convizinham, ou como se considera a si proprio com relação aos outros; o que são para ele a familia e a sociedade; como é que ama, e como é que odeia. O cronista que deseje verdadeiramente penetrar no espirito das sociedades, poderá acaso deixar de recorrer á Etnografia? Já entre nós o Sr. Gama Barros, na sua monumental *Historia da administra-*

¹ Algumas das ideias expendidas neste trabalho pelo autor já o haviam sido noutros trabalhos seus anteriores, por exemplo, nos *Ensaios Ethnogr.*, II, I ss., 50 ss., nas *Tradições popul. de Portugal* (1882), pag. VIII-IX, na *Rev. Lusit.*, III, 193-195.

ção, o faz constantemente quanto ao passado, e de tal modo, que esta se tornou uma das boas fontes do meu estudo. A parte mais atraente e instructiva das Crônicas de Fernão Lopes é sem dúvida aquela em que ele nos pinta os costumes da época que pretende historiar, pois nelas, como Herculano pondera, «não ha só historia: ha poesia e drama; ha a idade media com sua fé, seu entusiasmo, seu amor de gloria» ¹.

No proprio exame do vocabulario usual, como reflexo da vida diaria, se está actualmente reconhecendo quanto a Etnografia ajuda a Filologia: pela vista e exame de objectos nas suas particularidades se facilita a interpretação etimologica das palavras que os traduzem. Os Alemães tratam do assunto sob a designação de *Wörter und Sachen* «palavras e coisas», e publicam em Heidelberg, desde 1909, uma revista com este titulo, onde os artigos são acompanhados de illustrações ². Se a Etnografia se torna assim um auxilio do conhecimento do presente, apesar de posto ao alcance do observador, comprehende-se como ajudará o de outros tempos.

Muitos pormenores das obras literarias e artisticas do passado, ficar-nos-hiam efectivamente imperceptiveis ou mal avaliadas, se não fossem os comentarios etnograficos: e já não digo as obras da antiguidade classica, mas as do nosso Sá de Miranda, Camões, e outros que se inspiraram no veio da tradição; e já não falo só de literatura, falo de escultura, pintura, gravura, ceramica. Descortinam-se lindas scenas domésticas em desenhos que exornam vasos gregos. Certas figuras falicas que decoram frisos de cathedrais medievas explica-as a Etnografia como preservativas de mau olhar (crença vivissima em todos os tempos e em todos os povos). A Arqueologia fórma em parte um ramo da Etnografia. Ao mesmo tempo que esta aclara factos obscuros de obras artisticas e literarias, pondo o leitor e o espectador como que dentro do proprio ambiente em que elas foram produzidas, e portanto habilitando-os ou ajudando-os a enten-

¹ *Opusculos*, t. v (3.^a ed.), pág. 9.

² Nas *Mitteilungen des Verbandes deutscher Vereine f. Volksk.*, n.º 7, de Julho de 1908, noticia-se o projecto de um congresso de Etnografia plastica ou Ergologia («erster Kongress für sachliche Volkskunde»), que devia realizar-se em Graz em 1909; não sei se chegou a realizar-se. No congresso de Roma, de 1911, de que adiante torno a falar, fez o Prof. H. Schuchardt uma breve comunicação intitulada «Cose e parole»: vid. *Atti* do congresso, Perugia 1912, pág. 57 ss.—Entre nós, o Prof. Adolfo Coelho publicou, em 1914, na *Rev. Lusit.* um artigo com titulo analogo, «Palavras e coisas» (notas para a historia da lingua e vida portuguesa), que consta de doze capitulozinhos, respectivos á idade-média.

dê-las, descobre muitas vezes as fontes d'essas obras: assim o nucleo da *Odisseia* é um conto popular ¹; da engraçada peripecia do auto vicentino em que Mofina Mendes entorna o pote de azeite existem paralelos noutras literaturas ². Inversamente, o moderno literato, o artista, o industrial, que na execução de seus trabalhos queiram impregnar-se de sentimento patrio, encontram na Etnografia manancial inexgotavel de informações. Ao romancista e dramaturgo releva em especial e de modo imprescindivel o saber a linguagem vulgar, tal como ela se manifesta em adágios, cantigas, e várias rimas e fórmulas: assim fizeram Jorge Ferreira, Simão Machado, Antonio José, e mais recentemente Castilho, e o popular Camilo, que foi o ultimo prosador classico.

Na maxima parte dos casos as crenças, os costumes, os proverbios, e outros elementos do viver hodierno são como ecos de eras afastadas: o que ao presente parece gracioso ou ridiculo foi serio e grave; actos solenes de religião degeneraram em abusões; conceitos misticos em meras frases da lingua quotidiana; cerimoniaes ritualisticas em jogos de crianças; trajos de gala em disfarces carnavalescos; instrumentos de magia em enfeites desprovidos de significação. Pela análise folklorica ficamos sabendo muitos dos habitos dos nossos antepassados, muito do que eles pensaram e sentiram. Mas, acumulando e coordenando materiais colhidos em todos os campos da actividade humana, o etnografo vai ainda mais longe, porque prepara o caminho para a explicação d'essas velhancarias. Diz justificadamente o Prof. Rüttimeyer, de Basileia: «um dos temas mais encantadores da Etnografia comparativa e do *Folk-Lore* está sem dúvida em descobrir, por investigação, mais ou menos profunda, da civilização que domina hoje num territorio, os vestigios que civilizações anteriores lá deixaram» ³.

Da comparação do que se observa em um local com o que se observa noutro, e do que existe agora com o que existiu d'antes, chegamos a inferir que certos usos, credices e ditos que se julgam proprios de uma terra existem longe d'ela, e ou foram transmitidos de pais a filhos, ou provêm de conce-

¹ A. Lang in *Mélusine*, I, 490.

² Vasconcellos Abreu, *Os contos, apologos e fabulas da India*, Lisboa 1902, pag. 94 ss.

³ In *Archives suisses des tradit. pop.*, XX, 283, na introdução de um suculento artigo aí publicado em alemão a respeito da Suíça, e continuado no t. XXII, pag. 1 ss. Neste artigo mostra o A. como muitas usanças e artefactos da actualidade têm profundas raizes no passado.

ções fundamentais da alma humana, que na sua essência é una. Darei um punhado de exemplos, dispostos ao acaso: o milagre de Santo Antonio, que ressuscita um morto para averiguação de um caso de justiça, tem um paralelo no de S. Ulrich, na Alemanha ¹; insultar alguém, chamando-lhe *cão*, como hoje se faz, fazia-se já entre os Gregos, em cuja lingua *κυνέπτης* significa «impudente», «desavergonhado», propriamente «com olhar de cão» ²; á pia d'agua benta, posta á entrada das igrejas, correspondia nos templos pagãos o *περιπαυτήριον*, vasilha de metal ou de pedra, cheia de agua lustral com que se aspergiam os que eram admitidos aos sacrificios ³; assim como a S. Cornelio (S. Cornelio), por causa das quatro letras iniciais do nome, *corn-*, anda entre nós agregado o emprêgo de *cornos* em certas festas, assim S. *Cornelis*, por motivo analogo, se invoca entre os Flamengos, contra as doenças das *bêtes à cornes* ⁴; a *Senhora de Março*, celebrada em versos populares da Beira e do Douro, denomina-se em Milão *Madòna di marz*, em França *bonne Dame de mars* ⁵; estreia o nosso povo um fato novo por ocasião de uma festa, como o Romano,

Vestibus intactis Tarpeias itur ad arces,

em dia de ano-bom ⁶; a *semana* portuguesa *dos nove dias* é de algum modo comparavel á *semaine* francesa *de quatre jeudis* ⁷; beber o vinho com que os devotos banham a imagem de S. Paio, na Torreira, livra de sezões, como beber aquele com que se lavam as reliquias de S. Genulfo, lá fóra, livra de possessão demoníaca ⁸; ha um conto popular em que o dinheiro se mede ás razas, como num das *Mil e uma noites* ⁹, e noutro da Alemanha ¹⁰, — ideia provinda da antiguidade, pela qual se explicava o

¹ Weinhold in *Zs. des Ver. f. Volksh.*, v, 418.

² Assim na *Odisseia*, iv, 145-146. — Póde ver-se a este respeito o que tambem diz Bluteau, *Vocabul.*, s. v. «cão».

³ Cfr. Elworthy, *The evil eye*, pag. 68-69.

⁴ De Cock in *Mélusine*, viii, 286.

⁵ Clemente Merlo, *I nomi romansi delle stagioni e dei mesi*, Turim 1904, pag. 198-199.

⁶ Ovidio, *Fastos*, i, 79, falando da festa de Jano.

⁷ Em frases como: «je vous payerai à la semaine de quatre jeudis», «je le ferai à la semaine de quatre jeudis».

⁸ H. Gaidoz, *La rage et S. Hubert*, pag. 205.

⁹ (Não cito o lugar, porque perdi a indicação).

¹⁰ *Kinder-u. Hausmärchen* dos Irmãos Grimm, t. II (Reclam), n.º 142, e cfr. t. III (1856), pag. 225.

nome da mulher de Trimalquião ¹; ás perguntas importunas das crianças responde-se em Portugal que são «lingoas de perguntador», como na Suíça que são «des questions de curieux» ²; na nossa poesia lirica as frutas constituem emblemas de amor, penhores de affecto, como nas scenas eroticas da arte greco-romana (oferta de maçãs, uvas, etc.) ³; quatro anjos ou santos guardam cada um seu canto da casa, como na Italia:

La mi casa ha quattro canti,
me la guardin quattro santi,

(na *alta valle del Tevere*) ⁴; ao costume do anel de casamento descobrem-se paralelos desde a antiguidade, e ele estende-se até á India ⁵; os Moiros das tradições portuguezas são irmãos ou parentes dos das tradições sardas e provençaes ⁶; as nossas Moiras, que estendem no chão meadas d'ouro a quem passa, são do mesmo modo irmãs ou parentas das da Alta Bretanha ⁷; o adagio que manda provar o vinho pelo S. Martinho corre em França quasi igual (*à la Saint-Martin || fais goûter le vin* ⁸); os Portuguezes dizem que *o mar é sagrado*, como os Gregos também diziam ⁹, e os Persas ¹⁰; as Bruxas chupam o sangue das crianças, como as *Striges* nos Romanos ¹¹; no Porto vai-se ás vozes, porque *vox populi vox Dei*, e já os Gregos tinham os boatos como emanados de Zeus ¹². E assim percorreríamos o vasto terreno da Etnografia, considerando factos avulsos, ou ordenando-os em grupos como os romances, as danças, as festas populares relacionadas com mitos da Natureza (cepos do Natal, fogueiras do S. João, serração da Velha, Maias), os costumes anexos á

¹ Petronio, *Cena Trimalchionis*, ed. de Heraeus (1909), § 37, pag. 6: *uxor Trimalchionis, Fortunata appellatur, quae nummos modio metitur.*

² Jean Jaquet in *Bullet. du Gloss. des patois*, v, 16.

³ Macchioro, *Il simbolismo nelle figurazioni sepolcrali romane*, Napoles 1909, pag. [82].

⁴ Nicasi na revista intitulada *Lares*, I, 164.

⁵ Jones, *The finger-ring lore*, Londres 1898, pag. 275-314.

⁶ Vid.: Max Leopold Wagner, *Die sardische Volksdichtung* (pags. 253 e 267); Mistral, nota á *Mirèio*, ed. de Lemerre, 1887, pag. 479 (segundo a lenda, os Sarracenos deixaram na Provença enterrados grandes tesouros).

⁷ Sébillot, *Légendes local. de la H. Bretagne*, pag. 41.

⁸ In *La Tradition*, 1901, pag. 301.

⁹ *Iliada*, I, 141: εἰς ἅλα βίαν.

¹⁰ Plinio, *Nat. Hist.*, XXX, § 17. Cfr. «Revue Archéologique», t. VI, (1905), pag. 4.

¹¹ Plinio, *Nat. Hist.*, XI, § 232: *fabulosum enim arbitrar de strigibus ubera eas infantium labris immulgere.*

¹² Vid. *Odisseia*, I, 282-285, e o comentario de Brach (Paris, s. d., pag. 16).

trilogia da vida, ou nascimento, casamento e morte, as superstições do Lobishomem, do mau olhado, dos dias aziagos, as lendas dos sinos, as facecias que podemos denominar *Boeotica*, os ensalmos e outras especies de literatura popular, a arte rustica, os trajos, os tipos de casas e as fórmulas de mobília, as variedades de comidas, os modos de transporte... Quantas surpresas historicas e psicologicas não encontraríamos no nosso caminho? Sendo para o homem um gôzo conhecer amplamente as condições da sua existencia actual, não o seria menos ascender ás remotas origens, ou aos estádios primitivos de todas elas!

Nos raciocinios da gente inculta, ao empregar diversos remedios em doenças, ao servir-se de feitiços, ao praticar muitas artes supersticiosas, e por outro lado na maneira como um povo adapta á propria indole cousas que recebeu de outro, ou vai alterando de geração em geração, e de localidade para localidade, o patrimonio tradicional, isto é, a literatura, as crenças, os costumes, etc., averigua muitas leis o psicologo: e eis outra importancia teorica dos estudos etnograficos. A Magia imitativa e simpatica exerce aqui grande função. Por ela se explicam filosoficamente numerosas superstições, que ao repente parecem disparatadas, como acreditar na efficacia de reliquias (é sentimento não só cristão, mas já pagão ¹); tocar o tumulto d'um santo ou tomar pó raspados d'ele, recitar numeros em progressão aritmetica decrescente para que diminua a febre, fazer comparações nos ensalmos, trazer determinados amuletos (cujo uso ascende por vezes a tempos prehistoricos ²), meter santos em agoa para provocar chuva,—superstições que aparecem mais ou menos por toda a parte. Tratou disto Frazer com amplas informações em *Le rameau d'or* (tradução do inglês), t. 1, Paris 1903, pag. 4 ss., e Elworthy, em *The evil eye*, pag. 71 ss. O credito dado a espiritos, que é universal, a sonhos, que o é igualmente, o attribuir a um santo funções curativas que resultam de homofonia ou trocadilho (*nomen-numen*) ³, o pensar que o que é raro é maravilhoso, a suposição de que os deuses castigavam os homens que se vangloriavam de felicidade, pelo que os Gregos, para

¹ Vid. F. Pfister, *Der Reliquienkultus im Altertum*, vol. I (Giessen 1909), unico que por ora conheço.

² Cfr. *Religiões da Lusitania*, I, 120 ss.

³ Cfr.: *Ensaio hist. sobre os nomes proprios*, tradução de J. M. da Silva Vieira, Lisboa 1845, pág. 245, e os meus *Ensaio Ethnogr.*, III, 7 e 16. Outros exemplos: *Sant' Ossaia*, na Italia, protege os ossos humanos; *Santo Strozino* (cfr. *strozare*, esganar), ibidem, protege a deglutição; *San Bisognino*, ibidem, protege o homem nas suas necessidades ou *bisogni*: vid. *Lares*, I, 145.

evitarem o castigo, costumavam dizer προσκυνᾷ Ἀδράστειαν «prosto-me diante de Adrastéa» (personificação da vingança) ¹, formarão outros tantos temas capazes de atrair a competencia do psicologo.

Agora o valor pratico da Etnografia.

Se por ella apreciamos a vida de um povo, no que tem mais íntimo, os seus caracteres intellectuais, os seus habitos, as suas aptidões, ficam habilitados o sociologo, o legislador e o politico para lhe aproveitarem as virtudes, combaterem os defeitos, e enfim dirigirem ou educarem, e não contrariarem, tendencias naturais que sejam uteis. Nas qualidades, boas ou más, do nosso povo conta-se, por exemplo, a docilidade: que tino não mostrará quem a utilize bem? Existe nos pastores do Alemtejo o gôsto, por assim dizer, inato, da arte da escultura; certas localidades disfrutam o privilegio de possuirem industrias curiosas ou notaveis, como de rendas em Vila do Conde, de colchas em Urros, de tapetes em Arraiolos: que estimulo official não poderá dar-se a tudo isto, ou como não deverá intensificar-se sucessivamente o já dado, pelo conhecimento, cada vez maior, da vida local?

Mostra a Etnografia muitos metodos rotineiros de agricultura, que são imperfeitos; mostra a vigencia de crenças calamitosas, por exemplo, em feitiçaria; e a applicação de mēzinhas nocivas á saude: não está aqui motivo sufficiente para a intervenção eficaz de sociedades scientificas, e de acção governativa?

Na applicação das leis conte o juiz com a psicologia dos criminosos, a qual pôde ser um aspecto da psicologia ethnica, e não sentenciará por vezes ás cegas: em 1916 publicou o Sr. Visconde de Carnaxide um livro com o titulo de *A superstição e o crime*, onde, como jurista, estuda o assunto com grande sagacidade, e abundancia de documentos. E não só o legislador criminal, senão tambem o legislador comum, pôde tirar proveito da Etnografia, pois, como diz o Sr. Gama Barros, «ainda hoje, na legislação dos nossos dias, o costume é para alguns casos a lei vigente do reino» ². Transcrevo a este proposito as seguintes palavras de Pitré: «Les juristes ont tourné leurs regards sur les habitudes et les coutumes dans lesquelles se recueille une grande partie de la psychologie et de l'histoire juridique», e cita trabalhos

¹ Vid. Jahn, *Böser Blick* (pág. 84 e nota 231). Ainda hoje se diz que não é bom a gente gabar-se de um bem que possui.

² *Hist. da administração*, I, 34.

de Bogisich, Ciszewski, Krauss, Costa, Scialoja, Raffaele Corso, acrescentando: «L'objet de ces études est de mettre les faits traditionnels en regard avec l'unification législative du siècle antérieur, parce que cette législation, ne tenant pas compte des diverses civilisations régionales, voulait tout régler par des lois uniformes et nullement inspirées des traditions» ¹. Na etiologia das doenças mentais figuram entre as causas externas as superstições, que se combaterão nas aulas, no pulpito, na imprensa. Perscrutassem os antigos inquisidores com intelligencia os costumes, a vida moral, a indole dos desvairados que lhe caíram nas garras, e não teriam condenado tantos d'eles á fogueira!

Auxiliar, assim, do adulto, em toda a sua existencia, a Etnografia, quando posta em boas mãos, auxilia não menos a pedagogia infantil. As crianças, ao irem para as escolas, levam já consigo copioso peculio tradicional, que obtiveram das mães e do contacto com o povo, porque o que se aprende na meninice, raro esquece, como Quintiliano ha seculos notou: *natura tenacissimi sumus eorum quae rudibus annis percepimus* ². Fará excelente obra o mestre-escola que selecione esse peculio, o regule e complete, applicando-o ao desenvolvimento psiquico e fisico dos seus alunos, que ao mesmo tempo aí encontrarão grande prazer: esperta-se a atenção e o acume intelectual com a proposta de adivinhas, promove-se o gosto literario com a recitação de cantigas, que ás vezes são admiraveis de beleza; abre-se a memoria e activa-se a imaginação com a aprendizagem de romances e contos; acalenta-se o senso moral com o enunciado de proverbios, que constituem, como se diz vulgarmente, a «sabedoria das nações»; numa palavra, fortalece-se a musculatura, e excita-se a destreza, com jogos, como o da bola e o da barra (o antigo), bem preferiveis a alguns que nos chegaram recentemente de Inglaterra. Esta noção de Etnografia vai-se felizmente espalhando. Já em selectas escolares se introduzem lendas e xacaras. Com intuito pedagogico publicou o P.^e Pedro Aloy em 1882 os *Recreios collegiaes*, e o Prof. Augusto Pires de Lima em 1916 os *Jogos e canções infantis*. Em 1897 inaugurou D. Ana de Castro Osorio uma serie de livrinhos intitulado *Para as crianças*, com adivinhas, perlangas, e sobretudo contos, a qual ainda continúa. No *Segundo Congresso Pedagógico*, Lisboa

¹ «Demopsychologie» in *Rev. des lang. roman.*, LV, 525.

² *De Institutione oratoria*, I, 5 (ed. de 1822). Noutras edições vem *percipimus*.

1909, inseriu D. Maria da Conceição Dias uma colecção, também, de jogos, pág. 283 ss., como «subsídio para a educação physica da criança». A mesma orientação pertence a *Arte na escola*, de José Queiroz, Lisboa 1916 (publicação da Sociedade de estudos pedagogicos). — Obedecendo a plano mais complexo, fundou em 1882 o Prof. Adolfo Coelho uma *Biblioteca d'educação nacional*, que consta de tres volumezinhos, *Contos tradicionais*, *Jogos & rimas*, *Os elementos tradicionais da educação*: no ultimo o autor, dentro do assunto que nos ocupa, e em especial a respeito das materias que formam os dois primeiros opusculos, debate questões pedagogicas, e dá conselhos e soluções ¹.

O que atéqui sumariamente se disse da importancia da Etnografia, refere-se sobretudo á dos povos civilizados, e em particular á de Portugal. Tomando em consideração a Etnografia dos povos incultos, e no nosso caso a da maior parte das colonias portuguezas, muito mais haveria que dizer, já sob o aspecto scientifico, já sob o politico-administrativo, pois não só o viver das tribus selvagens aclara, por comparação, numerosas obscuridades da historia antiga ², e resolve problemas de Sociologia, mas nenhuma administração colonial será digna, quando na posse do respectivo govêrno não esteja de ante-mão o conhecimento pormenorizado da provincia que administra. Falando, embora não de selvagens, mas de gentios da nossa India antiga, lembra Diogo do Couto (sec. xvi-xvii) que os milagres de administração que lá fez certo governador resultaram «da experiencia que tinha da terra, do conhecimento dos homens d'ella» ³. No Congresso internacional de Etnologia e Etnografia celebrado em Neuchâtel em 1914 o Prof. Bezemer leu uma comunicação

¹ De epochas anteriores á actualidade, temos os *Contos* de Gonçalo Fernandes Trancoso (sec. xvi), destinados a edificação moral dos leitores, e o *Passatempo honesto* de enigmas e adivinhações de Francisco Lopes (sec. xvii), que immediatamente deixa ver para que servia. Estas obras, embora não inteiramente de origem popular, contêm elementos tradicionais.

² A este proposito leia-se o que em 1724 disse o P.^e Lafitau no vol. I, pág. 3, da sua obra intitulada *Mœurs des sauvages américains comparées aux mœurs des premiers temps*: «Je ne me suis pas contenté de connoître le caractère des Sauvages, & de m'informer de leurs coùtumes & de leurs pratiques, j'ai cherché dans ces pratiques & dans ces coùtumes des vestiges de l'Antiquité la plus reculée; j'ai lu avec soin ceux des Auteurs les plus anciens qui ont traité des Mœurs, des Lois, & des Usages de Peuples dont ils avoient quelque connoissance; j'ai fait la comparaison de ces Mœurs les unes avec les autres, et j'avoué que si les Auteurs anciens m'ont donné des lumières pour appuyer quelques conjectures henreuses touchant les Sauvages, les Coùtumes des Sauvages m'ont donné des lumières pour entendre plus facilement, & pour expliquer plusieurs choses qu'on voit dans les Auteurs anciens».

³ *Soldado pratico*, 2.^a parte, cap. xiii.

acêrca da importancia da Etnografia na politica colonial, sustentando que convinha que os administradores coloniais soubessem Etnografia, e que muitas vezes era por causa de não se conhecerem os usos e crenças dos indigenas que rebentavam guerras sangrentas ¹.

Importancia teorica, importancia pratica, pouco seria isso porém, se consubstanciando tantas e tão variadas materias, quais as que compõem a Etnografia, ela não aviventasse o amor da patria pela noção que a todos ministra de que o presente se radica firmemente no passado, e por mostrar que, no que toca a nacionalidades perfeitas, como a nossa, os elementos que as constituem são proprios e solidos.

*

Diante dos aumentos da civilização que se alastra pelas multiplas camadas sociais, e que portanto destroe mais ou menos as tradições, sobretudo aquelas que estão em contraste com ela, importa indagar com urgencia as que ainda restam, para que em breve não fiquemos privados das vantagens que o estudo da Etnografia nos proporciona. E não me refiro só a tradições orais e a actos, refiro-me tambem a objectos, que podem recolher-se em museus. Acudamos a tudo, enquanto é tempo! De ano para ano extinguem-se ou transformam-se muitas cousas, e surgem outras de novo em vez d'elas. Com a implantação da Republica em Portugal, acabou o beija-mão no paço, o trajo da côrte, o fardamento dos archeiros. Não é preciso ser muito velho para notar grandes mudanças etnograficas succedidas numa terra: quem, vivendo hoje, nascesse nos meados do seculo xix, lidou com patacos, cruzados e peças, viu a liteira, ouviu a çanfona, — e nada disso existe já hoje! Certas fórmãs de trajar, que out'ora ocuparam extensa área geografica, ou se generalizaram num país inteiro, apenas vegetam humildemente em recantos provincianos, como o calção, o biôco, a mantilha, para só falar do que se passa entre nós, senão necessitaria de invocar nomes de regiões estrangeiras, etnograficamente classicas, como o Aragão, a Bretanha, os Abruzzos, a Sardenha, o Valés. Os romances ou xacaras vão a desaparecer da tradição da maior parte de Portugal, e muitos

¹ Vid. *L'Athropologie* (revista), xxv, 370.

dos que ainda hoje se repetem estão deploravelmente estropiados.

Empenhemo-nos por isso na investigação das tradições populares: façamos reviver ou conservemos as que forem uteis; rejeitemos ou substituamos as que forem más: e em todo o caso, estudemos tudo, busquemos paralelos ao que os tiver, abalancemo-nos á compreensão generica dos factos, das ideias e dos sentimentos, e assim daremos provas, nós Portugueses, de que desejamos acompanhar as nações cultas neste campo da actividade scientifica.

*

Quem ignora quanto se ha trabalhado lá fóra em prol da Etnografia, principalmente nos ultimos anos? Tenho em mente sobretudo a da Europa, e o *Folk-Lore* geral.

Sem ser preciso mencionar obras de largo plano, como as de Jakob e Wilhelm Grimm ¹, Alfánásiev ², Giuseppe Pitre ³, Eugène Rolland ⁴, Paul Sébillot ⁵, a *Biblioteca de las tradic. pop. españolas*, os *FF Communications* (Helsingfors: Finlandia), e outras, pois não tento fazer a historia da Etnografia, nem me quero afastar muito do meu assunto proprio, basta aqui deixar algumas noticias.

Por toda a Europa e na America existem revistas consagradas exclusivamente ao *Folk-Lore*, umas em pleno vigor, outras extintas, mas que contribuíram fortemente para o progresso da sciencia, como (cito apenas as que me estão á mão na minha livraria, — colecções, volumes, fasciculos): a) da Hespanha: *El Folklore andaluz*, *El Folklore frexnense y bético-extremeño*, *Boletín folklórico español*; b) da França: *Mélusine*, *Revue des traditions populaires*, *La Tradition*; c) da Belgica e da Holanda: *Wallonia*, *Bulletin de Folklore*, *Volkskunde*, *Ons Volksleven*; d) da Italia: *Rivista di letteratura popolare*, *Rivista delle tradizioni popol. italiane*, *Archivio per le tradizioni pop.*, *Giambattista Basile*, *Lares*; e) da Suiça: *Archives suisses des tradit. popul.*, *Schweizer Volkskunde*; f) da Alemanha e da Austria: *Zeitschrift des Vereins für Volkskunde*, *Zs. des Ver. f. rhein. u. westfäll. Volksk.*, *Blätter für pomersche Volksk.*, *Mittheilungen und Um-*

¹ *Mitologia Alemã* (pelo primeiro), e *Contos* (por ambos).

² *Ideias poeticas dos Eslavos acêrca da Natureza*, e *Contos*.

³ *Biblioteca delle tradiz. pop. siciliane*, etc., etc.

⁴ *Faune populaire*, *Flora*, etc., etc.

⁵ *Folk-Lore de la France*, etc., etc.

fragen zur bayerischen Volksk., *Hessische Blätter f. Volksk.*, *Mittheilungen der schelsischen Gesellschaft f. Volksk.*, *Mitteilungen des Verbandes deutscher Vereine f. Volksk.*, *Am Ur-Quell*, *Zs. f. östereische Volksk.*; g) da Inglaterra: *The Folk-Lore Journal*, *Folk Lore*; h) da Grecia: *Δαογραφία*; i) da Finlândia: *Finnisch-Ugrische Forschungen*; j) da America: *The Journal of American Folk-Lore*, *The Folk-Lorist*. Existem também sociedades de Etnografia, de que algumas das citadas revistas são órgãos, e que além d'isso publicam outros trabalhos, em series, ou individuais. — Na Universidade de Palermo funciona uma cadeira de «Demopsicologia» ou *Folk-Lore*, de que foi primeiro Professor (1911) o hoje falecido G. Pitre, já citado: na sua lição inaugural esboçou um especie de synthese de *Folk-Lore*, tal como hoje geralmente o concebemos ¹. — Muitas cidades da Europa possuem museus que se destinam ao conhecimento da vida popular, como Estocolmo («Museu do Norte») ², Cristiania ³, Moscou, Kazan (Russia) ⁴, Praga ⁵, Bucarest (7) ⁶, Viena d'Austria ⁷, Antuérpia ⁸, Liège («Museu Valonico») ⁹, Auxois (Borgonha) ¹⁰, Berlim (e outras cidades alemães) ¹¹, Roma ¹², Palermo ¹³, San Sebastian ¹⁴, para não mencionar museus de Etnografia geral, ou de

¹ A lição foi traduzida e publicada na *Revue des langues romanes*, LV, 497 ss.

² Vid.: Loria, *Del modo di promuovere gli studi di Etnogr. ital.*, 1910, pag. 6. Em *L'Art rustique en Suède, Laponie et Irlande*, fala-se da rica collecção de obras rusticas que ha nesse Museu.

³ Vid. *L. Anthropologie*, XXV, 216.

⁴ Vid. *Annuaire des tradit. popul.* (publicação das Socied. de tradiç. popul. de Paris, Trocadero), 1894, pág. 68.

⁵ Vid. *Revue Historique*, CXXIV, 397.

⁶ Vid. *Führer durch das Chechoslavische Ethnographische Museum*, Praga 1896.

⁷ Vid. *Archives Suisses des tradit. pop.*, XIV, 86. (Fala-se de um projecto de Museu, não sei se foi levado a cabo).

⁸ Vid. *Ville d'Anvers: Guide illustré au Musée de Folklore*, Antuérpia 1913.

⁹ Vid. *Bullet. de Dialectologie romane*, V, 62.

¹⁰ Vid. *Bullet. de Dialectologie romane*, II, 67 ss.

¹¹ Vid. *Führer* («guia») do Museu de trajos e productos de indústria caseira, Berlim 1895; e cfr. *Bullet. de Dialectolog. romane*, II, 67.

¹² Vid. *Rev. Lusit.*, XVI, 336. — O Director das Bellas-Artes de Italia está promovendo a coordenação de um *Corpus* de desenhos e reproduções fotograficas de espécimes de arte popular, tipos de casas, trajes, esculturas de madeira, couros, rendas, etc., para que com isso se contribua para se revivificar a arte italiana, que irá beber inspiração nas fontes genuinas da arte regional, especialmente da aldeã: vid. *Archivio per l'Antropol. e la Etnologia*, XLVIII (1918), p. 154-155.

¹³ Cfr. Loria, *Del modo di promuovere gli studi di Etnogr. ital.*, 1910, pag. 12-13.

¹⁴ *Etnografia* de Hoyos & Aranzadi, Madrid 1917, pag. 104 ss. O primeiro d'estes AA. cita um seu artigo «Museos de Folklore (de la España moderna)», 1910, que não conheço directamente.

Historia, de Arqueologia, etc., onde não raro ha um canto ou uma secção para cousas de Etnografia local.

Têm-se realizado congressos de tradições populares: em Paris em 1889 (o primeiro) ¹ e 1900 ², em Londres em 1891 ³, em Chicago em 1893 ⁴, em Abeville em 1901 (regional) ⁵, em Roma em 1911 ⁶; por vezes fazem-se exposições de objectos etnograficos, como, em Paris, em 1891 (artes femininas) ⁷, em Palermo em 1891-1892 (Etnografia siciliana) ⁸, em Praga em 1895 (Etnografia checo-eslavica) ⁹, em Liège em 1903 (bonecas, titeres, etc.) ¹⁰, em Roma em 1911, por ocasião do mencionado congresso ¹¹.

A par com as revistas que indiquei acima, ha outras de Etnografia geral, como *Zeitschrift für Ethnologie*, *Anthropos*, *Man*, *L'Homme*, *L'Antropologie*, *Revue d'Ethnographie et de Sociologie*, e bem assim revistas de Arqueologia, de Arte, de Literatura, de Filologia, de Historia, de Geografia, de sciencias naturais, etc., que inserem aqui e além estudos de Folk-Lore e de Ergologia ou Tecnografia. Como complemento da literatura, menciono a publicação de tres volumes de um *Almanach des traditions populaires*, Paris 1882-1884, e de varios volumes (pelo menos, nove) de um *Annuaire des traditions populaires*, Paris, de 1886 em diante.

E para que nada falte que anime os estudos etnograficos, o *dîner de ma mère l'oye* congrega de tempos a tempos na capital da França especialistas e amigos das tradições, que aproveitam o ensejo para estreitarem affectos, darem informações de costumes, promoverem novas pesquisas ¹².

¹ *Rev. des Trad. pop.*, III, 398, IV, 464, 496.

² *Ibid.*, XV, 431-453.

³ *Ibid.*, VI, 717, VIII, 345.

⁴ *Ibid.*, VII, 637, VIII, 457.

⁵ *Rev. des trad. pop.*, XVI, 146.

⁶ Vid. *Atti del primo congresso di Etnografia Italiana*, Bergamo 1912, volume de 216 páginas, publicado pela Sociedade de Etnografia Italiana.

⁷ *Rev. des Trad. pop.*, VII, 429.

⁸ Vid. *Mostra Etnografica Siciliana* diretta ed illustrata da G. Pittre, Palermo 1897, volume de 96 páginas.

⁹ Cfr. *Führer durch das Chechoslavische Ethnogr. Mus.*, Praga 1896, pag. 5.

¹⁰ *Rev. des Trad. pop.*, XVIII, 163.

¹¹ *Catalogo della mostra di Etnogr. ital.* (por ocasião da Exposição internacional de Roma), Bergamo 1911, volume de 186 páginas.

¹² Vid. *Annuaire des traditions populaires*, Paris, 1887, p. XXV ss., e *Rev. des Tradit. popul.*, passim. A expressão de *ma mère l'oye* ou *l'ois* (os folkloristas parisienses escrevem *oye* por causa do sabor arcaico do y) designa em França os contos populares; corresponde-lhe entre nós da *ca-rocinha*.

*

Posto que as noticias que acima dou estejam muito longe de ser completas, porque, conforme ponderei, não pretendi historiar a Etnografia (nem eu o poderia fazer com toda a amplitude), creio, ainda assim, que deixei suficientemente demonstrado quanta consideração se concede a esta lá fóra ¹.

Pelo que toca a Portugal, o assunto tem igualmente merecido bastante cuidado aos estudiosos, e já ha seculos para cá. A bibliografia etnografica, sobretudo no campo do *Folk-Lore*, é bastante extensa, o que consta dos quatro volumes dos meus *Ensaio Ethnographicos*, e da respectiva secção da *Revista Lusitana*. Além de bibliografia, ha um Museu official, com o titulo de *Etnologico*, onde a Etnografia moderna ocupa grande parte ², e outros, tambem publicos, que, sem serem de Etnografia portuguesa, têm contudo secções ou objectos etnograficos de Portugal; ha collecções particulares de várias especies (ceramica, indústrias caseiras, iluminação tradicional, etc.) ³, ha lojas de venda com exhibição de artefactos de caracter popular ⁴, fizeram-se no Porto em 1882 e 1883 várias exposições de indústrias caseiras ⁵, e até se fundou recentemente na mesma cidade uma Associação denominada de *Antropologia & Etnologia* ⁶.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

¹ Acêrca dos museus vid. a obra geral de David Murray, *Museums, their history and their use*, Glasgow 1904, 3 volumes.

² Vid. *Historia do mesmo*, Lisboa 1915, pag. 201 ss.

³ Cfr. Vieira Natividade: *As rocas da minha terra*, Porto 1908; *O povo da minha terra*, Lisboa 1917.—As collecções particulares mais importantes são as de ceramica.

⁴ Cfr. *Revista Lusit.*, XX, 343 (artigo de L. Chaves).

⁵ Vid. *Rev. da Soc. de Instrução*, II, 132 ss. e 345, e III, 36 e 186.

⁶ Este artigo é extraído da *Etnografia Portuguesa*, que estou elaborando: fórma o cap. 4.º da Introdução.

GLOSSARIO DIALECTOLOGICO

DO

CONCELHO DOS ARCOS DE VALDEVEZ (ALTO-MINHO)

(Continuado da Revista Lusitana, volume XXI, página 230)

a 1211 XX

I

infinalmente — Finalmente.

Cfr. *imporém* e outros.

infingir — Fingir.

infirmar-se — v. r. Firmar a vista para ver melhor.

informar — Vid. *adeante*.

infragar — Meter (o gado) em alguma fraga, donde difficilmente pôde sair (Gavieira). (C. B.).

infrangir — Frangir ou franzir. (C. B.).

infundir — Fundir.

infustar — v. t. Envasilhar o vinho. Parece gallicismo, mas não é.

«Tambem se ouve em Monção». (L. L.).

ingação — s. m. O mesmo que *ancinho*. Ha-os de ferro, estes tem tres dentes, e de páu, estes tem numero indeterminado.

ingaldrapado — O mesmo que *insapitado*. (L. L.).

ingalear-se — v. r. Erguer-se pela frente um animal, como para formar um salto, um *galão*.

ingastalhar-se — Embaraçar-se nalguma coisa. *Um boi pode ingastalhar os galhos nalgum galheiro seco...*

ingenho — s. m. Propriamente é fabrica de serrar, movida pela agua. Diz-se tambem *ingenho de linho*; é um machinismo, igualmente hidraulico, destinado a triturar o linho depois de macerado. Antes de os haver ou onde os não ha, o linho era triturado sobre uma pedra, que se chama *maçadouro*.

inglinheiro — É o ... mecânico desta fabrica. Tambem ha *ingenho de peixe* (especie de rôda de o pescar nos açudes), mas este não tem *inglinheiro*; é automático.

ingralar — v. i. Engraecer, ganhar grão a espiga, a vagem, etc.

«Tambem *graiar*». (M. P.).

inguedilhar — v. t. Embaraçar o cabelo.

Não esteja em guedelho: ouvi eu uma vez no c. das Caldas da Rainha, isto é: *cubra-se*.

inguedilhar-se — v. r. Envolver-se em briga, *inguedilharam-se logo*. Vid. N. D.

ingrolar — v. t. Fazer uma coisa atabalhoadamente e á pressa, como comer, cantar, etc.

inlagar e alagar (o linho) — Pôr o linho em maceração na agua. (*Rev. Lusit.*, IV, 63).

inlodar — v. m. (t. de moleiro). Diz-se quando o moinho pára em resultado de moer milho verde, cuja farinha faz massa, *inloda*.

inleirar — Repartir em leiras, isto é, dividir o campo, por meio de regos, depois da sementeira, em pequenas secções (que se chamão *leiras*), para maior commodidade da réga. (C. B.).

inlustre, inlustrissimo — Apparece já no latim popular (*inlustris*).

«Da mesma forma se diz *inzemplo, inleição* sem que haja de se invocar o latim». (C. B.).

inozilhado (*madeira inozilhada*) — adj. Madeira cheia de nós.

inquellhar—Apertar contra uma parede, encurralar (Gavieira). (C. B.).
De *quêlha*?

informar—Queimar o terrão nos *labôres*. De anos a anos é cavado o terrão ás terras de pousio, em que se colhia giesta ou feno, e juntado em montículos depois de sêco. A estes montes de terrões (*fornalheiras*) lança-se depois fogo, e a cinza, com a terra que tem á mistura, é espalhada no terreno, que assim fica adubado para a sementeira do centeio ou batatas. Dá-se o nome de *labôr* a esta preparação da terra para nova cultura, ou ainda á propria terra assim preparada (Padroso, e outras terras altas). (C. B.).

inquidar—v. i. Ter cansaço depois de qualquer esforço; ter cuidados e apprehensão. «*Está a inquidar com'ô sápo*». (L. L.). Decerto aqui o sentido é *arfar*.

«De *inquietari*». (C. B.).

inrabado—adj. *Sáia inrabada*, enlameada. Talvez porque *sáia*, que faz cauda ou rabo, se enlameia.

inrabelrado—adj. Enlameado.

inramelhetado (enramalhetado)—Bordado com desenhos de flores.
inrar—Errar. Sobre a nasal da 1.^a sílaba veja-se J. Leite de Vasconcellos, *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, pag. 99 e 100, § 50-a). (C. B.).

inrebilhido—part.? Enfezado com encolhimento, v. g.—Um fructo *inrebilhido*.

inredela—3.^a pessoa do presente do indicativo do v. *enredar*.

inrelxar—v. t. Indispor, desavir. (C. B.).

inrestar—Entrançar as cebolas numa réstea, para as pendurar e enxugar.

Tambem se diz *incambar*.

inrufar (enrufar)—Fazer rufos num pano. (L. L.).

inruga—Ruga.

insadoiros (ou talvez, melhor, *inçadoiros*)—Correias de *malho* (mangoal), que prendem o pértigo á mangueira. (C. B.).

insapateado—*Estar insapateado*, ter a roupa, o fato cheio de lama. (S. L.).

insarranhar—v. t. Enfarruscar; encher de *sarranho*.

insengado—adj. Enfezado, raquitico, tolheito, que não sai da cepa torta. Colhido em Ponte do Lima. (C. B.).

insertar—*Enxertar as bexigas*: vacinar contra as bexigas.

insisgar—v. t. Cortar, riscar em sisgo, ao viêz, ao *meio sisgo*.

insogadouros—Correias de couro, no jugo dos bois, onde se prendem as pontas dos canzís. (C. B.).

insogar—Colocar as sôgas.

insôgas—O mesmo que *ensogadouros*. (C. B.).

insoleiramento—s. m. Assentada de cantarias ao rés do chão num alicerce, para sobre ella, e com mais solidéz, erguer o resto da construção; serie de soleiras.

insoleirar—v. t. Fazer o ensoleiramento.

intancar—v. t. Represar a agua, deixá-la juntar.

intapuçar—v. t. Obstruir (cano, torneira, boeiro).

intenco—Fedelho; animal, ou pessoa muito pequena, *tentenico*, ou *toutenico*. (Prozello). (C. B.).

intensas—Pequenos fios que na rêde chamada *chumbeira* servem para formar o sacco ou folle.

intilheirado—Disposto a modo de telhas, com sobreposição de partes.

intrabelar—v. i. Diz-se, v. g. de aduelas de uma vasilha quando têndem a sobrepor-se.

«Tambem se diz dos dentes sobrepostos». (G. V.).

Intramelar (*a vós*)—Gaguejar. (G. V.).

«O mesmo que *intrabelar*».—(C. B.).

intrabessar — Dar a segunda lavra ao terreno, ao través da primeira. (Soajo). (C. B.).

inralhar (*uma rêde*) — Adaptar, na rêde chamada *trasmalho*, as duas peças ou *muros* de malha larga ao muro interior de malha estreita.

introito — s. m. Principio, ocasião — *chiguei mêsmo ó intróito da cum-bêrsa.* — *N'este introito*, n'esta ocasião, n'esta altura ...

intojar — v. i. Teimar, dar-lhe para certa coisa. Decerto por *autojar* com cuja significação se relaciona um tanto.

inturro (*enturro*) — *Calço de enturro* (t. de pedreiro) calhou que se mete entre duas pedras e que as faz sair da prumada.

inxêbre — adj. Só, simples.

Dar aos cavallos erva enxêbre:

dar-lhes erva só, para os purgar.

inxougada — s. f. Incumbencia importuna, importunidade, pretensão inesperada e impertinente. (C. B.).

irguicho (ou *erguiço*?) — Agulha dos pinheiros. R. em Padroso. (L. L.).

iscanhar — O mesmo que *canhar*. (C. B.).

iscar, v. — Pôr a isca no anzol.

iscatimada (medida) — Cerceada, escassa (de *escatimar*). (C. B.).

iscatimar — Cercear, tirar á medida, não a dar bem cheia ou completa. Registo este termo por vir nos dicionarios como *arcaismo*. (C. B.).

isfutricar — Fazer em bocados, retallar em pedacinhos. (C. B.).

isleigado — O mesmo que *desleigado*. (C. B.).

ismendrilhado ou **ismendrulhado** — Mal vestido, esfarrapado, roto. (C. B.).

isperista — s. m. Caçador á espera. Tambem se ouve *sperista*.

isqueiro — s. m. Local onde ha iscas, rêde de as pescar.

Isclas são uns peixes pequenos que se aproveitam para chamaris de rêde ou para isca de anzol.

« Neste ultimo sentido tambem se diz *isqueira* ». (C. B.).

Escada rustica formada de duas pedras longas, com furos, onde passam paus que servem de degraus, como numa escada de mão. E' fixa. (Villa do Conde).

istalhado — adj. Dividido em talhos ou talhões. *Vender a madeira de uma devesa istalhada*, isto é, aos talhos.

isteio (esteio) — Póste de pedra que sustenta uma latada (lata) de vinha horisontal. Tambem se ouve *steio*.

exemina ou **inzemina** — Exame, inspecção. (C. B.).

J

jacóta — Chacota. (C. B.).

janêllo — Pequena janella, tosca; postigo, fresta.

jarra (Soajo) — Almotolia.

jarrada — *Beber uma jarrada* — Fazer uma grande libação de agua ou vinho. (L. L.).

jarreira — Jarro de agua.

jarrete — Pivête, pegulho, fedelho. (Prozelo). (C. B.).

jeira — s. f. *Impôr jeira*, gastar o tempo sem fazer coisa alguma, fazer cêra. (C. B.).

jérra — Almotolia do azeite ou do petroleo (Senharei, Cabanamaior, etc.). Tambem dizem *jarra*. (C. B.).

jérro — Púcaro (Gavieira). (C. B.).

jinó — Junot (cfr. *Rev. Luz.*, IV, pag. 276).

« Toma-se como palavra de escarneo ». (C. B.).

joana — Insecto de élitros encamados, que frequenta os vimes.

Não é o mesmo que a *joaninha*, cujos élitros são salpicados de preto. Quem caça uma *joaninha* diz-lhe o seguinte: *Joaninha, vôa, vôa* — que teu pai foi a Lis-

- boa — buscar um carro de pão. — Para ti e mais para João.
- joanêta** (t. de carpinteiro) — *Espetar o ferro de joanêta*: firmar a alavanca de ferro no chão para impedir que a viga ou madeiro que se está tratando de deslocar, se mexa de um lado.
- jogos** de criança — Nomes de varios: cambalhuto, cincobrincos, rompa perico, assim se amassa, milho painço, barretinha vai na mão, tomba barril, esbrega loureiro, monta burro, monta burro ó rabo, monta cavalo, fôcha, palmada, mancle, chinelo. (L. L.).
- jondocas** — Nome que se dá aos ratos. (L. L.).
- jerne** — s. m. Salário, jorna. (C. B.).
- joubas** (jouvas?) — *Sardinhas joubas*: pequenas.
«Em Monção — *joumas*. *Que mercastes? Joumas!*». (L. L.).
- jouco** — adj. Pateta, ingenuo. Também se diz um *jôquinha*.
- jugueiro** — Grossa fasquia, tirada á serra, para reformar as latas e colocada ao longo dellas. (L. L.).
- juizádego** (dos orfãos) — Encontrado num documento particular, de Ponte do Lima, do ano de 1528. (C. B.).
- juizado** — Qualidade ou cargo do juiz d'uma festa, da cadeia, etc.
Depois de haver apontado este termo, já o eu li em Camillo, *Memorias do carcere*, vol. I, 168, edição de 1906. Não vem porém no N. D. nem em mais quatro dictionarios que tenho á mão.
Pôde-se juntar este aos exemplos que apresentei em *amado*. (C. B.).
- juizo** (*dar de*) — Enlouquecer.
Cfr. *dar de corpo*.
- juigadouro** — Ponto ou sitio onde a videira se dobra ou *julga* na empa.
- junca** — Especie de junco muito delgado e duro, que se emprega para atilhos da vinha (Gavieira). (C. B.).
- junguir** — Prender o *apeiro* e as molidas para os galhos dos bois. Ouve-se tambem o participio *junguido*. Não se emprega este termo senão tratando do *apeiro* (q. v.). Soajo (C. B.).
- junhal** — *Chuva junhal, fome jaral*. «Certa qualidade de maça». (C. B.).
- juntar** — Acertar juntas de tábuas, passando-as á garlopa (termo tecnico de carpinteiro).
- jurgar** — v. t. Arquear a vara da videira no sistema de cultura em *arjão* baixo.
«Acho provavel que venha de *jugulare*, que por metatese do *l*, podia dar *julgar*, que tenho ouvido a par de *jurgar*. Tenho ideia de ler o termo *jugular* em publicação agricola no mesmo sentido». (C. B.).
- juro** — Juramento. «*Fomos a um juro*», isto é, fômos depôr no tribunal como testemunhas. (C. B.).

L

- labâças** — Peças do arado; são as laminas de ferro que protegem as *abêças*. «Tambem lhes chamam *forreiras*». (C. B.).
- labage** (lavagem) — É, no jogo da bisca um dos adversarios não fazer sequer uma vaza em todo um jogo. (C. B.).
- laberca** (laverca) — Pessoa ou animal grande e muito magro. (C. B.).
- labaseira** — Boca ou abertura muito larga de qualquer vasilha ou de uma cova ou buraco. (C. B.).
- lábia** — Doença que afecta a bôca das crianças, a qual se faz esbranquiçada, caindo-lhe a pele aos pedaços. (L. L.).
- laborear** — v. n. Lavar, alastrar. *A ferida laboreia*.
- labrada** (lavrada) — s. f. Lavoira, o acto de lavar um campo.

labradeira—s. f. Foice com dous cabos para *lavar* as costas dos cestos (Soajo). (C. B.).

labrêgo—Arado com as duas avencas articuladas, das quaes uma abre e a outra fecha alternadamente. Vai aberta a do lado da *vessada*. (Padroso). (C. B.).

labrestada—s. f. Cacetada.

labrilho (lavrilho)—s. m. Geito ou disposição melhor ou peor d'uma terra para ser lavrada n'um ou n'outro sentido.

labrujar—*Os porcos labrujam na pia* isto é, fazem barulho, mettendo o focinho na agua que se lhes deita e respirando assim dentro d'ella. (C. B.).

laburdaça—*Comer á laburdaça*, comer a mais não poder. (L. L.).

laço—s. m. Pellicula superficial que alguns liquidos em repouso adquirem. *O laço do leite*.

lacoieira—s. f. Mulher calaceira.

ladairo—s. m. Bulha de palavras, altercação clamorosa, lamentos em alta voz.

ladra—s. f. Vara ou cana rachada em V n'um extremo, com que se colhem os fructos em arvore alta. (*Rev. Lus.* v, pag. 93).

ladrejado—adj. Ladrilhado.

lagão—s. m. Especie de enxada grande e pesada.

«Dizem-me que em gallego ha *leigon* no mesmo sentido. Parece relacionar-se pois com *ligo-ōnis*». (C. B.). «Em Monção, dizem lagão. (L. L.).».

Vid. *Rev. Lusit.*, VIII, 58 (Melgaço).

lagomeiro—Salgueiro ou vime proprio de sitios humidos e alagados.

lagareta—Maquina de espremer o bagaço das uvas. (L. L.).

Devo notar que nos Arcos *lagareta* é um tanque ou lagar pequeno que recolhe o vinho do lagar maior.

lagume—Terra lameirenta ou muito húmida (Gavieira). (C. B.).

lamas—Ferros em forma de segmento de circulo, os quais seguram as peças de madeira das rodas dos carros (*Sistello*).

lambada—Cacetada. (C. B.).

lambão—*O sino anda lambão*, diz-se quando a aragem da atmosfera produz certas ondulações no som e então certas pessoas auguram que é o sino a anunciar mais mortes; a frase parece ser um tanto epigramatica. Foi recolhida por (L. L.).

lamboirada—Cacetada. (C. B.).

lambujar—E' operação dos ferreiros, quando soldam alguma fenda que ás vezes apparece no aço das ferramentas, como picos, brocas, etc., caldeando-o na forja. (C. B.).

lambuje—O efeito da referida operação. *A lambuje deste pico ficou boa*. (L. L.).

lameira—s. f. Sitio alagadiço, mas coberto de vegetação rasteira; o mesmo que *lamas*. Lamas de Vêz, Lamas de Coura, etc., são toponimicos.

lameiro—s. m. Caminho encharcado, campo humido, cuja vegetação em pastos ou cereaes é aproveitada.

lámias—Os rastos de ferro das rodas do carro de bois. (Padroso, etc.). (C. B.).

lampear—Veja-se *alampar*.

lançar—v. i. Deitar renovos ou rebentos, falando das plantas; *trepar*. (C. B.).

lanço e lanços—Renovos, rebentos, *trépos*, *pólas*. (C. B.).

lanço—V. *Pólas*, adiante.

landreiro—Varapau, cacete de carvalho. (C. B.).

lanhar—Fender, rachar.

lanho—Fenda, racha.

lapão (*penedos lapões*)—s. m. Penedos de granito de fórma mais ou menos de lapa e pedra de pouca dureza.

lapim — s. m. Coelho pequeno; larápio fino; sujeito esperto mas de duvidosas intenções. Femenino: *lapina*.

lapurdo-a — Diz-se de qualquer ser ou animal muito gordo, v. g. de uns *pitos*: *parecem lapurdos*; uma rapariga: *parece uma lapurda*. (L. S.).

laquear — v. n. Não estar firme; abanar, oscillar, jogar num eixo ou veio.

laqueiras — O mesmo que *labácas*.

laquejar — v. n. Chocalhar.

larada — s. f. Substancia derramada pelo chão em largo espaço.

lareiro — *Doutor lareiro*, diz-se por mofa do homem que nem é instruído nem diplomado e está sempre a dar sentenças e conselhos. (L. L.).

largor — Largura ou anchura de uma fazenda ou pano. «*Parta-m'o ó largor*». (Termo montanhês). (C. B.).

lariar — v. n. Contar lérias, futilidades.

laro, -a — adj. Chato, a. *Esta herva tem as folhas laras*.

lascarim, lascarinho e lascarino, — adj. Traquinas, turbulento, finório, lambão. Tem femenino e significa: ladra, ratoneira. Ouvi também este termo num ensalmo para significar uma ideia depreciativa; *almas lascarinas*, talvez endemoninhadas. Vid. *Florino*.

lascar-se — Fugir, safar-se. *Lasca-te d'aqui* — sáfa-te d'aqui.

lata — Latada, ramada. É termo mais usado que estes dois. Vid. *Rev. de Guimarães*, III, 73 e *Rev. Lusit.*, VIII, 38. (C. B.).

latão — s. m. Bahu de lata.

lataria — Grande quantidade de *latas* ou latadas. (C. B.).

latarugo — Animal ou pessoa muito gorda, bazaruco, bazulaque, latação, gordacho. (C. B.).

lateiro — Latada estreita, e lata em ponto pequeno.

lato — O mesmo que *vareiro*, isto é, vara comprida estendida sobre a *lata* para sobre ella, e muitas outras paralelas, estender e prender as videiras. Hoje os *latos* ou *ba-reiros* estão quasi completamente substituidos pelo fio d'arame. (C. B.).
Cfr. em fr. *late*.

lazeirado — Fraco, com fome, com lazeira. (Ermêlo). (C. B.).

lebante (levante) — s. m. Tumulto, desordem. *Isso foi um lebante!*... fallando de uma desordem que se generalizou.

legitimado (Filho) — Filho na posse da sua legitima.

lei — *Ter lei a alguma pessoa ou coisa*: ter-lhe afeição, amor; ter predilecção por ella.

leiba (leiva) — Aduela de vasilha.

«Ouve-se também *leiboa*». (L. L.).

leibado — Conjunto de aduelas. (C. B.).

leibage — s. f. O conjuncto das leivas.

leino — adj. Leve, solto, ligeiro. *Roda que anda leina* — isto é, que não prende, não tem attrito.

leiróta — Leira pequena.

leitão — Amuleto, que consiste numa grande conta branca que as mulheres, que amamentam, trazem ao peito para fazer aumentar o leite (Soajo). (C. B.).

leitaruga — Leituga (planta). (C. B.).

leiteira — Nome que dão ao trovisco em Venade, c. de Caminha. (L. L.).

leitras — s. f. Esperma do peixe macho.

lépa — Nome insultuoso destinado a mulheres de má nota.

léra — Avental de lã (Parada do Monte — Melgaço). Desconfio que é palavra de origem galega. (C. B.).

levanteza — s. f. Inclinação ou desnivelamento do chão de uma mina para cima da horisontal; é considerado inconveniente porque seguindo a horisontal, colhe-se mais agua.

lhamas — Os aros ou rastos de ferro

das rodas do carro de bois (Gavieira, etc.). (C. B.).

libarté—Capote curto, já desusado, sem mangas, de brixte, etc. Tornou-se depois mais comprido e deu o capote á cavalaria. Assim m'o explicaram na freguesia de Portela. (C. B.).

libreira—Estante de livros. (L. L.).

licadoira—s. f. O mesmo que *per-tigueira*. (Ponte da Barca). (C. B.).

licantice—Veja-se *alicantice*.

liceira ou **liça**—O mesmo que *liço*. (C. B.).

liceiras—Nome que a tecedeira dá aos liços, quando são somente proprios para tecer mantas de farrapos.

ligeiras—Cordas que amarram ao chão e equilibram as varas na construcção de parede alta ou edificio.

limpeza—s. f. A roupa branca de uma casa.

Veja-se *frescura*.

lingorteiro—Lingoareiro, chocalheiro, calaceiro. (C. B.).

linhal—adj. *Braça linhal*—braça á linha, em extensão e não em quadrado.

linhar—s. m. Campo de linho; acto ou trabalho de o arrancar, semear. Decerto por *linhal*.

«*Maça dos linhares*». (L. L.).

linhareira—Campo semeado de linho, ou em que, depois de arrancado o linho, ficou continuando a cultura do milho que com aquele se havia semeado (Soajo).

Ofr., quanto ao sufixo, *centeeira* e *trigueira*.

linheira—Um fio de linhas.

linho da raposa—Erva filamentosa que nasce nas moiteiras de tojo e as envolve com as suas guias filiformes e avermelhadas. Usa-se em remedios caseiros.

liornas—Lérias. «*Deixemo-nos de liornas*. (L. L.).

liria—Cada uma das guias dos pés

de cabaças, melancias, ou plantas semelhantes. (C. B.).

lisboano—Homem que foi a Lisboa ganhar a vida. (Soajo).

«Outra forma é *Lisboante*». (C. B.).

lisposo—adj. *Os bois são mais lisposos que as vaccas*; significa que são mais exigentes no pasto.

Tambem se diz por analogia das pessoas exigentes na qualidade da comida.

litame—Conjuncto ou modo de ser da videira atada nas uveiras.

lixeiro—Este vocabulo ouve-se no ensalmo para cortar o *lixo*.

lóca—Em Ponte de Lima: chucha, mamadeira. (C. B.). Vid. *Aloque*.

locar—v. t. Partir, quebrar, rachar. *O peso da neve ou do vento locou esta arvore*.

locheiro—Preguiçoso, indolente, *caloeiro*. (C. B.).

lodeiro—s. m. Lodam; varapau da mesma essencia.

lodo—s. m. *Pau de lodo*. Varapau de lodam.

lôge (loja)—grande buraco ou excavação profunda na terra. Tambem se cuve *lôjem*.

loiços—Tomentos dos loiços são a escoria fibrosa que se aparta do linho ao limpar. *Limpar* é a segunda operação de espadelar; a primeira chama-se *toscar*. (L. L.).

Vid. *Arestas*.

logrado, logradinho—adj., creança bem lograda ou logradinha, bem creada, nutrida, sádica. «Tambem significa pacata, de bom genio». (G. V.).

lôquinha—Preparação feita de mel e gema d'ovo para as creanças chucharem. Quando as crianças nascem, deve pôr-se-lhes mel na boca para serem de segredo; e uma gema de ovo batida com açúcar para terem graça. É isto a *lôquinha*. Vid. *aloque*.

lór—s. m. Credito. «*F. é homem que*

não tem lór», i-é, um homem descreditado. Significa também o credito pecuniario. (C. B.).

lostra — Grande crosta ou cõdea numa ferida; ferida que lavrou ou alastrou por muito largo. (C. B.).

lotar — v. t. *Quem arrota, fome lóta; quem suspira, farto está.*

louça (do vinho ou da adega) — O mesmo que *fustalha*. (L. L.).

louceiro — s. m. Homem que faz ou vende loiça; armario de a guardar.

louco — adj. Extremamente tenro, sensível e delicado, como as primeiras folhas das plantas, apenas abertas, que dobram com qualquer calor. *Bexigas loucas* — ataque de bexigas, raras, com pouca febre, sem importancia ou sem maior gravidade. (C. B.).

lubarga — Flôr da oliveira (Cendufe, Santa Cristina e Riofrio). Nestas tres freguesias chamam *chora* exclusivamente á flôr do linho. (Cfr. *lubeiga* na *Rev. de Guimarães*, III, 73. (C. B.).

ludra — s. f. Grude feito de farinha de centeio e agua, que se usa nas adegas para o vasilhame.

ludro — s. m. Gordura suja da lã das ovelhas, em bruto.

lumes — s. m. Vasaduras ou vasamentos feitos nas *cantadoiras* dos carros de bois, entre os *apuladoiros* e bem assim (correspondentemente) no eixo, nos pontos em que os *apuladoiros* trabalham. «Aos primeiros chama o N. D. *cocão*. Em Lanheses (Viana) chamam porem *couções*. Será aquelle errado, ou terá um termo relação com o outro». (C. B.).

Cocão no plural com este sentido já vem em outros dicionarios.

lumieira — s. f. pequeno mólho de colmo bem ligado que aceso serve para archote de noite, ou mólhada para chamuscar o porco, na matança. «*Entrou a lumieira da porta*». (G. V.).

É certo que se diz *lumiar* ou *limiar* por a soleira da porta, mas no *Dicc. Techn. Hist.* de Francisco Assis Rodrigues vem *lumieiro* por abertura sobre a porta ou janella e no de Lino de Assunção por qualquer abertura que dê luz.

luminoso — adj. Luminoso.

lória — O mesmo que *liria*, supra.

lutrido — Nutrido. A confusão do *n* com *l* é vulgar: *lembrar* e *nembrar*, *nomear* e *lomear*, *lível* e *nível*, etc. (C. B.).

M

maçãum — Maçã (noutros pontos *maçá*). Peça do rodizio nos moinhos.

maçadouro — Pedra onde se maçava o linho antes dos engenhos. Idem na *Portugalia*, I, 370.

maçadura — Porção de linho maçado que se tira de cada vez do engenho. «Tambem se chama *mantas*». (C. B.).

macanjo — Velhaco.

machão — (t. de pedreiro) Pedra com fórma de tranqueiro e que pela sua grossura apanha a espessura da parede.

machear — v. t. Fecundar o macho a femea. Fazer macho-femea em tabuado.

macho-femea — s. m. termo de carpinteiro, serralheiro, etc. Os carpinteiros designam por *macho-femea* o encaixe das tabuas do sobrado effectuado por um filete ou rincão a todo o comprimento da tabua que penetra n'um rasgo ou sulco correspondente na tabua contigua. O mesmo nome tem o cepo ou instrumento que serve para rasgar d'esta sorte a madeira. Em serralharia chama-se *macho-femea* a qualquer utensilio em que uma peça ou espigão tem de pe-

netrar num orifício e no correspondente para formar esse utensílio; v. g. uma dobradiça de *macho-femea*. E em geral chama-se *macho-femea* a qualquer disposição de objectos, que mais ou menos apresentam uma peça penetrante e outra aceitante.

machorro — adj. Tôrto, aleijado, defeituoso, talvez esteril. Ouvi aplicado a varas de videira impróprias para pôda.

macico — «Malhar ao *macico*, ou ao *rebôlo*», é malhar o centeio, mólho por mólho, segurando este com a mão esquerda e sacudindo com a direita as espigas por meio de um pequeno maço ou pau curto (Gavieira). (C. B.).

madrila — Rego grande ou levada (Vila do Conde).

madureiro — Lugar onde se coloca a fruta para amadurecer em casa.

maduro — Tem muitas vezes, aplicado a vegetaes, a significação de: em via de apodrecimento.

maia — Flôr da giesta, do tojo, da carqueja e de mais algumas plantas.

«*O tojo já tem maia*» i. é, já deita a flôr. Usa-se o termo independentemente da aplicação tradicional d'algumas dessas flores no 1.º dia de maio (Gavieira). Flôr do linho (Vila Chã — conc. de Ponte da Barca). (C. B.).

«Corôa de flores que se coloca á janela ou á porta ao amanhecer o dia 1 de maio». (L. L.).

mainel — Pedra nas paredes que assenta sobre o tranqueiro (ombreira) e tem a mesma fórmula deste, mas não apanha toda a largura da parede. Também se chama *agulha*.

maio — (*Pôr o* —). Pôr ou collocar um ramo especialmente no dia 1.º de maio (ramo de giesta).

mais (milho) — Milho grosso.

malaqueiro — É termo usado em Ermêlo, na colheita dos medronhos.

São estes colhidos e pagos por cesto bem cheio. Ou seja para não cairem do cesto pelo caminho, ou por algum cesto ser mais pequeno que a medida, são tirados alguns punhados deles de dentro do cesto para um saco ou avental e assim levados á parte para casa ou para o alambique, ficando todavia pertencendo á medida. A este saco ou avental é que chamam *malaqueiro*. (C. B.).

malditar — v. t. Amaldiçoar (*malditar a sua sorte*).

malhete — Pauzinho convexo que serve como cunha, entalado entre o *testinho* e o *fuzil*, na serra chamada de Leiria. (L. L.).

málho — s. m. No *fulão*, malhos são os dois martellos ou maços de páu que contundem o borel ou serguilha. Também por *mangoal*.

malina — s. f. Fôco de infecção; contagio (maligna). —

malinado — De *malinar* (malignar); cheio de humores malignos (*saingue malinado*). «*Fruta malinada*, fruta podre». (G. V.). Ainda não ouvi senão como adj. part.

malinoso — adj. Doentio, infeccioso.

má-lo — Mas o, e: mais o.

malquerias — s. f. Malquerenças.

malzinho-a — adj. Doente (pronuncia-se *maursinho*). — *Está muito maursinho!*

mamaio — Entra na seguinte cantiga. *Maio mamaio / molhado em vinho / nos somos quatro / com o Maio são cinco / Este mamaio será mae-o?*

mamento (enxerto de mamento) — Enxerto «de fenda cheia por aproximação, feito na vara de um anno, debaixo da terra, sendo pois ao mesmo tempo mergulhia». (G. V.).

mamões — s. m. Ladrões (de vegetal). *Rev. Lus.* v, pag. 49). «Cotos seccos que ficam por aparar em podas mal cuidadas da vinha». (C. B. e G. V.).

manada—Porção que cabe em uma mão.

manar—v. n. Demorar a agua na rega do milho, ensopando bem a terra. *Deixa manar, não quero a rega á pressa.* (L. L.).

manata—s. m. Janota. Com significação depreciativa. Cfr. a cantiga da vila dos Arcos:

Divino Espirito Santo ¹
Tende mão no paredão!
Que se botam os manatas
Ao poço do Caldeirão.

mancebo—O mesmo que *velador*. (Vid. *bulador*).

mancle-mancle—Voz imitativa do balanço do coxo.

«Mancle, nome de jogo infantil». (L. L.).

manclejar—Mancar.

manco—s. m. Especie de arado rudimentar, o mesmo que *zanga*. (Portela). (C. B.).

mandil—O avental usado pelas mulheres das freguesias montanhosas. Vid. *Rev. Lusit.*, VIII, 59. (C. B.).

mandilho—Pau comprido, com uma forquilha na ponta, para dar a palha milha para a moreia (Jolda). (C. B.).

mandilhos—s. m. Serviços ou trabalhos que se mandam fazer (*andar aos mandilhos*).

manducar—v. n. Comer (emfático).

maneio—s. m. (Em francês ha *manèments*)—Gorduras de vacca derretidas para condimento.

manêlo—s. m. Porção de estopa que se põe na rôca para fiar.

«Em Monção—*manêla*». (L. L.).

manga—s. f. Dos liços; são as voltas dos fios sobre as *frachadas*.

mangoeiro—Malho ou mangoal. (Extremo). (C. B.).

mangueira—Cabo do málio. (L. L.).

manguelear—O mesmo que *banguelear*. (C. B.).

manguilho—s. m. Manga desmarcada.

maninho—s. m. Diz-se *maninho*, e *monte maninho*, o terreno inculto das montanhas, livre e aberto para uso de quem quer. Quando esse terreno é dividido pelos vizinhos ou membros de uma freguesia, chama-se *baldio*. Um terreno que não está nas montanhas não se chama *maninho*, mas *baldio*, e pôde ser logradouro municipal.

maniscôxo—adj. Esquerdo, canhoto.

manjeira (*mainjeira*)—s. f. (*Ser levado da*—) da breca, muito alegre e *adbertido*; ser assomado, arrebatado.

«Tambem se diz *majeira*». (C. B.).

manle—Malho ou mangoal. (Gavieira). (C. B.).

manta—O mesmo que *maçadura*, supra. (C. B.).

mantear—v. t. Arar a terra, revolve-la ás mantas.

mantêla—s. f. Especie de tecido de lã com que agasalham as costas (Soajo).

«Avental de tecido de lã, só deste tecido é que tem o nome de *mantela*; aliás é *avental*». (L. L.).

mantelo—s. m. Doença do gado. *Criar mantelo*, ser calaceiro, madraço. (C. B.).

mantiça—Preguiça, mantiça, | Quem te ha de manter | Um pau pelas costas | Que te ha de tolher! » (L. L.).

maninça—s. f. Manutenção, alimento do gado.

manusco—s. m. Chumaço de qualquer coisa.

mão—s. f. Na roda de um motor manual é a manivella ou peça por onde se lhe péga.

maquiadalho ou **maquialho**—Res-

¹ É uma igreja.

- tos ou pequenas porções de generos, farinha, vinho, etc., que sobram da medida; *rapadalho*. (C. B.).
- màquidões** — Termo de escarneo. Estás um *màquidões!*...», i-é, um palerma, um asno, ou coisa semelhante. Lembra-me se a palavra terá relação com o nome proprio *Macdonald*, assim como *jinô* provem de *Junol*. (C. B.).
- marabêlho** — O diabo. (C. B.).
- maragata** — s. f. Calçado velho.
- marca** — s. f. Botão perfurado (*Rev. Lusit.*, v, pag. 172). Cfr. o jogo da marca.
- marcadeira** — Machadinha dos negociantes de madeira; no olho ha umas iniciaes com que marcam para a esfoladela feita na arvore. (L. L.).
- marco** da serra — Peça de madeira na serra de mão. É a que está ao meio da corda e da lamina e se embebe nas *furas* dos *testeiros*.
- marcejar** — v. t. Chover meudo e principalmente por tempo quente.
- maré** — s. f. Vento, aragem. *Corre ãa marésinha*... Também: *ocasião*, ensejo, vagar. *Agora não é maré de faser isso*.
- margaridas** — Os peitos da mulher. (L. L.).
- marimbar** — v. t. Equilibrar, regular. «Zombar, arrelhar». (B. G.).
De certa corr. de *marombar*, de maromba, ou maroma.
- marmelas** — As pontas das chêdas do carro de bois, nos pontos onde encaixam no cabeçalho. (C. B. e L. L.).
- marnocas** — Verrugas ou protuberancias no tronco de certas arvores, como o carvalho (Ponte da Barca). (C. B.).
- marôto** — Morango bravo. *Bámos ós marôtos!* Diz o rapazio. (L. L.).
- marougas** — s. f. Especie de cerejas bravas. (C. B.). ouviu *maroubas*). Cfr. *marova* no N. D.
- marralhar** — Matraquear, discutir, teimar.
- marrar** — v. n. O cão da caça parar, erguendo uma pata deanteira e estendendo o focinho ao farejar a perdiz, coelho. O *perdigueiro* já *marrou*; já está *marrado*.
- marrear** — v. t. Quebrar pedras com marreta.
- marrôco** — O mesmo que *pabeia*. (L. L.).
- marrucheiro** — O mesmo fasqueiro. (L. L.).
- marrucho** — O mesmo que *fasco*. (L. L.).
- martaranha** — Marta, gardunha, animal que assalta as capoeiras. A palavra *gardunha*, que o N. D., no *Supplemento*, dá como ant., ainda por cá se usa. (C. B.).
- martelada de caber** — Expressão de pedreiro para designar uma martelada vibrada com o fim de fazer caber num determinado espaço da parede uma pedra.
- marujar** — v. n. Chover chuva meudinha, de molha-parvos. (G. V.).
- mascabeiro** — Arbusto, especie de salgueiro de pele avermelhada, existente nas corgas que teem agua. As varas são aproveitadas para vergas (Cabreiro). (C. B.).
- mascato** — Applica-se a uma pessoa de cor muito morena ou escura. É o mesmo que *escarumba*. Cfr. *mascate* nos dictionarios). (C. B.).
- masseira** — Caixa de amassar.
- mastura** — Mistura. Em especial é a porção de centeio, ás vezes tambem trigo, que se junta ao milho para fabricar pão de milho, ou bôrôa. *Pão de mastura*.
- matagreira** — matagal, mato espesso. (C. B.).
- matão** — s. m. Nome que ouvi dar a uma enxada grande, mas que supponho calão ocasional.
- mateus** — Insecto comprido, de côr verde-clara, que costuma, quando quieto, juntar os membros antero-

- rea, e que porisso tambem chamam *rezadeira* (Gavieira). (C. B.).
- matoseiro** — Matagueira, tufo espesso de mato (Padroso). (C. B.).
- matrêcula** — O mesmo que *matraca*. «Ha a variante *batrêcula*». (C. B.).
- matutinas** — s. f. (*Fazer* —) Diabruras, extravagancias. De *matuto*?
- maudanhas** — Contas vermelhas medicinaes, que se colhem em uma herva trepadeira, corriola, de folhas alternas, pretas, envernizadas e lanceoladas. Depois de maduras, isto é, vermelhas, colhem-se agarradas á corriola e guardam-se. Para curar arrepios, esmagam-se dentro de uma malga, lança-se-lhe aguardente e com isto dão-se *fretas* pelos lombos e barrigas das pernas. Diz-se que produz melhor efeito que a mostarda. (L. L.).
- mázer** — s. m. Criação mansa. *Esta creança é mesmo um mázere!*
- mazorral** — adj. Aborrecido, enfadonho. (*Ando hoje muito mazorral!*)
- «Tambem arrastado, vagaroso». (G. V.).
- medeira** — moreia de palha milha, centeia, etc. (Portela). (C. B.).
- medoucho** — O mesmo que *mideiro*, mas em Monção. (L. L.).
- medrilho** — s. m. Medrança; erupção de pelle, borbulhagem especialmente na cara. «*Ser de bom medrilho*», i. é, de qualidade de medrar bem.
- medronho** (t. de serralheiro) — s. m. Broca de aço que serve para alargar a parte superior de um buraco, onde deve ajustar a cabeça de um parafuso; os modernos são em forma de piramide conica com estrias. Parece ser o que em Lisboa dizem *fresa*, aportuguesando *fraise*.
- medronhar** — v. t. Trabalhar com o dito.
- mela-lua** — Ferragens das rodas do carro de bois.
- meigas** — Bruxas ou feiticeiras. Esta significação está d'accordo com a etimologia, pois a palavra deriva do latim *magicus*. O termo é pouco usado. Ouvi-o a uma mulher do concelho dos Arcos, e a outra de Monção. As *meigas* attribuem a morte das creanças recém-nascidas. Cfr. *Rev. Lusit.*, VII, 218. (C. B.).
- meim!** — Interjeição admirativa usada na Miranda. (C. B.).
- Tambem se ouve *mim!* (G. V.).
- Corresponde ao *ei mãe!* ou é *mãe!*
- meixil** — Pau que atravessa o cabaço do arado (rudimentar, sem *avecas*) e sai de cada lado cerca de meio palmo. Serve para melhor desfazer os terrões. (Gavieira). (C. B.).
- meixilhão** — Peixe meudo do feito da enguia, que anda aos cardumes no Rio Minho (C. B.) e se pesca á peneira (L. L.).
- melúria** — Velhaco, sonso, manhoso. Cfr. *molluria* no N. D.
- memoira** — s. f. Mesa de comer na cozinha. (Paredes de Coura).
- mendrilhas** — a inflorescencia do amieiro, amentilho. (L. L.).
- mendrulheiro** — Roto, maltrapilho. (C. B.).
- mendrulho** — Criança mal vestida, rota, *esmendrulhada*. (C. B.).
- menina** — manada de linho dobrada ao meio e com as pontas apanhadas e torcidas de modo que fazem um carrapicho. O linho dispõe-se assim na segunda espadelada, que se chama *dobrar*. A primeira é *cascar*. Duas manadas, ou *quartos*, que ficaram da primeira operação da espadelada, juntam-se agora numa só manada, que é a *menina*. Duas *meninas*, e portanto quatro *quartos*, constituem uma *estriga*, e um certo numero de estrigas compõem um *mólho*. Varia porém muito a contagem dos

quartos e estrigas de sitio para sitio. *Estriga* é tambem uma pequena porção de linho assedado, para se pôr na roca.

De modo que esta palavra *estriga* toma-se em dous sentidos, o primeiro dos quaes não vem nos dictionarios, e é: certa quantidade de linho, ou antes, certo numero de manadas ou *quartos* de linho, antes de assedado. (C. B.).

menjuar—Estado da agua de rega de milho quando cansa e fica a menjuar, isto é a filtrar-se na terra. (L. L.).

mentira—O colo que a verga ou vime faz pela face posterior de objecto que se ata ao que está firme ou deste, de modo que as duas partes não ficam aconchegadas uma á outra, e passando isto despercebido ao trabalhador. *Ó F. vai desfazer aquella mentira, acolá.* (L. L.).

menumbro—s. m. Dejectos das creanças.

meole—s. m. Meia de homem, peuga. *Rev. Lusit.*, v, pag. 222).

méra—Suco resinoso, muito doce, que na primavera apparece sobre as folhas dos carvalhos e doutras arvores e que as abelhas procuram com afan. Diz-se que cai de madrugada sobre as folhas.

«*Ano de muita méra é ano de muito mel.*». «*Mais vale uma manhã de méra* (para as abelhas), *que uma boa primavera*». (Gavieira). Geralmente chamam *maná* a este suco. (C. B.).

merendeiro—s. m. Pequeno cesto de mão.

merujar—v. i. Chuviscar.

meruje—s. f. Herva rasteira de folha miuda, de flores brancas ou roxas; chuva miuda.

mesa—s. f. Tábua circular ou quadrangular com tres ou quatro pernas para uma pessoa se sentar; é o que chamariamos *banco*, mas

mais baixa que este. Em *mesas* se senta quem abanca para comer ao lume. «*Idem em Monção.*» (L. L.).

O *banco* ou *cêpo* é um simples tronco a que se arranja uma face plana para assentar e duas lateraes cavacadas, ficando a superior com a casca

mestrear—v. i. Ocupar-se em trabalhos manuaes e por entretenimento, ou só para evitar a inação; trabalhar em ninharias com geito. «*Noutros logares é trabalhar com perfeição.*» (B. G.).

mexão—Pequeno pau curvo para mexer a *massa* nas ceiras, no fabrico do azeite; qualquer pau para mexer. (C. B.).

mezunhice ou **mezinhice**—Trabalho ou serviço *mezunho*. (C. B.).

mezunho—«*Serviço mezunho*», i-é, que demanda muita atenção, tempo e paciência. Provavelmente por ser a pratica de *mêzinhas*; geralmente coisa complicada e enredante. (C. B.).

mico—O diabo. Entra no chamamento do carneiro e no feminino no da ovelha. «*Pôme, mico, tôme, tôme*, para o carneiro». «*Tôme, mica, tôme, tôme*, para a ovelha». Tambem se ouve: *Tôme, tome, mé.* (L. L.).

mideiro (medeiro)—s. m. Pequena méda, de fórmula conica, que se faz com a reunião de alguns feixes, ou braçados de palha, tendo apenas a altura desta, com o fim de a secar, bem como o grão. A reunião dos mideiros constitue a *morêa*.

mijado—Pão *mijado*. Diz-se do pão de centeio (sêmea) refervido.

migalho s. m.—Coisa ou porção pequena. Tambem se diz de uma pessoa baixa. *É um migalho de gente.*

miga (d'unto)—Agua fervida com unto, ás vezes com um ou dois ovos. É almoço de gente do campo no tempo do frio. (L. L.).

miles—Miúlos ou meios das rodas

- do carro. Na Gavieira ouve-se tam-
bem *miules* e nas Choças *mís*, a
par de *miles* e *miules* (C. B.). *Mi-
le* em Monção (G.).
- milhage**—Milhã (Padroso). (C. B.).
- milharas**—s. f. As ovas do peixe.
- milheira** (terra):—Boa para a cultu-
do milho. (C. B.).
- milheiro**—s. m. Pé de milho. «Grão
de milho». (C. B.).
- milhõrxinho**, dim. de **milhór**—Tra-
duz affecto, carinho.
- minhoteiras**—Paus compridos que
se colocam nos colmaços sobre as
arjes, formando com elas angulo
recto (Padroso). Noutras partes
são quaesquer dos paus que se es-
tendem sobre os colmaços para
segurar o colmo. (C. B.).
- minhoteiro**—Arjão muito grande
para sustentar uma videira, cuja
uveira caiu, deixando aquela sem
apoio. Ouvido em Ponte do Lima.
(C. B.).
- misgar**—v. i. Pestanejar amendo, pis-
car os olhos. (C. B.).
- misgólho** e **mirólho**—Zarólho.
- miudeiro**—Um tanto miudo. (C. B.).
- miulos**—Peças do carro de bois e do
arado.
- móbito**—Aborto.
- môça, mouça e moiça**—*Uma moça
de alhos*: Cada uma das pequenas
molidas em que costumam ven-
der-se os alhos. (C. B.).
- mócega**—Entalho, móssa.
- moição** (mu-ição)—Maçada cons-
tante.
- mojêr**—Mungir. Diz-se: *môjo, môjes,
moje, mojemós, môjem.* (C. B.).
- moinha**—Sêmeas de encher traves-
seiros.
- moda**—*A moda*: isso sim, não creio...
- moinar**—v. i. Vadiar, levar bôa vida
não tendo que comer.
- molanqueiro**—adj. (Fallando-se das
cousas) fraco, quebradiço (das pes-
soas) preguiçoso, doente, debil.
- molêdo**—s. m. Pedra ou granito
mole em pedreira.
- «Caminho macio, sem pedras».
(B. G.).
- molejar** (das molas de um carro)—
Terem elasticidade, serem sensi-
veis, brandas.
- É claro que quem diz *moresi-
nho*, etc., deve dizer *morejar*.
- mollme**—A rama da giesta, que se
corta para adubo das terras, e
cama dos gados. (Padroso, Senha-
rei, e concelho do Coura). Aos
troncos ou pés da giesta chamam-
se *brições*, como vai no logar com-
petente. (C. B.).
- moncalho**—s. m. Rapazinho, fede-
lho, criança. (C. B.).
- monda** «bolo da monda»—Bolo feito
de farinha com leite do 2.º ou 3.º
dia depois da paridura da vaca.
(Soajo). (C. B.).
- monear**—Cabecear com o somno,
topenear. (C. B.).
- monêlha**—s. f. Almofada semilunar
collocada atrás das hastes dos
bois, para os não ferir o jugo.
- «Variante de *molhelha* que
tambem se ouve e o dictionario
registra. Devem provir de *mollilia*
que dava regularmente *mollelha*
ou melhor *molelha* e *monelha* pela
troca não muito rara do *l* por *n*
ou mesmo por dissimilação». (C. B.).
- monête**—s. m. Guedêlha, picho de
cabêllo.
- moquête**—Boda de foguetes, casa-
mento de moquêtes. (L. L.).
- morangueiro**—Pé de morangos.
- môrca**—s. f. Lagarta, grossa e curta
que ataca o milho tenro junto da
raiz; distingue-se da *trabêla* e do
bicho da cana.
- «Tambem se diz *morcão*».
- morconho**—s. m. O mesmo que *mor-
cão*: pascacio, lorpa.
- môrco**—adj. Sonso.
- mordicão**—Beliscão.
- «Tambem *mordiscão*. *Esta fa-
xenda é da minha loge!*..., gracejo
que diz quem mordisca». (L. L.).

moreia—s. f. Média de palha ou de lenha.

morinheira—s. f. Molinheira e dôr continua, como a dos dentes.

«Tambem se diz *moideira*».
(B. G.).

mormaceira—Nevoeiro denso, com orvalho ou chuva meuda. Cfr. *mormaço* no N. D. (C. B.).

morotes—Morangos (Gavieira). (C. B.).

môrra—O esconderijo do dinheiro, o peteiro. *Quem me dera dar-lhe com a môrra*. (L. L.).

morhão—s. m. Doença do milho, manifestando-se por uma excrescência esbranquiçada cheia de pó negro.

morrer—v. n. Esbater-se, estabelecer transição uma coisa sobre outra; findar.

morrinha—s. f. Termo generico com que se designa qualquer doença nas arvores que se manifeste por deformação de órgãos, colonias de parasitas, etc.

morto—*Pedras ao morto*; são pedras colocadas para tapar uma entrada de propriedade ou fazer uma vedação, mas que formam uma parede tosca, sem argamassa nem lavor algum. (L. L.).

mortório e mortoiro—s. m. Funeral.

moscar-se—v. n. Miscar-se, safar-se (*mósca-te?*).

mosgar—v. n. Ouvir uma conversa alheia sem ser pressentido; espreitar o que se está dizendo.

mosqueiro—Lugar nos altos dos montes, entre penedos, onde o gado vai *moscar* ou abrigar-se da mosca e do calor (Gavieira). É o que em Soajo chamam *sêsteiro*. (C. B.).

mota—Construção feita ao longo da margem dum rio ou ribeiro para desviar deste uma levada de agua destinada a ir mover um moinho ou azenha. (Padroso e Coura). (C. B.).

mota e amota—*Tumulus* ou mamôa préhistorica (Soajo, etc.).

moufar—«Diz-se que está *moufado* o pão que os gatos *rabunharam* e maltrataram, ou por cuja superficie as mãos passaram muitas vezes. Cfr. *soufado*». (C. B.).

Tambem se diz: esta criança *moufa o pão todo*, estraga mais do que come; lambusa-o sem comer.

moural—s. m. A urze *moura*. (Gavieira). (C. B.).

mouro—adj. Preto ou muito escuro, falando de certas qualidades de frutos ou de plantas. «Figs *mouros*» i. é, pretos; «urze *moura*», «sargaço *mouro*», i. é, que tem a flôr da côr vermelha muito escura (Soajo e Gavieira). Carvão mouro—de urze *moura*. (C. B.).

Mouro quer dizer negro. *Bulletins et Mémoires de la Société d'Anthropologie de Paris*, de 1905, VI, pag. 141.

sardinha moura—Sardinha salpicada ou arejada de sal. (Sal-moura). Vid. *Albario*.

mozó—O bucho das galinhas. (L. L.).

mú—*Tôme, tôme, mü* é o chamamento para o gado bovino. (L. L.).

mucanquices—Trejeitos, caricias, palavriado para embair alguém. *Estar com mucanquices*. Por macaquices?

mucelar—Tirar o *mucêlo* com a enxada ao cavar (Ermelo). (C. B.).

mucêlo—O mesmo que *topêto, sopêto*, ou seja a pequena porção do terrão que se tira ao de leve com o fio da enxada antes de a enterrar fundo na terra, ao cavar (Ermelo). *Mucêlo* talvez por *bucêlo*, que se relacionará com *boicêlo* e *borcêlo* e com o latim *buccela*. (C. B.).

mudo—p. do v. *moer*. *O teu milho já está mudo? A tua fornada já está muda*. (L. L.).

múinho (moinho)—Lê-se com diton-

go e escreve-se *miinho* acentuando o *ú*. Não é o mesmo que *ase-nha*.

O moinho é movido por uma roda horisontal de *coíheres* e emprega-se com pequenas correntes de agua, nos regatos. A azenha tem roda vertical de *penas*; é preferida nos rios.

mujo (mugem?) — *Tainha*. (L. L.).

múla — s. f. Nódulo escuro dentro do granito.

mular — Fazer-se mula, dissimulado, velhaco. — F. *mulou, mas ferrou a sua!*

murça — «Andar em murça», i. é, andar em cabelo, sem nada na cabeça. (Ponte do Lima). (C. B.).

murganhiço — Cisco; lenha meuda, garavetos. (C. B.).

murganho — s. m. Agulha ou folha de pinheiro. (F. R.).

murra — s. f. Mancha vermelha da pelle das pernas; apparece nas pessoas que as expõem muito perto do lume e ás vezes se ulceram. N'um campo com cereal, as

partes mais altas e viçosas, aonde em geral esteve a pilha do estrume, ou a terra é mais fertil ou a semente caiu mais densa, chamam-se *murras*. E por analogia as coisas que com isto se parecem.

murraca — s. f. Mécha com que accendem os foguetes.

murrinhage — Quantidade de murrinha, ou de animaes murrinhentos ou ordinarios, que não servem para comprar e criar. (C. B.).

murtar — v. i. Diz-se do peixe quando desóva e o macho fecunda as *milharas*. Corresponde ao francês *frayer*.

musganha — s. f. Músco dos telhados.

muxána — s. f. Faúlha que salta do fogo. Emprégo o *x* porque não percebi ainda som explosivo, mas quer-me parecer que deve ser *muchacha*.

«Em Monção dizem *muxenas*. (L. L.).

«C. B. diz que ouviu aplicar propriamente á faúlha depois de apagada».

(*Continúa*).

F. ALVES PEREIRA.

Tradições populares de Santo Tirso

(3.^a série) ¹

Na disposição dos materiais colhidos ² seguirei quasi sempre o método adoptado na segunda série, suprimindo, porém, alguns capítulos e acrescentando outros.

Reunindo os vocábulos dispersos pelos trabalhos já publicados às notas que fui lançando à margem do *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* pelo sr. Dr. Cândido de Figueiredo, hei-de tentar no fim desta *terceira série* um esboço da linguagem popular da minha terra ³.

I

Ensalmos

1. PARA TALHAR O AR

Eu te talho,
Ar da porta,
Ar da horta,
Ar debaixo da boeira ⁵,
Ar das encruzilhadas,
Ar debaixo da figueira ⁶,
Ar das *nubes courrutas* ⁷.

2. PARA TALHAR O BICHO ⁴

Eu te talho,
Bicho, bichoco,
Com funcho, cinza e sal,
E água da fonte Pedral,
Que nem cresças, nem peneças,
E juntes os pés com a cabeça.

(S. Simão-de-Novais) ⁸.

¹ Cfr. *Revista Lusitana*, XVII, 17 ss., XVIII, 183 ss., XIX, 233 ss., XX, 5 ss., XXI, 64 e 233 ss.

² A colheita foi realizada geralmente em Santo Tirso. Desde que a tradição seja fornecida por pessoas estranhas a este concelho, indicarei a terra respectiva.

Muitas notas foram-me transmitidas por meu irmão, Dr. Joaquim A. Pires de Lima.

³ Foi a tarefa a que me arrojiei, de um modo um pouco mais largo, na *Revista dos Liceus, Anotações ao «Novo Dicionário»* (Pôrto, 1916).

⁴ Cfr. *Revista Lusitana*, XVII, 29, e XIX, 241.

⁵ *Boeiro* ou *boeira*. Cano de esgôto, que do eido ou das cortes do gado dá para os campos ou quintais. O étimo deve ser *boarrius*. No *Novo Dicion.* deriva-se o t. de *bua* - o que me parece uma fantasia. Cfr. o t. boqueiro (de *buccarius*) na *Ling. pop. do V. Real* por A. Gomes Pereira (Lisboa, 1910). Separata da *Revista Lusitana*.

⁶ A pouca resistência dos ramos da figueira dá origem a desastres, mortais às vezes. Daí talvez a superstição ligada a essa árvore.

⁷ *Nuvens corruptas*. Cfr. as fórmulas por mim publicadas na *Revista Lusitana*, XVII, 21, e XIX, 240.

⁸ Concelho de Vila Nova de Famalicão.

II

Medicina e cautelas supersticiosas

1. — O *ar ruim*, como se vê das variadas fórmulas de talhar, dos materiais que entram no ceremonial, e dos complicados lugares por onde vem até nós, continua sendo um dos veículos mais perigosos de doenças.

O *mal-ruim* é sem cura, se ataca as crianças na eira, depois das Trindades, e, passada essa hora fatídica, torna-se um perigo também deixá-las olhar por uma *peneira* ¹.

Conta Fr. João dos Santos na *Ethiopia Oriental* ² que, estando no mar, junto da ilha das Cabras,

«como... fosse ainda fraco, e debilitado da doença
«passada... (lhe) deu o ar no rosto, e em uma
«perna;... de que (ficou) mui mal tratado...».

Ao outro dia desembarcaram-no em Quirimba, onde foi curado do mal, «mui ordinario» naquelas terras, por uma moura velha, chamada Manafua.

Eis os remédios applicados por essa «grande mestra»:

«Outro pau ha, que os cafres chamam matuvi,
«nome que significa esterco do homem, e a causa
«de lhe porem este nome é por que tem o mesmo
«ruim cheiro, tão novento que não ha pessoa que
«o possa soffrer. Na India tambem ha deste pau,
«sua arvore é como espinheiro. Dizem os cafres e
«a gente da India, que tem grande virtude contra
«o ar, e por esse respeito o trazem muitas pes-
«soas enfiado como contas e atado no braço, junto
«da carne e particularmente os meninos de tenra
«idade ³...».

Descrevendo as ilhas de Quirimba ⁴, pondera:

«Todas estas ilhas são muito sadias, e de mui
«bons ares, particularmente Quirimba e a ilha de
«Cabo Delgado, e a das Cabras; ainda que por

¹ Cfr. *Revista Lusitana*, vol. XVII, pág. 32, n.º 2.

² Sirvo-me da edição da *Biblioteca dos Classicos Portugueses* (Lisboa, 1892). Vid. o vol. II, liv. terceiro, cap. XIII.

³ Vol. I, liv. primeiro, cap. IV (Sofala).

⁴ Vol. I, liv. terceiro, cap. V.

«serem os ares muito subtis e penetrantes, morre
«n'ellas muita gente de ar, particularmente velhos
«e meninos. Para esta enfermidade tem muitos re-
«medios e a sabem muito bem curar... a toda a
«pessoa que dá o ar, logo a defumam com esterco
«de elephante, mostarda, cascas d'alhos, e uma
«certa semente a que chamam Ingo, que é como
«fizirão verde, de cheiro mui fortum. E com tudo
«isto junto, deitado em braseiros, vão defumando o
«doente duas ou tres vezes no dia, e a cabo de
«quatro ou cinco dias que continuam isto, fazem
«um excellente unguento de meia canada de azeite
«de oliveira, e um quartilho de vinho branco de
«uvas, e pouco mais de uma quarta de pão da
«China desfeito em migalhas e tudo junto ferve no
«fogo até que se gasta o vinho, ficando sómente
«um quartilho d'azeite; no qual coado deitam uma
«pequena porção de cera bella, para se coalhar; e
«assim fica feito o unguento, e com elle untam
«toda a parte tomada de ar, pela manhã e ao meio-
«dia e á noute. E d'esta maneira em breve tempo
«saram os doentes d'este mal, e ficam tão sãos
«como se nunca lhe dera o ar. De outra mezinha
«usam tambem mui excellente, que é uma certa raiz
«de páo, a que chamam coto, moida e desfeita em
«agoa morna, com a qual untam a parte lesa, e
«saram em breve tempo».

A influência maometana em Moçambique persiste bem viva, como se prova pelo papel desempenhado pelos mônhés. (Vid. Dr. Américo Pires de Lima, *Notas Etnográficas do Norte de Moçambique*—Porto, 1918).

2—*a)* Não se deve ocultar a gravidez. Encobrendo-se, as crianças saem feias.

b) As mulheres paridas não devem mudar de roupa branca durante um mês.

c) Eis a explicação popular de vários casos de malformações nas mãos ¹:

—Em Santa Marta de Penaguião ² uma mulher grávida co-

¹ Cfr. *Revista Lusitana*, vols. XVII, pág. 30, e XIX, pág. 241.

² Na freguesia de Sever.

meu mão de vaca. Pois deu à luz um menino com seis dedos em cada mão, e outros tantos em cada pé ¹.

—Em Vila Nova de Famalicão ² uma mulher, enquanto grávida, pegou nas unhas de um porco que estava a ser chamuscado. Lembrou-se logo que alguma coisa aconteceria ao filho:

Efectivamente nasceu com seis dedos na mão direita ³.

—Os trabalhos de lavoura não se podem realizar em dias dedicados a certos santos (Santo António, S. Pedro de Rates, etc.) ⁴:

Em Viana-do-Castelo, um homem pegou num martelo no dia de S. Pedro de Rates, e nasceu-lhe de castigo uma filha com um dedo a mais ⁵. Vê-se que os santos se vingam como os antigos deuses da mitologia...

—Na Póvoa-de-Varzim caiu uma janela sobre a mão esquerda de uma senhora, grávida de dois meses: sete meses depois nascia-lhe um filho com dois dedos apenas na mão direita ⁶.

—Duas senhoras de Braga viram numa romaria a mendigar uma criança com ausência congénita de um dos membros superiores. Estavam ambas grávidas.

Mais tarde uma delas deu à luz uma criança hemímela (defeituosa como a mendiga). A outra senhora esperava aterrada o seu parto, mas o seu filho nasceu normal.

António G. S., de 23 anos, natural de S. Vicente-do-Pinheiro (Penafiel), é polidáctilo nas quatro extremidades: Dizem na sua aldeia ser a anomalia devida a um castigo por algum dos seus ascendentes ter escarnecido do próximo.

d) Desde que a fatalidade nos persegue, não devemos ir contra ela:

—José F. S. de Valongo nasceu com oito dedos no pé esquerdo. Em criança aconselharam a família a que fôsem cortados os dedos a mais. O pai não consentiu, alegando: «O que Deus dá é um espelho».

—Alexandre S. G. de Lordelo (Pôrto) tem um dedo supra-

¹ Dr. Joaquim A. Pires de Lima, *Contrib. para o estudo da Polidactilia* (An. Scient. da Faculd. de Med. do Porto, vol. I, n.º 3, 1914).

² Na freguesia de Requião.

³ Dr. Joaquim A. Pires de Lima, *Sobre anomalias dos membros*, in An. Scient. da Faculd. de Medic. do Porto, vol. III, n.º 1.

⁴ Vid. *Revista Lusitana*, vol. XX, pág. 7, n.º 2.

⁵ Faria Vasconcelos, *Três casos de Polidactilia* (in *Medicina Moderna*, Abril de 1915).

⁶ Dr. Joaquim A. Pires de Lima, *Anomalias* cit.

-numerário, embaraçoso e inútil. A família opõe-se à amputação daquele dedo, dizendo: «O que Deus deu não se corta».

3—Entre as muitas causas que provocam a gota nas crianças ¹, cita-se a de as mães lhe darem de mamar entre a hóstia e o cálice (S. Simão-de-Novais).

A doença torna-se então das mais perigosas, como sucede com os males provocados pelas pragas rogadas durante êsse espaço de tempo ².

4—Enquanto as crianças não teem um ano, as unhas só lhes podem ser cortadas com os dentes ³.

Quem corta as unhas, à noite, corta a fortuna.

Não se devem cortar as unhas, à sexta-feira, porque foi nesse dia que os judeus as cortaram ao Senhor.

5—No tratamento da paralisia infantil e de outras doenças que produzem fraqueza de membros, aplicam-se banhos de vinho em fermentação, vinho mosto (S. Simão-de-Novais, Pôrto, etc.).

6—Contei na *Revista Lusitana* ⁴ que era costume dar às crianças *ougadas* um bôlo untado com azeite.

Informaram-me dois rapazes (um de Braga e outro do Pôrto) que a criança come metade do bôlo, sendo a outra lançada a um cão, naturalmente para absorver o mal ⁵.

7—Quem tem *ruins* ⁶ acode a Carrascos ⁷. Fabricam lá uma pomada milagrosa, que cura as feridas em dois dias.

Para *queimadelas*, úlceras das pernas, etc., vão alguns a Santo Tirso (vila) buscar pomada de um ferrador.

Empregam-se também contra as feridas as folhas do *sempre-verde* (sabugueiro).

As feridas curam-se, empregando-se ortigas com farelos, trigos e vinagre (S. João-da-Pesqueira).

8—Para as doenças do peito toma-se o leite de jumenta, ou o sangue de boi seguido de um cálice de vinho maduro ⁸.

Quando se sofre de *espinhela caída* vai-se a Joane ⁹, onde

¹ Vid. *Revista Lusitana*, vols. XIX, pág. 244, n.º 11, e XVII, pág. 31, n.º 14.

² Vid. *Revista Lusitana*, vol. XVII, pág. 46, n.º 12.

³ Cfr. *Revista Lusitana*, vol. XIX, pág. 91.

⁴ Vol. XIX, pág. 244.

⁵ Cfr. Dr. Leite de Vasconcellos, *Trad. Pop. de Port.*, pág. 204.

⁶ «Designação que abrange o cancroide, pequenos tumores malignos e pequenas úlceras atônicas; às vezes é aplicada a pequenos cistos». (*Lingua-gem Médica Popular* por Alberto Saavedra (Pôrto, 1919).

⁷ Em Tadin, concelho de Braga.

⁸ Vid. *Revista Lusitana*, vol. XIX, pág. 247, n.º 18, e Francisco Gonçalves, *Breves Considerações sobre Medicina Popular*, pág. 70 (Pôrto, 1917).

⁹ Famalicão.

um habilidoso põe sôbre o apêndice xifoídeo e epigastro do doente o emplastro da espinhela ¹.

Quando o baço está deslocado, penduram-se as pessoas pelas pernas, sacudindo-as (Pesqueira).

9—Remédio para soldar partes quebradas:

Na Arábia, as areias, levantadas pelos ventos, caem por vezes em forma de chuva, enterrando os passageiros

«e não lhes comendo os corpos, fazem delles carne
«momia ou mirrha... Esta mirrha é provadissima
«para soldar partes quebradas, bebida em vinho...» ²

10—Desmanchando-se um braço ou uma perna, recorre-se a Rio-Tinto, onde os endireitas, desde muitos anos, vão transmitindo as habilidades a novas gerações.

Em 1850, deu o monge secularizado de S. Bento, Fr. José Joaquim de Santa Rosa, uma queda abaixo de um cavalo...

«de que resultou andar em cura alguns mezes, es-
«tar ligado por mão do algebrista de Rio Tinto,
«que o veio endireitar a Covas ³, que pela visita
«lhe levou 12\$000 alem dos curativos dos Cirur-
«gioens, e Boticarios ⁴...»

11—Na *Revista Lusitana* ⁵ referi-me ao remédio contra o trasorelho: Um jugo de bois ainda quente pôsto sôbre a nuca.

Uma mulher de Rio-Tinto, indicou outro: Deitar ao pescoço do doente um *nagalho de corda de capar touros* (É uma corda com nós).

12—Para o reumatismo fazem ao lume uma papa com umas *contas* (bagas) vermelhas duma planta trepadeira que aparece pelos valados ⁶.

¹ Vid. Dr. Cláudio Basto, *Medicina Popular*, I. *Espinhela-calda* (Viana-do-Castelo, 1915).

² Padre Manuel Godinho, *Relação do novo caminho que fez por terra e mar, vindo da Índia...*, pág. 131 (2.^a edição. Lisboa, 1842).

Cfr. *Revista Lusitana*, vol. XIX, pág. 245, e Dr. Cláudio Basto, *Medicina Popular*, *Quebradura*, pág. 28 (Pôrto, 1916).

Sôbre o emprêgo do óleo humano, como unguento «para viver muito, para evitar feitiços e para os fazer» vid. a *Ethiopia Oriental*, vol. I, pág. 225 (Manamotapa). Não há muitos anos que o velho empregado Ferreira, do Teatro Anatômico da Escola Médica do Pôrto, fazia largo negócio com óleo humano, que era empregado no tratamento da calvície.

³ Quinta da freguesia de Areias.

⁴ Do manuscrito: Livro da Razão | sobre algumas particularidades | pertencentes á Casa de Real, e | de Covas, e vida do P.^o Preg.^o Fr. Joze Joaq.^o de S.^{ta} Roza, Monge de | S. Bento, e Secularizado por Decreto | do S.^o D. Pedro IV no anno de 1834.

⁵ Vol. XIX, pág. 254, n.^o 26.

⁶ A planta deve ser a *bodanha* da *Revista Lusitana*, vol. XIX, pág. 198.

A *Arte de Furtar* (edição de 1744, pág. 361) fala nuns anéis feitos dos cravos que tinham servido a um certo cavalo. Êsses anéis «póostos em qualquer dedo da mão, erão remedio presen-tissimo para gota arterica».

13—Em qualquer doença, mas muito especialmente quando, homens ou mulheres, sofrem de dores de cabeça, apertam esta com um lenço e assim andam a trabalhar.

O lenço faz o papel da corda ou correia de que usam os indígenas de Moçambique para apertarem a barriga ou cabeça, quando sentem dores ¹.

14—Chás para a tosse: de *avenca*; de *erva terrestre* ²; de *chintage* (*chantagem*), tanchagem (?); de raiz de *cravo do monte* (venenoso, diz o *Novo Dicionario*. Será?).

É vulgar a frase: *F. viu a raposa*, está rouco. Cfr.: «Lors-qu'un Arabe est enrhumé jusqu'à l'extinction de sa voix, on prétend qu'il est enlouvé, qu'il a bu dans un vase qui avait servi à un loup...» ³.

15—Tratamento da *dor de cólica* ⁴:

1.º—Tomar chás de côlmo;

2.º—Não dando resultado o côlmo, recorrer ao chá de cascas de pepino branco;

3.º—Se nem assim passarem as dores, faz-se um chá de caganitas de rato.

Se esta medicação heroica não produzir efeito, então... vai-se a um médico (S. Simão-de-Novais).

A *Ethiopia Oriental* (vol. 1, pág. 147) dá-nos conta de um remédio usado em Sofala: «Dizem os naturaes que da pelle d'este peixe (*tremedor* para os portugueses, e para os cafres *thinta*) se fazem feitiços, e tambem que é mui medicinal contra a cólica, torrada e moida, e bebida em um copo de vinho».

16—Para poupar a mostarda, *ortigam* as pernas como um revulsivo.

17—Para estancar uma hemorragia nasal (epistaxis) ⁵, põe-se na nuca uma cruz de côlmo (Delães) ⁶. Também se fabrica a cruz de fetos: Outros chegam-nos ao nariz (Areias).

¹ Vid. Fr. João dos Santos, *Ethiopia Oriental*, vol. 1, liv. 3.º, cap. XII, e Dr. Américo Pires de Lima, *Notas Etnográficas* cit., pág. 25.

² Muito conhecida entre o povo do Norte, apesar de o *Novo Diction*. a dizer da serra de Sintra...

³ *Causeries Médicales et Littéraires*, Novembre (1919), pág. 6 (Paris).

⁴ Vid. *Revista Lusitana*, vol. XVII, pág. 34, n.º 36.

⁵ Vid. *Revista Lusitana*, vols. XVII, pág. 34, n.º 41 e XIX pág. 94.

⁶ Famalicão.

Há pessoas que, perante a hemorragia, pegam numa chave e conservam-se durante algum tempo com o braço estendido para o alto (Pôrto).

18—Registei na *Revista Lusitana* ¹ um processo de impedir que as pombas fujam: queimar incenso nos pombais.

Depois disso li em Bluteau ²:

«Orna a pomba a imagem do *Ar puro*, e *sadio*, porque (segundo *Pierio Valeriano*, lib. 22) a pomba he jeroglifico do ar, e he a carne desta ave tão salutifera, que aos que em tempo de peste não comem outra carne, que a de pombo, não chega o contagio; tanto assim, que quando este mal começava a lavrar, aos Reys do Egypto não se dava outro guizado, que de pombos; sem embargo de que escreve Diodoro Siculo, que os ditos Principes não comião senão vitella, e pato. Vid. Aldovrando. Ornitholog. tom. 2. pag. 450. Também Cardono *In Comment.* 1. *Aphoris.* 10. gaba «muito a carne de pombo em tempo de peste».

Ora, sendo as pombas a imagem do *ar puro* e *sadio*, natural é que os pombais sejam *incensados* para as atrair.

19—Continuando no estudo sobre os remédios contra a raiva ³:

Os animais mordidos devem tomar o banho das sete ondas (Viana-do-Castelo) ⁴.

Madame de Sévigné ⁵ dá-nos conta de banhos do mar para as pessoas:

«Il y a huit jours que madame de Ludre, Coëtlogon et la petite de Rouvroi, furent mordues d'une petite chienne qui étoit à Théobon; cette petite chienne est morte enragée; de sorte que Ludre, Coëtlogon et Rouvroi sont parties ce matin pour aller à Dieppe, et se faire jeter trois fois dans la mer... Théobon n'a pas voulu y aller, quoiqu'elle ait été mordillée. La Reine ne veut pas qu'elle la serve, qu'on ne sache ce qui arrivera de toute cette aventure... ».

¹ Vol. XIX, pág. 255.

² *Prosa symbolica*, pág. 81 (Lisboa, 1728).

³ Vid. *Revista Lusitana*, vol. XIX, pág. 249.

⁴ Informação de meu pai, natural de Carreço, à beira-mar.

⁵ *Lettres choisies*, tome premier, pág. 67 (Paris, 1812).

Em vez do número 7, aparece aqui o número 3, também simbólico, mas é muito possível que os banhos fôsem três, e que as mordidas tivessem de submeter-se em cada um a sete ondas.

E, pelo visto, tomavam o banho em estado de nudez, porque, maliciosamente, e acentuando o defeito na fala de Ludre, Madame de Sévigné, põe-lhe na bôca estas palavras: «*Ah, Zesu! matame te Griguan, l'étranze sose t'être zettée toute nue tans la mer.*»

Sendo os mais horrorosos dos espasmos sofridos pelas pessoas atacadas de raiva os hidrofóbicos, nada mais natural do que o povo se lembrasse dos banhos para combater o aparecimento do sintoma que mais impressiona a imaginação.

Verdade é sustentar-se que, dos animais atacados de raiva, só o Homem é hidrófobo ¹, mas é inclinação natural do povo, pouco apto para observar, a generalização.

Os números 3, 7 e 9 aparecem não só na receita já publicada, como naquelas que copiei de um manuscrito de um frade beneditino ² que peregrinou pelos mosteiros de Tibães, Rendufe, Pendurada, Bustelo e Pombeiro, fixando-se por fim no de Travanca.

Não estive no convento de Santo-Tirso, mas é possível que conhecesse a fórmula nele usada ³, e que esta se encontrasse em uso noutras casas da congregação.

Passo a transcrever do manuscrito ⁴:

a) «Receita da Hydrophobia ou mordedura de cão damnado.

«Lavai immediatamente a ferida resultante da
«mordedura em abundancia de agua pura, ou com
«hum pouco de sal dissolvido na dita agoa — De-
«pois, para que ella sangre bem, e com o sangue
«saya o veneno, applicay-lhe hũa ventozza, que se
«pode fazer com hum pequeno copo, ou caneca,
«em que se introduzão estopas inflammadas. De-
«pois de ter sahido algum sangue, tira-se a ven-
«toza, lava-se de novo a ferida para limpar o san-

¹ Vid. Dr. Cláudio Basto, *Medicina Popular. Raiva* (Pôrto, 1915), pág. 3.
Tenho uma reminiscência de me contarem em criança este facto: Um homem atacado de hidrofobia foi metido na cadeia e, perante o sofrimento horroroso do prêso, os médicos resolveram abreviar-lhe a vida, deixando-lhe cair sôbre a cabeça e a intervalos regulares uma gota de água.

² *Livro da Razão*, cit.

³ *Revista Lusitana*, vol. XIX, pág. 253.

⁴ F. 61.

«gue, e cauteriza-se a ferida com manteiga de
«antimonio (na botica), que com hua penna se
«appellica em toda a sua profundidade, e em todas
«as sinuosidades».

A preocupação aqui é extrair o virus inoculado, objectivo que se julgou atingir empregando umas pedras especiais ¹.

Que a informação dada acêrca das pedras trazidas do Brasil, e empregadas em Lousado ², era segura, prova-se com êste recorte do «Commercio do Porto»:

«No municipio de Pitanguay appareceu uma
«pedra que tem a virtude de curar mordedura de
«cobras. Pedras iguais foram ha annos adquiridas
«em S. Paulo pelos indios. Deitando dentro do
«leite de vacca, este muda de côr, pois todo o ve-
«neno fica no liquido» ³.

A virtude da pedra e o modo de a usar ajustam ao que se fazia em Lousado aonde concorriam há anos muitos mordidos de Santo-Tirso e Famalicão.

Na «Lusa» ⁴, referi-me à «*Relação da Viagem da India*» que fez o Padre Manoel Godinho, a propósito das «pedras de cobra»:

«...quem tem uma pedra daquelas escapa:
«pondo-a sobre a mordedura (de qualquer bicho
«peçonhento), pega logo a pedra e não cahe sem
«primeiro chupar toda a peçonha, da qual se limpa
«a pedra deitando-a em leite» ⁵.

A prática era usada, como se vê, tanto na Índia como no Brasil, e ainda hoje domina, tendo a noticia dela entrado no nosso país em diferentes épocas.

b) «Outro remedio ⁶:

«Tomaõ-se tres punhados de folhas de Da-
«tura stramonium=ou em Francez pomme epi-
«nense (sic): chamada—Figueira do inferno=Fa-
«zem-se ferver em pouco mais de quartilho e meio
«de agua, ate que fique quasi em metade, e da-se

¹ *Revista Lusitana*, vol. XIX, pág. 249.

² Famalicão.

³ Correspondência do Rio-de-Janeiro, no mesmo jornal de 10 de Dezembro de 1919.

⁴ 1919, pág. 70.

⁵ Edição cit., pág. 38.

⁶ *Manuscrito* cit., f. 61.

«a tomar ao doente tudo d'hua vez. Logo em seguida o doente he accomettido de hum violento «accesso de raiva, porem he de pouca duração; e «termina com hum abundante suor, ficando o doente «inteiramente curado.

«Deve-se advertir que a figueira do inferno ou «*stramonium* he remedio violento, e a sua acção «principalmente no cerebro he perigosa, e assim «he tida como substancia venenosa e narcotica. «A formula não diz se as folhas devem ser seccas, «ou verdes; mas em vista da forte dose, he prudencia usar das folhas seccas».

Aqui associam-se os dois processos: a provocação do suor para a saída dos humores peçonhentos, e a de um ataque espasmódico semelhante ao da raiva e que obrará como uma espécie de preventivo.

c) «Remedio para os damnados ¹. Tomão-se «tres gemmas d'ovos e a quantidade de azeite, que «pode ser contida dentro de ovo e meio. Mistura-se «esta composição, e poem-se em cima d'hum fogo «moderado em hum vazo de barro limpo, e move-se «este mixto continuamente com hua faca ate que «se faça pegadiço, e então se reduz á quantidade «d'hua chicara das de chá. A hua pessoa mordida «de cão damnado se lhe dará com toda a pressa, e «de hua vez a quantidade mencionada, e se repetirá por mais dous dias consecutivos, e não se lhe «concederá nem comida, nem bebida alguma seis «horas antes, e seis horas depois de ter tomado o «remedio. No cazo que haja ferida será preciso «abri-la duas vezes cada dia com hum pedacinho «de pao, e se continuará esta operação por espaço «de nove dias; durante este tempo se terá aberta a «ferida, e se medicará com a dita composição de «gemmas, e azeite. Os que tiverem brincado com «algum cão damnado, ou os que por elle forão «lambidos, tomarão hua dose de remedio hua so «vez por percaução (sic). A hum animal damnado «de qualquer casta que seja se lhe dará hua dose

¹ *Manuscrito* cit., f. 92.

«dobrada por espaço de dous dias e tambem sem
«comer seis horas antes, e seis depois. A efficacia
«desta receita he muito incerta, passando nove, ou
«mais dias depois da mordedura. Foi applicada por
«hum Conde Allemão viajante e tirada d'hum livro
«moderno»¹.

Verifica-se que a última receita, pela nota final do frade e pela variante tirada do folheto *Cautela com os medicos*, não saiu de qualquer farmacopeia adoptada em boticas de conventos.

Há dois pontos em que se aproxima daquela que foi publicada na *Revista Lusitana*²: no avivar das feridas, e na applicação simultâneamente interna e externa do unguento.

Afastam-se, porém, no espaço de tempo como intervalo das refeições, e nos dias de curativo: *Três* num caso e *nove* no outro:

— O sr. Dr. Francisco Gonçalves (*Breves Considerações sôbre Medicina Popular*, pág. 83) transcreve duas cartas, uma de 1532 e outra de 1538, passadas a favor de pessoas que, pelas suas benzeduras, tinham virtude contra o mal da raiva³.

Não se podiam benzer «cães ou bichos, nem outras alima-
rias... sem primeiro haver nossa (do rei) auctoridade, ou dos
Prelados» (*Ordenações Filippinas*, quinto livro, tit. iv).

20— Os porcos teem às vezes no céu da bôca *tramelô*, que os não deixa comer. É preciso queimá-lo com um ferro quente, e esfregar depois o sitio dorido com vinagre e cebola.

21— Receita para lançar fora a *noz* do *gado* (?):

«4 canadas de vinagre bom —
1 arratel de cebo —

¹ É aproximadamente a receita que fui encontrar no folheto: «*Cautela com os medicos*...» Pelo Padre Jozé de Souza Amado (Lisboa, 1858), a pág. 19, n.º 1:

«Receita para a hydrophobia, ou mordedura de cães damnados:

Tres gemmas d'ovos, bem lupos de clara, e onça e meia de azeite bem puro, deitem-se em uma frigideira de barro vidrado batem-se muito bem com colher de pau; ponham-se sobre cinzas bem quentes, ou fogo mui brando, mechendo-se sempre com a mesma colher: em formando granitos, e tomando a consistencia do mel tire-se para fora. Havendo ferida, esgravata-se com um páo agudo até fazer sangue; enxuto este ensopam-se fios no remedio, poem-se na ferida, e liga-se para não cahirem, e bebe-se o resto do remedio: não havendo ferida, bebe-se o remedio todo: Este remedio e curativo deve repetir-se por tres dias successivos ás seis horas da manham, e ás seis da tarde, comendo só ao meio dia, e á meia noite, de dieta. Fazendo-se antes de se declarar a hydrophobia não consta, que este remedio tenha falhado. Almanak familiar do Sr. P.º Vicente Ferreira para o anno de 1854».

² Vol. XIX, pág. 253.

³ Vid. *Revista Lusitana*, vol. III, pág. 329.

Hua mão cheia de sal —
 Hum punhado d'alecrim —
 Hum punhado de mortinhos —
 Hum punhado d'entrecasco de carvalho cer-
 quinho — ».

Ferva-se tudo em vinagre e unte-se depois de estar morno por 3 vezes ao dia a parte doente por espaço de 12 ou 15 dias ¹.

22 — Cortam-se as orelhas e o rabo aos gatinhos para que o pai os não vá comer (S. Simão-de-Novais) ².

A tal costume se refere Camilo, em *A Brasileira de Prazins* ³.

23 — São conhecidas várias substâncias que, ingeridas, tiram o juízo ⁴.

Aqui, como em muitos outros casos, aproximam-se os nossos camponeses dos selvagens da costa de Melinde.

Ora leiam Fr. João dos Santos ⁵:

«Em muitas partes d'esta Ethiopia se cria uma
 «herva a que os portuguezes chamam dutrô, e al-
 «guns cafres banguinî, e por outro nome lhe cha-
 «mam machaya moroy, que é o mesmo que herva
 «feiticeira... a qual moida, e deitada no comer ou
 «beber, tira totalmente o juizo a quem a toma; e
 «de qualquer modo que está quando come, ou bebe
 «a tal semente, do mesmo modo anda vinte e qua-
 «tro horas; quero dizer, que se a pessoa quando
 «come está alegre, tal fica, rindo sempre, e se está
 «triste, chora todas as vinte e quatro horas, e de-
 «pois que torna em si, nada lhe lembra do que fez,
 «nem disso em todo o tempo, nem menos dá fé do
 «que lhe fizeram; e com esta semente dizem que
 «se fazem muitos feitiços, e cousas muito mal
 «feitas».

¹ *Manuscrito* cit., f. 88 v.

² Tenho ouvido citar casos de gatas que comem os filhos, mas não me consta que isso se considere como agouro.

Quita aproveita uma monstruosidade semelhante como agouro:

«Huma ovelha pario fóra de Lua
 Sobre uma aspera, e fria penha nua,
 E qual faminta loba irada os dentes
 Ensanguentou nos filhos innocentes».

Obras, vol. I, pág. 29 (edição de 1831).

³ Edição de 1883, pág. 12.

⁴ Vid. *Revista Lusitana*, vol. XIX, pág. 248.

⁵ *Ethiopia Oriental*, vol. I, pág. 431.

24 — Do mesmo modo que as crianças rendidas se curam, fazendo-as passar através de uma abertura feita num carvalho novo, e os *ougados* deitam fora o *ougamento*, comendo metade de um bôlo, e atirando-se a outra metade a um cão, também reina a crença de que os homens se podem livrar de certos males secretos, mantendo relações com uma virgem.

Falando de Moçambique, conta-nos Fr. João dos Santos que as negras usam uma beberagem para *moverem*. Mas, depois do móvito, ficam empeçonhentas, e «se não pegam aquelle mal a algum homem por meio de ajuntamento, vão-se seccando... até que morrem».

Transmitida a peçonha a um homem, morrerá este se «não beber o summo de outra herba contra-peçonha da que tomam as negras para mover». Mas, para aproveitar, esta mezinha há-de ser tomada no mesmo dia em que o mal se pegou.

«A esta enfermidade chamam entaca».

25 — Quem tiver bruxaria não deve ir consultar médico, nem tomar remédios de botica, sem primeiro ir ouvir uma bruxa.

26 — Quando dói a barriga a alguém, esfrega-se-lhe com enxúndia de galinha, a qual costuma pôr-se a secar, colada no friso duma porta da cozinha (Cfr. Camilo, *Cavar em Ruínas*, XIII).

27 — Quando as doenças se tornam crónicas, dão no hospital aos doentes o remédio do *desempata* e estes morrem logo ¹.

III

Amuletos e agouros

1 — É geral a crença na virtude do trevo de quatro fôlhas ². Na noite de S. João reúnem-se as raparigas e vão procurá-lo. A êsse costume fazem referência as cantigas:

Fui ao trevo colher trevo,
Achei o trevo colhido;
Ó trevo, que eu não me atrevo
A ter amores contigo.

Já lá vai o S. João,
Agora vem o S. Pedro;
Ajuntai-vos, raparigas,
P'ra colhêr a fôlha ao trevo.

¹ Cfr. *Revista Lusitana*, vol. XX, pág. 255, n.º 34.

Num entremez manuscrito, intitulado os *Médicos Arranchados* (Anno de 1806 — A scena passa-se no Pôrto) há uma fala de criada (Henriqueta), que resume a medicina caseira da aldeia: «...Pois não sabes q violetas e Avenca, papoilas, xá de carqueja, agoa d'unto, e xarope d'ervas dos nossos campos colhidas, e por serem em caza feitos, dinheiro nos não custavão (?)».

² Cfr. *Revista Lusitana*, vol. XVII, pág. 38.

2—Para impedir que as aves vão ao milho alvo e ao painço, enterra-se no campo fel de vaca ¹.

3—É tradição corrente a maldição lançada à mula no curral onde nasceu o Menino-Jesus. Dizem as *Janeiras*:

.....
Maldição te boto, mula,
Que não *pairas* vez *nenhũa*,
E algũa que *aparires*,
Não haja sol nem *lũa*.

Ora Garcia de Resende na sua *Miscellanea* ², entre os anúncios de grandes desgraças (terramoto, inundações) apresenta o aparecimento de um cometa (crença vulgar), e o fenómeno seguinte:

288

«Em Lisboa entam se vio,
e vimos mula parida,
para isso aby trazida
de punhete, onde pario,
de todos vista e sabida:

e ho filho, que criaua,
perante todos mamaua:
no reccio, na ribeira
foy vista desta maneira
de muita gente q̃ olhaua».

(No ano de 1530)

4—Ainda há poucos anos o aparecimento de um cometa provocou um alarme geral ³.

Veja-se a descrição de Garcia de Resende:

289

«E depois appareo
hũo cometa muy famoso,
que nõ minguou, nõ cresceo,
nẽ andou, nẽ se moueo,
e non era luminoso:

cousa branca, muy cõprida,
directa com gram medida,
bem quinze noites se vio,
pouco e pouco se sumio,
tee ser desaparecida».

Os poetas não podiam deixar de beber em tal receio a inspiração:

«Bem prometteo a tua morte o cruel cometa,
Que vimos, ninguém soube então senti-lo,
Ah rusticos, que os Ceos nunca entendemos.» ⁴

¹ Cfr. *Revista Lusitana*, vol. XXI, pág. 230.

² Edição do Sr. Doutor Mendes dos Remédios, pág. 100. Cfr. *Trad. Pop. de Port.*, pág. 176.

³ Cfr. Dr. António Pires de Lima, *O Character Scientifico da Historia*, pág. 59 (Famalicão, 1904).

⁴ Antonio Ferreira, *Obras*, I, pág. 185 (edição de 1771).

O grande desastre de Alcácer aparece também anunciado por um cometa:

«...no anno de 1577, aos nove de Dezembro, appareceo do Ponente hum cometa tão grande e espantoso, que bem mostrava em sua significação os males que prognosticava, e estendendo hum grande rabo ao meio-dia, estava demonstrando a região de Africa, aonde promettia fazer seus effectos; e quanto foi de mais dura (que appareceo espaço de dous mezes) tanto mais continuos e maiores ameaçava que seriam seus effectos ¹».

5—As trevas que se formam por ocasião dos grandes eclipses do sol, o silêncio dos bosques, o recolher das aves domésticas para as capoeiras, provocam uma certa ansiedade. Daí maus agouros ².

Entre os muitos exemplos tirados dos nossos cronistas, citarei um mais frisante:

«...no qual dia do seu (de D. João I) fallecimento ho Sol foi crys em grande parte de sua claridade; e assi tambem foy ho Sol crys, ho dia que a Rainha Dona Felipa sua molher falleceo primeiro que elle em Sacavem; e assi ho dia em que seu filho ElRey D. Duarte... falleceo depois em Tomar ³».

6—Quando um galo canta *piedoso*, há morte em casa.

Já salientei o caso de perseguições feitas a anormais (galinhas que cantam de galo; peruas que se armam como os perus; galos que cantam, quando vão a recolher à capoeira, etc.) ⁴.

Entre as provas de mau agouro apresentadas na *Celia* de Sá de Miranda ⁵, vem esta:

~~«Como gallos nos cantam las gallinas...»~~

Sob a impressão pungente de uma dor profundissima, a fa-

¹ Fr. Bernardo da Cruz, *Chron. de El-Rei D. Sebastião*, pág. 307 (edição de 1837). Vid. *Trad. Pop. de Port.*, pág. 31.

² Vid. *Trad. Pop. de Port.* cit., pág. 23.

³ Ruy de Pina, *Chronica d'El-Rei D. Duarte*, cap. I, pág. 75 (Edição do sr. Dr. Alfredo de Magalhães—Renascença Portuguesa).

⁴ Cfr. Dr. J. A. Pires de Lima, *A Ectrodactilia na Lenda*, pág. 2 (Pôrto, 1919).

Vid. *Revista Lusitana*, vols. XVII, pág. 40, e XXI, págs. 37 e 44.

⁵ *Poesias*, edição da Ex.^{ma} Snr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, pág. 296.

mília do doente ou os parentes do morto não podem convenecer-se de que o meio não sofra também:

a) Os cães uivam, anunciando o passamento ¹ e deixam de ladrar enquanto há gente sôbre terra (Pôrto);

b) Os mochos piam: O pio é sinal de que há número *prenão* ² no céu; vai morrer alguém para o número ser par (S. Simão) ³;

c) Como anúncio aparecem mortas pelas capoeiras aves estimadas, e nas gaiolas morrem também misteriosamente pintassilgos, canários, etc. (Pôrto);

d) Estalam espelhos e quebra o vidro que vela uma fotografia de um casal próximo a dissolver-se (Pôrto);

e) Quebram-se imagens de gesso, cuja permanência numa casa já é sinal de infelicidade ⁴ (Pôrto);

7—Não se deve ter em casa um vaso de Tradescância: Provoca desarmonia na família (Pôrto).

8—Na Póvoa-de-Varzim há o costume de pendurarem uma planta. Enquanto esta se conserva verde, é sinal de que a pessoa ausente no Brasil tem saúde; secando, é porque morreu.

Em Santo-Tirso há igual prática. A planta é a *erva de Nossa Senhora*.

9—Quando o lume estala muito, estão a dizer mal de nós. Deita-se-lhe sal para a língua dos maldizentes: É que assim trincarão a língua ⁵.

Estalando uma porta, não devemos dizer:—«Quem está, entre...» porque pode entrar o demónio.

¹ Cfr. *Revista Lusitana*, vol. XIX, pág. 257.

² Parnão.

³ Cfr. *Revista Lusitana*, vol. XVII, pág. 40.

Em Bernardino Ribeiro, *Obras*, pág. 354 (edição de 1852), há referência às aves «que fazem medos». Cfr. Castilho, *Metamorphoses*, pág. 260:

«Ave hedionda! que annuncia os luctos,
Inerte Môcho enim, de agouro aos homens...»

Falando dos indígenas de Sofala, escreve Fr. João dos Santos (*Ethiopia Oriental*, vol. I, pág. 112): «...Se ouvem gritar alguma coruja de noite junto de sua casa, ou lhe passa voando por cima d'ella ou pousa no seu telhado, acodem logo com muita pressa a tomar as creanças nos braços, e depois d'isto andam por toda a casa com um panno ou ramo na mão, sacudindo o ar para fóra de casa, como quem enxota moscas, porque teem para si que o brado e voz da coruja deixou o ar d'aquella casa inficcionado, de modo que lhes mata as creanças, como se fossem embruxadas».

⁴ Cfr. *Revista Lusitana*, vol. XIX, pág. 95.

⁵ Cfr. *Revista Lusitana*, vol. XIX, pág. 93: Aqui são os beijos do maldizente que rebentam.

10—Não deve varrer-se quando toca às Trindades: varre-se o futuro ¹.

11—A calcore diz com o canto se o ano deve ser bom ou mau de milho. Se a série de cantadelas fôr grande, o pão será muito caro. Cada cantadela é um cento pela rasa:—Se dá quatro de cada vez, a rasa custará 400 rs.; se cinco, 500 rs., e assim por diante.

12—Os sonhos preocupam grandemente o povo. Podem aplicar-se a êle as palavras de Fr. João dos Santos: «... se sonham em cousas boas, andam mui alegres e contentes, esperando que lhe succeda alguma cousa boa, ou lhe venha alguma boa nova; e pelo contrario se sonham ruins sonhos, andam muito tristes e pensativos, cuidando no mal que lhes pode succeder...²».

IV

Bruxaria e feitiçaria

1—A *Viage velha*, que tinha fama de bruxa, ao morrer, andava com as mãos à volta da cama como quem está a dobar, e preguntava aflita:

—A quem deixo? a quem deixo?

Respondiam os que assistiam à morte:

—Ao mar coalhado... ao mar coalhado...³

2—É vulgar a crença no aparecimento de fantasmas. Conheço um caso de loucura provocado pelo aparecimento de um cão.

A vitima, um soldado, tem sido exorcismada, mas a alma estranha não sai por já vir do *mar coalhado*.

Vários casos me teem referido de pessoas, que, desejando bater nas aparições, apenas encontram diante do pau o vazio...

Referindo-se às virtudes do *S. Solimão*, me contou uma pòveira ter o irmão sofrido o choque de uma cabra (o demónio) ao sair de casa durante a noite ⁴.

3—Dá-se grande importância às pragas ⁵.

¹ Cfr. *Revista Lusitana*, vol. XIX, pág. 256.

² *Ethiopia Oriental*, vol. I, pág. 112 (Sofala. Refere-se a todos os natu-
rais da terra: mouros, gentios e cristãos).

³ Cfr. *Revista Lusitana*, vol. XX, pág. 55.

⁴ Cfr. *Revista Lusitana*, vol. XIX, pág. 225, e XX, pág. 65.

⁵ Vid. *Revista Lusitana*, vol. XVII, pág. 45.

Bluteau ¹ refere ingenuamente o caso da Condessa Margarida, sepultada perto da Haya, na Holanda, «em hum Mosteiro de Religiosas cistercienses, que no anno de 1276 pario de hum ventre trezentos e sessenta e cinco filhos» por castigo de Deus e «effeito da praga de huma pobre mulher, que injuriada da dita Condessa em materia de honestidade, pedio a Deos, que a dita Senhora, a qual então estava pejada, parisse tantos filhos, quantos erão os dias do anno».

4—Os endemoninhados costumam ir às Necessidades ² para lhes lerem os exorcismos.

Liam-se, há muitos anos já, na igreja de Areias:

Um dia apresentou-se uma mulherzinha que insinuava ter dentro em si a alma dum tio. O meu avô materno não acreditava: Apresentando-se a ela na ocasião do ataque, perguntou:

—Se és F., repete o que me pediste à hora da morte...

A endemoninhada meteu os pés pelas mãos e não respondeu.

Há a crença de que os endemoninhados falam várias linguas; que teem uma força sobrenatural; que, servindo-se de uma palha de milho, são capazes de derrubar com ela um homem, etc.

É curioso estabelecer o paralelo entre essas crenças e as dos negros da costa ocidental de África:

«Depois que o rei (o Quiteve de Sofala) tem
«festejado oito dias, então se põe em feição de
«chorar os defuntos, que alli estão enterrados, no
«qual pranto juntamente quantos ali estão conti-
«nuam dois dias ou tres, até que se mete o diabo
«em um cafre d'aquelle ajuntamento, dizendo que
«é a alma do rei defunto, pae do rei vivo que ali
«está fazendo aquellas exequias, e que vem fallar
«a seu filho. O cafre endemoninhado fica logo tal
«como quem tem o diabo no corpo, estirado no
«chão, feio, mal assombrado, e fóra de seu juizo,
«e d'esta maneira falla o diabo pela sua boca todas
«as linguas estrangeiras d'outras nações de cafres,
«que muitos dos que estão presentes entendem.
«E alem d'isso começa logo de escarrar e fallar
«como fallava o rei defunto que representa... Sa-
«bido isto pelo rei..., vem logo acompanhado de

¹ *Prosa Symbolica* cit., pág. 80.

² Barcelos.

«todos os grandes ao lugar onde está o endemoninhado, e postram-se todos diante d'elle..., e logo se apartam..., e fica o rei só com o endemoninhado, fallando amigavelmente como quem falla com seu pae, que é defunto, e ali lhe pergunta se ha de ter guerras, e se vencerá n'ellas seus inimigos, se haverá fomes..., e o diabo lhe responde..., e lhe aconselha o que ha de fazer mintindo-lhe ordinariamente, no mais do que lhe diz, como falso e inimigo que é do genero humano, e nem isto basta para estes cegos deixarem de lhe dar credito... Depois d'esta pratica, sae-se o diabo d'aquelle corpo deixando o negro endemoninhado muito cansado, moido, e sempre mal assombrado... ¹».

V

Várias superstições

1 — As ervilhas devem semear-se de noite, mas em ocasião que não haja lua. De contrário a coruja vai comê-las ².

2 — Oração para quando se *deita* uma galinha a chocar

OVOS:

Em louvor de S. Rolador ³,
Que nasçam tudo pitinhas,
E um só galador.

(S. Simão-de-Novais).

3 — Para que o pão levede bem, devem dizer-se estas palavras:

O Senhor te acrescente
Na masseira e no forno
E fora do forno

Assim como Deus
Acrescentou o mundo todo.

(S. Simão-de-Novais).

Cfr. as fórmulas:

- a) S. Vicente te acrescente,
S. João te faça bom;

¹ *Ethiopia Oriental*, vol. I, pág. 65. Cfr. o mesmo vol., pág. 254: Descoberta de furtos por meio das endemoninhadas.

² Vid. *Revista Lusitana*, vol. XVII, pág. 53.

³ Cfr. *Revista Lusitana*, vol. XX, pág. 7.

Nós a comer e tu a crescer,
Tudo Deus pode fazer ...
Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo, Amém ¹.

- b) Deus te acrescente
No forno e fora do forno
Assim como Deus
Andou pelo mundo todo.

4— Quem é trémulo das mãos é porque pegou num carriço.
Num exercício de um aluno do Pôrto, colhi as seguintes informações:

a) Quando dizemos ao pavão que tem as penas feias, êle desarma-se logo.

b) O melro macho distingue-se da fêmea, porque, agarrando-se aquele pela cabeça, põe as patas no bico e a fêmea não.

c) Algumas pessoas dizem que o morcego se agarra aos cabelos das mulheres, e que vai beber o leite no úbere dos animais ².

5— Encolhe a carne de porco, matando-se êste pela lua nova ou quarto minguante ³. Ao cozer-se o sangue do porco, deve chamar-se por êste, como se estivesse vivo, para que o sangue fique bem folhado (não compacto). (Informação do meu sobrinho Fernando A. Pires de Lima).

6— O diabo aparece às vezes sob a forma de uma porca de sete bácoros e uma ninhada de pitos ⁴.

7— Registei já o perigo de se comerem amoras depois do dia de S. Bartolomeu, porque o diabo urina nelas ⁵.

E, para que as couves não ganhem piolho, não devemos ir colhê-las no domingo de Ramos ⁶.

Conta Amato Lusitano o prejuízo das mulheres da Península, que, depois da chegada do cuco, não mais servem rabaças, porque as julgam afectadas pela ave ⁷.

8— A marmelada deve fazer-se no quarto crescente: Sendo assim, as tigelas ficam cheínhas; no quarto minguante, as tigelas *mingam*.

¹ Informação do Ex.^{mo} Sr. Doutor Maximiano Lemos. Cfr. *Revista Lusitana*, vols. XVII, pág. 52, XX, pág. 72, e *Ensaio Ethnogr.*, vol. III, pág. 161.

² Cfr. *Revista Lusitana*, vol. XVII, pág. 31.

³ Cfr. *Revista Lusitana*, vols. XIX, pág. 97, e XX, pág. 68.

⁴ Cfr. *Trad. Pop. do Port.*, pág. 174.

⁵ *Revista Lusitana*, vol. XX, pág. 9.

⁶ *Revista Lusitana*, vol. XX, pág. 7.

⁷ Dr. Ricardo Jorge, *Archivos da Hist. da Medic.*, 1916, pág. 174.

VI

Provérbios e ditos populares

- 1 — Minhotães,
39 fregueses
e quarenta ladrões ¹.
- 2 — No mês de Janeiro
Cada pinga um centieiro...
- 3 — Março, Março,
De manhã cara de cão,
À tarde cara de *home* honrado,
À noite molha a raposa o rabo ² (Montalegre).
- 4 — Porco que nasce em Abril
Vai ao chamberil.
- 5 — Chovendo no dia da Ascensão ³,
Até as pedrinhas dão pão.
- 6 — Julho claro como olho de galo (Montalegre).
- 7 — Tempo que tempera de noite
É como o amor (ou mulher) que é d'*oître* ⁴.
- 8 — Lua com circo,
Água no bico.
- 9 — Menina faz por ser boa,
Que a tua fama ao longe toa (Moimenta-da-Beira).
- 10 — Quem o rabo tem de beijar
Não tem mais que lhe esperar.
- 11 — Em casa cheia,
Depressa se arranja a ceia;
Em casa vazia,
Mais depressa se avia...
- 12 — Homem sem barba todo o mundo é seu ⁵.
- 13 — O descanso também é mantença.
- 14 — Vale mais cair em graça do que ser engraçado.

¹ Minhotães pertence ao concelho de Barcelos. Cfr. *Revista Lusitana*, vols. XIX, pág. 102 e IV (artigo de T. Pires).

² Cfr. *Revista Lusitana*, vol. XIX, pág. 111.

³ A 29 de Maio.

⁴ Isto é: quando o tempo melhora só para a tardinha, as melhoras não duram muito...

⁵ Cfr. Quem não tem vergonha todo o mundo é seu. Ora as barbas são o apanágio da vergonha, da honestidade... Cfr. a *Revista Lusitana*, vol. XIX, pág. 66.

- 15 — Aos seis assenta,
Aos sete *indenta*,
Ao ano andante,
Aos dois falante ¹.
- 16 — Pai galego,
Filho nobre,
Neto pobre ².
- 17 — Não te rias do vizinho,
Que o teu mal vem pelo caminho ³ (Póvoa-de-Varzim).
- 18 — A acha sai à racha,
Maria à sua tia ⁴.
- 19 — Quem quiser um cão de caça
É procurar-lhe a raça.
- 20 — Quem tem dinheiro *luta*,
Quem o não tem *scuita*.
- 21 — Contos não enchem barriga, nem adubam sopas.
- 22 — Tropeçar não é cair, mas é meio caminho andado.
- 23 — Nunca Deus criou uma panela
Que não criasse logo o têsto p'ra ela ⁵.
- 24 — Ande eu quente
E ria-se a gente.
- 25 — Não peças a quem pediu,
Nem sirvas a quem serviu.
- 26 — Não dar por burro, nem por albarda ⁶.
- 27 — Estar às portas da morte, estar entre a vida e a morte.
- 28 — Vai pela sombra ... ⁷.
- 29 — Pegar de estaca ⁸.
- 30 — Dar uma bôca, uma boquinha ⁹.
- 31 — Santo António ... e a varinha aos bois ¹⁰.

¹ Diz-se das crianças para indicar o desenvolvimento.

² Cfr. Dinheiro de padre e de brasileiro

Não chega a terceiro.

³ Cfr. o provérbio francês: Rira bien qui rira le dernier.

⁴ Há inúmeros provérbios com o mesmo sentido: Tal pai, tal filho; tal amo, tal criado, etc., etc., etc.

⁵ Cfr. *Revista Lusitana*, vol. xvii, pág. 288.

⁶ Estar insensível.

⁷ Revela o prazer que sente quem se vê livre de algum importuno.

⁸ Ser muito maçador.

⁹ Um beijo. O *Novo Dicion.* regista apenas *boquinha* e como *Bras.* Ora a palavra é vulgar na aldeia, dirigindo-se o pedido às crianças: — *Dá cá uma boquinha!*

¹⁰ Cfr. Fia-te na Virgem e não corras e verás o pontapé que levas... — S.^{to} António é, como se sabe, o advogado dos animais. — São vulgares as frases: S.^{to} António *guarde o gado que não se bote ao mar*... S.^{to} António *lhe guarde os seus bichinhos e quem os tiver!*...

- 32 — Vai haver sermão e missa cantada ¹.
 33 — F. e F. acusam quarenta (= São lê com lé, cré com cré).
 — 34 — Em minha casa somos cinco e gastamos também uma
 rasa de pão só = É dizer que o meu *home* come pouco...
 35 — É uma suposição...
 — 36 — Fazer das tripas coração.
 — 37 — Ficar-se em trinta... (Ficar a ver navios...)
 — 38 — Estavas bom para ir buscar a morte ².
 — 39 — Cair pela pereira abaixo ³.
 — 40 — Você é o mestre da poda ⁴!
 — 41 — Fazer alguém de fel e vinagre... ⁵.
 — 42 — Ser useiro e vezeiro... ⁶.
 43 — Russo de mau pêlo... ⁷.
 — 44 — Prometer mundos e fundos... ⁸.
 45 — Andar de candeias às avessas... ⁹.
 46 — Deitar pérolas a porcos... ¹⁰.
 — 47 — Pintar o diabo a quatro... ¹¹.
 — 48 — Falo eu, ou chia um carro ¹²!
 — 49 — Amanha é domingo...
 — Ainda que chova...
 50 — Tome chá de arestas ¹³!
 — 51 — Sabe-me a bôca a chapéu velho... ¹⁴.
 — 52 — Meter a fome em casa... ¹⁵.
 53 — Muita festa p'rá festa... ¹⁶.
 — 54 — Escrever direito por linhas tortas...
 — 55 — Importo-me tanto disso como do meu avô torto (ou de
 minha avó torta)!
 56 — Visto isso e os autos...

¹ Vai haver grande descompostura.

² Diz-se a um vagaroso.

³ Deixar-se lograr.

⁴ Zangam-se os podadores, quando lhes fazem o elogio, porque... o primeiro podador foi um burro.

⁵ Arrelia-lo.

⁶ Vid. Camillo, *Duas horas de leitura*, pág. 134 (edição de 1858).

⁷ Frase insultuosa. Cfr. *Revista Lusitana*, vol. XIX, pág. 41.

⁸ Vid. Camillo, *Corja*, pág. 23 (edição de 1903).

⁹ Andar de relações cortadas.

¹⁰ Vid. Camillo, *Corja*, pág. 37, e *Revista Lusitana*, vol. XXI, pág. 36.

¹¹ Vid. Camillo, *Corja*, pág. 38.

¹² Repreensão dada às crianças que fazem barulho, quando os mais velhos estão a falar.

¹³ Frase irónica.

¹⁴ Quando há mau gosto na bôca pela manhã.

¹⁵ Causar embaraços.

¹⁶ Tratando bem uma pessoa, mas acautelando-se...

- 57—Quem lá vai, lá vai...
58—Meter o nariz onde não é chamado ¹.
59—V. é de Braga ²!
60—Valha-me Nossa Senhora da Agrela ³,
Que não há outra como ela...
61—Decorava-se antigamente na escola:
—O moio tem 15 fangas; a fanga 4 alqueires; o alqueire
4 quartos; o quarto 4 maquias... ⁴.
62—Não ter eira, nem beira, nem ramo de figueira...
63—Misturar alhos com bogalhos... ⁵.
64—Já cá canta ⁶!
65—Pagar com lingua de palmo... ⁷.
66—Fazê-los e baptizá-los...
67—Fazer a festa e deitar os foguetes ⁸.
68—Engasgando-se alguém ao beber, diz para o vizinho:
—Choraste-mo!...
E alguns antecipam-se a observar:—Não to chorei...
—Aos bêbedos dizem:—Ó vinho, deixa o *home*!...
69—Vi-me e desejei-me!...
70—Benza-te Deus, não te lamba o gato...
71—Chuva de grelos, chuva de molha-tolos ⁹.
72—Quem andou não tem para andar; depois de sol pôsto,
é noite.
73—*Tivar os barbos*, tirar o fastio («Isto he que fazia tirar
os barbos aos filhos dos lavradores...») ¹⁰.
74—Vai haver sermão e missa cantada!...
75—Pariu a galega! (Diz-se quando se vêem muitas crian-
ças juntas),

¹ Ser intrometido.

² Deixou a porta aberta!

³ Acompanhando um gesto de impaciência.

⁴ Alguns velhos ainda recitam de cor a lenga-lenga.

⁵ Confundir tudo.

⁶ Consegui o que desejava.

⁷ Sem apelação nem agravo, sem protesto.

⁸ Rir do próprio gracejo.

⁹ *Moufar*. Cfr. *Babujar na Revista Lusitana*, vol. XIX, pág. 189.

¹⁰ Manuscrito das «Declarações...» de um soldado miguelista (José Bento Fernandes).

VII

Comparações e metáforas

~~1 — Negro ou escuro como azeviche, como~~ carvão, como um tição, como a prégua ¹, como um prego ², como breu.

~~2 — Branco como leite, como a neve, como uma cal,~~ como jaspe, como *folerca* (= folheca).

3 — Vermelho como um pimento, como um tomate, como uma cereja, como uma romã.

4 — Amarelo como um defunto, como a cera.

5 — Têso como um pau, como um virote.

6 — Direito como um fuso, como uma estátua.

~~7 — Torto como um arrocho~~ ³.

8 — Alto ou grande como um pinheiro, como um eucalipto, como umas casas, como uma tórre.

9 — Tamanho como o chão ⁴.

10 — Gordo como um texugo, como um *lanho* ⁵, como um rebôlo, como um batoque; parece um trambolho; é um *pote da graxa* ⁶; inchado como um cepo; cheio como um odre, como um ovo ⁷.

11 — Magro como um cão, como um *palhito* ⁸, como um gato às *sardaniscas*; sêco como as palhas; está mesmo um *respício* ⁹; parece um espicho; é uma semelhança ¹⁰; é mesmo um pau de virar tripas ¹¹; parece ou está que nem um *cangraço* ¹².

12 — Leve como uma pêne.

13 — Pesado como chumbo.

14 — Lisa como uma casqueira ¹³.

15 — São como um pero; valente como as armas, ter força como um burro.

¹ Pedra ou lousa sôbre o lar. De — pergula — Vid. *Lusa*, Ano I, pág. 154.

² Etimologia popular por *prégua*. Vid. *Lusa* cit.

³ Aplica-se mais ao moral.

⁴ Ironia dirigida a pessoas baixas.

⁵ Não tenho ouvido empregar a palavra isoladamente. Cfr. Como um cepo...

⁶ Designa, como nome próprio até, indivíduos baixos e atarracados.

⁷ Farto.

⁸ Palito.

⁹ Criança magra e raquítica. Cfr. *respício*.

¹⁰ Criança bem formada, mas *enfêzada*.

¹¹ Cfr. Camillo, *Brazileira de Prazins*, pág. 38 (edição de 1883).

¹² Esqueleto.

¹³ Diz-se das mulheres que teem os *peitos* pouco desenvolvidos.

- 16 — Fresco como uma alface.
- 17 — Parece um *emplasto*, uma cataplasma.
- 18 — Lindo como os amores, como um cravo, como um jasmim, como uma rosa...
- 19 — Feio como o diabo, como um bode...
- 20 — Fino como um rato, como uma raposa, como um coral; esperto como um alho; aquilo é um azougue; bebe azeite.
- 21 — Bruto como um animal, como um tamoeiro, como uma couçoeira, como uma porta.
- 22 — Alegre como um pintassilgo; ficou como um cuco; estar como o peixe na água.
- 23 — Triste como a noite; tem cara de quem não matou porco.
- 24 — Rico como um porco; por dinheiro é como o diabo por almas.
- 25 — Pobre como Job.
- 26 — Mais manhoso que um jumento; tem mais manha do que força; teimoso como um jumento, como um burro.
- 27 — É um santinho de pau carunchento; sério como o burro por entre as couves; ruim como as cobras (cfr. assobiar como uma cobra), como o diabo; tam bom é o diabo como a mãe; escamado como uma barata; furioso como uma bicha.
- 28 — É como o pobre da má resposta ¹; parecem sete pobres num palheiro ²; andar sempre como o cão e o gato ³; pô-lo mais raso que o chão, que o pó da rua ⁴.
- 29 — Este homem tem cara de poucos amigos ⁵; falso como Judas.
- 30 — Ser como a galinha farta de erva ⁶; parece um cavalo de cem moedas ⁷.
- 31 — Ter um coração de pomba; é mesmo uma pombinha sem fel; aquilo é trigo sem joio.
- 32 — Dar-se como Deus com os anjos; não pode andar o saco sem o atilho ⁸; são como a unha e a carne; aos pares como os frades ⁹; conhecer alguém como as suas mãos.

¹ Isto é: resmungar sempre, protesta contra tudo e contra todos.

² Fazem muita algazarra; andam em altercações.

³ Andar sempre com testilhas.

⁴ Insultá-lo, descompô-lo.

⁵ Cfr. *Semblante de poucas pazes*. Nicolau Tolentino, *Obras*, pág. 95 (edição de 1861).

⁶ Ser soberbo, orgulhoso.

⁷ É pessoa amiga de ostentações.

⁸ Andam sempre juntos.

⁹ Vid. *Decreto* de 3 de Agosto de 1691: Mandava prender os frades que fôsssem achados sem companheiro.

33 — Berra como quem o mata; é uma gaita; berrar como uma cabra.

34 — Este rapaz é um *scravelho* ¹.

35 — É para ali um mosquinha morta ².

36 — Atirar-se a alguém como S. Tiago aos Moiros; pô-lo num frangalho ³; deitar-se a êle como gato a bofes; malhar como em centeio verde; precisa de pau como pão para a bôca; puseram-no como um Cristo; parece um Santo-Cristo.

37 — Ficar como um bôlo, como um sapo, como um Lázaro; dar um estoiro como uma castanha.

38 — Ter sete fôlegos como os gatos assanhados; aquilo é o diabo em figura de homem.

39 — ~~Esgadanh~~ como um gato.

40 — Espernear como um cabrito.

41 — Andar de rastos como uma cobra.

42 — Trepar que nem um gato.

43 — Correr como uma lebre.

44 — Ressonar como um porco.

45 — Dormir como uma pedra, como um peão, como um prego.

46 — Passar como gato por cima de brasas, como cão por vinha vindimada.

47 — Cantar como um rouxinol.

48 — Chorar como uma vide; aquela é uma Maria Chora-deira.

49 — Nadar como um prego.

50 — Fugir dele como do diabo, como o diabo da cruz.

51 — Tremar como um ramo, como varas verdes ⁴.

52 — Entrar como Pilatos no Credo.

53 — Passar ou morrer como um passarinho; cair como tordos.

54 — Firme como uma rocha.

55 — É como o vento ... ⁵

56 — Tam certo como eu estar aqui.

57 — Mente como um cão, como uma cesta rôta, como quantos dentes tem na bôca.

58 — Claro como o Sol; alumia como o Sol.

¹ Travesso, traquina.

² Dissimulado, fingido.

³ Refere-se a coisas e a animais.

⁴ Como a verga. Antonio Ferreira, *Bristo*, pág. 39 (edição de 1771).

⁵ Inconstante.

59—Comer como uma ~~frieira~~, como um lobo, até lhe chegar com o dedo, como um danado, como um alarve.

60—Bêbado como um carro, como um cacho, como um odre, como *uma cal*, como *uma cales*, como uma esponja; aquele por vinho é como o diabo por almas; o vinho está como pólvora.

61—É como o morcego...¹.

62—Doce como mel; sabe que nem canela, que nem leitão, que rabeia.

63—Cair como a sopa no mel.

64—Salgado como *piha*²; azêdo como rabo de gato; amargo como fel, como trovisco; verde como ervas.

65—Mole como papas; podre como um cabaço.

66—Duro como ossos, como ferro, como um corno.

67—Pegar como visgo.

68—Quente como um *rijão*, como lume, como um borralho; quente que péla; fazer um calor de rachar.

69—Frio como gêlo, como a neve, como ferro.

70—Molhado como um pinto, como um frango, como uma sopa, até aos ossos; vem como um *gualdrapo*³.

71—Ter a roupa como um chouriço⁴.

72—Estar como o carrapato na *lama*⁵.

73—Assenta como ~~uma lava~~.

74—Parece um andor, um palmito⁶; é um paninho de armar.

75—Parece um *entrudo*⁷; parece um boneco de fogo, um boneco de engonços; é um canhoto (pessoa desageitada).

76—Aquela casa é um palheiro; isto está um chiqueiro; pôr a casa numa felga⁸.

77—Importar-se tanto disso como da primeira camisa que vestiu, como do dia de ontem que já passou, como de nada.

78—Vai com eles na mão como ovos em peneira⁹.

79—É togo viste, *linguiça*...¹⁰; é como o lume de bruxas.

80—Ser como as cerejas¹¹.

¹ Isto é: gosta de azeite. É conhecida a crença de que os morcegos e as corujas vão beber o azeite das lâmpadas.

² Diz-se do bacalhau, sardinhas, etc.

³ *Engaldrapado*, molhado e sujo.

⁴ *Enchouriçada*, enrodilhada.

⁵ Em vez de *lã*.

⁶ *Vestem-se todos como palmitos*. *Arte de Furtar*, cap. XXIII, pág. 162.

⁷ Uma figura de entremez carnavalesco.

⁸ Numa desordem.

⁹ Diz-se de uma coisa que se leva com muito jeito.

¹⁰ Diz-se quando se compra uma coisa que desaparece imediatamente.

¹¹ Cfr. «As maroteiras são como os tremoços; quem come um come um cento. Camillo, *A Caveira da Martyr*, pág. 284 (2.^a edição).

- 81 — Aquilo é um céu aberto... com as portas fechadas.
- 82 — Velho como a Sé de Braga; é do tempo dos *Afonso-nhos*, do arroz de 15.
- 83 — Caro como fogo.
- 84 — Trabalhar como um negro, como um mouro; meter-se como piolho por costura; êle sempre me saiu um *fura* ¹.
- 85 — ~~É uma padieia~~; parece uma lesma; é um monte de estêrco, uma pata choca ²; não vale uma ponta de cigarro, um cigarro depois de fumado, um chavo galego; é um aranha (tem pouca agilidade).
- 86 — ~~É para ali um monte de palha~~, um *arrejeito* ³; tratar alguém como um cão.
- 87 — É como o ferreiro da maldição: Quando tem ferro, falta-lhe carvão.
- 88 — Casa onde o patrão não vigia o pessoal é como o barco sem remos.
- 89 — Entender tanto disso como de lagares de azeite.
- 90 — Tantos como mosquitos, como a praga; aquilo era uma nuvem.
- ~~91 — Daqui lá é um tiro de espingarda.~~
- 92 — Verter como uma cesta.
- 93 — ~~A faca está como uma serra~~ ⁴.
- 94 — Aquilo era uma coma ⁵!
- 95 — É como a Maria Chiça:
Quanto vê, quanto cubiça.

VIII

Fórmulas rimadas e entretenimentos infantis

- | | |
|--|--|
| 1 — Vinte e vinte? | 3 — Quantos anos tem? |
| — Quarenta. | — Metade com outros tantos. |
| — Beija o c. à nossa <i>jimenta</i> ,
Que é tua parenta. | 4 — Chicote atrás, que lá vai rapaz... |
| 2 — Doutor da mula russa,
Tira o chapéu e põe a carapuça... | 5 — Que se há-de fazer?
— Mijar nas mãos e pô-las a 'scurrer. |

¹ *Fura-vidas*, videiro.

² Pessoa mole, obesa, sem actividade.

³ Pessoa desprezada.

⁴ Está cheia de bôcas.

⁵ Referia-se assim um lavrador a uma uveira bem armada, coberta de vide e cheia de cachos.

- 6 — Francisco,
Varre a casa
E deixa o cisco.
- 7 — Joaquim,
Come peras de amorim
.....
Mas as melhores são p'ra mim.
- 8 — Saramela pinta,
De rabo alçado...
- 9 — Ó Lucas, vais ao *serão*?
— Eu vou. E tu?
— Uh...¹
- 10 — Rapado, quem te rapou
Que nem orelhas te deixou?
- 11 — Minha mãe tem, tem,
Tripinhas a cozer,
E, ó do tripó-pó,
Que me hei-de encher...
- 12 — Deus que o assinalou
É porque algum erro lhe achou.²
- 13 — Muito bem se canta na Sé,
Mas é quem é...
- 14 — Que horas são?
— *Falta dé-réis* p'ra meio tostão.
— Bota cá o pataco, que os *dé-réis* já cá 'stão.
- 15 — Vamos à deita,
Que 'stá o sono à 'spreita...
- 16 — Dente fora,
Outro mais bonito p'rá cova³.
- 17 — Preto, mulato,
Cabeça de gato...
- 18 — E depois?
— Vacas não são bois,
Mas teem cornos como êles.
- 19 — Não tem vista,
Nem crista,
Nem coisa que lhe assista.
- 20 — Zé Carramé,
Leva os porcos á maré,
Enfiados numa linha,
P'ra tocar a campainha.
- 21 — Azanga, azanga,
Da porta da franga
.....⁴
- 22 — Eu te enguiço,
Da porta do Carriço,
P'ra que não cresças
Mais do que isso⁵.
- 23 — Tens frio?
— Mete-te no rio
E cobre-te com a capa do teu tio!

¹ Linguagem dos sapos. Cfr. *Revista Lusitana*, vol. XXI, pág. 223.

² Diz-se de uma pessoa que tem um defeito físico. Variante: ... algum defeito lhe encontrou.

³ Cfr. *Revista Lusitana*, vol. XX, pág. 74.

⁴ Para perturbar alguém no jôgo.

⁵ Fórmula execratória dita ao passar uma criança por cima doutra que está agachada no chão.

24 — Tens fome?

— Come um *home*.

25 — Bi a bá, fugiu a burra;
Bi e bé, manca dum pé;
Bi i bi, eu bem na vi;
Bi o bó, é tua avó,
Bi u bu, beija-lhe o...

26 — Um, dois, três,
Já lá vem o Inglês,
Pela barra de Viana,
C'uma gata castelhana,
Schriu, biu, biu,
Aqui faz os vinte e três.

27 — Carneirinho amou, ¹

Foi ao monte e não tornou;
Deixou os feijões ao lume,
Quando veio, não os achou.

28 — Arre, burrinho,
P'ra S. Martinho... ²

29 — Fernandinho foi ao vinho,
Quebrou o copo p'lo caminho;
Ai do copo, ai do vinho,
Ai do c. do Fernandinho!

30 — Rei,
Capitão,
Soldado,
Ladrão ³.

31 — Quando as estrêlas (brinquedo) ficam encastalhadas numa árvore ou numa casa, para as desenredarem, os rapazes atiram-lhes uma pedra atada a um fio, e dizem:

Réu, réu,
Vai p'ró céu,
Buscar o meu chapéu;
Se fôr novo, trá-lo cá,
Se fôr velho, deixa-o lá.

— Qui-que-ri-qui!
De cordovão,
— Qui-que-ri-qui!
Casou João.

(Pôrto).

32 — Qui-que-ri-qui!
Casou Maria.
— Qui-que-ri-qui!
Com quem seria?
— Qui-que-ri-qui!
C'um sapateiro.
— Qui-que-ri-qui!
Que lhe daria?
— Qui-que-ri-qui!
Umas chinelas.
— Qui-que-ri-qui!
De que seriam?

33 — Pelo sinal,
Bico rial;
Comi toucinho;
Fêz-me mal;
Se mais me dessem,
Mais comia;
Adeus, compadre,
Até outro dia ⁴!

34 — Ana, Magana,
Rabeca, Susana;
Lázaro, Ramos,
Na Páscoa estamos ⁵.

¹ Para arrelhar os rapazes que amuam.

² Esta fórmula vai-se dizendo enquanto se fazem dançar as crianças sobre o joelho.

³ Vão-se seguindo os botões com os dedos.

⁴ Cfr. *Trad. Pop. de Port.*, pág. 253.

⁵ Variante:

.....
Pariu um menino
Debaixo da cama.

35 — Colher de pau,
Colher de ferro,
Quem mentir
Vai p'ró inferno.

Colher de pau,
Colher de areia;
Quem mentir
Vai p'rá cadeia.

36 — Salvé, Rainha,
Mãe da Bainha;

Pão do *Vigairo*
Com a *bragastinha*;
Tu vais a correr,
Eu vou a saltar;
Deixa estar, meu maroto,
Que as hás-de pagar!

37 — Mão tôla:
Mão morta,
Mão morta,
Vai dar àquela porta...

38 — Um rapaz toma as orelhas de outro como que a puxar-lhas e pergunta-lhe:

— Foste ao nabal alheio?

— Fui.

— Viste lá o dono?

— Vi.

— Então, agacha, agacha, agacha...

E puxa-lhe pelas orelhas para baixo.

— Foste ao nabal alheio?

— Fui.

— Viste lá o dono?

— Não.

— Então, *arrinca, arrinca, arrinca*...

Puxa-lhe então as orelhas para cima.

IX

Costumes

I — Ainda está na memória das pessoas mais idosas o costume de *botar a vara*.

O regedor de... foi a casa de F., que estava grávida e era acusada de querer provocar um aborto; *botou-lhe* a vara para ela apresentar no fim do *tempo* o filho vivo ou morto.

Um regedor de Landim¹, por malícia, encarregou de tal cerimónia junto duma mulherzinha o cabo que era precisamente o pai da criança: O caso deu origem a grande chacota.

As raízes de tal sistema encontram-se nas *Ordenações Filipinas* no livro primeiro, título LXXIII (Dos *Quadrilheiros*):

¹ Concelho de Famalicão.

«... 4. E saberão se em suas quadrilhas ha
«casas de alcouces ou de tabolagens, ou em que se
«recolhão furtos, Barregados casados, Alcoviteiras,
«Feiticeiras, para que visitarão as estalagens, e ven-
«das de suas quadrilhas, ou *mulheres q̃ estejam in-
«famadas de fazerem mover outras, ou se andando
«alguma prenhe se suspeite mal do parto, não dando
«delle conta»* ¹.

Para punir o crime de exposição de infantes, necessário era invocar essa disposição, aliada á do liv. 5.º, tit. 35.º sôbre homicídio comum, fazendo tal silêncio um contraste com a lei romana, rigorosa nessa matéria.

Os nossos antepassados mostravam-se benévolo, quando a mãe, não por malignidade de coração, mas com o fim de encobrir a natural fragilidade, matava de propósito o seu próprio filho ².

E a benevolência aumenta nos casos seguintes:

«Não será porém castigada pela justiça, expondo-o nas ruas públicas ou á porta dos visinhos, no caso de alguém o receber e tomar á sua conta; e muito menos expondo-o nos hospitaes e casas destinadas para a criação dos enjeitados; nem pela morte inesperada, acontecida contra sua intenção por ocasião do parto occulto, solitario e clandestino, a que se vio obrigada para salvar a fama».

Essa doutrina, sustentada por Paschoal com argumentos muito para ponderar, influenciou ainda o *Código Penal* de 1852 e o de 1886 (art.ºs 345 e segs).

A sociedade actual é muito mais severa ³ contra os crimes repugnantes de aborto provocado, filicídio e exposição de infantes.

Mas eu desejaria perguntar aos mais puritanos: Onde se encontram as medidas práticas e rápidas contra os que violentam e seduzem as mulheres, e que cantam em seguida as suas vitórias, enquanto as miseráveis se arrastam, esfomeadas, sob as violências dos pais e os escárneos dos vizinhos, até que dão á luz sêres condenados ao abandôno, á doença e á morte? Os se-

¹ Sirvo-me da edição de 1747.

² *Código Criminal*, intentado pela D. Maria I... por Paschoal José de Mello Freire, tit. XXXI, § 30. (Terceira edição).

³ Escrevíamos isto em 1919.

dutores teem hoje tôdas as facilidades da lei e dos tribunais, o que não sucedia no regimen antigo, pelo menos quanto à lei (*Orden.*, quinto livro, tit. xviii).

Condenar é simples; o pior é descobrir o remédio e applicá-lo. É o grande problema da *Ressurreição* de Tolstoi.

Não digo isto para defender as exposições antigas, mas apenas com o fim de exprimir a idea de que os nossos avós, crueis por certo, eram mais francos.

E, postas estas ideas, passo a transcrever dos *Livros dos assentos de baptisados* da freguesia de Areias, algumas notas das mais curiosas acêrca dos inúmeros expostos que lá figuram:

a) 3 de Junho de 1767: «José Bernardino, engeitado, appareceo a porta de Antonio da Silva do lugar de Sande..., e trazia coatro camizas, hũa saca com mostarda, hum rosario, e hum escripto, que dizia = este menino vai por baptisar, o nome sera Jose Bernardino, e padrinho quem o baptizar... ».

b) 26 de Abril de 1769: «Manoel Engeitado..., appareceo na noute do dito dia... a porta de Manoel Gomes do Rego do logar do Barreiro..., e trazia dous pedaços de baeta azul baixa (?) nova, e hum com coatro cortadellas ao meio, que pareciam ser feitas com thezoura, e mais hũa vara de fita, e hũa camisa uzada feita de emendas, e hum pedaço de estopa ja usado, e hum pedaço de caibria (sic) velha na cabeça... ».

c) 4 de Dezembro de 1790: «...aparecerão duas mulheres desconhecidas huma destatura mediana, e outra mais alta, e magra, com hum menino nascido segundo ellas o **dicerão** na noite antecedente e ainda vinha çujo, e involto em hum pedaço de baeta azul, e pedirome que lho baptizasse, o qual... eu batisei... ».

d) 19 de Dezembro de 1791: «...veio a esta residencia huma mulher desconhecida de estatura mediana gorda, e branca do rosto de idade de quarenta annos pouco mais ou menos com huma criança que lhe puserão a porta na noite antecedente embrulhada em dois cobados de baeta azul fina, e meyo cobado de baetão, e huma camiza desguião e apertada com duas varas de liga azul,

«e hum lenço na cabeça de *talagaje* (?) pedindo-me
 «lha batizasse, a qual eu batisei..., por ella dizer
 «que estava por baptisar, que assim lhe dícera, quem
 «lha *pus* aporta...».

e) 13 de Janeiro de 1794: «Jose exposto a
 «porta de Maria Lameira do lugar de Freixieiro...
 «embrulhado em hum pedaço de huma manta de
 «borel, e huma camisa belha ainda por lavar como
 «sua May o pario nacido naquella hora, e sem tra-
 «zer mais cousa alguma, e quem o trouce dice, que
 «não estava baptizado...».

f) «Maria exposta a porta de Antonio Correa
 «do lugar do Sernado desta freguesia... embrulha-
 «da em hum pedaço de pano branco..., nacida
 «naquella hora, porque estava por lavar como
 «quando sua May o pario, e não trazia sinal de ser
 «baptizada...».

g) 20 de Maio de 1806: «... puserão a porta
 «de Custodio de Sam Payo do lugar Barreiro...
 «para as dez horas da noite hum menino nacido
 «de fresco em sima de huma cortiça pequena em-
 «bolto em huma camisa muito velha, e dois panos
 «azuis, e hum preto, e outro branco e de cor todos
 «velhos, e rotos, e hum atilho azul atado ao redor
 «a cinta, e hum pano branco velho atado na cabeça,
 «e dois atilhos pretos atados na mão, e pé esquer-
 «dos, cujo menino trouce a esta Igreja o dito Cus-
 «todio..., dizendo que, quando lho puserão a porta
 «lhe dicerão recolhesse aquillo, que ali ficava, e
 «não trasiã escrito algum, que dicesse fora baptizado,
 «porisso foi baptizado *condicionalmente*...».

h) 15 de Novembro de 1808: «Andre Exposto
 «a porta de José Rodrigues, do lugar de Freixieiro,
 «na noute do dia..., envolto em hua camiza velha,
 «e metade de hum abantal amarelo e dois panos
 «brancos velhos, e hum lençinho velho singido na
 «cabeça e hum cinto, com huns escapularios da
 «Senhora do Carmo, e hum cordão de São Fran-
 «cisco, e huma Veronica de São Bento, e sem çe-
 «dula alguma...».

i) 21 de Junho de 1816: «...batisei... hum
 «menino ao qual lhe pus o nome Roque que puse-

«rão na noite... a porta de Manoel Jose da Costa,
«do lugar da Fontella... embolto em hum pedaço
«de manta velha branco, e dois trapos azuis, e hum
«ligadoiro de chita, e hum lencinho venho (velho)
«na cabeça branco e ainda trasia a imbiga pe-
«gada...».

j) 25 de Julho de 1820: «Christina Exposta
«nascida de fresco segundo mostrava a porta de
«Josefa Maria... dizendo quem o pûs garde isso,
«que ahi fica e ponham-lhe o nome Christina, a
«qual estava embrulhada em huns poucos de farra-
«pos brancos, pretos, e pardos, e hum cinto ver-
«melho velho com huma cruz ao meyo da fita
«azul...»¹.

k) 19 de Junho de 1823: «pella meya noite,
«puserão hum menino nascido de fresco a porta de
«Maria Luisa viuva por alcunha=Lisboa=embru-
«lhado em hum pano *venho* de estopa, huma ca-
«misa *venha* de estopa vestida, apertado com hum
«ourello roido groço e hum marotinho fraco atado
«na cabeça...».

l) 25 de Setembro de 1823: «...puserão a
«porta de Anna Maria Preira a Letras viuva do lu-
«gar das Caldas... huma menina com hum escrito
«cujo o seu theor he o seguinte=Aqui huma sem
«cam^{to} (sacramento) de Baptismo ponho nome=
«Nastacia=e he para signal huma fita marella na
«mam squerda de seda, e leva tres nozes, e leva
«hum manteo de baeta de piscos (?) já usado leva
«hum pertadoiro de hum ourello branco abeirado
«de azul hoje 25 de sbr.º=e não continha mais o
«dito escrito, que aqui copiei na verdade para
«constar...».

m) 5 de Março de 1832: «...poserão a porta
«de... e dice quem a pôs que a batisá-se... a qual
«tinha duas camisas..., e tudo isto feito e posto
«no dia...».

n) 3 para 4 de Outubro de 1835: «...pose-
«rão huma menina embrulhada em farrapos de es-

¹ Num assento logo a seguir acrescenta-se: *gardasse isso «que havia de dar conta della...».*

«topa, e outras cores (*sic*) a porta de Anna Maria das Pedras... dizendo garde, o que ahi fica, o qual Menino era nascido de pouco, portanto o baptizei subconditione...».

o) 25 para 26 de Outubro de 1841: «...pu-
zerão hum menino embrulhado em huns farrapos
de estopa, e a estes hum bilhete pregado com li-
nhas brancas, o que continha as palavras seguin-
tes = Não está baptizado, farão o favor de lhe por
o nome Fellis...».

O último assento sobre expostos que encontrei tem a data de 15 de Fevereiro de 1863:

«...cuja criança appareceo envolta em uns
pobres panos de chita de varias cores, e sem si-
gnal algum de que tivesse sido baptisada...».

Serviu de padrinho, como era vulgar, o pároco da freguesia, Manuel Joaquim de Azevedo, que eu ainda conheci.

— Quanto aos abortos, as *Ordenações* também não eram claras: Liv. quinto, tit. xxv, 2:

«E toda a pessoa, que a outra dê peçonha
para a matar, ou lha mandar dar, posto que de
tomar a peçonha se não siga a morte, morra morte
natural».

Seguindo-se o direito romano, eram compreendidos neste crime aqueles que dessem drogas às mulheres para o feto morrer, ou para elas parirem antes do tempo, e nas mesmas penas incorriam as ditas mulheres que as tomassem.

2 — As batatas devem plantar-se na lua cheia para darem muito fruto e pouca rama. Plantando-se na lua nova, succede o contrário.

3 — A sementeira do milho costuma fazer-se ai por 10 de Abril. O trabalho deve realizar-se entre as dez e as onze horas da manhã, quando o dia cresce. De tarde não dá resultado.

Outros sustentam que a melhor hora é a das oito da manhã, quando a terra está coberta de teias de aranha cheias de gotas de orvalho.

O milho, depois de debulhado, em geral à força de malho, estende-se sobre a eira para limpar.

Em Vila-do-Conde a debulha faz-se na eira com os pés do gado e o milho põe-se a secar sobre panos das velas.

— Se o pão cai ao chão, beija-se antes de o apanhar.

4 — Além de uma fouce no cimo de um grande cabo,

usa-se para afugentar os minhotos um cântaro caiado de branco sôbre uma árvore.

5 — *Usos* gerais dos criados de lavoura — Homens: Umas calças, colete, chapéu, uns socos novos, que o patrão tem de mandar tachar tôdas as vezes que se romperem, e duas camisas de estôpa, pedindo também os criados grandes uma camisa de linho.

Mulheres: Uma saia, colete, avental, uns socos novos, que o patrão terá de mandar tachar, e duas ou três camisas.

A soldada compreende sempre uma certa quantia e os *usos*.

6 — Os velhos fazem o rapé num caco, ao lume, servindo-se de charutos ordinários e de fôlhas de nogueira.

7 — Como já frisei no vol. xxi da *Revista Lusitana*, os pedreiros teem um vocabulário próprio para se entenderem sem que os outros percebam.

O mesmo sucede com os mineiros. Para estes, *baio* é vinho (*chusmo* ou *chusmeira* — pedreiros). *Separ se moca!* — é o aviso de que o patrão se aproxima.

8 — Quando se ausenta uma pessoa de familia para o Brasil, para a África, etc., costumam na aldeia deitar luto — o qual se limita geralmente ao uso de um lenço preto (Areias).

O meu amigo, Dr. José Coelho de Andrade, deu-nos conta no semanário «O Povo» ¹, do mesmo costume existente nas freguesias de Refojos, Monte-Córdova, Lamelas, Reguenga, S. Paio e S. Tiago da Carreira: O luto é rigoroso e conserva-se até que chegue a primeira carta datada do lugar do destino do ausente.

Era costume antigo também, acrescenta-se no mesmo semanário, ir a mulher à missa, durante a ausência do marido, com o chaile ² a cobrir-lhe a cabeça; e ainda hoje não vestem de vermelho durante êsse período.

9 — Algumas notas a acrescentar à festa do Natal:

No Penedo dos Castelhanos ³, durante a noite, trazem lenha para uma praça. À tarde vestem um homem, conhecido como o mais engraçado, com um capote até aos pés e um chocalho à cinta, o qual, seguido pela garotada, anda pela aldeia às cabriolas, pedindo numa voz de falsete: — Uma esmolinha, uma esmolinha para Nossa Senhora da Glória...

À noite, na praça, acende-se uma fogueira monumental, e

¹ 25 de Agosto de 1917.

² Devia ser a capa preta, de grande roda, já caída em desuso, mas que há uns trinta anos era o luxo, mesmo das raparigas solteiras.

³ Freguesia perto da Barca d'Alva. Informação de um aluno.

em volta dela junta-se a população sentada em troncos, fôlhas, ramos, bancos e cadeiras que trazem de casa.

Em Felgar (Moncorvo) ¹ é costume também o mordomo do Menino-Jesus acender de noite uma fogueira para a qual os rapazes andam a roubar grande quantidade de lenha. Depois da ceia, cantam pelas portas e, quando vão para a missa do galo, tocam gaitas, etc.

O costume foi-me confirmado pelo meu amigo Professor João Ferreira Guedes, do Liceu de Rodrigues de Freitas, quanto a Espinhosa (Pesqueira) e freguesias próximas: Juntam-se homens com chuços e espingardas, e vão com um carro roubar uma árvore ordinariamente fora da terra; pelo caminho dão tiros para que ninguém se aproxime da janela e possa servir de testemunha.

Chegados ao adro, reúne-se o povo, queimando-se a árvore com grande festa.

10 — *Serração da velha:*

Ai pelo meio da Quaresma, uma quarta-feira, preparam alguns homens um serrão de madeira a que teem o cuidado de abrir os dentes e um cortiço dos que servem para as abelhas. Em volta deles vai-se reunindo uma multidão de rapazes, que se armam de assobios, ferrinhos e latas velhas.

Preparado o cortejo, abala para casa da mulher mais velha da freguesia. Chegando lá, adeanta-se um homem mais atrevido e chama:

— Ó senhora F.!

— Quem está aí?

— Prepare-se,

Faça o acto da contrição,

Que está aqui a serra e o serrão.

... E começa o serrão a ranger sôbre o cortiço, e os assobios, folhetas e demais instrumentos, desatam numa música infernal... cercada com os apupos e dichotes.

Se a velha é gaiteira, humaniza-se, vem para fora, dirige graças a um e a outro, e até manifesta o desejo de que voltem no ano seguinte—sinal de que ainda está viva.

Desarmada assim a multidão, lá vai debandando.

Se a velha é brava, barafusta, insulta, atira pedras, despeja água e porcarias. Então a festa é completa: o populacho aumenta a vozaria e, só depois de cansado, se vai embora.

¹ Informação de um aluno.

Era assim a Serração da Velha em algumas freguesias do concelho de Santo Tirso...

Hoje, porém, o caso mudou um tanto: na vila, chegando o dia próprio, andaram este ano (1919) grupos, cantando aqui e acolá versos sensaborões, com sobrescrito político ¹.

11 — Antigamente, na Páscoa, a cruz que ia no Compasso era adornada com fitas e com ricos cordões de ouro pedidos pela freguesia e arredores. Era também perfumada com espírito de cravo.

12 — Assim como sucede na Póvoa-de-Varzim, também na praia de Furadouro (Ovar) os pescadores fazem uma procissão que, depois de dar a volta aos *palheiros*, se dirige até à praia. Aí voltam os andores para o mar, pedindo a Deus o abençoe a fim de que ele dê mais peixe ².

X

Lendas

1 — A mãe de S. Pedro era muito soberba: nunca dava nada.

Um dia, ao lavar umas nabiças, foi-lhe uma pela água abaixo e ela disse:

— Pelas almas...

Foi isso que a salvou, pois não tinha outros merecimentos.

2 — As cabras berravam quando Nossa Senhora ia a fugir para o Egito. Por isso foram amaldiçoadas.

As ovelhas, como estavam mansas e caladas pela mesma ocasião, receberam a bênção de Nossa Senhora ³.

3 — A capela de S. João dos Reis ⁴, hoje num outeirozinho, ficava antigamente num terreno mais baixo.

Depois de mudada, nunca mais houve sossêgo naquele casal: caiu sobre os habitantes uma praga de doenças, casos de loucura, mortes.

A imagem apareceu no lugar da antiga ermida. Queriam levá-la para a Igreja paroquial de Avidos, mas ela voltava sempre a aparecer no sítio onde fôra descoberta.

¹ Esta nota foi por mim publicada em *O Tripeiro* de 15 de Abril de 1919.

² Informação de um aluno.

³ Cfr. *Revista Lusitana*, vol. XXI, pág. 222.

⁴ Em Avidos (Famalicão).

Citei casos semelhantes nesta Revista, vol. xxi, pág. 224.

Em Gemunde ¹ ainda o povo venera a chamada *Campa do Preto*. Diz a tradição que o tinham amarrado à cauda de um cavalo nas terras de uns fidalgos, vindo a morrer em Gemunde, onde a piedade do povo deu sepultura piedosa ao cadáver, arvorando mais tarde em santo o supliciado.

Teve em tempo uma capela exposta ao culto público, condenado em 1841 como idólatra pelo bispo. Dai a intervenção da autoridade administrativa, que principiou por fazer um discurso.

«No fim deste discurso mandou entregar ao Reverendo Parocho a Imagem de Christo, as velas de cera, e tudo o mais que pertencia, ou podia ter serventia no culto da Parochia, e ordenou que o Regedor tomasse conta dos castiçaes, jarras, sedas, e outras similhantes cousas, para entregar a seus donos, determinando que se principiasse a demolição da barraca, havendo previamente feito retirar as quatro pequenas pedras ² para fôra (*sic*), e principiar a escavação no terreno que ellas cobrião; mandando que as ditas pedras fossem postas em hum carro, que o Regedor apromptou para esse fim, e fossem d'alli conduzidas á vista de todos, e d'este modo destruir a falsa origem da criminosa veneração, fazendo conhecer que nenhum poder occulto embaraçava a sua remoção, como enganadamente se dizia ter acontecido com hum mórador d'aquella Freguesia. Removidas as pedras com a facilidade natural e demolida a barraca, continuou-se a escavação, sem que apparecesse o mais ligeiro vestigio de cousa estranha á terra do solo...» ³.

Findo o que, houve novo discurso do administrador sôbre a leviandade como o povo se deixara iludir, e expondo os embaraços à continuação da idolatria praticada...

Mas não valeu a Pastoral do bispo e inúteis se mostraram as práticas eruditas da autoridade.

¹ Na Maia.

² Marcavam, segundo o povo, a sepultura.

³ «Documentos officiaes | do que publicamente se passou em | Gemunde, | aldeia do concelho da Maya | em 22 de Junho de 1841, a respeito dos boatos da existencia do | Santo Preto», pág. 7 (Porto, 1841).

A sepultura lá está, exposta à veneração dos fiéis e o Santo Preto tem a sua festa todos os anos ¹.

No caminho de Landim a Seide, onde viveu e morreu Camilo, há um lugar chamado — *As Campas de Seide* — em que, segundo a tradição se acha enterrado um preto. Terá culto também? Ainda o não pude averiguar. Mas não se vêem no sitio vestígios de sepultura.

XI

Cancioneiro

- | | |
|--|---|
| 1 — A vila de Santo Tirso
De pequenina tem graça;
Tem um chafariz no meio,
Da de beber a quem passa. | 7 — Adeus, ó lugar da Igreja,
Cercadinho de flores,
Donde passeiam os cravos
À procura dos amores. |
| 2 — Ó vila de Santo Tirso,
A subir e a descer;
Quem nela tomar amores
Nunca se há-de arrepender. | 8 — Adeus, rua de S. Bento,
Te hei-de mandar calcetar,
Em pedrinha de brilhante
Pró meu amor passear. |
| 3 — A vila de Santo Tirso,
Não é vila nem aldeia;
É uma nobre cidade,
Onde o meu amor passeia. | 9 — Adeus, rua de S. Bento,
Tinteiro, pêna de prata;
Ando de mal com o amor,
Vou-lhe escrever uma carta. |
| 4 — No Urgal não há môças,
Em <i>Denis</i> há fome delas;
Em Vilalva é o refugio,
Na vila é um ramo delas. | 10 — Chorai, chorai,
Que a mim não se me dá;
Santo Tirso, ó-la-ri-lo-le-la,
Santo Tirso, ó-la-ri-lo-lá. |
| 5 — O meu amor é da vila,
Mora à beira da cadeia;
Mais vale um amor da vila,
Que quatro ou cinco da aldeia. | Chorai, chorai,
Que a mim não se me deu;
Santo Tirso, ó-la-ri-lo-le-la,
Santo Tirso, ó-la-ré, sou eu. |
| 6 — Ó vila de Santo Tirso,
Ao centro da natureza;
Tu és a minha alegria,
Quando eu tenho tristeza. | 11 — Ó meu amor, anda, anda,
A Vilalva que é tam lindo
Uma vez cada semana,
Quantas possas ao domingo. |
| 12 — Lá p'ra fora,
Raparigas,
Lá p'ra fora;
É tam lindo,
Vamos embora. | Lá p'ra dentro,
Raparigas,
Lá p'ra dentro;
É tam lindo,
Vamos ao S. Bento. |

¹ Informações do meu amigo Oliveira, professor do liceu de Rodrigues de Freitas.

- 13 — Tomei amores em Sande,
Co'a filha do Flores;
Já todos de mim teem raiva,
Já não faltam amargores.
- 14 — A igreja de Areias
Quer ganhar à da Lama;
Estas raparigas de agora
São *chefras* da *Labitana* ¹.
- 15 — Ó Terras Negras da Trofa,
Vem o..., ó que ladrão!
Chora, Ferreira, comigo,
Os tempos que já lá vão.
- 16 — Tu dizes que tens, que tens,
Na macieira *mações*;
Eu também digo que tenho
O meu amor em Burgães.
- 17 — Estes rapazes de agora
São um bando de chouriços;
Colarinho de ida e volta,
Da estação até Caniços.
- 18 — Se eu soubesse que morria,
Mandava fazer a cova,
Forradinha de hera branca
No adro de Vila-Nova.
- 19 — Ó igreja de Delães
Onde se *enterro* os anjinhos;
Ó terra, que estás comendo,
Corpos tam delicadinhos.
- 20 — Na igreja de Delães,
Tenho quem me queira bem:
A Senhora das Candeias
E seu filhinho também.
- 21 — Freguesia de Delães,
Deixar-te muito me *pêsa*;
Inda 'spero de tornar
Ao centro da natureza.
- 22 — Freguesia de Delães,
Ao longe parece vila;
Tem um cravo na entrada,
Rosa branca na saída.
- 23 — As meninas da Carreira
Tôdas têm a fralda rôta;
Só as irmãs do...
Têm uma fralda de s'tôpa.
- 24 — As meninas de Ruivães
São bruxas e feiticeiras;
.....
.....
- 25 — Meninas do Bairro Alto,
Descei à Cordoaria;
Vinde ver o regimento
De tropa da Infantaria.
- 26 — Adeus, cidade do Pôrto;
Adeus, do Pôrto cidade;
Adeus, raparigas tôdas,
Adeus, minha liberdade.
- 27 — Meu amor é do Pôrto,
Cá fora ninguém no sabe;
Anda vestido de azul
À modinha da cidade.
- 28 — Menina, se quer saber
A moda que anda na Maia:
Lenço preto ao pescoço,
Vivo vermelho na saia.
- 29 — A moda da Mouraria,
Dançada, é bem bonita;
P'ra dançar a Mouraria,
Môças de saias de chita.
- 30 — Eu venho de Santa Marta,
Mas receio ao calor;
Empresta-me o teu chapéu,
Antoninho, meu amor.
- 31 — Menina do *bantal* curto,
Parece-me uma doceira;
Se eu a via na Falperra,
Fugia para a sua beira!
- 32 — Ó adro, ó lindo adro,
Da nossa igreja;
Ó do bailarico, venho de Viana,
Trago bailarico p'ra tôda a semana.

¹ De—*labita*?

- 33 — «S. Gonçalo de Amarante,
Feito de páo (pau) de amieiro,
Irmão destes meus tamancos,
Criado no meu lameiro ¹.»
- De longe vos venho ver,
Vós destes a saúde
A quem 'stava p'ra morrer.
- 34 — Senhora da Assunção,
As costas vos vou virar;
Adeus, santa milagrosa,
Até quando eu cá tornar.
- Dai saúde a meu irmão,
Que êle vos vem visitar
C'um *cales* de ouro na mão.
- De longe vos venho ver,
Que vós destes a saúde
A quem 'stava a padecer.
- Inda cá hei-de tornar,
Esqueceram-me as minhas contas
Em cima do seu altar.
- A Senhora da Assunção
É bonita e airosa;
Vimos aqui de tam longe
Para ver tam linda rosa.
- Senhora da Assunção,
Bota fitas a voar;
Que aí vêm os anjinhos
Ajudá-las a apanhar.
- Senhora da Assunção,
Vós de dentro e eu de fora;
Deite-me a sua benção,
Que me quero ir embora.
- A Senhora da Assunção
Diz que me há-de dar um dote;
Se mo há-de dar em vida,
Dê-mo na hora da morte.
- Quando *assubiu* ao monte;
Quando se ela *assentou*,
Nasceu logo uma fonte.
- Diz que me há-de dar um véu;
Se mo há-de dar em vida,
Dê-mo no reino do céu.
- A Senhora da Assunção
Tem uma fita num pé,
Que lhe deram os anjinhos
No dia de S. José.
- Tem uma fita ao pescoço ²
Que lhe deram os anjinhos
A vinte e quatro de Agôsto.
- Ó Senhora da Assunção,
Dêsse alto *donde* estais,
Tendes uma luz no peito,
Que a todos alumiais.
- Tem uma fita no braço,
Que lhe deram os anjinhos
A vinte e quatro de Março.
- 35 — Senhora das Dores da Maia,
Eu p'ró ano lá hei-de ir;
Ou casada, ou solteira,
Ou criada de servir.
- Vós que dais a quem cá vem?
Auguinha da vossa fonte,
Saúde a quem lá não tem.

¹ Filinto Elysio, *Obras*, vol. VI, pág. 546 (edição de Paris, 1818).

Não ouvi esta quadra ao povo, embora êste fale muito em S. Gonçalo, como *casamenteiro das velhas*. O santo tem romaria na freguesia de Covelas.

² Variante: ... no rosto.

Minha mãe santa,
Senhora das Dores,
Lá no trono em que 'stais,
Rogai pelos pecadores.

- 36 — A Senhora de Valinhas
Tem um filho *sarrador*,
Para *sarrar* a madeira
Para o altar do Senhor.

Senhora de Valinhas
Tem uma fita na testa,
Que *le mandaro* os anjos
No dia da sua festa.

.....
Tem uma fita na c'roa,
Que *le mandaro* os anjos
Da cidade de Lisboa.

.....
Quem sois vós? e quem sou eu?
Sou uma grande pecadora,
Minha alma por vós morreu.

- 37 — O coração de Maria
'stá dentro duma vidraça,
A pedir aos pecadores
Co'as mãos cheias de graça.

- 38 — Minha Mãe Santíssima,
Não quero senão
Que viva Jesus
No meu coração.

- 39 — Ó bendito Santo António,
Que fazeis ao que ganhais?
Trazeis a mulher descalça,
Nem um sapato lhe dais!...

Santo António leve António,
Na copa do seu chapéu;
Santo António leve a mim
Para o caminho do céu.

Santo António é *bô* santo,
Que livrou seu pai da morte;
Tamém me há-de livrar
Nesta batalha tam forte.

Santo António é dos porcos ¹,
S. José dos carpinteiros,
Santa Luzia dos troilhas,
O diabo dos pedreiros.

- 40 — Hei-de ir ao Senhor da Serra,
Indas que me leve um ano;
Quem vai ao Senhor da Serra
De lá traz o desengano.

Bendito Senhor da Serra,
Bendito, Senhor, sejais;
Não tenho nada de meu,
Vós, Senhor, tudo me dais.

Bendito Senhor da Serra,
Lá do alto do Padrão;
Quem não quer que o mundo fale,
Não lhe dê ocasião.

- 41 — Milagroso S. Torcato,
Que 'stais lá na capelinha;
Se não fôsses milagroso,
No dia 'stavas sôzinbo.

- 42 — Ó Senhora da Abadia,
Eu para o ano vou lá;
Se eu lá não chegar a ir,
Não faltará quem lá vá.

Senhora da Abadia,
Apalpai-me esta barriga;
Dizei-me o que eu trago nela:
Se é rapaz, se é rapariga.

- 43 — Senhora Santa Luzia,
Senhora do meu coração;
Dai-me a vista dos meus olhos
Por *môr* da 'scuridão.

- 44 — *Sabastião pedroso*,
Patricialca sagrado;
Das pestes, aflições, guerra,
Seis nosso *adevogado*.

- 45 — S. Pedro era careca,
Pedi ao Senhor cabelo;
O Senhor lhe respondeu:
— P'ra que queres cabelo, Pedro?

¹ Santo António é advogado contra as doenças dos animais.

46 — Ó minha costureirinha,
Que é da cruz do teu cordão?
— Perdi-a na brincadeira,
Na noite de S. João.

S. João adormeceu
No *atalier* das Moreiras;
Foi-lhe posta a vida ao sol
Pelas suas costureiras.

Donde vindes, S. João,
Que vindes tam molhadinho?
— Vimos *dantre* aquela horta
De colhêr o rosmatinho.

S. João a vinte e quatro,
S. Pedro a vinte e nove,
O Santo António a treze
Por ser o santo mais nobre.

S. João p'ra ver as môças
Fêz uma fonte de prata;
As môças não vão à água,
S. João todo se mata.

S. João da Beira-Mar
Pôs S. Pedro a vendeiro;
Olha que pouca vergonha:
Dum santo fazer tasqueiro!

S. João da Beira-Mar,
Casai-me que bem podeis;
Vós casais as de dez anos,
Eu já tenho dezasseis.

Que quereis ao S. João,
Que por êle preguntais?
Esperai-o na Falperra,
Que êle vem de Guimarães.

S. João adormeceu
Nas escadinhas do cõro;
Deram as freiras com êle,
Depenicaram-no todo.

S. João adormeceu
No regaço de Maria;
Acorda, João, acorda,
Que está a chegar o teu dia.

S. João adormeceu
Atrás da parede nova;
Acorda, João, acorda,
Que te roubam a viola.

S. João adormeceu
Debaixo dos pinheirais;
Acordou, ficou-se a rir
P'rás môças dos Carvalhais ¹.

S. João adormeceu
Debaixo da laranjeira;
Caiu-lhe a flor por cima:
S. João que tam bem cheira!

S. João, de Deus amado,
S. João, de Deus querido;
Deparai-me a minha sorte,
Neste copinho de vidro:
Se eu tiver de ser casada
Amostrai-me o meu marido ².

Vamos ver o S. João
Dentro da sua capela,
Todo vestido de sêda,
Ó que figura tam bela!

Fui ao S. João a Braga,
De Braga fui ao Bonfim;
Vi tudo embandeirado
Com bandeiras de setim.

¹ Lugar de Santo Tirso.

² Cfr. *Revista Lusitana*, vol. XX, pág. 8.

- 49 — Menina, se quer saber,
..... Como é que se namora:
Tudo eram bandeirinhas, É um lencinho no bolso
Que S. João tem ganhado. Co'a pontinha de fora.
- Se S. João bem soubesse 50 — Se fores domingo à missa,
Quando era o seu dia, Vai para as escadinhas do côro;
Descera do céu à Terra Do sítio *donde* eu estiver
Com prazer e alegria. De lá te faço namôro.
- S. João quer fazer casa, 51 — Nas ondas do teu cabelo,
É pobre, não tem dinheiro; Vou-me deitar a afogar;
Fazei casa, S. João, É para que o mundo saiba
Que eu serei vosso pedreiro. Que há ondas sem ser no mar ¹.
- Ó meu S. João Baptista, 52 — Dei o coração às môças
O meu santo *pequentinho*; Para elas mo *guardar*;
Tu hás-de ser o compadre Agora peço a tôdas,
Do meu primeiro menino. Já nenhuma mo quer dar.
- Ó S. João de Landim, 53 — Se queres que eu te ame,
À porta tende-la dança; Mata a tua cachorrinha,
Nunca dei ponto sem nó, Que anda sempre *laudrando*
Nem fala sem confiança. Da sala para a cozinha.
- 54 — Os olhos da *Carrolina*
Emprestai-me as vossas vacas; Estão enterrados na areia;
Eu quero lavar a terra, Quem os fôr desenterrar
Pra *sameá-las-batatas*. Tem um ano de cadeia.
- A *Carrolina* namora,
Empresta-me os teus bois, Ela namorada está;
Para eu lavar a terra, Dança agora, *Carrolina*, agora,
Pra *samear* os *fajões*. Dança agora, *Carrolina*, olá ².
- 47 — És bela, mulher, és bela, Os olhos da *Carrolina*
Como tu não há ninguém; Estão enterrados no chão;
És a santa da capela, Quem os fôr desenterrar
És o meu querido bem. Tem cem anos de perdão.
- 48 — Adeus, areias do rio, 55 — Adeus, ó campo das malvas,
Adeus, pedras de lavar; Adeus terra das ortigas;
Adeus, amor de algum dia, Olhai o que o rapaz faz
Donde eu te ia falar. Por causa das raparigas!

¹ Cfr. *Revista Lusitana*, vol. XXI, pág. 74, n.º 140.

² Variante:

.....
Ela namorada é;

.....
Dança agora, *Carolina*, olé!

- 56 — Tenho uma laranja de oiro
No fundo do meu baú,
Para dar ao meu amor:
Deus queira que sejas tu...¹.
- 57 — Eu aqui, e vós defronte,
Nem eu falo, nem vós falais;
Dai-me um acêno c'os olhos
Já que não pode ser mais.
- 58 — Menina, que está à janela,
Com seu relógio à cinta;
Diga-me que horas são,
Fale verdade, não minta.
- 59 — A Amélia tecedeira
Tem o tear e não tece;
Ou é por falta de amor,
Ou o tear lhe aborrece.
- Ah! ah! ah! eu estou-me rindo,
Vai bonita a brincadeira;
Ó Amélia, ó Amélia,
O Amélia tecedeira.
- 60 — 'Stou prêsa nesta cadeia,
As grades são de marfim;
Estou prêsa às mãos de António,
Solta-me tu, Joaquim².
- Estou prêsa nesta cadeia,
As chaves tem-nas meu pai;
Quem 'stá de fora não entra,
Quem 'stá de dentro não sai.
- 61 — Quem me dera adivinhar
Donde o meu amor 'stá agora;
'stá perto de quem o vê,
Longe de quem o adora.
- 62 — Levanta-te, ó Mariquinhas,
Corre a mão pela vidraça;
Pareces Nossa Senhora
Cheia de luz e de graça.
- 63 — Os teus olhos não são olhos,
São duas continhas pretas;
Colhidas pelo luar
No jardim das violetas³.
- 64 — Quando eu em ti considero,
Vou à janela e digo:
Donde estarás tu agora?
Diz, belo do meu sentido.
- 65 — Quem quer bem dorme na rua
À porta do seu amor;
Das pedras faz travesseiro,
Das estrêlas cobertor.
- 66 — Laranjinha, quando nasce,
Nasce tôda redondinha;
Também tu, minha menina,
Nasceste para ser minha.
- 67 — Vai-te embora, meu amor,
Que a meia-noite está dada;
Vais cuvir da tua mãe
Sermão e missa cantada.
- 68 — Vai-te embora, meu amor,
Vai dormir, que eu já dormi;
Agora vai-te gabar
Que eu de inocente caí.
- 69 — Vou-me lá que tenho pressa,
Levo água de regar,
Que amanhã é dia santo,
Temos tempo de falar.
- 70 — Silva verde, não me prendas,
Não faças de mim valado;
Para prender meu coração,
Não faz *minga* cadeado.
- 71 — Meninas do rio triste,
Vinde lavar ao alegre,
Que a água do nosso rio
Põe a roupa côr de neve.

¹ Cfr. *Revista Lusitana*, vol. XVII, pág. 329, n.º 331.

² Cfr. *Revista Lusitana*, vol. XXI, pág. 73, n.º 123.

³ Estas duas últimas quadras teem uma feição erudita. Para mais, ouvi-as juntamente com a conhecida canção:

Os teus olhos não são olhos,
São duas *Avé-Marias*:
Um rosário de amarguras
Que eu rezo todos os dias.

- 72 — Vai, carta, feliz, voando,
Por esse mundo além;
Quem te leva sabe aonde,
Quem te manda sabe a quem.
- 73 — Se tu queres e eu quero,
Que nos *importa* os parentes?
É um ano mais ou menos
Que nós andamos *diferentes*.
- 74 — O meu amor é um tolo,
É meio *acidadão*;
Vem afeito ao molete,
Não me quer comer o pão 1.
- 75 — Chamaste-me Fala-só,
Ó que falsa opinião!
Estava falando contigo,
Falando ao meu coração...
- 76 — Rua abaixo, rua acima,
Tôda a gente me quer bem;
Só a mãe do meu amor,
Não sei que raiva me tem!
- 77 — Ó acipreste do adro,
Agasalho dos passarinhos:
Também foste agasalho
De me *roubar* dois beijinhos.
- 78 — Eu hei-de ir, eu hei-de vir
Pelas beirinhas do mar;
Hei-de pedir ao barqueiro
Ervinhas de namorar 2.
- 79 — Que lindo luar 'está hoje
Para colhêr a *marcela*!
Colhemo-la nós ambinhos,
Fazemos a cama nela.
- 80 — António, lindo António,
Lindo amor tenho eu;
Quem tem um amor António
Tem uma quinta de seu.
- 81 — Adeus, ó lugar daqui,
Neste lugar cantei...
Quem me dera adivinhar
Se namorada serei.
- 82 — Eu gosto muito de peras,
Sendo elas de amorim;
Eu gosto de amores Antónios
Mas muito mais de Joaquim.
- Gosto muito de peras,
Sendo elas cabaçais:
Gosto de Amores Antónios,
Manueles muito mais.
- 83 — Àquela janela,
Àquela do meio,
'está uma meina
Com todo o asseio.
- Àquela janela,
Àquela mais alta,
'está uma menina
Tocando flauta.
- 84 — No alto daquela serra,
Está um lenço a acenar;
Está dizendo:— Viva! Viva!
Morra quem não sabe amar!
- No alto daquela serra,
Está um lenço de mil côres;
Está dizendo:— Viva! Viva!
Morra quem não tem amores!
- 85 — Lindos olhos tem António,
Tem cabelos aos anéis;
Se quiseses casar comigo,
Manda correr os papéis.
- 86 — O meu amor não é aquele
Que o meu amor traz chapéu;
Meu amor é mais bonito,
Parece um anjo do céu.

1 Cfr. *Revista Lusitana*, vol. XVII, pág. 307, n.º 47.

2 Variante:

.....
.....
Heide-te fazer moer
Como o navio no mar.

87 — Não quero o amor pedreiro,
Que atira pedra p'ró ar;
Quero um amor *pichileiro*
Que anda sempre a *pichilar*.

Não quero amor pedreiro,
Que sempre pica na pedra;
Quero um amor alfaiate,
Trabalha na primavera.

88 — Salsa de ao pé do rio,
Dá-lhe o vento, cai-lhe a fôlha;
A salsa do rio é minha,
Se não houver quem na colha.

89 — Ó minha costureirinha,
Tens agulha, tens dedal;
Também tens a tesourinha
No bôlso do avental.

90 — Sou picada das bexigas,
Deus mas deu, nasci sem elas;
Não há coisa mais brilhante
Que o céu com suas estrélas.

91 — Quem quiser que a água corra
Dê um golpe na levada;
Quem quiser um amor firme
Cale-se, não diga nada.

92 — Meu coletinho de linho,
Feito por detrás das paredes;
Quem escuta de si ouve,
Acontece o mais das vezes.

Coração perto da bôca
Faz um peito que regala;
Em certas ocasiões,
Arrebenta, se não fala.

93 — Fui-me deitar a dormir
Ao pé da água que corre;
Uma voz me respondeu:
— Quem tem amores não dorme.

Quem tem amores não dorme,
Quem nos não tem adormece;
Eu não perdia meu sono
Por mil amores que tivesse.

94 — Amor, *fazemos* a paz,
Como foi da outra vez;
Quem quer bem sempre perdoa
Uma, duas, até três.

95 — No alto da capelinha
'stá uma silva nascida,
Para dar ao meu amor
Que anda de beíça caída.

96 — Meu amor *diz* que vinha
Diz que vinha e não *vê*;
Se não havia de vir,
Para que me prometeu?

97 — O meu amor amou,
Foi às amoras ao mato;
Vai-te embora meu amor,
Das amoras já vais farto.

98 — Se tu soubesses, ó bela,
Quanto eu soffro por ti,
Não fechavas a janela
Quando eu passo por aqui.

99 — Janela, que te fechaste,
Com meu respeito te abrisse;
Torna-te a fechar, janela,
Jura, amor, que me não viste.

100 — Bem-me-queres, mal-me-queres,
Eu tenho no meu jardim;
Os bem-me-queres acabaram-se,
Os mal-me-queres não têm fim.

101 — Meu amor, ontem à noite,
Pela vida me jurou
Que se ia botar ao mar,
Eu atrás dele não vou...

Meu amor me disse ontem
Que por êle não chorasse,
Que se ia deitar ao mar,
Que me não apaixonasse.

102 — Quando eu quis, não *quisestes*,
Tivestes opinião;
Agora queres, eu não quero,
Tenho minha presunção.

¹ Cfr. *Revista Lusitana*, vol. XVII, pág. 326, n.º 280.

- 103 — Passaste por mim, còraste
Como o pano na *imprensa* ;
Fala para quem quizeres,
Que eu dou-te tódá a licença.
- 104 — Suspirei, tu não ouviste,
Dei um ai, não deste fé;
Se o meu coração é teu,
O teu não sei de quem é.
- 105 — Toma lá que te dou eu
E será tua fortuna:
Uma mão cheia de nada,
Outra de cousa nenhuma.
- 106 — Gosto muito da padeira
Por andar enfarinhada;
Inda mais gosto do pão,
Que ela faz de madrugada ¹.
- 107 — Ó meu amor, meu amor,
Que é do lenço das pintinhas?
Com quem repartiste tu
A amizade que me tinhas?
- 108 — Pus-me a brincar c'uma rosa,
Piquei-me nos seus espinhos;
Quem me manda a mim ser tóia,
À rosa fazer carinhos?
- 109 — Hei-de *assubir* ao alto,
Que do alto vejo bem;
Quero ver o meu amor
Se *queda* com alguém.
- 110 — Aqui *donde* estou bem vejo
Olhinhos por quem me eu perco;
Se eles me fôsem liais,
Eu amava-os, era certo.
- 111 — O meu amor tem um cravo,
Eu nem uma rosa tenho;
Andavas p'ra me enganar,
Quando tu vais, eu já venho...
- 112 — São tretas por ti, ó Rosa,
Causadas por ti, ó Rita;
Por causa da tua treta
Tens-te feito menina bonita...
- 113 — Estas pobres raparigas,
Que se fiam em cantigas
E andam no mundo sós,
São por todos desprezadas,
Do mundo abandonadas,
Mas a mim não me faz dó.
- 114 — O amor do *home*
Não foi, nem é;
É como o sapato
A sair do pé.
- O amor do *home*
É de pouca dura;
É como a cereja
Depois de madura.
- 115 — O meu amor me enjeitou,
Eu agora sou da roda;
A culpa tive-a eu
Em tomar amores tam nova.
- 116 — Ó rosa maravilhosa,
Amargosa na raiz;
Tu dizes que me não queres,
Eu fui a que te não quis.
- 117 — *Deixastes-me* de amar a mim
Para amar a quem mais tem;
Eu por dinheiro não deixo
De amar a quem quero bem.
- 118 — Se algum dia era eu
No teu prato a melhor sopa,
Agora sou um veneno,
Resaurgar na tua bôca ².

¹ Cfr. *Revista Lusitana*, vol. XXI, pág. 73, n.º 125.

² Cfr. *Revista Lusitana*, vol. XVII, pág. 320, n.º 204.

- 119 — Achei-me *enfelis* no mundo,
Fui p'ró deserto chorar;
Uma voz ouvi dizer:
— É bem feito, torna a amar ...
- Pus-me a chorar saudades
Ao pé duma sepultura;
Uma voz me respondeu:
— Mal de amor não tem cura.
- 120 — Ó meu amor de algum dia,
Ou de alguma ocasião,
Espalha as tuas saudades
Que as minhas espalhadas 'stão.
- 121 — O meu amor, coitadinho,
A maleita que o leve!
Que me fez andar bem triste,
Sendo eu bastante alegre ...
- 122 — Meu amor me enjeitou,
Eu me dou por enjeitada;
Não se me dá que ele me chame
Viúva, sem ser casada.
- 123 — Pensavas em me deixares
Para mim que era desgosto ...
Enches-me até de vaidade
Serem todos do meu gosto ¹.
- 124 — Não choro por ti, ó Rosa,
Que o jardim mais rosas tem;
Eu choro por não encontrar
Quem te queira tanto bem.
- 125 — Minha maçã vermelhinha,
Picadinha da saraiva;
Se algum dia te quis bem,
Agora tenho-te raiva.
- 126 — No mar largo anda a guerra,
Que eu bem ouço dar os tiros;
Eu bem ouço combater
Os teus ais com meus suspiros.
- 127 — Deste-me um beijo, choraste,
Que me molhaste meu rosto;
Pega lá, já to não quero,
Que mo não deste com gosto.
- 128 — Meu amor, não vivas triste,
Nem morras apaixonado;
O lugar que tu procuras
Inda 'stá desocupado.
- 129 — Quem canta seu mal espanta,
Quem chora o seu mal aumenta;
Eu por ti tenho chorado
Lágrimas mais de sessenta.
- 130 — Passarinhos, meus irmãos,
Ouvide minha canção;
Vós tendes penas nas asas,
Eu tenho-as no coração.
- Passarinhos inocentes,
Que p'lo ar esvoaçais,
Suspendei os vossos vãos,
Vinde ouvir meus ternos ais.
- 131 — Dizeis que o chorar que tira
As penas do coração;
Eu tanto tenho chorado,
As minhas inda cá 'stão.
- 132 — Papagaio, pena verde,
Empresta-me o teu vestido;
O teu vestido são penas,
Em penas ando metido ².
- 133 — Tantos ais, tantos suspiros,
Que se dão pela calada;
Meu coração sente tudo,
Minha boca não diz nada.
- 134 — Água do rio vai turva,
Não fui eu que a turvei;
Agora por meus pecados,
Água turva beberei ³.
- 135 — Esta carta foi notada
Entre a hera e o serpão;
Foi escrita com lágrimas,
Um suspiro a fechou.
- 136 — Não chores, amor, não chores,
Não chores, amor, meu bem;
A morte da desgraçada
Não causa pena a ninguém.

¹ Cfr. *Revista Lusitana*, vol. XXI, pág. 81, n.º 244.

² Cfr. *Revista Lusitana*, vol. XXI, pág. 83, n.º 275.

³ Cfr. *Revista Lusitana*, vol. XVII, pág. 334, n.º 387.

- 137 — Não chores, ó desgraçado,
Que teu choro nada vale;
As lágrimas que tu choras
Não dão remédio a teu mal.
- 138 — Nasci p'ra ser desgraçada,
Triste foi a minha sorte;
Nasci p'ra ser desgraçada,
Antes Deus me desse a morte.
- 139 — Já lá vai o sol abaixo,
Já lá vai a luz do dia;
Já lá vai o meu amor,
Já lá vai minha alegria ¹.
- 140 — As ondas do mar são brancas,
No centro são amarelas;
Coitadinho do António,
Que se viu no meio delas!
- 141 — Como te vai, casadinha,
Ao outro dia da boda?
— Solteirinha quem me dera,
Casada nunca eu fôra!...
- 142 — Rapariga, não te cases,
Goza-te da boa vida;
Eu já vi uma casada
A chorar de arrependida.
- 143 — Se quereis casar comigo,
Meu dote são trinta réis;
P'ra quem não souber de contas,
É um vintém com *dé-réis*.
- 144 — Para domingo que vem
Vão-se ler os meus pregões;
Agora estou resolvida,
Leve o diabo paixões.
- 145 — Minha mãe p'ra me casar,
Prometeu-me quanto tinha;
Quando me viu casada:
— Filha, vai pela sombrinha ².
- 146 — Quando eu era *pequeninha*,
Inda não engatinhava,
Tinha olhos e não via,
Tinha boca e não falava.
- 147 — Minha mãe mandou-me à fonte,
Eu quebrei a cantarinha;
Ó minha mãe, não me bata,
Que eu inda sou *pequeninha*.
- 148 — Três dias antes que eu morra,
Hei-de ir passear ao adro;
Quero ver a sepultura,
Donde hei-de ser enterrado.
- 149 — Já morreu a *Delaidinha*,
Já lá vai p'ra se enterrar;
A quem deixaria ela
Seu estôjo de bordar?
- Seu estôjo de bordar,
Deixou-o a uma minha mana,
Que lhe rezasse por alma
Uma vez cada semana.
- 150 — Já morri, já me enterrei
Debaixo de dois torrões;
Já tornei a *recitar*
Co'as tuas orações.
- Já morri, já me enterrei
Debaixo das pedras frias;
Já tornei a *rocitar* ³
Co'as tuas Avé-Marias.
- 151 — Rapazes, quando eu morrer,
Enterrai-me na capela;
E botai-me por água benta
Lágrimas duma donzela.
- 152 — Meu amor, não morras hoje,
Morre antes segunda-feira,
Que eu quero andar de luto
Uma semana inteira.
- 153 — Falais de mim, falais doutras,
Tendes sempre que dizer;
Assim vós *tenhas* a língua
Como tinta de escrever.
- 154 — Esta noite choveu oiro,
Diamantes orvalhou;
Veio o sol com seus raios
Enxugar quem se molhou.

¹ Cfr. *Revista Lusitana*, vol. XVII, pág. 332, n.º 374.

² Cfr. *Revista Lusitana*, vol. XVII, pág. 333, n.º 376 e 377.

³ Ouvi as duas quadras a pessoas diferentes. Dai as formas: *recitar* e *rocitar*.

- 155 — Esta noite *choveu* papas,
Trabalharam as colheres;
Quem quiser usar de manha
É falar com as mulheres.
- 156 — Tu pensas que és mais do que eu
Por andar mais asseada;
O meu pai não é tam rico
Que me traga afidalgada.
- Tu pensas que és mais do que eu
Por andar mais asseada;
Vai levar a roupa ao dono,
Não na tragas emprestada.
- Se a trago emprestada,
Não é com o teu dinheiro;
Tenho meu pai no Brasil,
Sou filha dum *brasileiro*.
- 157 — Se a Espanha fôsse minha
Como é dos conspiradores,
Mandava-lhe pôr no meio
Uma coroa com flores.
- 158 — Ó Senhora da Assunção,
Ó Senhora de Valinhas,
Dai fôrças ao Paiva Couceiro
P'ra que venha a monarquia.
- 159 — Se não fôsse o meu marido
(Ele de mim gosta mais),
Eu já lhe teria fugido
P'ró Doutor Sidónio Pais.
- 160 — Se não fôsse o meu marido
Gostar de mim como gosta,
Eu já lhe tinha fugido
P'ró Doutor Afonso Costa.
- 161 — A Senhora Dona Amélia,
É uma grande caloteira;
Mandou fazer um vestido,
Não pagou à costureira.
- Pagou, pagou, pagou,
Agora, agora, agora;
Pagou há um bocadinho,
Inda não há meia hora.
- 162 — Acabaram-se as laranjas,
Agora vêm os limões;
O meu amor foi p'rá guerra
Combater os *alimões*.
- 163 — O carvalho que é *landreiro*
Dá quatro castas de *fruito*:
Bogalhas e bogalhinhos,
Landras e *mações* de cuco.
- 164 — Olha o velho, olha o velho,
Olha o velho, digo, *digo*;
Deixa a porta mal fechada,
Deixa-me ir dormir contigo.
- Olha o velho, olha o velho,
Olha o velho asseado;
Hei-de-te *prantar* um corno,
Muito bem revoltado.
- O meu velho diz que tem ...
Pois ele que há-de ter?
Põe-se a coçar na cabeça,
Acha cornos a nascer.
- Fui dar com o velho morto
Autre as pedras do lagar;
Atirei-lhe c'um fueiro
Olha o velho a chorar!
- O meu velho era grôssio,
Eu mandei-o cavacar;
O primeiro cavaquinho
Deu-me lenha p'ró jantar.
- 165 — Devagar, devagarinho,
É bem tolo quem se mata;
Uma noite dá um dia,
Não há coisa mais barata.
- 166 — *Aque-de-rei*, peixe frito,
Acode-me aqui, pão branco;
Comê-lo quem quer o come,
Pagá-lo, custa-me tanto!
- 167 — Você diz que me há-de dar
C'um pau da sua ramada;
Esse tempo acabou
Que eu era sua criada ...
- 168 — O meu pai é cantador
Minha mãe é cantadeira;
Eu sou filha deles ambos,
Sigo a mesma carreira.
- 169 — Se eu soubesse cantar bem,
Como sei estudar cantigas,
Fazia espantar os anjos
Q'anto mais as raparigas.

- | | |
|--|--|
| 170 — Ó minha caninha verde,
Castanhas do assador;
Quem nas quiser bem assadas,
Ande-lhes ao redor. | 175 — Minha mãe mandou-me à erva
Ao lameiro da água doce,
Ó minha mãe, eu feri-me,
Quem me mandou melhor fôsse. |
| 171 — Pus-me a contar e contei
As pedras duma coluna:
Nove e oito, sete e seis,
Cinco e quatro, três, dois, uma 1. | 176 — A viola quer que eu cante,
A prima quer que eu padeça;
O tocador da viola
Quer que eu por êle endoudeça. |
| 172 — Eu hei-de ir, eu hei-de vir,
Falas te não hei-de dar;
Hei-de-te fazer moer
Como o navio no mar ² . | 177 — Deixa-te estar
Sempre, sempre aqui;
Deixa-te estar,
Amor, ao pé de mim ³ . |
| 173 — Ó minha caninha verde,
Verde cana no botão;
Eu p'ra mim quero quem tenha
Bom génio e bom coração. | 178 — Chora, ó videira,
Chora, ó videirinha;
Chora, ó videira,
Chora, ó prima minha. |
| 174 — Ó minha caninha verde,
Ó verde cana lô-lô;
Eu sou filha da poeira,
Onde chego faço pó. | 179 — Desafio, desafio,
Desafio à navalha;
Nunca desafiei
Com semelhante canalha. |

*

Algumas canções desta colecção aparecem já nos metis trabalhos anteriores com pequenas variantes.

O povo aplica a diferentes terras as mesmas quadras, substituindo apenas uma ou outra palavra. E, nas cantigas das romarias, repetem-se muitas vezes as palavras, mudando-se apenas o nome do Santo. Mas tive o maior cuidado em evitar as repetições, e parece-me que poucas passariam.

Finalizarei, como disse, êste trabalho com um vocabulário que sairá noutro volume da *Revista Lusitana*.

Pôrto, 22 de Fevereiro de 1919.

AUGUSTO C. PIRES DE LIMA.

¹ Cfr. *Revista Lusitana*, vol. XXI, pág. 87, n.º 344.

² Cfr. a canção n.º 78.

³ Estribilho de uma canção.

Estudos Camonianos*

(Vide *Revista Lusitana*, volume XX, paginas 81 a 106)

III

«É mortificante o trabalho de imprimir com perfeição livros latinos, e ainda mais o de imprimir livros gregos, mas superior a isto está o desgosto de ver tão mal empregada tanta solicitude, neste tempo em que mais se cuida das armas, do que se presta atenção às letras.

No «Prologo» de Aldo Manucio ao
Thesaurus Cornucopiae --1497.

As Duas Portadas dos Lusiadas de 1572

Instituida no reino de Lião, em 1170, a Ordem Militar de *S. Thiago da Espada*, já em 1172 entravam em Portugal os freires cavaleiros dela ¹. D. Afonso Henriques, em reconhecimento dos serviços por êles prestados, lhes deu algumas terras do seu pequeno recém-constituído reino, tais como Arruda, Almada e Alcacer. Sancho, filho e sucessor do primeiro monarca português, os favoreceu igualmente, doando-lhes os castelos daquelas terras e mais o de Palmela ².

Foi-se assim a Ordem engrandecendo fora do seu país de origem, por efeito dos assinalados serviços de seus freires, no combater e ajudar a expulsar os infieis desta parte da península, e das mercês com que os sucessores dos dois primeiros reis, a exemplo dêstes, lhe foram galardoando tais feitos. Veio D. Dinis, e intentou, e conseguiu por fim, tornar independentes, ainda que

* Por motivos ponderosos, só agora podemos proseguir nestes Estudos, esperando que o benigno leitor nos perdoará a involuntaria demora.

¹ Segundo é corrente, a primeira casa dos Spatarios foi em Cáceres; a segunda em Uclés, em Castela. Brandão, porém, *Monarqu. Lusit.*, L. XI, cap. 25.^o, diversifica de local, escrevendo: «O primeiro lugar em que (a Ordem) fez seu assento foy o Mosteiro de S.^{to} Eloy, de conegos regrantes de Santo Agostinho, em Galliza». Figanière, in *Panorama*, IV, 52-53, seguiu opinião igual.

² Por conveniencia de paginação, passámos o texto desta Nota para o final do presente artigo.

não sem longas e apropriadas contestações e repetidos protestos, os cavaleiros de Portugal do Grão-Mestre de Castela.

O Papa Eugenio IV (1431-1446), confirmando completamente, ao cabo de séculos, a alcançada isenção, e mandando impor perpétuo silencio ás reclamações da Ordem-Mãe, determinou e fixou, por fim, a inteira, e já agora para sempre indiscutida independência da Ordem portuguesa.

la-se então já em pleno seculo xv. Se o objecto dêstes modestos estudos não estivesse de sua natureza circunscrito à simples exposição de um determinado problema bibliografico, e sua definitiva solução, caberia, talvez, comentar neste ponto a singularidade com que a marcha dos negocios do mundo concedia às Ordens de Cavallaria portuguesas um verdadeiro rejuvenescimento, justamente quando, de todo exaustos os motivos que lhes haviam distribuido tão singular, valedor e brilhante papel na constituição politica da península hispanica, se poderia razoavelmente dar por concluída a sua missão, e com ela a sucessiva extinção de cada um dêsses enormes *morgados* que se chamavam em Portugal *Ordens de Cristo, de Aviz* e de *Sant'Iago* ¹.

Com efeito, dora á vante, as Ordens de Cavallaria, regorgitando de novos adeptos, cada vez mais procuradas, vão viver vida opulenta e folgada, sem emprêgo algum aproveitavel para os progressos do país, de todo extinto dêsde muito o objectivo unico da sua originaria agremiação ². Tão prestaveis em tempos em que estas corporações eram, pela rigorosa disciplina que as dirigio, um auxiliar poderosissimo, em meio de exercitos formados por elementos demasiado heterogeneos, para poderem contar com as vantagens que só a disciplina dá, as Ordens de Cavallaria, recusando-se formalmente, reinando Afonso v, a estabelecer-se em Ceuta, de onde poderiam continuar a prestar eficaz serviço contra os infieis, e a justificar assim de algum modo a

¹ «*A Regra e Definições da Ordem do Mestrado de Nosso Senhor Jesus Christo*», escritas em Tomar, a 8 de Dezembro de 1503, não declaram a. nem. l. de impr., mas quanto ao ano, parece ser o de 1504. Valentim Fernandes foi o impressor. A «*Regra e Statutos da Horden davis*» foram impressos em Almeirim por Armão de Campos, que os acabou a 13 de Abril de 1516. Adiante damos a nota da 1.ª ed. da *Regra de Sant'Iago*.

² Todas as corporações desta indole baseavam o seu existir nos votos de pobreza a que seus membros, individualmente, se sujeitavam. A conhecida ânsia com que por toda a parte as comendas eram requestadas ditou ao muito cordato Padre Fleury o seguinte comento: «*car c'est un étrange renversement de faire un vœu de pauvreté comme un moyen d'acquérir un jour des richesses.*»

sua interesseira existência, iam provar nesta segunda parte da sua remoçada e não menos escusada vida, não já a inutilidade, mas os graves inconvenientes economicos e politicos da sua conservação ¹.

Foi assim que, reinando já o «Venturoso» D. Manuel, em vez da morte, a que poderiam parecer votadas, as três Ordens Militares, Cristo, Aviz e Sant'Iago, entravam em vida nova, pela aprovação solene de redemolados *Estatutos* e respectivos *Definitorios*, de que poucos conhecerão os primitivos originaes ².

É da Historia a afeição que D. João II consagrou a seu filho natural, legitimado, D. Jorge de Lencastre. Quanto quis, lhe deu, menos o trono, porque não poudé.

Deu-lhe o Senhorio de Monte-Mor-o-Velho e o de Torres Novas, fê-lo Senhor das Behetrias, a que a morte do agraciado assinou a extinção; deu-lhe o Ducado de Coimbra, enfim ³. A todas estas dadivas se anteciparam, porém, a do Mestrado da Ordem de Sant'Iago, na qual este bastardo fôra por seu pai investido precedendo capitulo, que se celebrou em Santarem, em Abril de 1491; isto é, tendo D. Jorge apenas 12 anos de idade ⁴, e a do Mestrado da Ordem de Aviz, em circumstancias de precocidade identicas.

Mantendo pois D. João II a errada orientação que prestava às anacronicas Ordens de Cavalaria a vida que já não mereciam, de proposito para que seu filho natural tivesse uma situação de

¹ Cfr. pags. 368 a 387 do Tom. I da *Hist. da Adm. Publ. em Portugal*, do sr. Gama Barros, cuja narrativa temos seguido, reduzindo-a, todavia, ao nosso particular ponto de vista.

² Impressos nos *Enucleat. Ord. Mil.*, pags. 456 a 471 e 662 a 669, ind. pelo Sr. Gama Barros, loc. cit., nota 5 de pag. 372.

³ Todos estes titulos se attribue o Reformador da Ordem de Sant'Iago, ao principiar o «Prologo» dos novos *Estatutos* dela. Pelo que toca às *Behetrias*, o que fossem não é nosso proposito explica-lo aqui, mas no Tom. I das *Memorias de Litter. da Acad. R. das Sciencias* publicou José Anastasio de Figueiredo um trabalho, em que versa este assunto erudita e copiosamente. Convirá lembrar tambem que Santa Rosa de Viterbo já dera, em seu *Elucidario*, resumida noticia do que haviam sido as *Behetrias* em toda a Península;—aglomerações de povoados que podiam escolher Senhor, sempre que o quizessem. Este mesmo autor nos diz ainda, verbo «*Benefactoria*», mas sem esclarecer os motivos, que as *Behetrias* acabaram entre nós pelos fins do Seculo XVI. O desbarato começou, como dissémos, após o falecimento do filho natural de D. João II, ultimo personagem que poudé incluir entre seus titulos este de que se trata, como extensamente explica o autor supracitado.

Sendo o facto politico vigente em Portugal e Espanha, e neste pais com mais amplas consequencias ainda, encontra-se o vocabulo que o designa em ambos Lexicos, com significado igual. Veja-se Moraes, 1831 e o D. R. A. Españ. 1889.

⁴ Desta Ordem veio o Duque de Coimbra a ser o XVI Grão-Mestre, na serie dos que alcançaram tal dignidade, depois da separação de Castela.

vulto em meio da côrte, fortemente amparada pelos respectivos rendimentos, indo este nos seus vinte e oito anos, reunio Capitulo em Palmela (Outubro de 1508), afim de continuar a obra de rejuvenescência que o Mestrado de Cristo principiara cinco anos antes.

Havia Alexandre III confirmado, em 1172, a Ordem de *Sant'Iago*, e lhe formulara os *Estatutos* o Cardeal Alberto, posteriormente Papa Gregorio VIII. Tornado independente da Ordem castelhana o núcleo português, é bem natural que, em meio das perturbações em que viveu até os dias do reinado Manuelino, se não provêsse com qualquer copia dos *Estatutos* de 1172. Alcançou, por isso, D. Jorge de Lencastre da curia Pontificia um exemplar devidamente autenticado, e por ele se ordenou a primeira **Regra** que a Ordem teve em Portugal, e se redigiram igualmente os *Definitorios* competentes. São semelhantes por menores colhidos no Proemio da ed. da **Regra** de 1694, na qual — não fique por notar — se lamenta «o muito que se vão descuidando nas obrigações do seu estado e profissões os Religiosos cavaleiros desta tão illustre como antiga Ordem». Já vimos que tal descuido vinha lançando raizes desde o seculo anterior, e no proprio «Prologo» dos «*Statutos*» de 1508 implicitamente o confessou o Mestre de «Santiago e de Aviz», escrevendo:

«Comsirado bo officio e carreguo que temos desta Santa ordem religião e caualaria do apostolo Santiagou honrra e luz de espanha e que nos sera de nossas mãos requerido juyzo: se o bem non fizermos desejando de sermos escripto no numero dos boos prelados: que may busearam as cousas de nosso Senhor: que as suas proprias. Querendo prouer o que se devia fazer para reformaçam e regular obseruancia da dicta relligiam: porquamto atee nossos tēpos as pessoas da dicta ordem *tam perfeylamente nom sabiam as obrigações que tynham per a regra e estabelecimētos della. Nem isso mesmo sabiam em que cousas eram despensados pella see apostolica:* nem as graças que tinham a sopricaçam nossa e dalgũs nossos antecessores cōcedidas *sendo tudo isto muy espalhado per diuersas partes* querēdo sobre estas e todas as cousas do dicto mestrado prouer, &... per autoridade apostolica que pera isto tinhamos fizemos de nouo outros estatutos que nos pareceram necessarios, limitando e modificando algũs antigos...»

Logo no ano seguinte, a 13 de Dezembro de 1509, saíram a lume estes *Estatutos*, impressos em Setúbal por Hermann de Kempis, alemão, nome que nossos antepassados aportunaram,

chamando ao diligente impressor Armão de Campos ¹, aceitando êle proprio a *tradução*.

Seguiram-se a esta 1.^a ed. mais três, impressas todas em 1540, 1542 e 1548, respectivamente, nas oficinas de Germão Galharde. Ainda no século seguinte saio mais outra ed., a 5.^a, a que já aludimos, tirada em 1694 por Miguel Manescal ².

Exceptuando o exemplar de 1540, examinamos na Sala dos *Reservados* da Biblioteca Nacional todos os do século xvi, e na sala da leitura comum, o de 1694. Inocencio, a respeito do exceptuado, escreve que tal exemplar, que foi de D. Francisco de Melo Manoel, «deve existir naquêle estabelecimento». A verdade, porém, é que êle se não encontra aí, junto aos restantes, e já ha anos.

Do nosso exame resultou o seguinte, em resumo:

Exemplares:

1509 — A-146 — Pagina frontispicial sem especie nenhuma de gravura: «*Regra: Statutos e Diffinições: | da Ordem de: | Santiago.*» — Belos caracteres góticos, fol. *idem*.

Vinheta colorida no começo do «Prologo», representando S. Tiago derubando um mouro.

No verso da 2.^a folha dêste «Prologo», gravura colorida, das dimensões da pagina, em madeira, representando igualmente o mesmo Santo, em fadiga identica.

No verso da pag. xcv, duas outras, com as gravuras coloridas (vermelho e amarelo) das bandeiras da Ordem.

Na pag. cviii, o selo da Ordem, em forma de escudo ponteagudo. Na tarja circundante: «*Sigillum: Ordinis: Et. Milicie: Sancti: Jacobi: Despata.*» — Ao centro, a **Espada**, em cruz, colorida de vermelho: o *Sol* e a *Lua* côr de rosa, com toques de amarelo, no alto, a um e outro lado do punho, e entre

¹ Hermann de Kempis, ou Hermão de Campos, imprimio tambem, de sociedade com o celebre Valentim de Moravia, seu compatriota, a 1.^a ed. do *Compromisso da Mizericórdia de Lisboa* (1516). — V. *Deslandes, Doc. para a Hist. da Tipogr. Portug.* — 1888 — Pag. 1, *Sum.* e nota 5 de pag. 9. E assim se confirma, quanto à data, o que, a testemunho de Inocencio (II, 95) escreveu Gouvêa Pinto, em seu *Exame critico sobre os engeitados*. Armão de Campos imprimio tambem a 1.^a ed. do *Regimento e Ordenações da Fazenda*, daquêle mesmo ano de 1516.

² Fala-nos D. Antonio Caetano de Sousa, em sua *Historia Genealogica*, T. XI, pag. 15 e seg., em *Definitorios* impressos em 1614, resultantes de convocação capitular, feita pelo Mestre D. Jorge em Outubro de 1532 (?).

Inocencio não dá noticia dêles, mas parece extraordinario que entre a data da convocação e a da impressão dêstes *Definitorios* medeiem 82 anos (!), sendo certo que as impressões da *Regra* se fizeram com relativa celeridade, cotejada a data de seu respectivo acabamento com a dos capitulos em que foram aprovados.

este e a guarda¹, uma concha em branco, assente no eixo da cruz. No fim, o *colophon* do impressor, e tudo mais tal qual se lê em Inocencio, (VII, 61).

1540—A-148—Não tendo logrado, como já dissémos, ver esta edição, reportamo-nos à noticia de Inocencio, o qual segundo se sabe, transcreveu a declaração que se lê no final da **Regra**, de ter sido esta «*vista e emêdada pelo bacharel Pero Machado...*», sendo acabada de imprimir a 24 de Setembro do predito ano de 1540.

1542—A-149—Frontispicio: Tarja paralelogramica, *in* 4.^o, ornata de flores e frutos, e povoada por um rampante e alguns alados. No lado inferior, ao centro, coroa heraldica, atravessada em vertical por duas palmas, e entre elas, a maiuscula *L*. Bom desenho, e bem gravado, para o tempo.—Ao centro da pagina: «*Regra e Statutos da Ordem de Santiago.*» A seguir, as armas do Mestre D. Jorge, entre duas lanças verticalmente cravadas, ligando-se pêlos contos, na parte superior da gravura, por uma banda formando tarja, ornada de conchas, dispostas com simetria. As armas eram, como é sabido, as do Reino, com a cotica de bastardia. Sôbre o escudo, o elmo, fechado; sobreposto, o coronel respectivo. Timbre:—um pelicano oferecendo o peito a três crias.—Muito correto desenho, e sofrivel gravado.

Após o «Prologo do Mestre», estampa:—S. Tiago, levando os mouros de vencida. Na mão esquerda, a bandeira, na direita, um latego de três caudas. Por cima, a diviza: «*Adiuna nos deus et beate Jacobe.*». Na parte inferior: «*Assi appareceo ho bẽauêturado apostolo Santiago patrão Despanha a elrey Ramiro.*».—Desenho e gravura pouco satisfatórios.

No final, o sêlo da Ordem, em escudo retangulo-circular. Em frente, o sêlo do Capitulo, circular, em preto, e os modelos das bandeiras a tinta igualmente preta, estampados no verso da folha xxxvi.

Segue-se a ed. de:

1548—A 152, cujo frontispicio e sua descrição hão de formar o objecto do seguinte estudo.

Após o aludido frontispicio vem a mesma gravura das Armas do Mestre D. Jorge; a seguir, o «Prologo» e a mesma estampa de S. Tiago perseguindo os mouros.—Sêlo e modelos de bandeiras, *ut supra*.

¹ Conforme explica Martigny, em seu *Diccion. des Antiq. Chrét.*, verb. *Soleil (Le) et la Lune*, êstes dois astros eram, segundo autorizados antiquarios, empregados na remota antiguidade como duas alegorias, nas quais se prefigurava a *vida humana*.

O simbolismo cristão, alterando-lhes o destino, empregou a representação do *Sol* e da *Lua* nos monumentos decorativos funerarios, para exprimir a *esperança na vida eterna*.

É notavel, pois, a inclusão dos dois astros entre os elementos graficos decorativos dêstes *Estatutos*, implicando tal facto, ao que parece, a resolução de trazer para os dominios da imprensa, generalizando-lhes a publicidade, elementos de linguagem arcana, que antes tinham seu lugar limitado a determinados motivos de emprêgo ornamental tumular, e, por conseguinte, mais recatado.

É o seguinte o remate do impressor, e esta a sua disposição, em caracteres góticos, como toda a obra. Não se notam as « Emendas ».

« Foy impressa esta copilaçam per

Germão Galharde frances.

Na muy nobre e sempre

leal cidade de Lix-

boa aos quinze

dias do mes

de Ju

nho

de M. D. xlviiij.

1694—Esta edição nada tem de notavel. Examinamo-la só para verificar se por acaso nela se conteria qualquer disposição relativa à novidade do lema ou divisa que acompaña a pintura a fresco do *Pelicano* sôb o coro da igrêja do castelo de Palmela, a que adiante nos referiremos, e de que tomamos nota em nossa visita de Maio de 1890. Nada encontramos.

Duas particularidades interessantes — a segunda, principalmente — para o problema bibliografico de que nos estâmos occupando, se desumem do precedente exame:

1.º Que o exemplar da 3.ª ed. da **Regra** (1548) correspondendo ao n.º A — 152 — o mesmo de que, sôb o n.º 1526, Fignière incluiu a noticia, referindo-se ao da ed. de 1540 em sua **Bibliografia Historica Portuguesa**, publicada em Lisboa em 1850, não é mais de que a reedição da mesma **Regra**, dada a lume em 1542, com tarja frontispicial, que não parece ter sido executada para ela, mas provavelmente para alguma obra e edição que não chegaram a nossos dias, a não ser que tal tarja fosse, com efeito, aberta de proposito para esta edição da **Regra**: facto de que a letra L (Lencastre?) seja o indirecto testemunho. De todo modo, as edições de 1542 e 1548 não são mais do que meras reproduções, a julgar pelas referências, da edição de 1540, que, segundo se notou, fôra revista pelo Dr. Pedro Machado, e oficialmente aprovada.

2.º Que, não tendo a opulenta Ordem necessidade de empregar frontispícios que não fossem seus proprios, e menos que nêles apparecessem siglas ou letras indicativas de extranha intervenção, como, em certo modo, se poderia supor do que vinha de ser por Germão Galharde applicado à edição de 1542, tratou o Conselho da Ordem de fazer debuxar um frontispicio, em que o seu emblêma, *oficial*, digamos, — a **Espada-Cruz** — apparecêsse na maior e mais honrada evidencia, acompanhado de outros accessorios nada *fantasiados*, de que em especial adiante nos occupa-

remos, entre os quais, o *Pelicano*, com a dupla intenção *heraldica e simbolica*.

— ¿Que se passou, porém, a tal respeito, desde o falecimento do Mestre D. Jorge de Lencastre até 9 de Agosto de 1554, entre o impressor, Germão Galharde, e o Tribunal da Mesa da Consciencia e Ordens, para cuja jurisdição, a partir de 1551, passaram os assuntos relativos às três Ordens Militares? ¹

— ¿Resolveria este Tribunal não repetir mais edições da **Regra**, e ceder a propriedade da gravura frontispicial de 1548 ao impressor, com a condição, porém, deste fazer desaparecer dela o distintivo da Ordem?

Se assim foi, ou se a gravura, por contracto com o antigo Conselho da Ordem, fôra sempre propriedade de Germão Galharde, certo é que elle tinha, no decurso de 1554, a necessaria faculdade de a aplicar onde melhor lhe conviesse, contanto que nela não figurasse o emblema da Ordem.

Ora, foi o que o activo impressor fez, dando a lume, a 9 de Agosto daquêllo anno o *Tratado* de Fr. Diogo de Estella, acobertado pelo frontispicio da **Regra de Sant'Iago** de 1548, integro em todo o seu desenho, e apenas com a ablação do emblema da Ordem do lugar onde figurara.

Onde fôsse, é o que vamos ver.

Fevereiro, 1920.

GOMES DE BRITO.

¹ Falecido o Duque de Coimbra, D. Jorge, em 22 de Julho de 1550, diz-se, encorporou Adriano VI na Coroa, e no anno seguinte, o Mestrado das Três Ordens Militares. D. João III foi, pois, o primeiro «perpetuo administrador» delas. «O Tribunal da Mesa da Consciencia» foi instituido por este mesmo monarca, em 1532, «com o fim especial de expedir os muitos e difficeis negocios que tocavam à obrigação da consciencia do instituidor». É provavel que só depois de serem cometidos à Mesa da Consciencia os negocios das Ordens Militares, se acrescentasse ao primitivo titulo do Tribunal o indicativo «e Ordens».

Texto da nota 2, de pags. 91 do artigo precedente

Por a proposito, não será descabido lembrar que a porta actual do Castelo de Palmela está sobreposta sobre a antiga, conhecendo-se perfeitamente a superposição entre uma e outra das duas construções.

Sobre esta porta, que pertence ao sistema de reconstruções de que o venerando monumento foi victima no ultimo quartel do seculo XVII, acha-se uma enorme lapide, e nela gravada em caracteres onciaes a seguinte inscrição, por nós copiada com algum trabalho em Maio de 1890.

«REINANDO EL-REI D. PEDRO II. MANDOU FAZER
ESTA FORTIFICAÇÃO. O DUQUE DE CADAVAL. MESTRE
DE CAMPO GENERAL. JUNTO Á PESSOA DE S. MAGES-
TADE. MANDANDO AS ARMAS. DAS PRASSAS (*sic*) DE
SETUBAL E CASCAES. E SENDO CAPITÃO GENERAL DA
CAVALLARIA DA CÔRTE E PROVINCIA DA EXTREMA-
DURA, E DOS CONSELHOS D'ESTADO E GUERRA DE
S. MAGESTADE E DO DESPACHO DAS MERCÊS E EXPE-
NIENTE. PRESIDENTE DO TRIBUNAL DO TABACO.
MORDOMO MOR DA R.^a D. MARIA SOFIA. EM 1689.»

Até o Tribunal do Tabaco se encosta ás seculares muralhas deste castelo, tantas vezes historico!

G. DE B.

Contos populares de Évora

(Vid. *Revista Lusitana*, XX — 107)

XXVI — Maria Sabida

Era um homem que andava pelas feiras e tinha três filhas e a mais moça chamava-se Maria Sabida; e cada uma tinha um craveiro de majaricos e o pai quando ia para fora para o seu negócio recomendava sempre às filhas que tratassem dos craveiros; e quando voltava, as filhas mostravam-lhe os craveiros sempre muito bem tratados.

E uma vez e o pai foi para uma feira e as filhas ficaram em casa sózinhas; e acabaram de jantar e não tinham fruta e a janela da casa de jantar dava para os jardins do rei e havia um laranjal com muitas laranjas. E diz a mais velha:

— Ora, nós sem fruta e ali no jardim do rei tanta laranja!

E arranjaram uma escada de corda e a mais velha desceu e foi apanhar umas laranjas. E quando tinha apanhado as laranjas e ia para se vir embora e aparece-lhe o rei:

— Olá, a menina por aqui é novidade.

— Ora, rial Senhor, não tinhamos fruta para o jantar e vi aqui tam boas laranjas e lembrei-me de vir apanhar alguma.

— Está muito bem, mas agora há de vir ver o meu jardim. E ela não queria mas o rei tanto, tanto e ela foi ver o jardim.

E depois o rei disse-lhe:

— Já que veio ao meu jardim, há-de ir ver o meu palácio.

E ela não queria, mas o rei tanto ateimou que ela foi ver o palácio.

E ao depois veio para casa e pôs-se muito triste e não fez mais caso do craveiro.

E o pai quando veio e perguntou pelos craveiros e as outras irmãs foram-nos buscar, mas o da mais velha já estava sêco. E a Maria Sabida para o pai se não zangar foi buscar outra vez o craveiro dela e deu-o á irmã para o mostrar ao pai.

E passados tempos e o pai tornou a sair para outra feira e as filhas ficaram, na mesma, em casa, sózinhas; e acabaram de jantar e não tinham fruta. E diz a do meio:

— Ora, nós sem fruta e ali no jardim do rei tanta laranja!

E a do meio desceu e foi apanhar umas laranjas.

E quando tinha apanhado as laranjas e ia para se vir embora e aparece-lhe o rei:

—Olá, a menina por aqui é novidade.

—Ora, rial Senhor, não tínhamos fruta para o jantar e vi aqui tam boas laranjas e lembrei-me de vir apanhar algumas.

—Está muito bem, mas agora há-de vir ver o meu jardim.

E ela não queria mas o rei tanto, tanto e ela foi ver o jardim.

E depois o rei disse-lhe:

—Já que veio ao meu jardim há-de ir ver o meu palácio.

E ela também não queria, mas o rei tanto ateimou que ela foi ver o palácio. E ao depois veio para casa e pôs-se muito triste e não fêz mais caso do craveiro.

E o pai quando veio e perguntou pelos craveiros e a Maria Sabida foi buscar o dela e mostrou-o três vezes ao pai e o pai ficou muito contente.

E passados tempos e o pai tornou a sair para outra feira e as filhas tornaram a ficar sózinhas; e acabaram de jantar e não tinham fruta. E diz a Maria Sabida:

—Hoje, hei-de ser eu que hei-de ir às laranjas.

E deitou a escada de corda e foi-se pôr a apanhar laranjas. E nisto aparece o rei:

—Olá, sua Maria Sabida, por aqui é novidade!

—Ora, rial Senhor, não tínhamos fruta e lembrei-me de vir aqui apanhar umas laranjas.

—Está muito bem, mas agora há-de vir ver o meu jardim.

E foram ver o jardim. E quando andavam a ver o jardim e diz-lhe ela:

—Ai, rial Senhor, deu-me agora uma grande vontade e se V. Majestade me dá licença eu vou urinar atrás daquela árvore.

—¿E se tu me fojes?

—Se V. Majestade tem mêdo que eu fuja, prenda-me com um cordel.

E atou um cordel a uma perna e deu a ponta ao rei.

E o rei pôs-se à espera com o cordel na mão e de vez em quando puxava e sentia preso.

E tanto esperou que começou a desconfiar e foi a ver e a Maria Sabida tinha fojido e o cordel estava prêso a um tronco.

E no dia seguinte a Maria Sabida torna a vir apanhar laranjas; e o rei apareceu logo:

—Olá, sua Maria Sabida, por aqui é novidade!

—É verdade, rial Senhor, não tínhamos laranjas e lembrei-me de vir aqui buscá-las.

—Está muito bem, mas ontem foi e hoje há-de vir ver o resto do meu jardim.

E foram ver o jardim, e andaram a ver tudo e ela também quis ver a nora; e elle abriu a casa da nora e quando elle entrou e vai ela e puxa-lhe a porta e deixou-o fechado à chave e abalou a fojir.

E cá o rei ficou fechado até que o jardineiro lhe veio abrir a porta.

E no dia seguinte a Maria Sabida torna a vir apanhar laranjas; e o rei appareceu logo:

—Olá, sua Maria Sabida, por aqui é novidade!

—É verdade, rial Senhor, vim aqui apanhar umas laranjas.

—Está muito bem, mas ontem foi e hoje há-de vir o resto do meu jardim.

E foram ver o jardim; e andaram a ver tudo e ela também quis ver o lago; e quando o apanhou descuidado e pregou-lhe um encontrão e pregou com elle dentro do lago e abalou a fojir.

E o rei teve que ir para a cama e ficou tam doente que teve de ser pôsto em lençois de vinho.

E cá as irmãs da Maria Sabida e despacharam-se e cada uma teve um menino; e a Maria Sabida arranhou uma condessa, meteu uma chucha na boca das crianças, pôs a condessa à cabeça com os meninos dentro e foi-se pôr a apregoar debaixo das janelas do rei:

—Quem compra raminhos de flores

Para el-rei que está doente, mal d'amores?

E as criadas do palácio ouviram aquilo e foram dizer ao rei e o rei quis ver as flores. E chamaram a rapariga e ela pôs a condessa no chão e diz:

—Ai, que lá me esqueceram as chaves! E abalou.

E os meninos quando se lhes acabou a chucha entraram a chorar; e as criadas abriram a condessa e deram com os meninos e foram-nos mostrar ao rei e elle logo percebeu que tinha sido partida da Maria Sabida.

E quando se pôs melhor e para se poder vingar da Maria Sabida, quando o pai dela veio lá do seu negócio e mandou-o chamar e disse-lhe que queria casar com a Maria Sabida; e o pai foi muito triste para casa e disse à Maria Sabida que aquilo não era bom sinal, o rei querer casar com ela filha dum homem do povo; e a Maria Sabida disse logo:

—Deixe, pai, não lhe dê fezes.

E o rei mandou-a avisar quando haviam de ser as bodas. E

ela cá mandou fazer uma boneca de cera que parecia mesmo ela e com o peito cheio de alcorce; e mandou furar os enxergões e na noite das bodas mandou pôr a boneca no lugar dela e prendeu uma fita à cabeça da boneca e ela meteu-se debaixo da cama.

E cá o rei foi buscar um punhal e entrou no quarto e viu a boneca e pensava que era a Maria Sabida; e perguntou-lhe:

— Tu lembras-te Maria Sabida quando me fojiste do jardim?

E ela puxou pela fita e a boneca disse com a cabeça que sim.

— Tu lembras-te Maria Sabida quando me fechaste na nora?

E ela tornou a puxar a fita e a boneca disse que sim.

— Tu lembras-te Maria Sabida quando me deitaste no lago?

E a boneca tornou a dizer que sim.

— Tu lembras-te Maria Sabida quando deixaste a condessa no meu palácio?

E a boneca tornou a dizer que sim.

E o rei espetou-lhe o punhal no peito e saltou-lhe um bocado de alcorce para a bôca.

E o rei pensou que ela estava morta e disse assim:

— Ai, minha Maria Sabida

Doce na morte, amargosa na vida:

Quem me dera ver

A minha Maria Sabida viva!

E ela saltou debaixo da cama e fizeram as pazes e casaram e ainda lá estão hoje, bendito louvado, conto acabado.

(Colhido em Évora, 1915).

XXVII — Não posso comer sem limão

Era um fidalgo e uma fidalga e tinham uma filha; e tinham combinado criar a menina fechada sempre numa tôrre verde pequenina, para ela não conhecer o mundo. E a menina tinha uma mestra e só via a mestra e o pai e a mãe, e diziam-lhe que no mundo não havia mais ninguém. E a menina cresceu e não fazia senão perguntar à mestra como era o mundo e se havia mais pessoas; e a mestra dizia-lhe que não havia mais ninguém. E a menina dava-lhe que fazer o que lhe diziam e um dia apanhou um osso que foi no jantar e escondeu o osso. E quando a mesma saiu e começou a fazer um buraco na parede; e todos

os dias com o osso continuava a furar a parede e a mestra não sabia, porque a parede tinha panos.

E tanto, tanto que já via claridade de fora e por fim viu um jardim. E continuou sempre até que já podia passar. E saltou para fora e foi ver aquele jardim. E nisto quando ela encontra um príncipe, assentado, a dormir. E o príncipe tinha uma pena e um papel na mão e tinha-se deixado dormir.

E ela, foi, muito devagarinho, tirou-lhe a pena da mão e escreveu:

— Eu te vi e tu não me viste.

E abalou a fojir.

E o príncipe quando acordou ficou muito admirado.

E passados dias, a menina cheia de curiosidade e foi outra vez ao jardim. E torna a encontrar o príncipe a dormir; e, na mesma, tirou-lhe a pena e escreveu:

— Eu te vi e tu não me viste.

E fojiu.

E o príncipe, quando acordou, ficou muito admirado sem saber quem tinha escrito aquelas palavras.

E todos os dias se ia sentar no mesmo sítio a fingir que dormia. E lá um dia e a menina torna a vir; e pensava que êle estava a dormir e vai a tirar-lhe a pena e êle agarrou-a.

E disse-lhe que ela havia de ir merendar com êle; e tinha ali a merenda e tinha muitas cousas para comer. E ela disse-lhe que sim que merendava com êle, mas que não podia comer sem limão. E o príncipe foi buscar um limão. E a menina abalou a fojir e o príncipe quando voltou já não a viu e por mais que corresse todo o jardim não foi capaz de a achar. E caiu doente e não comia, nem bebia e só dizia assim:

— Não posso comer sem limão.

E os médicos não atinavam com a doença e já não tinham nada que lhe fazer e disseram ao rei para o distrair.

E o rei mandou deitar um pregão para todas as pessoas virem ver o príncipe. E todos entravam no quarto do príncipe e êle só dizia:

— Não posso comer sem limão.

E cá o fidalgo, por amor daquela ordem e resolveu trazer a filha á mesa, porque tinha de sair para ir ver o príncipe, para a filha se acostumar a ver gente. E a mestra e disse à menina que ela havia de ir á casa de jantar para conhecer os convidados.

E houve um grande jantar e a menina veio ao jantar aonde

se falou que o príncipe estava muito doente e ninguém sabia que doença é que êle tinha e que só dizia:

— Não posso comer sem limão.

E a menina quando ouviu aquilo e disse assim:

— E para que deixou êle fojr a prêsa da mão?

E todos ficaram muito admirados daquela resposta da menina que tinha sido criada sem ver mundo.

E depois foram visitar o príncipe e a menina foi também. E quando a menina entrou, o príncipe conheceu-a logo, e assim que a viu pôs-se logo bom e tratou-se do casamento, e ainda lá estão hoje, bendito louvado, conto acabado.

(Colhido em Évora, 1915).

XXVIII — Morte pelada

Era um homem casado, e a molher andava-lhe sempre a dizer:

— Ai marido queira Deus que eu morra primeiro do que a ti.

E o marido acreditava naquilo e ia dizer à vezinha:

— A minha molher gosta muito de mim, anda-me sempre a dizer que gostava de morrer primeiro do que a mim.

E diz-lhe a vezinha:

— E o vezinho acredita nisso? Olhe, o vezinho quando fôr para casa diga-lhe que anda por aí a morte pelada e que casa em que ela entra morre uma pessoa, e deixe o resto comigo.

E o marido e foi para casa e entrou a dizer à molher:

— Ai molher, anda por aí a morte pelada, e casa em que ela entra há morte.

E diz logo a molher:

— Ai, homem, para seres tu, antes eu.

E cá a vezinha depenou o galo vivo e atirou-lh'o pela janela dentro. E o marido logo percebeu o que era, e fojiu e meteu-se atrás da albarda.

E a molher e quando vê aquele bicho a esvoaçar e pensou que era morte pelada e começou a dizer:

— Ó morte pelada,

Vai ao meu marido

Que está atrás da albarda.

E então é que o marido soube o que a molher era, e deu-lhe uma grande sova, e bendito louvado, conto acabado.

(Colhido em Évora, 1915).

XXIX—O beijo à napolitana

Era numa terra e foram deitar soldados aboletados às portas. E foram deitar três soldados em casa duma viúva que vivia sózinha. E ela assim que viu os soldados e entrou a ralar e a dizer:

—Ora a pouca vergonha, virem pôr três homens em casa duma mulher sózinha.

E foi-se queixar à justiça e saiu.

E os soldados onviram aquilo e dizia um:

—Vamos embora e escusamos de estar a aturar a mulher.

E dois disseram que se iam embora, e diz o outro:

—Pois eu não me vou embora e sempre quero ver porque é que a mulher faz tanto barulho.

E dois foram-se embora à procura de agasalho para outro sítio e o outro ficou e foi entrando.

E viu uma trepeça e saltou para cima da trepeça e deixou-se estar.

E nisto vem a mulher; e não viu os soldados e diz:

—Ora vejam como já se foram embora; assim que falei em me ir queixar, foram-se logo embora.

E foi fechar a porta e ao depois e foi à capoeira e matou um frango e depenou-o e pôs-se a arranjar o frango de fricassé.

E depois pôs a mesa e pôs dois pratos e dois talheres.

E o soldado lá da trepeça estava a ver aquilo tudo e a dizer para consigo:

—¡A mulher é sózinha e põe dois pratos! eu hei-de ver o fundo ao cesto.

E quando ela acabou de pôr a mesa e batem à porta. E ela foi logo abrir. E entrou um frade muito gordo.

E ela começou logo a contar-lhe:

—¿O snr. Frei Fulano sabe o que me aconteceu esta tarde? ¡Vieram-me deitar três soldados! Veja o snr. Frei Fulano a pouca vergonha de virem deitar três homens em casa duma mulher sózinha.

E dizia o frade:

—Isso é uma pouca vergonha, não respeitam ninguém.

E ela contou-lhe que tinha começado a ralar e que tinha fingido que tinha ido fazer queixa à justiça e que os soldados se tinham ido embora.

E diz o frade:

— Bem, vamos a cear, mas antes de comer vá lá um beijo à napolitana.

E o soldado, quando ouviu aquilo e nunca tinha ouvido falar em beijo à napolitana e morto de curiosidade e começou a estender o pescoço para ver dar o beijo à napolitana. E em cima da trepeça havia um cortiço cheio de nozes. E o soldado tanto se debruçou que prega um encontrão no cortiço e o cortiço cai lá de cima e as nozes entornaram-se todas e fizeram um grande barulho.

E a mulher e o frade que não esperavam, ô pés para que te quero, abalaram a fojir.

O soldado salta da trepeça, pega no frango e no vinho e tudo que havia em cima da mesa, meteu tudo na mochila e lá foi ter com os companheiros e contou-lhe então porque é que a mulher tinha feito tanto barulho, e bendito louvado, conto acabado.

(Colhido em Évora, 1915).

BERNARDINO BARBOSA.

Berço duma cantiga em indo-português

(À memória de Ismael Gracias)

O *Oriente Português*, revista mensal da Índia Portuguesa, inseriu no volume xv (pp. 139-145, 1918) uma poesia no crioulo indo-português, e havendo diversas opiniões acêrca da sua proveniência, o director da revista, Sr. Ismael Gracias, convidou-me a investigar a sua origem. Acedendo à amável sugestão, enviei-lhe um sucinto estudo sôbre o assunto, o qual, infelizmente, lhe chegou, quando estava prostrado pela doença que o arrebatou dos vivos; e não fiquei sabendo que sorte teve o meu artigo, que nunca appareceu na referida revista.

Parecendo-me que serão de algum valor dialectológico, transcrevo para aqui a aludida poesia, com as notas que a acompanhavam, e reproduzo em seguida o meu estudo critico.

Dialecto indo-português

Na véspera de S. João Batista ¹

I

Amiga Janona, ouvi
Uma couza que eu tá fallá,
Se querê ouvi, vem cá
Minhe perto, minhe perto.

II

Eu tá fallá, certo, certo,
Vamos fazê um merenda
De tudo coiza, que tem de venda,
De fugão, de fugão.

III

Amanhã é S. João,
Grande di em nosse terra,
Toda a festa se encerra
Na barriga, na barriga ².

IV

Mandá chamá nossa amiga.
Fanchica e mais Tereza
Juntamente a comadre Andreza
Com razão, com razão.

¹ Damos hoje uma curiosa vérsalhada indo-portuguesa, que se cantava outrora em Goa na vespera de S. João Batista. Transcrevemo-la do *Ramalhetinho de alguns hinos e canções profanas*, coligido e publicado por M. V. d'A-breu em 1870. Consta de 24 quadras, sendo as primeiras 23 desse interessante e raro folheto, e a 24.^a dum artigo inserto no jornal *O Herald*, n.º 1290, de 24 de Junho de 1904. As notas com letras alfabéticas são do *Ramalhetinho*, e nossas as que vão numeradas.

¿Donde procederia essa cantiga? ¿De Damão, como se diz no citado artigo? ¿De Baçaim? ¿Seria mesmo de Goa? Eis um problema que offerecemos á consideração dos estudiosos e principalmente do nosso prezado amigo e eminente linguista, Monsenhor S. R. Dalgado, cujos valiosos trabalhos sobre os dialectos indo-portugueses são bem apreciados (*I. G.*).

² Cf. com Gil Vicente:

Na festa sem comer
Não ha'hi gaita temperada.

V

Mesté (a) trezê pilão
Juntamente *gantanam* (b)
Para muito arrós pilá,
E mais moê, e mais moê,

X

Carangueijo bem pizado
Com Rita mandá frigi,
Azeite mandá vi,
De botica, de botica.

VI

Para muita farinha fazê,
Para fazê *sandanam* (c)
Chitiapo (d) mais *donclá* (e)
Cailoli e mais *cailoli* ¹.

XI

Antonia e Antonica
Para outra iguaria
Juntamente a Maria
Cosinheira, cosinheira.

VII

Mestê fazê assim
Muito *polê* (f) quente, quente,
Para comê toda a gente,
De vontade, de vontade.

XII

Vamos nós de toda maneira,
Manga verde mandá trezê
Para *balchão* (k) fazê
E mais salada, e mais salada.

VIII

Peixe hade vi de tarde
Para fazê *bobató* (g)
Para comê com *putó* (g)
De canudo, de canudo.

XIII

Cebolinha bem picada
Com pimenta longa bastante
Bem tá fazê Violante
Á nossa laia, á nossa laia.

IX

Acabado este tudo,
Vamos nós fazê *singão* (i)
Seco-seco (j) de camarão ²
Apimentado, apimentado.

XIV

Mestê trezê papaia,
Juntamente manga maduro,
Figos de horta, duro duro
E bem grosso, e bem grosso.

(a) É mister.

(b) Pedra de moer.

(c) Apa mole que se come com qualquer guisado em lugar de pão.

(d) Outra especie de apa mole.

(e) Apa grossa cosida com mistura de feijões.

¹ Abreu traduz — *fritada de ovos*. *Cailoli* pode ser tambem apa de farinha com jagra, assada na frigideira, — *pan-cake* como dizem os ingleses. Parece que nesse sentido se emprega na quadra.

(f) Outra qualidade de apa mole.

(g) Guisado de peixe.

(h) Apa dura.

(i) Verdura temperada, que é outro guisado.

(j) Guisado preparado com leite de coco e pimenta.

² Tambem se fás de ameijoas e a êle se refere Fernando Lial no seu belo artigo — *O caril* —.

(k) Acepipe preparado de bilimbim, manguinhas, etc.

XV

Pera hade trezê a moça,
Pateca, e mais melão,
Cana, rabão, brindão
E mais *sengó* e mais *sengó*. (a)

XVI

Mesté fallá para mãe Cafó
Para trezê jaca giríçal,
Que barica ¹ no nosso quintal,
Tem bastante, tem bastante.

XVII

Jambulão, fruta galante,
De nós estimado,
E também recomendado,
Por Manú, por Manú.

XVIII

Mesté trezê sagú,
Para nós *chacha* fazê, ²
Batata para cusê,
E mais inhame e mais inhame.

XIX

Precisa que também chame
A baé que vende sura
Tendo isto segura,
Tudo tem, tudo tem.

XX

Precisa também,
Leite que hade tirá
Leite grosso hade guardá
Esta noite, esta noite.

XXI

Nessita levá muito açoite.
Vós outro que não gostá
De comê meo aluá ³
Que eu já fazê, que eu já fazê.

XXII

Ai Jesus, que já esquecê
Nosso comer de golodis,
Grande, grande, grande pipis (b)
Quente, quente, quente, quente.

XXIII

Acabada toda a gente,
Vamos nós merendá
Juntamente corpo lavá
Muito bem, muito bem.

XXIV ⁴

Janón e Manón
Cinc jac já deu fim;
Janón tem com febre
E Manón com mordechim ⁵.

(a) Ervilha.

Giríçal e *bárica* são duas variedades de jaca. A *giríçal* (em conc. *ponós* ou *roçal*) é mole e os bagos tão brandos e sumarentos que não se prestam ao corte e metem-se inteiros na boca. A *bárica* (em conc. *borcoi* ou *capô*) é consistente e dura; os bagos separam-se inteiros e podem ser cortados.

¹ Abreu traduz — *merenda de jagra e sagu* — Pode ser também de trigo em vez de sagu.

² Abreu tradús — *doce de rolão, manteiga e açúcar* — O arcebispo D. Fr. Manuel de S. Galdino, estabelecendo na sua pastoral de 27 de Julho de 1812, os pratos que devia haver na meza, quando da sua visita às igrejas, diz «o doce seja somente aluá que é o mais fácil, comum e mais barato».

(b) Outra especie de merenda feita de jagra e coco misturado e metido em forma de recheio numas papas de arizos cosido e cobertas de folhas de figueira ou outras.

⁴ Parece que ainda havia mais uma quadra, pois em todas as 23 antecedentes rima o ultimo verso duma com o 1.º da immediata, o que só não succede entre a 23.ª e 24.ª.

⁵ Indigestão.

N. B. — Figuram na poesia vários vocábulos (alguns dos quais, se bem que levados de Portugal, tem significação diferente), que não veem interpretados pelos seus comentadores, por serem assás vulgarizados na Índia, mas são registados no meu *Glossário luso-asiático*. Vou explicá-los concisamente.

Baé. Do conconi *bāyl*: mulher, vendedeira, jornaleira.

Botica. Do port. antigo: tenda, mercearia. Corrente em ázio-português.

Brindão. Do conc. *bhirandā*: fruto agridoce de *Garcinia purpurea*, o qual tem diversos usos.

Figos da horta: espécie de banana, pequena e muito saborosa.

Jambulão. Do conc. *jamlā*: fruto semelhante à uva ferral na forma e no gosto, se é da espécie doce.

Papaia. Termo americano. Fruto de *Carica papaya*, introduzido na Índia pelos portugueses e perfeitamente naturalizado; conhecido no Brasil pelo nome de *mamão*, por se assemelhar à teta.

Pateca. De origem arábica: melancia.

Pera. Nome por que é conhecida em ázio-português a *goiaba* ou *goiava*, originária do México.

Sura. Do conc. *sūr*: suco extraído da espata de várias espécies de palmeiras, e em particular de coqueiro; tem diversos usos em cru, fermentado e destilado.

II

Berço da cantiga

Cumprе notar preliminarmente que as poesias não são, em regra, aferidor seguro da genuinidade característica e da localização peculiar de qualquer crioulo. A sua linguagem é, de ordinário, esmerada e tradicional, e freqüentemente artificial e imitativa, sem aquela espontaneidade que se requiere para uma análise criteriosa, e que se encontra na prosa colloquial e narrativa, mais natural. A rima e o metro demandam amiúde alterações vocabulares, divergentes das formas normais do respectivo dialecto.

Também as poesias intentadas para canto popular emigram facilmente duma região para outra, onde se tenta, às vezes, dar-lhes cõr local, com troca de algumas palavras e formas. Assim, depara-se-nos uma mesma cantiga em Damão, Taná e Negapa-

tão, como se pode verificar nos meus trabalhos sôbre os crioulos de Damão, Norte e Negapatão, e nos do Dr. Hugo Schuchardt sôbre os de Dio, Mangalor e Cochim.

Submetendo ao exame dialectológico a poesia de que se trata, convencemo-nos logo de que não passa do produto de tentame a crioular da parte duma pessoa pouco hábil. Ha versos que são em português puro, como estes:

Toda a festa se encerra
Na barriga, na barriga.

Cebolinha bem picada
Com pimenta longa bastante

Jambolão, fruta galante,
De nós estimada,
E também recomendada
Por Manú, por Manú.

Figuram igualmente várias formas e termos desconhecidos de qualquer ramo do indo-português, tais como: «encerra» = *té pará, tá ficad*; «iguaría» = *prat*; «carangueijo» = *caringuejo* (como se lê nos escritores antigos); «apiimentado» = *misturad com piment* ou *que tem piment*; «figos da horta» = *fig-dort*; «recomendad» = *que tem falad bem*; «acabado» = *cabado*.

Morfológicamente, o autor paira em linhas gerais e traços comuns, e nisso mesmo é pouco coerente. *Eu tá falá* (=digo), *minha pert* (=ao pé de mim); *mestê* (antes, *mistê* ou *mistá* = é mister), *nessitá* (antes, *nistá* = é necessário); isto está suficientemente crioulo. Mas não o é: «amanhã é (=tem) S. João»; «toda a gente» (*tod* ou *todo* gente); «hade (*há* ou *had*) vi»; «á nossa laia» (*noss-lai*); «precisa que tambem chame» (*perciz tamém chamá* ou *chomá*).

Confrontando a poesia com os textos dos crioulos de Bombaim, Taná, Damão e Dio, conclui-se que fica muito abaixo da craveira. A característica dêstes é a redução da sílaba final e de algumas palavras polissilábicas: *par* = para; *êst* = êste, esta, isto; *vam'* = vamos; *azêl* = azeite; *arb* ou *arvr* = árvore; *ag* = água; *hom'* = homem; *ilôt* = eles outros; *temp* = tempêro; *catr* = quatro; *caflá* = acafelar. Também os termos indigenas que figuram não existem ou não tem a mesma forma em marata e guzarate, substractos dos referidos dialectos, como: *sandanam*, *chitiapo*, *balchão*, *sengó*, *bobató*, *putó*, *baé*. Mas encontram-se em concani e são de constante uso.

Em Goa não houve nem há crioulo propriamente dito e largamente desenvolvido. Vogava outrora um crioulo cafreal, comumente usado pelos escravos da África e doutras partes, os quais eram numerosíssimos, e alguns conventos possuíam centenas dêles. Os frades ensinavam-lhes algumas canções na sua linguagem, para as cantarem em ocasiões de festas populares. Ainda se conservam tradicionalmente algumas destas, como a dos dominicos para o Natal: *Já tocá xinu Xanta Dominga; meá noiti já naxê Minino*.

O convento de Santa Mónica era povoado, como é sabido, de freiras (madres), de pupilas (irmãs), mais numerosas, e de serventes (moças), ainda mais numerosas. As últimas eram de diversas procedências. Referindo-se-lhes, diz Frei Agostinho de Santa Maria: «De todas estas as *Cafras* provão bem e são mais valentes, podem com mais trabalho, e são mais humildes». *História da fundação do real convento de Santa Monica da cidade de Goa*. Lisboa, 1699, pág. 359.

A comunidade, organizada com tais elementos heterogêneos, devia naturalmente falar português de três gradações: um, mais ou menos puro, com mistura de muitos vocábulos asiáticos, particularmente relativos à flora, fauna e culinária, que estavam incorporados na linguagem comum; outro, intermédio, com a morfologia e a sintaxe mais simplificadas e com a fonologia menos correcta; e a terceira, um verdadeiro crioulo, mas superior ao cafreal e mais indiano, atenta a inferioridade social intelectual das pretas.

Afigura-se-me que a *Cantiga de S. João* foi composta no mosteiro das mónicas, ou por uma freira, ou por uma pupila, com revisão duma religiosa instruída, que até sabia o que dizia Manu em louvor do jambolão, por o ter lido em algum livro ou ouvido a algum agostinho.

Exceptuada a última quadra, que é genuinamente crioula (*cinc jac já deu fim*), mas que não faz parte da poesia, não ocorre nesta nenhum homem entre tantas mulheres: Janona, Fanchica, Teresa, Andresa, Rita, Antónia, Antonica, Maria, Violante, mãe Cafó. Todas as iguarias e doces — e são tantos! — são feitos por mulheres e para mulheres, e com aquele primor que tornou, nesta particularidade, tão afamado o convento até o fim do século passado, como o eram também muitos em Portugal por alguma especialidade. Eu mesmo saboreei muitas vezes os seus finos doces, especialmente o aluá e o *báji*, que nenhum dos melhores doceiros indianos foi capaz de imitar.

A véspera de S. João é muito festejada pelo povo português, com descantes, com saltar fogueiras e outras práticas próprias da ocasião e em parte supersticiosas.

As mesmas colegiadas dos conventos não se dispensavam, antes do advento da República, dessas expansões, com a assistência das mestras, que também, por seu lado, não escrupulizavam em dar uns saltos, como eu o presenciei algumas vezes.

É natural que a usança fôsse transportada para a Índia e se observasse no recinto do convento, mais ou menos modificada, em harmonia com as circunstâncias do lugar e da estação chuvosa. E então se cantariam as quadras, cujo quarto verso tem o carácter de estribilho para côro.

Vários outros motivos, que escuso expender, concorrem para confirmar a minha convicção.

SEBASTIÃO RODOLFO DALGADO.

Turquel folklórico

PARTE IV ¹

LENDAS

I

Lendas religiosas

1. A padroeira da *Benedicta* ². — D'ella e da sua imagem, que, chamada primitivamente *Nossa Senhora a Benedicta* ³, deu o nome à povoação, lê-se no *Sanctuario Mariano*:

«Refere-se que vindo uma menina d'aquelle lugar de uma fonte que ali está em pouca distancia, com a sua quarta á cabeça, acompanhada de dois rapazes que seriam seus irmãos ou parentes, lhe apparecera Nossa Senhora, e lhe mandara dissesse a seu pai e á gente d'aquelle lugar que lhe edificassem ali uma casa... E refere-se tambem que quando esta amorosa mãe dos peccadores appareceu á menina, a cercara uma nuvem ou nevoa que a encobriu dos rapazes que vinham em sua companhia.

«Foi a menina, com a sua quarta, andando para casa, e no caminho andava o pai lavrando com dois bois, e disse-lhe o que a Senhora mandara. Tão pouco credito deu o pai ao que a filha lhe dizia, que a reprehendeu, e por fim da reprehensão acrescentou que tanto era verdade o que dizia como estarem os bois deitados. Caso maravilhoso! No mesmo instante caíram os bois ambos em terra. Vendo o lavrador o successo, creu logo sem difficuldade a embaixada, e fez voto de carrear toda a pedra que fosse necessaria para a sua ermida.

«Publicada a maravilha, correram todos os aldeões, e trataram logo de edificar á Senhora a casa que pedia, a qual se co-

¹ Vid. *Revista Lusitana*, XXI, 280. O artigo aqui publicado devia ter a indicação de «Parte III».

² Fréguesia cuja zona oriental se incluia no termo da villa de Turquel.

³ Hoje invocam-na com o título da Encarnação.

meçou a fabricar no lugar onde hoje se vê uma cruz (que fica junto á estrada que vai de Alcobaça para Lisboa), um tiro de mosquete distante d'aquelle onde hoje vemos a egreja; porem quanto os officiaes obravam de dia apparecia pela manhã deitado por terra, com o que vieram a entender não era aquelle lugar o que a Senhora queria, e assim se resolveram a fundalla onde hoje está, que é o mesmo lugar onde a Senhora appareceu á menina...

«E junto á fonte affirmam que está uma pedra em que a Senhora deixou tres pégadas.. Tambem se refere que em quanto durou a obra dera nela Nossa Senhora agua milagrosamente, para que não tivessem trabalho de a carrear.

«Mandaram logo fazer uma imagem da Senhora, que se faria segundo a informação da menina. É de pedra, e terá de quatro para cinco palmos, e é formosissima.. Está sentada em uma cadeira, tem o Menino reclinado no regaço, e com a mão direita está tirando o seu virginal peito e o está dando ao belo infante..

«...os monges de S. Bernardo do convento de Alcobaça se resolveram levalla para o seu convento, e para isso mandaram fazer outra que em tudo se igualasse ao original, e com efeito o puseram em execução. Porem a Rainha dos Anjos, .. em fugir para a companhia dos seus aldeões, voltando invisivelmente nas mãos dos Anjos para o primeiro lugar que havia escolhido, mostrou que com elles queria estar e se pagava da sua singeleza».

Esta noticia foi escrita em 1691, e nella se diz que o caso occorrera haveria cêrca de tresentos annos.

NOTA.—Do exame e comparação das várias lendas marianas, tão poéticas e tão profusamente espalhadas em a nossa boa *Terra de Santa Maria*, vê-se que há entre ellas notáveis semelhanças.

Muitas imagens da Virgem appareceram em troncos de árvores (d'ahi as denominações de *Senhora da Oliveira*, *da Aroeira*, *do Espinheiro*, etc.); em brenhas; em grutas (*Senhora da Lapa*, *Senhora da Buraquinha*); em alcan-tis (*Senhora da Pena*); junto a fontes; e, às vezes, soterradas: supponde-se que, quando os moiros invadiram a Península, ahi seriam escondidas pelos christãos. Sôbre rochedos e anfracturas do littoral, em consequência, talvez, de naufrágios, algumas se encontraram também.

Essas imagens, em regra, conduziam-nas para o templo mais próximo; às vezes, porém, ellas voltavam ao primeiro poiso, e então ahi mesmo lhes edificavam, pelo menos, uma edícula.

Antes de se patentearam notavam-se, por vezes, indícios da sua presença: luzes mysteriosas, toadas suavíssimas, aromas inebriantes; mais raramente, pégadas sôbre pedras, onde a Senhora passava.

Nesses sitios, para saciar sequiosos e prevenir outras necessidades, bro-

tavam opportunamente mananciaes, que se ficavam chamando *fontes santas*.

Imagens havia que baixavam a cabeça em signal de approvação, e faziam outros gestos; elevavam-se, cresciam, suavam copiosamente quando se estava operando algum milagre. Das mais formosas presumia-se que fôsem fabricadas pelas mãos dos Anjos.

Quando, para se conhecer a matéria de que eram feitas, se praticava alguma pequena incisão, manava sangue; quem isso fazia, vivia pouco tempo. Não obstante, havia imagens de que se extraíam pós para medicações; com o mesmo fim se tomava ahi às vezes um pugilo de terra.

Sobrevinham sempre contrariedades quando se começava um templo onde a Senhora o não queria; edificando-o no sítio eleito, os obstáculos removiam-se como por encanto.

Era aos pastores que a Senhora, de preferência se manifestava; eram eles, quási sempre, que descobriam as suas imagens.

2. **Os animaes do Presépio.**—Quando o Menino Jesus nasceu, alojavam-se no Presépio dois animaes: um boi e uma mula. Aquelle, bafejava carinhosamente o Menino Deus, para lhe mitigar o frio; a mula, essa ia-lhe comendo a palha do reclinatório. Por isso Nossa Senhora abençoou o boi,—tudo no boi é útil, tudo se aproveita—e amaldiçoou a mula, que, por seu grande desamor, foi condemnada a não ter filhos. Cfr. Leite de Vasconcellos, *Trad. Pop. de Portugal*, § 321, e 323-c.

3. **Nossa Senhora e os dois lavradores.**—Passeava um dia Nossa Senhora nos arredores de Nazareth, e viu um lavrador que lançava grão à terra.

—Que sementes? perguntou ella com doçura.

—Pedras!—tornou-lhe o outro, grosseiramente.

—Pedras te nasçam.

E por tal fôrma ellas se foram ahi alastrando, que nunca mais aquella terra pôde ser agricultada ¹.

Occupado em igual mister encontrou depois Nossa Senhora outro lavrador.

—Que sementes?—perguntou-lhe.

—Trigo, minha Senhora.

—Trigo te nasça.

E passado algum tempo, uma seara magnífica enlevava os olhos de quem por ali passava. Cfr. Leite de Vasconcellos, *Trad. Pop. de Portugal*, § 231.

¹ Outra versão:

—Que sementes?

—Abrolhos.

—Abrolhos te nasçam.

E estes, d'ahi a pouco, afogavam toda a seara.

4. **Nossa Senhora e o ferreiro.**—Fugidos à perseguição de Herodes, iam a caminho do Egypto Nossa Senhora e S. José.

Passando lá a certo povoado, pediram a um ferreiro que lhes ferasse a jumentinha de Nossa Senhora, o que elle fez de muito boa vontade. E para desorientar quem lhes fôsse na pista, inverteu as ferraduras, isto é, collocou-as com o de deante para trás, o que suscitou grande hilariedade num magote de pedreiros que ahi trabalhavam.

E desde então frequentemente se nota que, em geral, os ferreiros prosperam, e os pedreiros são *pobretes e alegretes* ¹.

5. **Nossa Senhora no tremoçal.**—Quando a Sagrada Familia fugia para o Egypto, cortou por um tremoçal que, por já estar sêcco, fez grande casquinada à passagem dos foragidos. Nossa Senhora, então, amaldiçoou os tremoços; e nunca mais, desde esse tempo, elles encheram barriga ².

6. **Nossa Senhora e as tâmaras.**—Iam para o Egypto quando S. José offereceu a Nossa Senhora umas tâmaras que no caminho colhera.

Provou-as Nossa Senhora, e exclamou:

—Ó! que bella fruta!

E logo no caroço appareceu gravado um pequenino o, que desde então se reproduz.

7. **Nossa Senhora e as rabaças.**—A Nossa Senhora, que, dias depois da morte de seu divino Filho, fôra vista a apanhar umas rabacinhas para seu sustento, attribue o povo estas palavras:

Haja desgosto ou prazer,

Não se dispensa o comer ³.

8. **Castigo de Caín.**—Tendo assassinado seu irmão Abel, Caín, que se tornara negro, correu ao Jordão para se lavar; mas, ao tocar a água, o rio seccou.

¹ Cf. acêrca d'esta frase Leite de Vasconcellos, *Trad. Pop. de Portugal*, pág. 250.

² Os tremoços são reconhecidamente substanciaes; mas o povo, que os come por entretenimento e em quantidade relativamente diminuta, diz que não enchem barriga.—Vid. acêrca d'esta lenda Leite de Vasconcellos, *Trad. Pop. de Portugal*, § 231-b.

³ Aquella planta, utilizam-na alguns como succedânea do agrião. É o que reza a cantiga:

Já lá vae, já se acabou
O tempo dos agriões;
A rabaça também serve
Em certas occasiões.

Tendo claras as palmas das mãos, os pretos, que de Cain descendem, perpetuam a memória daquelle facto.

9. **O homem da Lua.**—Andava certo homem num bosque, trabalhando.

—Então hoje?!—lhe perguntaram (porque era dia santificado).

—Aqui ninguém me vê.

Mas via-o Deus Nosso Senhor, que, para castigo d'elle e escarmento dos infractores da lei do descanso, o pôs na Lua. À vista de todos elle lá está, ainda hoje, com um feixe de lenha às costas.

Cfr. Leite de Vasconcellos, *Trad. Pop. de Portugal*, § 3 e as notas.

10. **Punição dum salteador.**—Indo de jornada, uma vez, Nosso Senhor e S. Pedro, anoiteceu-lhe antes de chegarem ao seu destino. O sítio era ermo e a escuridão cerrada; pelo que, entre vendo, ao longe, uma escassa luz bruxoleante, para ahi encaminharam seus passos.

Provinha a luz duma estalagem de ruim apparencia, onde uma mulher sórdida e antipathica lhes exigiu, pela poisada que requereram, exorbitante paga.

Conformaram-se (nem, na circumstancia, havia meio de optar); e mal a manhã rompeu, puseram-se a caminho.

Pouco depois chegava a casa o marido da estalajadeira, o qual era—nem mais nem menos—um ladrão de estrada. E informado logo, pela mulher, da recente partida dos dois viandantes, galgou sobre elles, conjecturando que levariam a bolsa bem provida.

A breve trecho os alcançou; e, como escusa para o roubo que intentava, accusou-os de não terem pagado a hospedagem.

—Quanto queres?—perguntou-lhe Nosso Senhor plácida-mente.

—Uma moeda de ouro; menos, nada!

A S. Pedro ordenou então o Senhor que tirasse do alforge um freio que ahi levava; tomou depois esse freio e introduziu-o, sem resistência, na bocca do ladrão, que logo ali se converteu num alentado macho. E passando, na occasião, um almocreve, alugou-lhe Nosso Senhor o muar mediante o pagamento de uma moeda de ouro, que, juntamente com o animal, lhe deveria ser entregue dêsse mesmo dia a um anno na próxima estalagem. O freio que levava, nunca o alugador lh'o deveria tirar (era uma das condições do contracto), sob pena de prejuizo certo.

Soube o almocreve explorar bem o negócio, fazendo andar o macho todo o anno numa roda viva; e no dia preciso em que terminava o prazo do aluguel apresentou-se na estalagem com o solípede (já lá estavam Nosso Senhor e S. Pedro), e satisfaz o preço estipulado.

Tirou então Nosso Senhor o freio ao muar e reappareceu o estalajadeiro, a quem o Senhor offereceu a moeda de oiro que acabava de receber, e que um anno atrás aquelle mau homem indevidamente lhe exigira; o velho salteador, porém, cheio de remorsos e profundamente compungido, caiu-lhe aos pés, soluçante, e rogou-lhe que fizesse distribuir aquelle dinheiro aos pobres.

11. **S. Pedro e as abelhas.** — Quis Jesus afundar uma barca onde ia um homem mau. E disse-lhe S. Pedro:

— Pois a maldade d'um hão-de tantos pagá-la?

D'outra occasião jornadaavam Jesus e S. Pedro. E viram um enxame, que pendia dos ramos d'um arbusto.

— Apanha aquelle enxame, — disse Jesus a S. Pedro.

S. Pedro apanhou-o, e mettu-o no seio. Mas bem depressa sentiu uma grande ferroadada. E, num repente, apertou as abelhas contra si, e estraflagou-as.

— Pois por causa d'uma matas tantas? — lhe disse Jesus.

S. Pedro, então, lembrou-se do caso da barca.

12. **Santo António e as moças.** — Muito chorosa porque sua mãe lhe havia cortado o cabello, dirigiu-se um dia a Santo António, ainda infante, uma sua companheira de brinquedos.

— Vai lá buscar o cabello, — lhe disse elle.

Trouxe-lh'o a menina; e ajustando-lh'o Santo António à cabeça, por tal fôrma elle se lhe uniu, que parecia nunca hou-vera sido cortado.

Também às raparigas que iam à fonte elle concertava os cântaros que às vezes propositadamente lhes quebrava.

13. — **Santo Antonio e os pássaros.** — Quando rapaz, fôra incumbido por seus pais de guardar dos pardaes uma seara (serviço êste quasi sempre commettido a crianças); e entretanto partiam aquelles para uma romaria, a que Santo Antonio muito desejava também concorrer. Que faz elle então? Encurrala toda a pardalada do sítio num casebre sem portas que ahi havia, tapa-lhe a abertura com uma grade de esterroar (grade que daria franca passagem aos prisioneiros, se o Santo o permittira), e ahi vai elle na peugada de seus pais. Mas chega a um grande rio invadeável. Santo António, então, estende na água a sua capa, sen-

ta-se nella, e vai vogando, vogando, até à outra margem. Ahi salta em terra, prossegue o seu itinerário e bem depressa alcança os romeiros, que d'ahi em diante acompanhou, e que ficaram maravilhados ao saber por que fôrma elle vencera difficuldades que todos diriam insuperáveis.

14. **Santo António e os peixes.**—Como os hereges não quisessem ouvir Santo António, dirigiu-se elle à beira-mar e prê-gou, ahi, aos peixes, que, alçando a cabeça fôra da água, attentos o escutaram. E desde então encontra-se na cabeça da pescada um ossinho que, visto por transparência, apresenta uma indecisa imagem de Santo António.

15. **S. Vicente Ferreira e sua mãe.**—S. Vicente Ferreira ¹, que tinha a mãe muito velha, um dia metteu-a na forja, e, como se manufacturasse uma peça de ferraria, afeiçãoou-a, alindou-a e vigorizou-a, de modo que, ao retirá-la, apparecia ella cheia de viço e frescor.

Propôs-se um ferreiro do sítio remoçar, por igual fôrma, sua velha mãe, e o resultado foi tal qual se poderia prever:—matou-a. Consternadíssimo se dirigiu elle então a S. Vicente, que, condoído, lh'a resuscitou, restituindo-a, não à mocidade, mas ao seu estado precedente, e convidando aquelle ferreiro a que não mais tentasse obrar prodígios que elle bem deveria saber estarem fôra da sua alçada ².

—Segundo uma variante, S. Vicente não metteu a mãe na forja; o outro ferreiro é que assim o julgou, ao ouvir-lhe dizer que *duma velha fizera uma nova*, sem advertir que, com taes palavras, o Santo apenas quisera significar que *duma enxada velha fizera uma enxada nova*. ³

¹ Aliás *Ferrer*.

² A esta lenda se refere, talvez, a seguinte trova popular:

Uma velha muito velha,
Mais velha que a Saragoça,

Tanta pancada levou,
Que de velha tornou a môça.

³ Os ferreiros — é observação popular — fazem do velho novo, o que torna a sua profissão bastante lucrativa.

[Esta lenda do santo que faz rejuvenescer a mãe, e do ferreiro que inconscientemente quer fazer o mesmo, é muito conhecida, e pôde ver-se a seu respeito a serie de estudos que com o titulo de «L'opération de Esculape» se publicou em os vols. V, VI e VII da revista franceza *Mélusine*; vid. tambem *Literaturblatt f. germ. und rom. Philologie*, 1908, col. 330 ss. (Numa lenda catalã figura S. Vicente Ferrer como «ferrador», porque *ferrer* em catalão significa isso: cfr. *Mélusine*, v, 104. Como *ferrer* tem a par a significação de «ferreiro», compreende-se que S. Vicente Ferrer ou Ferreira figure como tal na nossa lenda). Por mim, possuo uma versão que ouvi na Beira-Alta em criança, na qual figura Cristo e um ferreiro. — J. L. de V.]

16. **Santo Hilário e os solteiros.**—D'essa lenda apenas conheço as referências à maceta com que o Santo castigará no outro mundo aquelles que morrerem solteiros, havendo já attingido certa idade.

17. **A morte sempre tem desculpa.**—Não queria a Morte acceitar a odiosa missão de que o Senhor a incumbira; Êlle, porém, tranqüilizou-a:

—Descansa, que todos te desculparão.

II

Lendas profanas

18. **Um conselho de Salomão.**—Apprehensivo notava um lavrador que, apesar de muito trabalho e poupanças, a fortuna lhe desandava; pelo que resolveu ir ter com Salomão, que era ainda rapaz, e pedir-lhe conselho. E foi, chegando ao seu destino a tempo em que alguns mancebos jogavam animadamente a bola cêrca do palácio rial.

A um d'esses mancebos perguntou o recém-vindo por Salomão.

—Sou eu,—lhe respondeu o interpellado, sopesando na mão uma bola e atirando-a ao alvo.

O lavrador, um pouco surprehendido, em breves palavras lhe expôs ahi mesmo o seu caso, porque o jôgo, segundo lhe pareceu, não admittia grandes interrupções.

—Deita-te mais tarde e levanta-te mais cedo,—lhe disse simplesmente Salomão, dispondo-se a effectuar outro lanço.

O homem voltou a casa pasmado e desilludido; não obstante, assim por demais, e pois que com isso pouco poderia perder, deliberou experimentar o alvitre de Salomão.

E que viu elle nessas horas em que todos o suppunham dormindo? O que nunca suspeitara.

Do celeiro lá ia uma taleiga de pão; da adega, uma caneca de vinho; da despensa, uma almotolia de azeite, um naco de toicinho, uma tigela de legumes. E mais umas abadas de fruta, e mais uns feixes de lenha, e mais uns braçados de hortaliça...

Então é que o lavrador reconheceu a grande perspicácia de Salomão; tomou, portanto, as devidas cautelas, e d'ahi em diante, sempre de pulga no ouvido, ninguém mais lhe fez o ninho atrás da prelha, e a sua casa prosperou.

19. **O local da abbadia.** — D. Affonso Henriques, que promettera, na serra de Albardos, doar à ordem de Cister os terrenos que se avistam do local onde hoje se vê o *Arco da Memória*, atirou d'ahi a sua lança, que foi cair em Chiqueda, d'onde seguiu rio abaixo, até ficar detida nuns salgueiros das margens. Foi êste o sítio que o rei depois indigitou para assento do mosteiro de Alcobaça.

Segundo outra versão, o rei partiu da serra da Chiqueda, onde a lança caíra; mas ahi, vendo que o lugar era impróprio, atirou-a segunda vez, indo ella então parar ao sítio onde elle depois mandou edificar o grandioso mosteiro.

20. **O rei e o carvoeiro.** Um rei que outr'ora passou junto à serra de Val-de-Ventos, encontrou ahi um carvoeiro, com o qual se entreteve um pouco, palestrando. E informado de quanto lhe rendia aquella sua profissão, admirou-se de que com tão exíguos recursos alguêem pudesse sustentar-se.

— E ainda ponho dinheiro a juro, — additou o carvoeiro.

— Como assim?! — accudiu o rei, estupefacto.

— Criando meus filhos, que mais tarde me proporcionarão o sustento que eu então já não poderei granjear ¹.

21. **O rei e o pastor.** — Relacionada com o arco de pedra que, há poucos annos ainda, se erguia numa charneca da freguesia dos Vidaes e servia de pedestal à estátua d'um rei ², há a seguinte lenda.

Em digressão venatória chegou um antigo rei a êsse sítio, onde estacionou com a sua comitiva para tomar uma refeição. E como um pastorito d'elle então se acercasse, o rei perguntou-lhe:

— Qual é o melhor bocado?

— O ovo, — respondeu o rapaz.

Passado um anno voltou o rei àquelle sítio; e deparando-se-lhe ahi o mesmo pastor:

— Com quê? — perguntou-lhe o rei.

— Com sal, respondeu o outro sem detença.

Maravilhado da retentiva do pequeno sertanejo, mandou então o rei erigir ali aquelle arco, que se ficou chamando *da Memória*.

¹ [Episodio de um conto mais extenso. — J. L. de V.].

² Esse arco, que muitos confundiam com o da serra de Albardos, nomeado também *Arco da Memória*, era um dos pontos de demarcação dos antigos Coutos de Alcobaça. Foi ha pouco estúpidamente derruído por alguns *avançados*.

22. **Pedro Sem.** — Era riquíssimo. Para a execução de suas arrojadas empresas trazia elle no mar uma frota de cem navios. «Deus não é capaz de me empobrecer», dizia o insensato.

A roda, porém, desandou; afundaram-lhe, uns após outros, todos êsses navios; e em breve ficou reduzido a tão grande penúria, que se viu obrigado a mendigar. E então dizia elle assim:

Dai esmola a Pedro Sem,
Que teve e já não tem ¹.

23. **Morra o homem, fique fama.** — Crêem os habitantes da Moita do Poço ² haver ali nascido o ousado guerreiro que em antigas eras foi de Elvas a Badajoz arrebatador o estandarte castelhano, como rezam velhas crónicas. Outros supõem que fôra natural do vizinho Casal do Guerra aquelle decantado heroe, cuja identidade, como parece, não está bem estabelecida, visto que análogas façanhas se dizem occorridas em Trancoso e na Certã.

— *Morra homem, fique fama!* Taes foram, segundo a tradição, as derradeiras palavras d'aquelle corajoso serrano ao arremessar o estandarte para dentro da praça de Elvas, junto de cujas muralhas foi alcançado pelo trôço de castelhanos que o haviam seguido e lhe fizeram pagar com a vida a sua temeridade ³.

24. **Sopa, vacca e arroz.** — Conta-se de D. Maria ⁴ que passando uma vez a estes sítios ⁵ e attentando nuns humildes tugúrios do lugar dos Candeeiros, exclamava condoída: — Que miséria! Esta gente não passa, certamente, de sopa, vacca e arroz ⁶.

25. **O cuco.** — É no dia de S. José (a 19 de março) que o cuco deve fazer a sua entrada, a qual, não obstante, elle alguns annos retarda ou antecipa.

Se o cuco não apparece entre março e abril,
Ou é morto ou não quer vir; —

diz um annexim (cfr. Leite de Vasconcellos, *Tradições Pop. de Portug.*, pág. 146).

No mês de junho, ou, mais precisamente, logo que nas

¹ [Acerca do assunto d'este § vid.: o opusculo de Sousa Viterbo intitulado *O Pedro Cem*, Porto 1897; e além d'isso *O Tripeiro*, 1909, pág. 73, 91, 101, 120, etc. — J. L. de V.].

² Povoação da freguesia de Turquel, nas abas da serra de Albardas.

³ Vid. *Memórias de Turquel*, pág. 94.

⁴ Andava-se então construindo, por sua ordem, a estrada que, passando por esta freguesia, devia ligar Lisboa ao Porto.

⁵ Vid. *Memórias de Turquel*, pág. 94, nota.

terras se vê trigo ceifado, o cuco abala. E isto porque elle se abrigou uma vez atrás d'um rolheiro que lhe caiu em cima, molestando-o.

26. **As andorinhas.** — São as gallinhas de Nossa Senhora. Por isso, e porque nenhum damno causam ao agricultor (antes lhe prestam serviços), os aldeões estimam-nas e protegem-nas, olhando até como bom preságio o estabelecimento dos seus ninhos no beirado das habitações. — Cfr. *Tradições Pop. de Portug.*, de Leite de Vasconcellos, § 287.

27. **A serpente e os campónios.** — Numa planície ao norte do Cabeço dos Maus, junto à serra dos Albardos, depara-se-nos hiantemente um algar tão profundo, que, lançando-se-lhe uma pedra, por algum tempo ella se sente, lá em baixo, ir tombando de fraguado em fraguado. É o Algar da Serpente.

À beira d'este algar existe, cavada na rocha, uma depressão, na qual, segundo a lenda, se mungiam diáriamente algumas cabras, cujo leite, seguindo por um conducto para o interior da caverna, era absorvido por uma serpente que ali vivia e que os campónios, por essa guisa, sustentavam. Se o não fizessem, e a bicha, por necessidade, saísse d'aquelle antro, assolaria a região.

28. **Invenções do Diabo.** — São-no, além de outras, os moinhos de vento e as armas de fogo.

No interior d'um moinho era appêndice obrigado, não há ainda muitos annos, uma cruz ¹. — Quanto às armas de fogo, bem pôde dizer-se que o Diabo, com essa invenção, a si próprio se excedeu, pois atirando a um alvo, e correndo a ver se ali chegava antes do projectil, não o conseguiu.

Há uma variante. — Por divertimento, o Diabo, uma vez, despediu uma frecha contra sua mãe, e indo-lhe logo no encalço, apanhou-a no ar. Mais tarde inventou elle as armas de fogo; e um dia, pegando numa d'essas armas, apontou à mãe, disparou, e correu no propósito de deter a bala. Mas esta, mais veloz, introduzira-se já no alvo, e era uma vez a Faisca-Velha ².

¹ No dizer do povo, *moleiro é desprêzo*, como magarefe também o é. Outr'ora — diz-se — quando, para a execução d'um réu condemnado à fôrça, faltava o carrasco, um moleiro é que o substituiu (moleiro de moinho de vento, como parece).

² Segundo o povo, é este o nome da mãe do Diabo, a qual figurava em tempo — dizem — num retábulo da igreja de Alcobaça.

A propósito: há quem dê esmola ao Diabo. Junto à escultura que naquella igreja o representa vêem-se às vezes algumas moedas de cobre, que lhe atiram, de costas voltadas aquelles que, recordando o aphorismo — *Importa estar bem até com o Diabo* —, pretendem livrar-se, a commodo preço, de suas mais rabiosas tentações.

PARTE V

PARLENDAS INFANTIS

Cancões do berço

- | | |
|---|---|
| 1. Quem tem meninos de collo
Nunca passa sem cantar;
Quantas vezes as mães cantam
Com vontade de chorar! | 3. O meu menino tem somno,
Vontadinha de dormir;
Venham os anjos do Céu
Ajudar-m'o a cobrir. |
| 2. O meu menino tem somno;
Quem o há-de acalentar?
O pai foi para a fazenda
E a mãe não tem vagar. | 4. Ó papão: vai-te embora
De cima dêsse telhado;
Deixa dormir o menino
Um somninho descansado. |

Há melodias próprias para estas canções.

Vid. o que sobre o assunto escreveu Leite de Vasconcellos na *Revista Lusitana*, x, 1-86 (artigo com musicas).

Acompanhando movimentos

5. Tem, tem,
Que vale um vintém.

Antes de ensaiar os primeiros passos, a criança procura sustentar-se de pé; é então que se lhe dirigem essas palavras, para a animar.

6. Palminhas, palminhas, E o pai, quando vier,
P'ra a mãe dar maminhas; Dará sopinhas de mel.

Ao som dessa parlenda ensina-se a criança a bater palmas.

- | | | | |
|----|---|----|---|
| 7. | Arre, burrinho,
P'ra Alfeizarão,
Que os outros
Já lá vão. | 8. | Arre, burrinho,
P'ra San-Martinho,
Que já os outros
Vão a caminho. |
| 9. | Arre, burrinho,
P'ra San-Martinho,
Carregado
De pão e vinho. | | |

Acompanhando essas palavras, dá-se à criança, que se toma
sôbre os joelhos, um brando movimento rhythmico.

- | | | |
|-----|--|--|
| 10. | Serra madeira,
Carpinteira;
Serremo-la nós,
Que vimos de Cós,
Apanhar cavaquinhas
P'ra fazer filhòzinhas: | Uma p'ra mim,
Outra p'ra ti,
Outra p'ra Pedro,
Outra p'ra a velha
Do rabo azedo. |
|-----|--|--|

Com a criança nos joelhos, imprime-se-lhe, ao proferir esta fórmula um moderado movimento de vaivém.

- | | |
|---|--|
| 11. Mão morta, mão morta,
Tem os filhos à porta;
Não tem que lhe dar,
Dá-lhe co'a tranca da porta. | 12. Mão morta, mão morta,
Tem os filhos à porta;
Não tem que lhe dar,
Dá-lhe uma pedrinha de sal. |
|---|--|

Pegando no pulso da criança, abana-se-lhe a mão levemente, e ao último verso dá-se com ella uma pancadita.

- | | |
|-----|--|
| 13. | Passarinhos no ninho;
Passarinhos a voar. |
|-----|--|

Dizendo o primeiro verso, a criança apoia no regaço as duas mãos fechadas, como se fôsem dois passarinhos; ao dizer o segundo, abre-as e levanta-as acima da cabeça.

- | | |
|-----|---|
| 14. | Aqui põe a gallinha o ovo;
O menino papa-o todo.
Êste o assa;
Êste o come;
Êste diz: Dá-me d'elle;
Êste diz: Não darei;
Êste diz: Deixa vir o pai à noite, que eu lh'o direi. |
|-----|---|

Quando se diz o primeiro verso, com o indicador da mão direita da criança aponta-se-lhe a palma da esquerda; e depois, ao dizer-se «êste o assa», «êste o come», etc., vão-se-lhe apontando os dedos, do pollegar em diante.

- | | | |
|-----|--|------------------------------|
| 15. | Dedo maminho,
Seu vizinho,
Pai de todos, | Fura bolos,
Mata piolhos. |
|-----|--|------------------------------|

Com o indicador da mão direita vão-se successivamente apontando os dedos da mão esquerda, começando pelo mínimo.

- | | | |
|-----|---|--|
| 16. | Tão balalão,
Morreu o Simão;
Fizeram-lhe a cova
Debaixo do chão. | 17. Tão balalão,
Cabeça de cão;
Orelha de gato
Não tem coração. |
|-----|---|--|

Sentada ou escarranchada num ramo de árvore, a criança diz essas rimas, baloiçando as pernas.

Comidas

(Inclusas nas outras secções, vistas, portanto, sob outros aspectos, há bastantes fórmulas com referências a comidas).

18. — Que é o almoço?
— Ameixa sem caroço.¹
— Que é o jantar?
— Bôrdo de alguidar.
— Que é a ceia?
— Morrão de candeia.
19. — Menina Mariquinhas:
Que há que se coma?
— Batatas cozidas.²
Com *poses* de gomma.
20. Minha mãe
Mandou-me aos cardos;
Que apanhasse os gordos
E deixasse os magros.³
21. Tero lero lero,
Tenho quanto quero;
Tenho pão e vinho,
Falta-me o toicinho.
22. Uvas, uvas;
Quem m'as dera já maduras!
23. Põe-te, solinho,
Nas ondas do mar,
Que eu sou pequenino,
Quero cear;
- Inda não comi hoje
Senão pão com sardinha,
Que me deu a madrinha,
De eu guardar a burrinha.

Nomes pessoases

24. Anna Rabichana,
Rabeca de cana:
Se queres mais,
Dá cá a palangana.
25. Anna Babana
Rabeca Suzana,
Pandeiro, viola,
Gallinha embuchada.
26. Diogo:
Vai ver se a gata tem ovo.
27. Frei Ignácio foi mijar
À porta do seu convento;
Três moinhos fez andar,
Uma caravela,
- Uma nau à vela,
E disse que não mijou;
Foi preciso um alguidar
P'ra elle acabar de mijar.

¹ Variante: *Cascas de tremço.*

² Variante: *Ferro de engommar.*

³ Referência ao cardo hortense, que por aqui se dá espontâneamente.

40. Corvo mal agoirado:
Não me agoires o meu gado,
Nem de noite, nem de dia,
Nem à hora do mei'-dia;
- *Tesoirinhas amarellas,
Que te cortem as goelas;
Tesoirinhas de latão,
Que te cortem o coração.

É um esconjuro usado pelos pastores.

41. — Bichaninho gato: — Guardei, guardei.
 Que papaste tu hoje? — Com que cubriste?
 — Sopinhas de leite. — Com o rabo do gato.
 — Não me guardaste nada? — Sape, sape, sape, p'ra o mato.

Passa-se a mão pelo lombo do gato ao dizer cada um dos versos; e ao proferir o último dão-se-lhe umas palmaditas, de modo que o façam fugir.

42. Sape, gato laimão,
Que já lá tens o teu quinhão.

Diz-se para enxotar o gato.

43. Gato regalaõ,
Come tripas com pão.

44. — Bichaninho gato: Mais comia.
Que comeste tu? Adeus, minha tia;
— Sopinhas de leite; Passe muito bem,
Se mais me dessem, Até outro dia.

- | | | |
|-----|---|---|
| 45. | Gralha, gralha,
Sacco de palha;
Grillo, grillo, | Sacco de milho;
Telha, telha,
Rabo de ovelha. |
|-----|---|---|

Dizem isto as crianças ao verem, no ar, um bando de gra-
lhas.

46. Bicho-flor, bicho-flor:
Onde está o meu amor?

Quando uma rapariga vê uma joanninha, toma-a nos dedos e faz-lhe essa pergunta. O rumo seguido pelo insecto, ao levantar vôo, dá-lhe a resposta. (À joanninha, que pertence ao género *coccinela*, chamam-lhe também *barroso* e *bicho-de-Santo-António*).

47. Tero lero lero,
Tenho quanto quero,
Tenho três ovelhas;
Uma não é minha
E duas são alheias.

48. Tero lero lero,
Tenho quanto quero;
Tenho três ovelhas
E um carneiro velho.
49. Papagaio *loiro*,
Bico doirado;
Leva-me esta carta
Ao meu namorado.
50. Perum velho!
Não há-de casar
Senão c'uma velha
Que te há-de matar.

Remata-se com um assobio este remoque ao peru, para o ouvir gorgolejar.

51. Eu tenho um ninho
De carrapichinho;
Acarta mel
Para o teu fochinho.
53. Pelo rio abaixo
Vai uma panela;
Se ella leva sopas,
Vamos atrás d'ella.
52. Pelo rio abaixo
Vai uma raposa;
Leva a fralda rôta,
Não tem quem lh'a cosa.
54. Pelo rio abaixo
Vai uma carriça;
Leva a grade às costas,
Toda se espreguiça.

Vegetaes

55. Alecrim, alecrim doirado,
Nasce no mato sem ser semeado.
56. Quem pelo alecrim passou
E um raminho não apanhou,
De Nossa Senhora se não lembrou.

Segundo o povo, Nossa Senhora perfumava com essa planta as faixas de seu divino Filho.

Em vez de *alecrim* e *Nossa Senhora* diz-se, numa variante, e o seu amor.

57. Cocomelinha, à leira, à leira,
Mostra-me a tua parceira,
- Ou aberta ou fechada,
P'ra comer à noite, assada.

Creem os pastores que os tortulhos nascem sempre aos pares, apesar de as plantas que formam cada par se acharem, às vezes, um tanto distanciadas.

Meteoros

58. Chovisca, chovisca,
Na cama da Boirisca;
- Abranda, abranda
Por toda a banda.

59. — A chover e a fazer sol,
Estão as velhas a bálhar em Rio-Maior.

Em vez de *a bálhar* diz-se, algures, *a pentear-se*.

60. — A chover e a fazer sol,
Estão as velhas a encher o folle.

61. Arco da velha, Meninas bonitas
Fitinha amarella, Não são para vós.
Cordão de retrós;

Dizem isto as crianças quando veem o arco-iris. — Como êsse arco parece assentar na paisagem, as crianças, no desejo de o apprehender, percorrem às vezes grandes distâncias. E isto também por se dizer que quem conseguisse tomar alguma de suas pontas ficaria senhor de grande riqueza.

Gracejos

62. Bonito menino, 63. Dê-me uma esmolinha
Que já merendou;
Comeu sete pães,
E não se fartou. Por alma dos seus defuntos,
Que eu lhes rezarei por alma,
Se elles não forem *muntos*.

64. *Fralda fóra* *Fralda dentro*
Dá uma hora; Dá um cento.

Diz-se quando a fralda da camisa apparece na cinta.

65. Maria da Atalaia,
Tem a fralda maior que a saia.

Diz-se da rapariga que traz alguma das saias de baixo mais comprida que a de cima.

66. Cobre-te, melão,
Que todos te dão.

Dizendo-se isto, dá-se com a mão na cabeça d'aquelle a quem caiu o barrete, chapéu ou bóné.

67. O burro do Luís O burro do Vicente
Tem a carga e não o diz; Tem a carga e não a sente.

Diz-se da pessoa que tem sôbre a cabeça, sem dar por isso, um objecto que alguém subtilmente ahi lhe collocou.

68. Quem foi ao mar Quem foi ao vento
Perdeu o lugar; Perdeu o *assento*.

Costuma dizer isto, por maganeira, aquelle que toma o lugar de alguém que se levantou.

- | | |
|---|---|
| 69. Antão era pastor,
Guardava ovelhas,
E tinha um cão sem orelhas. | 70. Antão era pastor em Alfeizarão,
Guardava ovelhas,
E tinha um cão sem orelhas. |
|---|---|

Responde-se, às vezes, com alguma d'essas pilhérias a quem, em vez de *então?*, pergunta: *antão?*

- | | |
|--------------------------------------|---|
| 71. Mija, Maria,
E vai-te deitar. | — Não tenho mijinha,
Como hei-de eu mijar? |
|--------------------------------------|---|

Diz-se como allusão a certas pieguices.

- | | |
|-----|---|
| 72. | Tosquiado, moleado,
Leva os porcos ao vallado. |
| 73. | Tira-te do meu sol,
Que te nasce um caracol. |

Quem, no inverno, está tomando o sol, diz isso a quem lh'o intercepta.

- | | |
|--|--|
| 74. Quem tem frio
Vai bailar ao rio
Com o capote do tio. | 75. Doi-te a barriga?
Salta p'ra riba.
Se não abrandar
Salta p'ra o ar. |
|--|--|

A quem se queixa de frio ou de dor de barriga dirigem, às vezes, algum dos dois últimos dictérios.

- | | |
|---|---|
| 76. Deus te veja ir
Com as pernas a bulir,
O c... a fugir,
O rabo a dar a dar
E as orelhas a sacudir. | 77. Deus te veja ir
Com as pernas a bulir
E os braços a dar a dar,
P'ra cá não tornar. |
|---|---|

Duas referências a quem desejamos ver pelas costas.

Orações burlescas

- | | |
|---|---|
| 78. Aqui estou no meu altar,
Com tenção de prègar; | Veio um gato gadelhudo
E comeu o meu jantar. |
|---|---|

Esta parlenda recita-a a criança empháticamente, postando-se para isso, num lugar elevado.

- | | |
|--|--|
| <p>79. Pelo signal
Da mão do gral,
Comi toicinho,
Não me fez mal;
Se mais tivesse,
Mais comia.
Adeus, senhor padre,
Até outro dia.</p> | <p>82. Santa Maria,
Ora pro nobis;
Passas e figos,
Castanhas e nozes.</p> |
| <p>80. Padre nosso,
Comer não posso;
Ave Maria,
Tijela cheia,
Tejela vasia.</p> | <p>83. Maria tem pão,
Passas e nozes;
Santa Maria,
Ora pro nobis.</p> |
| <p>81. Padre nosso,
Comer não posso;
O meu prato cheio de carne,
E o teu, de ossos.</p> | <p>84. Salve Rainha,
Salta na vinha;
Lá vem o tendeiro
Com a cajadinha;
Salta na tua,
Não saltes na minha.</p> |
| | <p>85. Dóminus vobischo,
Teu pai era boirisco,
Tua mãe era vacca,
Stava presa à estaca.</p> |

Contos burlescos

86. Era uma vez
 Um gato montês;
 Mijou-te nas barbas,
 Não sei que te fez.
87. Era uma vez
 Uma vaquinha de oiro com uns corninhos de pêis;
 Queres que t'a conte outra vez?

Com essas fórmulas zombateiras correspondem alguns ao pedido das crianças que requerem contos.

Vozes dos sinos

88. Aos sinos da Benedicta attribue-se esta lenga-lenga: *Passarão com pão, passarão com pão...* Em tempo, diziam: *Comprei um tanchão, comprei um tanchão, comprei um tanchão, tanchão, tanchão...*

89. O do Vimeiro, assegurava a louca D. Quitéria, irmã do dr. Pedro, que diria isto quando seu irmão morresse: *Uma manta velha, uma manta velha...*, ao que replicaria a sineta da quinta: *Tem lendeas, tem lendeas...*, decidindo em fim a contenda o sino grande da côrte: *Lá lh'as tirarão! lá lh'as tirarão!..*

90. Antigamente, em Turquel, quando, depois de um casamento, se fazia o repique, os sinos diziam: *Já lá vão, já lá vão...*

91. A sineta da capella do Senhor do Hospital diz assim: *Quem tem léndeas, quem tem léndeas...*, e remata: *cate-as, cate-as, cate-as...*

92. As vozes dos sinos nas freguesias que se prolongam, em recta, ao sul de Alcobaça, alguém as interpretou assim: — os da Benedicta (antigamente): *Tem léndeas, tem léndeas...*; os de Turquel: *Tirem-lh'as, tirem-lh'as, tirem-lh'as, tirem-lh'as...*; os de Evora: *Com quê?... com quê?...*; os de Alcobaça: *Cum picão!... c'um picão!...*

Numeração

- | | |
|-----|--|
| 93. | Una, Apertado,
Duna, No bico,
Tena, Do pé,
Catena, São nove,
Sapato, São dez... |
| 94. | Sete e sete
E três, dezassete;
E quatro, vinte e um;
E seis, vinte e sete. |

Calendario

- | | |
|-----|--|
| 95. | Segunda-feira vou p'ra a feira,
Têrça-feira chego à feira,
Quarta-feira estou na feira,
Quinta-feira abalo da feira,
Sexta-feira chego a casa,
Sábbado cozo e amasso;
Ahi está o trabalho que eu faço. |
| 96. | Domingo de Lázaro O depennamos;
Matei um pássaro; Domingo de Páschoa
Domingo de Ramos O almoçamos. |

Gymnástica vocal

- | | |
|-----|--|
| 97. | Comi rim-rim,
Melra gorda,
Parda assada. |
| 98. | Pia a pinta,
Pinga a pipa. |

99. Debaixo d'aquelle campanário
 Está um pardal pardo palrando,
 Palrador de el-rei;
 Palra tu, pardal pardo,
 Palra tu, que eu já palrei.

Estas fórmulas, exige-se que sejam repetidas muitas vezes a fio, e com celeridade, a fim de provocar visíveis estropiamentos.

Outras lenga-lengas

- | | |
|---|---|
| 100. Um careca caiu n'água,
Outro careca o deitou,
Outro careca lhe disse:
— Careca: quem te molheu? | 103. Bate, padeirinha,
Bate o pão-de-ló;
Padeirinha, bate,
P'ra uma banda só. |
| 101. Bê á bá, fugiu a burra,
Bê á bá, foi p'ra os casaes,
Bê á bá, com as canastras,
Bê á bá, não tornou mais. | 104. Por trás da ribeira,
Uma vacca chocalheira
Põe os ovos em carreira
L'ara a filha do juiz,
Que perdeu o nariz
No jôgo da bola;
Quem no achar
Que lh'o dê por esmola. |
| 102. Sim, senhora, não, senhora,
Foi á fonte, logo vem;
Foi buscar um jarro de água
P'ra lavar os pés á mãe. | |

À pergunta: *Que é de F'?* responde-se as vezes assim:

- | | |
|---|--|
| 105. | Foi à missa da carriça,
Com umas contas de bugalho
E umas botas de cortiça. |
| 106. Foi à missa da carriça
Com umas botas de cortiça;
A carriça deu um berro
Que toda a gente espantou;
Só uma velha ficou | Embrulhada num sapato;
A velha pariu um rato
Com um dente,
P'ra rapar o c... a toda a gente. |
| 107. | — Quiqueriqui, que fazeis lá dentro?
— Quiqueriqui, faço fermento.
— Quiqueriqui, fazei-me um bôlo.
— Quiqueriqui, não tenho sal.
— Quiqueriqui, ide-o lá buscar.
— Quiqueriqui, n'ê sei aonde.
— Quiqueriqui, a casa do conde.
— Quiqueriqui, e'le não está lá.
— Quiqueriqui, a casa do fidalgo;
— Tem a barriga como um gaigo. |

108. — Uma vacca chocalheira
 Tinha um bezerrinho
 Chamado Galantinho,
 Com o rabo cortado.
 — Quem o cortou?
 — Foi a machada.
 — Que é da machada?
 — Foi cortar a lenha.
 — Que é da lenha?
 — Queimou-a o lume.
 — Que é do lume?
 — Apagou-o a água.
 — Que é da água?
- Beberam-na os bois.
 — Que é dos bois?
 — Foram semear o trigo.
 — Que é do trigo?
 — Comeram-no as gallinhas.
 — Que é das gallinhas?
 — Estão a pôr os ovos.
 — Que é dos ovos?
 — Comeram-nos os frades.
 — Que é dos frades?
 — Estão a dizer a missa
 Lá atrás na Benedicta;
 Ferra o dente na caganita.

Para impor silêncio

109. Era, não era,
 No tempo da era,
 Seis *caracoes*
 Numa panela;
 Fôra eu, que sou rei de Portugal.
- Eu a mexer
 E tu a lamber;
 O caldo que ficar
 É p'ra o primeiro que falar;
110. Quem quer ir, quem quer ir;
 Está seu pai para *partir*,
 Sua mãe para *abalar*;
 Sete panelas de *bôrras*
 P'ra o primeiro que falar.

Emprega-se algumas d'essas fórmulas para impôr silêncio.
 O primeiro que o quebra é chacoteado.

Turquel (Alcobaça), 22 de Junho de 1919.

JOSÉ DIOGO RIBEIRO.

Textos antigos portuguezes

(Cfr. *Revista Lusitana*, vol. xxi, pág. 69)

VIII

Historia de Dom Rodrigo, último rei godo

O excerpto que d'esta vez trago a lume diz respeito a uma personagem histórica que deixou de si memória por tal forma extraordinária, que a imaginação popular não tardou a apoderar-se d'ela, envolvendo-a em lendas ¹, — o último rei godo —, e é extraído de uma tradução portugueza da *Cronica geral de Espanha*, existente em um precioso códice que, tendo feito parte da Biblioteca dos Marquesses de Castelo Melhor, foi adquirido pela Academia das Sciencias de Lisboa, em cuja posse hoje se encontra, em leilão realizado em 2 de Março de 1879.

Compõe-se ele de 322 folhas de pergaminho, escritas todas a duas colunas, com excepção do verso da última, e mais duas em branco; apenas na última d'estas, aí a meio da pagina de frente, se lê esta nota: *liuro do sor. Luis Alcaçoua Carneiro*; a dimensão de cada uma d'elas é de 0^m,45 de altura e 0^m,33 de largo, com margens, que tem na parte superior e inferior respectivamente 0^m,03 e 0^m,08, e do lado direito 0^m,05, afora a da esquerda, que foi em parte tomada pela encadernação; ha ainda entre as colunas um pequeno espaço, que é occupado quasi sempre por vinhetas a varias cores, azul, amarelo, etc., o que aliás acontece em todas aquellas margens, incluindo até a esquerda, mas principalmente na página de frente. A inicial, como era costume, tem maior cópia de ornatos e mais variados do que as restantes, principalmente na sua parte superior. Acha-se escrito em caracteres góticos, muito artisticamente feitos e com raras abreviaturas, o que torna sobremaneira fácil a sua leitura; a letra por que começa a primeira palavra de cada capitulo é maiuscula, como aliás são as que iniciam cada periodo, — as únicas com esse talhe —, mas, ao contrario d'estas, que com as restantes são a negro, acha-se sempre envolta em vinhetas a cores do mesmo modo que ela.

¹ Veja-se o magnífico estudo de D. Juan Menéndez Pidal, intitulado *Leyendas del último Rey Godo*, Madrid, 1906.

Vê-se das palavras finais *E os mouros non o querêdo matar por a gram bondade que em elle vijam trouueron garfos de ferro cõ que o prendessen e trauaron del com aqueles garfos en algũs logares da carne. e ele a leixaua rasgar por se nõ*, as quais fazem parte do derradeiro capitulo, intitulado: *Como se alçaron todollos mouros dos logares que elrey don Afonso auja guaanha-dos e se perdeo Exarez e muytos outros logares e do que elrei sobrelo fez*, vê-se, repito, que o copista ou *escriuão dos livros*, como d'antes se dizia, deixou por terminar o seu trabalho.

A quem este o destinasse ou quem de tal o encarregou ignoro; de certo que não foi Luis de Alcáçova Carneiro, ao qual se diz ter o códice pertencido, pois tal nota foi ali exarada muito depois, como se vê da letra, que denúncia época posterior; a forma verdadeiramente luxuosa como a cópia se acha feita leva-me a supôr que talvez na sua origem tivesse feito parte da Biblioteca de el-rei D. Duarte, na qual, como nos informa o respectivo catálogo, encontrado na Cartuxa de Évora, figurava uma *Historia Geral*, suposição que a sua linguagem tambem autoriza. Com efeito, encontra-se nela um facto que, afora a letra, a vem confirmar: é a persistência, com mui raras excepções, da desinência *-des* na segunda pessoa do plural dos verbos, a qual, segundo Adolfo Coelho ¹, se manteve nos princípios do século xv, até af pelo ano de 1410, passando depois a aparecer umas vezes, outras não, até o fim do mesmo, e tendo este monarca falecido em 1438, cai o seu reinado principalmente na passagem da primeira para a segunda d'aquelas duas fases.

É possível que esta tradução reproduza mais ou menos integralmente, com as alterações que o tempo tinha ocasionado na lingua, outra mais antiga, que se diz ter sido mandada fazer por el-rei D. Dinis sobre algum dos vários exemplares, escritos em castelhano da Cronica atribuida a Afonso x de Castela, como seu autor ou mandante ². Um d'esses foi, em 1906, publicado pelo douto professor da Universidade de Madrid D. Ramón Menendez Pidal, do cotejo, porém, que fiz d'esse texto com o de

¹ *Theoria da Conjugação em latim e portuguez*, Lisboa, 1870.

² No volume a que achua me refiro, lê-se na página de frente: *Primera Cronica General — Estoria de España que mandó componer Alfonso el sabio etc.*, na immediata *Estoria de España que fizo el muy noble rei don Alfonso, fijo delrei don Fernando et de la reyna donna Beatriz*, título que parece ser o original: sobre a parte que o rei *Sabio* nela teve, assim como sobre os materiais que entraram na sua composição cf. *Hist. de la Literatura Española* de Fitz-Maurice-Kelly, traduzida por Bonilla y San Martín, pag. 105 e seguintes.

que me estou ocupando concluí que o nosso provinha de um mais prolixo; para d'isso nos certificarmos, basta conferir com êle o excerpto que agora dou, que no original manuscrito occupa nove folhas, isto é, de 72 verso (2.^a columna) a 81 *idem* (1.^a columna), enquanto no impresso se contêm apenas em duas incompletas, ou seja de páginas 307 a 310, sem falar na redacção, que diverge bastante nos dois exemplares, como verificará quem fizer o respectivo confronto. Começa o nosso códice por estas palavras: *Os nobres barões e de grande entendimento que screueron as estorias etc.*; o Prologo do texto impresso, diz assim: *Los sabios antiguos que fueron en los tiempos primeros et fallaron los saberes et las otras cosas tovieron que menguarien en sos fechos et en su lealtad si tan bien no lo quisiessen pora los que avien de venir como pora si mesmos o pora los otros que eran en so tiempo etc.*

A mesma Academia possui ainda a cópia manuscrita, feita em 1834 por Nunes de Carvalho, de outro códice da mesma *Crónica de Espanha*, existente na Biblioteca de Paris; a linguagem nêle usada e sobretudo a completa ausência da desinência verbal *-des*, de que ha pouco falei, levam-me a datar dos meados ou fim do mesmo século o original d'onde ela foi tomada; também esta tradução diverge da que aproveitei, embora em pontos mínimos, que principalmente se reduzem a evitar certas prolixidades, como esta, pela qual começam alguns capitulos da última: *Conta a estoria*; afora isto e pouco mais, a redacção é idêntica, parecendo depreender-se que talvez ambas provenham de um mesmo original, a que o copista tivesse feito aqui ou ali algum leve acrescentamento,

Na Biblioteca Nacional de Lisboa, como na de Évora, existem igualmente manuscritos cartáceos, feitos no século xvii, nos quaes se encontra a *Crónica* de Afonso x, ignoro, porém, se apresentam as mesmas divergências, pois não me foi possível coteja-los.

Como se verá do seu conteúdo, é de magna importância este texto medieval, pois, além do interesse histórico e literário, tem ainda o da linguagem, e por isso grande serviço prestaria aos estudiosos a Academia das Sciencias de Lisboa, promovendo que algum dos seus doutos membros fizesse d'êles uma edição critica; que me conste, afôra o que agora aqui trago, apenas um pequeno trecho foi publicado pelo dr. Leite de Vasconcellos nos seus *Textos Archaicos*, 2.^a ed., p. 45 a 47, e outro aparecerá em breve na 2.^a edição da minha *Crestomatia Arcaica*.

Direi agora como procedi na reprodução do excerpto a seguir. Como d'outras vezes, transcrevi escrupulosamente o respectivo original, desfazendo aqui ou ali alguma rara abreviatura; mantive a sua ortografia, separando apenas as enclíticas ou usando do apóstrofe ou d'outro acento para sua melhor intelligência; pelo mesmo motivo pontuei e uma que outra vez englobei em um único periodos que se achavam separados pelo ponto e letra maiuscula, naturalmente quando entre ambos havia ligação natural e sintática. Afóra isto e o emprego de caracteres maiúsculos na cópia de nomes próprios, que, aqui, como noutros textos, se não diferenciam dos comuns na sua grafia, sempre que o copista omitiu ou pôs a mais alguma palavra, meti aquella entre colchetes e esta entre parêntesis, indicando em notas todas as vezes que se encontram na cópia de Nunes de Carvalho (que indico pela abreviatura *N C*) a primeira expressa e a segunda omitida. É claro que, não sendo minha intenção colacionar os dois manuscritos, a pouco mais me limitei do que a apontar as divergências existentes entre a referida cópia e o códice da Academia só quando elas se referiam a estes dois pontos—falta ou excesso—, deixando de mencionar muitas mais, por se não acharem compreendidas nestes dois casos.

J. J. NUNES.

HISTÓRIA DE DOM RODRIGO, ÚLTIMO REI GODO

Como morreo elrrey Costa e das cousas que sse seguiron depois da sua morte.

Conta a estoria que aquelle boo rrey Bamba rreynou doze annos e depois delle rreynou Heruigio dous annos. Depois da morte de Heruigio reynou Egica, seu filho, dez annos. E depois da morte delrrei Egica rreynou Vetiza oyto annos. Depois de Vetiza alçaron os godos por rrei em Espanha hũu que auya nome Costa. Este rreynou cinco annos e sete meses e aa sua morte ficaram-lhe dous filhos de pequena ydade. Mas, tanto que aquelle rrey Costa ffoy morto, o aluoroço foy muy grande êna corte e tam grande uolta per toda Espanha que era marauilha, ca muytos grandes fidalgos e rricos homêes, que se aconteceron de seerem hy, quando elle morreu, nõ se queryam ben hũus aos

outros. E por esta rrazon partiron-sse em duas partes e fizeram de ssy dous bandos. E ho hũu dos bandos tomou hũu dos filhos delrrey Costa e o outro bando tomou ho outro. O bando que tijna o mayor filho delrrey Costa queria que fosse rrey. E o outro bando esso meesmo queriam que ffosse rrey ho outro filho mais pequeno, e sobre esto era grande contenda, que cada hũu dos bandos queria fazer rrey o filho delrrey Costa que tijna, dizendo que doutra guisa nom podya seer.

Mas algũs ricos homeens honrrados que nõ eram metidos ã estas partes, ueendo tal deuison, entenderon o mal que sse dello podya segnyr. E por esta rrazon rreprenderõ-nos muyto, dizendo-lhes que faziam o que nõ deuyam, querendo-sse leuantar contra o ssenhorio d'Espanha. E elles rresponderon que sse nom leuantauã con os filhos delrrey Costa, por seerem contra o senhorio d'Espanha, ca esto era cousa que nom cõuijnha aa nobre gente dos godos, mas por que ajnda nẽhũu(s) ¹ delles nõ era tamanho que rreyno soubesse teer e que, por os moços seerem guardados e criados, que portanto faziã ² aquello, ca, sse todos fossem acordados que fizessem rreynar aaquella sazom algũu delles, aquelles en cuiu poder elle ficasse, fariam tanto de mal aos outros seus jnmijgos que seeriam destroidos.

E por estas rrazões que ditas auemos aadur ouue uilla em Espanha que se rom alçasse, e tam mal sse traziam hũus os ³ outros como se fossem ãmijgos mortaaes.

E, ueendo os grandes fidalgos que nom eram desses bandos e outrossi os poboos o grande mal e destruiçon que por esto vijna aa terra, veeron-sse a acordar de fazerem cortes e fazerem ã ellas tal rregimento per que sse a terra nõ perdesse. E foy assi que foron feitas e acordaron em ellas tal rregimento que era bẽ de tomarẽ hũu homen que fosse tal que soubesse rreger o rreyno, ataa que os filhos delrrey Costa fossem tamanhos que o mayor delles podesse rreynar e que este homẽ nõ fosse de nem hũu dos bandos e que fosse de boa fama e tal que rregesse Espanha em todos seus boos costumes.

E acharon que auya hi ⁴ homẽ, boo caualleiro em armas e muy esforçado, e que este era tal como elles demandauam e que daria a cada hũu o seu dereyto, que por nem hũa cousa o

¹ Nenhũu N C.

² Texto *fazia* N C *faziam*.

³ Aos N C.

⁴ Hũu N C.

não leixaria de fazer, e demais que era primo coyrmão delrrei Costa e que por esta rrazon auerya mayor crydado da criaçom e guarda dos seus filhos. E este caualleiro auya nome dom Rrodrigo.

Com os godos em as cortes que fizeram mandarom por dom Rrodrigo pera o fazerem rregedor em Spanha.

Tanto que aquello ouuerõ acordado, mandaron por dô Rrodrigo e, quando elle chegou ally onde estauã todos ajuntados em suas cortes, assy os grandes fidalgos come os procuradores de todollos poboos d'Espanha, disserõ-lhe assy:

— Dom Rrodrigo, a uos fez Deus a mayor mercee que nũa fez a homen que nos possamos saber e uedes o que uos fez: deu-uos que ouuessedes de seer rregedor d'Espanha e que uos façades como se fossedes rrey, e esto nõ foy por uos seerdes herdeiro do rreyno, mas foy por outra cousa, por que uos deuedes de teer por muy mais ben andante, ca foi per outorgamêto e grado de quantos nobres homêes uos aqui ueedes, assi clerigos como leigos, e praza a Deus que esto que uos assi fazem que seia por seu seruico e prol da terra e honrra de todos aquelles que uos emlegeron.

E elle respondeu que faria quanto elles mandassem e que Deus o quisesse ajudar que rregesse ben e dereitamente.

Enton se leuantou ã meo de todos hũu nobre baron, que auia nome Serat, que era homẽ muyto sisudo, e fez uijr o liuro dos santos euangelhos em presença de quantos erã presentes e disse:

— Dom Rrodrigo, uos poede as mãaos sobre este liuro.

E (em) ¹ elle pos as mãaos ã cima.

E enton lhe disse aquelle Serat:

— Dom Rrodrigo, uos jurades a Deus e sobre estes sanctos euangelhos que bem e dereitamente guardedes e façades guardar os direitos d'Espanha e que uos façades direito em todo, assy aos pobres como aos rricos e aos grandes como aos pequenos e, tanto que os filhos delrrey Costa forem em tal tempo que possam e saybham mãteer o rreyno, que uos per nosso outorgamêto ho entreguedes aaquelle que nos teuermos por ben e que uos lhe façades menagen e façades a todollos outros que lha façam?

¹ Falta em N C.

E dom Rrodrigo jurou assy como lhe foy deuisado. E, logo que elle ouue feito o dito juramento, todos aquelles que eram em essas cortes que algo ualliam lhe fizeram menagen como a senhor natural que o seruisssem e fizessem por elle como seu direito senhor.

Despois que elle ouue o senhorio e lhe todos fizeram menagen, como iá dissemos, tomou grande poder e foy sobre aquelles que tijham os filhos delrrey Costa e matou-hos e tomou os meninos e adusse-os consigo e feze-os criar assy uiçosos e tam honrradaménte como cõuijnha a filhos de rrey. E tanto lhes fazia de boa criança e lhes mostraua d'amor que seu padre nom lhes poderia mais fazer, e, depois que foron crescendo, fazia-lhes tanto ben que esto era hũa grande marauilha, e assessegou toda Espanha e desfez todollos bandos. Que uos diremos de Dom Rrodrigo, senõ que tanto disse e tanto fez aos hũus e aos outros e tanto bê soube rreger sua fazenda e sofrer sua boa andãça que, pero que os meninos despois ueerõ a tal estado que bem podera cada hũu delles auer siso de manter e rreger a terra, nõ ouue tam ousado em toda Spanha que lhe ousasse dizer que lhes entregasse o senhorio do rreyno, nem elle nõ lho quis entregar, ca todos os demais daquelles per que elle fora enlegido eram mortos e saídos d'Espanha, ca hũus matara elle e outros morreron de sua morte e outros cõ temor das cousas que lhes aueron sayron-se fora d'Espanha e por esta rrazon nõ ouue hi nõhũu que lhe contradisresse? E desta guisa se parou em Spanha ¹ e em tal maneira que poucos hy auia que nom fossem feitos da sua mão. E per tal maneira como auedes ouuido se fez fazer aos d'Espanha que o tomassem por rrey e elle foy feito rrey e antre o tempo que foi rregedor e o que rreynou foron quinze annos.

Como ueeron a elrrei Dom Rrodrigo os que guardauã a casa que Hercolles fezera em Tolledo, que deitasse em ella seu cadeado, segũdo o que fizeram os outros rreis que at'elle forom.

Despois que todas estas cousas assi aueron, como auedes ouuido, os que guardauam a casa de Tolledo ueeron a elrrei Dom Rrodrigo e disseron-lhe assi.

¹ Sse ordenou Espanha, N C.

— Senhor, nos uijmos a ti a te rrequerer que tu faças o que fezerò todollos rreis que ante ti rreynaron ã Espanha, ca a ti cõuem de deitares teu cadeado em aquella casa que Hercolles fez em Tolledo, de que nos auemos a guarda.

E elrrey lhes preguntou que casa era aquella de que lhe assi diziam ou por que rrazom auia elle de deitar em ella o seu cadeado.

E elles lhe disseron:

— Senhor, esto te diremos nos muy de grado, ca bẽ sabemos dello a uerdade. Sabe que, quando o grande Hercolles passou ã Espanha e fez em ella aquellas cousas que todo o mûdo sabe, fez em Tolledo huã casa tã sotil e per tam grande meestria que te nõ saberemos dizer como he feita, nem per cujo siso. E esta casa he toda rredonda que, se a uires, senhor, nõ te semelhará senõ hũa cuba que está aleuantada sobre o tampon, e ben te podemos dizer em uerdade que muytos homẽes prouaron se poderiam deitar per cima desta casa hũa pedra pequena e nõca uimos homen que da outra parte podesse passar. E bem te fazemos certo que em todo o mundo nõ possas achar homen que per seu siso te podesse dizer em que modo esta casa he laurada de dentro, mas o que nos ueemos das partes de fora esso te podemos ben dizer. Sabe por certo que em toda a casa nom ha pedra que mayor seia per ssemelhar que a m̃ao de hũu homen e ben entendemos que todallas demais son marmores e son claras ¹ que esto he grande marauilha e de tantas e taaes collores que aadur poderedes pêsar que hi estam duas nem tres pedras de hũa collor. E ssom assy sotilmente ajûtadas que ben semelhara aos que a uissem, se as collores nõ fossem, que toda a casa era de hũa pedra, mas as estorias que em ella parecen esto uos pareceria graue cousa de creer, a menos que o uissedes, e nõ creades ² se nõ que son pintadas con tinta, mas as pedras son assi metidas e postas de tal fegura que uos semelhara que nõca no mundo ouue boa cauallaria de que alli nõ aia a estoria. E esta casa stá assentada sobre quatro leões de metal tam grandes que esto he grande marauilha entender como foron feitos. Que uos diremos, senhor, outra cousa desta casa, senom que entendemos que nom ha no mundo homen que sollamente uos podesse contar certamente as marauilhas que son uistas de fora? Depois que Hercolles fez esta casa e

¹ *Muyto claras* N C.

² Emendado em *crerades* parece que por outra m̃ao; N C *creaaes*.

em ella hũa porta nõ muy grande, entrou dentro e meteu em ella nõ sabemos que, nem entendemos que oie aia no mundo homen que o saybha, nem que o nõca soubesse se nom elle. E, depois que esto ouue feito e se sayu fora, fez deitar enna porta hũu cadeado d'ouro tan sotil como uos podedes ueer e escreueu enna porta letras muy ben entalhadas d'ouro e d'azul que dizem: Eu defendo que nem hũu nõ seia tam ousado per força, nem per siso que aia, que esta porta abra. E estas letras stauam ẽ cima do cadeado. E ẽ fundo delle auya outras que deziam assi: Non seia nem hũu tam ousado dos que ora som, nem dos que depois ueerem que abra esta porta por ueer esta casa, e mãdo e rrogo a todollos rreis que depos mĩ ueeren que deitem ẽ esta porta senhos cadeados e que a façam guardar assi como a eu faria. Depois que esto ouue feito, deu a chaue daquelle cadeado a hũu seu sobrinho, que auya nome Espon, que foi rrey d'Espanha depois delle. E este Espom, depois que rreynou, fez muy ben guardar a casa e deitou em ella seu cadeado. E, depois que foy morto Espon, rreynou Pirus, que era seu genrro, e este ueo em Tolledo e deytou seu cadeado ẽna porta. E, des que esto ouue feito, tomou doze homẽes dos melhores que a essa sazõ hi auya e deu-lhes as chaues da casa e feze-lhes jurar sobre a fe que guardassem sempre bem aquella casa e que en todo tempo que elles podessem que nõca aquella porta fosse aberta. E fez fazer juramento ao concelho de Tolledo que, logo que algũs daquelles doze homeens que auyam a guarda da casa morresse, que logo outro posessem ẽ seu logar, segundo mandara Hercolles, per tal guisa que a casa fosse sempre muy ben guardada. E, por que Hercolles foi muy sisudo e ben auenturado e muyto entendido das cousas que auyã de uyr e nõca em Spanha ouue rrey que seu mandado quisesse passar, mas fezeron todos assi como elle mandou, porem nos, que auemos a guarda daquella casa, uijmos a ti, que deites ẽ ella teu cadeado, segundo fezeron os rreis que ante ti ueeron.

Quando elrrei dom Rrodrigo ouuyo dizer tãtas marauilhosas cousas daquella casa, pẽsou em seu coraçon que staua en ella escõdido algũ grande tesouro ou outras algũas cousas de forte segredo, pois que Hercolles a mandara guardar con tanta ffemẽça. E, como era homẽ de grande coraçõ, disse que o nõ faria, mas que queria saber em toda guisa o que jazia dentro em ella. E elles lhe diseron que sse guardasse muyto de o fazer, mas que fizesse o que fezeron os outros rreis. E elrrei dom Rodrigo lhes disse:

— Leixade-uos ora desto, ca eu farei o mais cedo que eu poder como ueia e enton farei o que me semelhar.

E non lhe quis dar outra rresposta e elles foron-sse sem outro rrecado.

Este rrei dom Rrodrigo foi homê que fez mujtas e boas cou-sas em Spanha, ca elle auya por costume de trager muy grande casa e em ella muytas molheres filhas d'algo. Ca, como elle sa-bya em algũu logar homen boo que filho ou filha teuesse, logo lha mandaua pedir, e tambem os criaua e tanta honrra lhes fazia que era grande marauilha. E por esta rrazon (que) ¹ tragia sempre muy grãde casa e muy honrrada de muytos fidalgos e outrossi sua molher acompanhada de mujtas rricas donas e donzelas de grande guisa.

Em esta sazõ auia em Cepta hũu conde, grande fidalgo, que era senhor dos portos do estreito assi daallem como daaquem, e este conde auya nome dom Ilham, e auia hũa filha, muy fre-mosa e muy ben acostumada donzela, e que auia aspeito e sem-brante de seer boa molher. E, tanto que esto soube elrrei dom Rrodrigo, mandou dizer ao conde dom Ilham que lhe mandasse logo sua filha a Tolledo, ca a elle nõ prazia que donzela de tam boas manhas e de que sse tanto bem dizia, uiuesse senom con sua molher, por que elle lhe daria melhor casamento que outro homem que ãno mundo ouuesse.

Quãdo o conde ouue este rrecado delrrei dom Rodrigo, foi muj ledo e mandou-lhe sua filha muy honradamente e ãuiou-lhe dizer que Deus lhe desse boo gallardam por quanto ben e mer-cee prometia de fazer a sua filha.

Como Aliataba, filha do conde dom Ilham, chegou a Tolledo.

Os que tragiã a filha do conde, despois que partirom de Cepta, andaron per suas jornadas, ataa que chegaram a Tolledo, onde era dom Rodrigo, e elle, quando a uyu, prougue-lhe dela muyto e aa rraynha outrossi. E, despois que ella foy con as ou-tras donzelas, ffilhas de todollos melhores d'Espanha ², começou ella de fazer tam ben sua fazenda e seer tam boa e tanto auisada em seus feitos que todos deziã della bem. E a rraynha sse pa-gaua della tanto que muytas uezes dezia que, sse aquella don-

¹ Falta em N C.

² No texto *despanha* que tambem se pode ler *de Spanha*.

zella longamête uiuesse, que non podia estar que della nõ ouuesse de uijr hũa auanteiada molher. E tanto uos digo, que dizem os que fallam da sua bondade e fremosura, que ella era aquella sazõ a mais fremosa donzella que auia em toda Espanha.

E hũu dia aconteceu assi, que, andando ella em hũa orta con outras muytas donzellas sem nem hũa êtoucadura e estando elrrey dom Rrodrigo em tal logar que uija muy ben como ellas andauã trebelhando, ujo-lhe o trouadoiro da perna e era tam branco e assi bem feito que nõ podya melhor seer. E, logo que a assi uio, começou-lhe de querer muy grande bẽ, em tanto que se moueo a a demandar. E, quando ella uyo que a elrei assi demandaua, pesou-lhe muyto e defendeu-se-lhe por boas palla-uras o melhor que pode. E elle aficou-ha tanto que sua defesa nõ lhe prestou e ouue-sse de uencer, por que era molher, e fazer o mandado d'elrrey dõ Rrodrigo, que a fortemête aficaua e lhe tanto prometia. Mas esto foi grande marauilha que, des o primeiro dia que a elrei começou de demandar, sempre lhe ella quis cada dia peor. Ca ella era de boo siso e bem uija chãamente que lhe nõ podia elrei fazer cousa que sua deshonna nõ fosse, pero, sem grado per parecer, fez quanto elle quis. E desto lhe creceu tam grande pesar em seu coraçon que começou de perder sua fremosura muy desmesuradamête. E ella auya por amiga hũa muy fremosa donzella, que auia nome Alquifa. E, quando aquella sua amiga a uyo assi demudada de que tal ella soya de seer, pesou-lhe muyto e disse-lhe assi:

— Amiga, rrogo-te que aquello que nũca antre my e ti passou, que nono passe agora, ca bem sabes que, despois que ambas amor ouuemos, que nũca hy ouue desamor, e por esto te rrogo que me nõ queiras negar tua fazenda, ca tu sabes ben que, des que eu naci, nũca fiz cousa de que me possa acordar que tu nom saibhas, e esto meesmo pensaua en de ti, ca eu cuidaua que sem todo engano sabya tua fazenda, e ora conheço ben em certo que nõ he assi, ca quem em ti bem quiser conhocer¹, bem ueerá que tu ás muy grande pesar, e a mĩ pesa muyto porque o nõ sey e queria muy de grado que mho dissesses, e, se he cousa em que te eu possa poer conselho, eu te prometo, como leal amiga, que o faça muy de boamête.

E Allataba auya muy grande uergonça do feito, por que era mao e feo e outrossi por que sse tanto encobrira dela, sendo

¹ esguardar N C.

assy sua amiga. Entom lhe cõtou con muy grande pesar todo o feito como passara con elrrei dom Rrodrigo que nem hũa cousa lhe nõ emcobrio. E, despois que lhe todo ouue dito, rrogou-lhe que a conselhasse como fizesse em tal coyta como esta.

— Ca certamente, amiga, disse Allataba, tal pesar ende hei que de mi son marauilhada como iá tempo ha que non som morta.

E quando Alquifa ouuyo todo aquello que lhe Allataba contou de sua pressa e de seu pesar, ouue tan grande coita em seu coração que parecia que sse lhe queria partir, e disse-lhe enton:

— Certamente, amiga, eu te digo que, sse tal cousa a mi aueesse, por todo ho ouro do mudo eu nõ o leixaria de diser a hũu homẽ de que eu muyto fiasse e que entendesse que sse de mi doeria.

E Allataba rrespõdeu a estas pallauras e disse:

— Se aquelles que este feito soubessem ho julgassem assi como elle passou, eu non aueria que temer de o mandar dizer a meu padre, mas eu sei, ben que meu padre he homẽ de boo siso e eu ueio ben que todollos sisudos julgam as mais das molheres por maas e por esta rrazon o nõ ousou mandar dizer a meu padre, ca ei medo de mho nõ creer e que tenha que eu per meu grado o fiz e que me desempare.

E Alquifa lhe disse:

— Amiga, nõ ual nem hũa cousa esso que dizes e direi-te por que. Sabe por certo que, se tu negares e per esta guisa quiseses hyr, nõ pode estar que nõ emprenhes e, depois que fores prenhe, nõ pode seer que nem seia sabudo. Desi her ben sabes que a rraynha te fez tâta honrra como se tu fosses sua filha e, tanto que o soubesse, sabe por certo que te apregoaria por maa. E, sse esto assi aueesse, melhor te seeria mil vezes a morte que hũa uida ¹. Mas tanto quero que saibhas de mi, segundo o que eu entendo, que, se te callares, nõ pode seer que nõ seia sabudo, e esto com teu grande dampno e uergonça, e, sse o disseres com siso e a quem deues, nũa ende despois podes seer culpada. Onde eu em este feito nõ veio tam boo siso nem outro melhor conselho como que o mandes dizer a teu padre, ante que a outra nẽhua pessoa possa saber.

E, quando Allataba vio como era ben conselhada de Alquifa, prougue-lhe muyto e disse que tal maneira lhe parecia

¹ No texto *aiuda*.

muy ben e que assi o queria fazer e ella que ben sabia leer e escreuer; assentaron-sse ambas e fizeram logo hũa carta em esta forma.

Como Allataba mandou a carta a sseu padre.

Oo muy honrrado e discreto sisudo, prezado e temudo senhor de Cepta, conde dom Ilham.

Padre senhor, en Lataba, uossa deshonrrada filha, me mândo êcomendar en quem e por quê e a quê he verdadeiro encomendamento de todallas cousas. A deshonrrada filha doesto he do boo padre êuyo beyiar uossas mães e quero que saibhades, padre senhor, que uos, cuydando fazer muyta uossa hõrra e mynha muy grande prol de me mandardes pera casa delrrei Dom Rrodrigo, seguio-sse o contrairo, ca fezeistes grande uossa deshonrra e muyta minha perda, ca elrrei Dom Rrodrigo muy sen grado e contra mynha uoontade jouue cômigo. E porê uos rrogo, senhor, por Deus e por piedade, que mandedes por mî, se nom ben creede que eu me matarei con mynha mãao, ca ante eu queria cem uezes morrer ca uiuer mais em casa delrrei Dom Rrodrigo. E poren, padre senhor, eu desto nõ uos mandarei mais rrecado, mas, se uos queredes minha uida, êuiade por mî, ca, sse eu mynha madre uisse, nõ queria mais uiuer.

Depois que esta carta foi feita, chamou ella hũu seu escudeiro de que ella muyto fiaua e deu-lhe a carta e disse-lhe assi:

—Amigo, que Deus uos dê boa andança e aiades boa uentura e que eu seia theuda de uos poer em boo estado por quanto seruiço me fezeistes, trabalhade em tal guysa que antre dia e noite seiades honde he meu padre e dade-lhe esta carta.

E o escudeiro, que ben sabia o caminho, nõ quedou d'âdar noites e dias, ataa que chegou a Cepta, honde era seu padre, e deu-lhe a carta.

Mas Allataba, depois que ouue êuyado o escudeiro a sseu padre, tornou-sse pera as outras donzellas e de tal guisa sse trabalhaua que nem hũn nõ entendesse de seu feito nada. Mas todos quantos eram na corte delrrei sse faziam marauilhados de como a uijam peiorar en cada hũu dya e como ê tam pequeno tempo era decida de toda sua fremosura. Mas deixaremos agora de fallar de Lataba e do seu scudeiro, que auia mandado a sseu padre, e tornaremos a elrrei Dom Rrodrigo em como abriu a casa que Hercolles fez em Tolledo.

Como elrrei dom Rrodrigo foi a Tolledo por ueer a casa que lhe disseram os guardadores.

Auedes ouuydo de suso em esta estoria como os que guardauã a casa de Tolledo ueeron a elrrei dom Rrodrigo que deitasse em ella o seu cadeado e da rresposta que delle ouueron, mas elle, nõ lhe escaecendo o feito da dicta casa e das grandes cousas que lhe della disseron, foi-sse allo polla ueer. E, quando a uyo foi marauilhosamente spantado das cousas que em ella uyo, ca muytas e mais estranhas cousas eram em ella uistas que aquello que lhe os guardadores auyam dito. E, despois que a ben esguardou, mandou por todollos do seu conselho e disse lhes como entendia que em aquella casa estaua algũ grande thesouro que Hercolles ã ella metera e que sua uoontade era de a abrir por ueer o que dentro estaua. E elles todos communalmente lhe disseron que o nõ fizesse, ca nõ auya por que (o) ¹ fazer o que os outros rreis nõca tentaron de fazer. E elrrei dõ Rrodrigo disse:

—Em esta casa nõ jaz outra cousa se nom auer ou ãcanta-mẽtos e, se he auer, filha-lo-ey, e, se son encantamentos, eu seguro son que me nõ podẽ empecer, pois nõ hei que temer.

E, quando elles uiron que tanto ã coraçõ auya, disseron-lhe:

—Senhor, uos podeades fazer o que quiserdes, mas esto nom seera per nosso consselho dem per nosso rrecado.

E elrrei mandou que trouxessem as chaues dos cadeados e, como ueeron, sem nõhũa deteença foi aas portas da casa e feze-as britar, pero esto foi con grande afam, ca tâtas eram as chaues dos cadeados que era marauilha. E, depois que a porta floy aberta, entrou elle dentro e peça de seus priuados. E a casa, que de fora parecia rredonda, acharon hũu paaço em quadra, tanto de hũa parte como da outra, tam marauilhoso que nom he homem que o podesse dizer, ca hũa das quadras do paaço era assi branca que a neuẽ o nom podya mais seer. E outra quadra do paaço, que era en dereito daquella, era tam negra como hũa cousa muy negra, que mais nõ podesse seer. E a outra parte era tam uerde como hũa muy uerde esmeralda ou outra cousa que de uerdura nom podesse seer uencida. E a outra parte do paaço, que era em contra desta, era tanto clara como se fosse

¹ Este o falta em N C.

hũu fino cristal, que mais non podesse seer. E semelhaua que em cada hũa das partes do paaço nõ auya mais de senhas pedras. E de quantos eram dentro enno paaço nõ foi nem hũu que soubesse dizer que pedra hi ouuesse cõ pedra ajuntada, nẽ que o podesse departir. E todos teuerom que aquelle paaço era a mais marauilhosa cousa que nũca uiron, ca erã em elle tantas e taaes marauilhas quaaes nũca foron uistas em outro paaço, ca em todo elle nõ auya sollamente hũu madeiro. E assi como da parte de fundo era muy ben chaão, assi uiron que era da parte de cima muy plano e chaão, ergo que auya hi freestas per que entraua tâto lume (per) ¹ que bem podyam ueer quanto hi auya.

Depois que muy ben esguardarõ como o paaço era feito, teueron mẽtes e nõ uiron nem hũa cousa senõ que em meo delle uiron estar hũu esteo, nom muy grosso, e era todo rredondo. e era tâ alto como hũu homen, e auia en elle hũa porta muy sotilmente feita e assaz pequena e ẽ cima della leteras gregas que deziam: Quando Hercolles fez esta casa, andaua a era en quatro mil e seis annos. E, depois que a porta abrirom, acharon dentro leteras abertas que deziã: Esta casa he hũa das marauilhas de Hercolles. Depois que estas leteras leerõ, uiron no esteo hũa casa feita, em que sija hũa arca de prata, e esta era muy ben feita a ouro e a prata e a pedras preciosas e tijnha hũu cadeado d'aljoufar tam nobre que ² marauilha e auya em elle leteras gregas que deziam: O rrei ẽ cuio tempo esta arca for aberta nom pode estar que nõ ueia marauilhas ante que moira, sse Hercolles, o senhor da Grecia, soube algũa cousa do que auya de uijr. E elrrei dom Rrodrigo disse enton:

—Em esta arca jaz o que nós demandamos e o que tanto defendeo Hercolles.

E entõ britou o cadeado com sua mão, ca nõ ouue hy nem hũu outro que o ousasse britar. Depois que a arca foi aberta, nõ sija em ella senon hũa tea de pano branco, pregada antre duas tauoas de laton. E, depois que as tauoas foron despregadas, abrirom a tea e acharom em ella alarues fegurados cõ toucas ẽ suas cabeças e em suas mãos lanças cõ pendões e suas espadas a seus collos e suas beestas tras ssi ennos arções das sellas e em cima das feguras auia leturas que deziam: Quando este pano for estendido e pareceren estas feguras,

¹ Falta esta particula em N C.

² era em N C.

homeens, que andam assy armados, filharam Espanha e seeram della senhores.

Quando esto uio elrei dom Rrodrigo, pesou-lhe muyto e todos seus conselheiros lhe disserom entom:

— Senhor, ora ueede o que uos ueo por nos nō quererdes creer e que pouco prezastes os que foron ante uos.

E elle disse cō muy grande pesar:

— Nom queira Deus que todo seia uerdade quanto os uelhos disseron. E como? cuidades uos que esto nō era julgado per my? e des oie mais nō auemos por que nos queixar, pois iá he feito, ca non pode seer que iá nō seia esto que he, mas do que falla que ha de uijr esto me pesa mui pouco per o coraçon, ca nō he cousa de que sse homen aia de catar ¹.

Depois que elrey dom Rrodrigo disse estas palauras e o paaço foi aquelle dia uisto de muytos homões bōos, todos disseron que tam sutil lauor como aquelle que nūca ouuy[r]o[n] ² delle fallar. E elrey dom Rrodrigo deffendeu que nem hūu non dissesse nem hūa cousa do que alli acharon. E, depois que todo ouuerō uisto, mandou muy ben çarrar a porta do paaço e desi foi sse para sua pousada, que elle auya muy rrica em Tolledo. Mas agora leixaremos destō fallar e tornaremos a cōtar do conde dom lham.

Como o escudeiro de Allataba chegou a Cepta ao conde e lhe deu a carta.

Conta a estoria que, depois que sse o escudeiro de Lataba partio della, que lhe nō escaeceu d'andar noytes e dias, por

¹ No vol. II do *Panorama*, referente ao ano de 1838, encontra-se a pag. 175-6 um artigo respeitante á *Torre Maravilhosa* na qual se diz que Rodrigo, receando dos filhos de Witiza, que se haviam refugiado na Mauritânia, nomeara o conde Juliano, por conselho do mesmo, que já meditava a ruina da sua patria, embaixador á corte de Muça, então rei d'esse país, e que, para por êle enviar-lhe um rico presente, abrira êle próprio a porta da torre. Outra particularidade lá se refere, que a *Cronica* não conta.

«Ao abri-la,— diz-se ali—os cortesãos e o proprio rei recuaram espantados: um horrivel gigante estava interposto entre a entrada e uma porta fronteira que dava para outra quadra escura, e batendo incessantemente com uma clava de ferro, que tinha nas mãos, para um e outro lado, impedia que se approximasse ninguem do quarto escuro.—Rodrigo era animoso; e a cubiça o incitava; atirou um golpe ao gigante, então conheceu que era de bronze: chegou-se, e viu que o movimento procedia de certas rodas movidas por uma torrente cujo ruido soava debaixo do chão: suspendeu com as mãos a clava e puzando-a para si a machina parou...».

² *Ouuyron* em N C.

auer de recadar o que sua senhora lhe auya êcomendado, e, tanto andou que chegou a Cepta, onde o conde estaua, e deu-lhe a carta e disse-lhe assi:

—Senhor, uossa filha se uos enuia muyto êcomêdar e manda-uos dizer que sem nê hũa deteença façades o que por bẽ teuerdes, depois que a carta leerdes.

O conde britou o sseelo da carta e leeo-a e, depois que a leeu e uio o que lhe mandaua dizer, nũca ouue pesar que se lhe con aquelle parelhasse, e logo sem dizello a nêhũu fez guisar hũa galee e passou o mar e andou tanto per suas muy grandes jornadas, ataa que chegou a Tolledo, onde era elrrei dom Rrodrigo, que o preçaua mujto de sisso e de cauallaria. E tanto [que] ¹ soube como uijnha, feze-lhe fazer mujta honrra e teue-sse por muj culpado do que fezera a sua filha e sayu-ho a rreceber con grande cauallaria. E, quando o uyo, saluou-ho muy graciosamente e disse-lhe:

—Pois, dom Jullyam, que uos fez uijr aco per tan forte tempo como este?—ca era no coraçon do jnuerno—per uentura uos aconteceu algũa cousa?

E o conde lhe disse:

—Senhor, nã queira Deus que a my acôtecesse, nem ueesse senom ben, mentre que uos fordes uiuo, ca a nossa boa uentura dá a my tan grande esforço que nũca sse homẽ cômigo tomou que o eu nã uencesse, mas da desauença que ouue antre mij e Moluca, o senhor de Calçom, como pasou uos direi.

E elrrei dom Rrodrigo lhe disse que lhe prazia muyto de o ouuyr. E o conde começou sua rrazom em esta guisa:

—Senhor, uos bem sabeis que Moluca era homẽ de boo coraçon e de muy grande força e auya o mayor poder que homẽ auia, que rrey nã fosse. E sem rrazon nêhũa, ergo per soberua, tomou comigo guerra e começou de me fazer tanto mal que eu foi em tempo que lhe dera o meo de quanto auya e que me nã fizesse mais mal. E por aquello que eu hei em Espanha uos mandei dizer todo meu feito e uos me mandastes dizer que me defendesse e que uos prazia ende, e meus parentês e meus amigos mujtos que eu ei em Spanha, delles pollo meu amor, e delles pollo de mynha molher, que outrossi he sua parenta, e delles que sse dohyam de mi, tanto que esto souberon, forõ-me ajudar, cada hũu o melhor que pode. E enton cõ a ajuda destes foi-sse sofrêdo Moluca ã guisa que ouue con elle

¹ Em em N C.

mujtas lides ê campo, dellas ã que fomos ambos presentes, e dellas em que nõ, e muytas vezes uenceo el mi e en outras vezes elle em campo. Mas Deus e a uossa boa uentura quis assy, que aacima foy elle uençudo, ca entramos ambos em batalla hũa sesta feira pella manhã e, ante que fosse meo dia, começaram todollos seus de fugir, ca per força nem per ssiso que ouuessem nõ poderõ sofrer os boos caualleiros d'Espanha que eu cômigo auya, pero que elles eram muy mayor jente que a nossa. E, tanto que eu ui que Deus nõ queria que elles lograssẽ ¹ a sua soberua, nõ os quige leixar assy hyr, mas, tanto que eu uy que Moluca leixaua o campo, fuy em pos elle e matei-lhe muyta gente, e elle nõ podera scapar que nõ fora preso, se sse nõ acolhera a Ssacut, aquelle seu castello. E, depois que eu soube que ally se acolhera, entêdy que o nõ poderia auer tam toste e mandei a toda mynha gente que nõ ouuesse hi tal que mais seguisse ho encalço. E, depois que toda mynha gente ouue rrecolhida e elles uencidos, deitey-me sobre o castello e jouue sobre elle, pero que era muy grande peça per sua terra. E desi elle mandou dizer que sse queria ueer cômigo e a mi prougue e posemos nossas treguas e firmamos juizes, que cada hũu de nos fizesse o que elles mandassem. E elles uiron por ben que me desse peça de sua terra e que me rrogasse que lhe perdoasse o mal que me fizera sen cousa que lhe fizesse e que o amasse e ajudasse e elle a mi. E, pois que estas cousas e outras que uos nõ conto passaram, tiue por bem de me tornar a Cepta, onde leixaua mynha molher. E, quando hi cheguei, minha molher achey-a tam mal doente que marauilha e disse-me e rrogou-me que lhe ² ueesse por sua filha, ca lhe era em seu coração que, logo que a uisse, seeria sãa. E, quando eu esto uy, pesou-me muyto, ca son assaz temudo e honrrado per ella, e nõ soube rem que lhe dizer, mas, quando me era mester de folgar por grande trabalho que auia passado, ouue-me de meter enno mar e uijr aco. E aquelles que com elle andauam e que toda a guerra cõ elle passaram e sabiam que era uerdade quanto della disera, quando lhe uirom mouer aquella outra rrazon, que nõ era uerdadeira, foron marauilhados e disseron que o conde nõ passara o mar se nom por leuar ssua filha. E elrei dom Rrodrigo lhe disse:

—Per boa fe, dom Ilham, mujto me praz de como auedes

¹ Tambem se poderá ler *quise*, *quige* em N C.

² Falta em N C.

postada uossa fazenda aa uossa prol. E, pois que uos Moluco tã mal trouuestes, nõ ha mouro aalen de que os d'Espanha aiam medo, e des oge mais podemos fazer aalem mar o que quiser-mos, mas do que me dizedes de uossa molher me pesa muito, por que ella he hũa muy boa dona, e Deus sabe que nõ queria que ouuesse mal nem door, e desi pesa-me muyto por uossa filha, por a auer menos de mynha casa, ca muyto ual per ella.

E o conde lhe agradeceu muy homildosamente o bem que dezia de sua filha. E assi forõ fallando ellrrei e o conde, ataa que chegaram a Tolledo. E, quando os de Tolledo uiron o conde antre ssi, trabalharon-sse todos de lhe fazer muyta honrra, ca ben lhes cõuijnha de o fazer, ca este era o homen do mundo de mayor estado, que rrei nõ fosse. E elrrei lhe mandou fazer muyta honrra e mandou-lhe dar boas pousadas, mas o conde, em quanto esteue ã Tolledo, nunca foy ao paaço e muyto lhe pesaua por que o elrrey hi tanto o ffazia estar. E, tanto que elle teue guisado, foi-sse espedyr d'elrrei e elle lhe mandou dar sua filha e disse-lhe:

—Ouuide, dom Ilham, nom creades que uos dou uossa filha por que sempre more cõ uosco, mas dou-uolla que, tanto que sua madre for guarida, que logo mha mandedes aguardada como foi e como filha de tal padre deue uijr a tal casa como a mjnha.

E o conde lhe disse:

—Senhor, quando Deus quiser que ella uenha, eu uolla farei vijr con tal companha e tam ben aguardada como nũca foi donzela entrada em Espanha.

E, depois que esto ouue dicto, acolheu-sse a sseu camynho e sua filha lhe foy contando toda sua fazenda e tanto andaron que passaram o mar.

Como o conde dom Ilham ouue conselho cõ seus amigos sobre o feito da desonrra de sua filha.

Despois que o conde com sua filha foi em Cepta, chamou todollos que eram de seu conselho e todos aquelles seus amigos que ajnda allo eram e sse nõ ueeram pera suas terras e disse-lhes:

—Amigos, eu nõ ey que uos negue, ante uos quero descuertamente dizer mynha desonrra, ca, des que Deus formou Adam, nũca homen tan deslealmente foi traudo como eu sou daquelle de que eu fiaua sobre todollos homeens do mundo.

E entom lhes contou como elrrei dom Rrodrigo jouuera con sua filha e quanto com elle passara e o pesar que dello ouuera sua filha que rrem nõ lhes negou.

E a molher do conde, que iá auia sabido de sua filha toda ssua fazenda, quando soube como o conde estaua em aquellas fallas, nõ sse pode teer que sse nom fosse allo. E, quando a o conde uyu, disse-lhe, chorando cõ muy grande pesar:

—E pois, boa dona, que quisestes aco?

E ella disse-lhe:

—Eu uenho come a mais desauenturada molher que nunca naceu, quando ã mynha uelhice son desonrrada per o moor treedor homen do mûdo, e, amigos, por Deus e por mesura rrogo-uos que me ouçades hûu pouco.

E elles disseron que dissesse o que lhe aprouguesse. E ella disse:

—Amigos, se a mi fosse feyta desonrra que podesse seer cobrada, menor pesar ende aueria e poren digo ao cõde dom Ilham que en toda guisa trabalhe de uingar sua desonrra. E, sse elle for homẽ de tal natura ¹ que em tam pouco tenha este feito, eu digo chãamente que lhe uerrá ende mal, ca logo me lhe espeço e digo que nõ son sua molher e hir-me-hei pera Cospi, que he mynha herdade, [e] pera outros castellos que tenho, que foron de meu padre, e d'aquí lhe farei tanto mal que ante de hûu anno uos terredes por ben andantes, sse ã Cepta poderdes guarecer. Pois rrogo-uos que [non] ² ponhades este feito em escarnho e parade mentes, conde, quanto ben Deus fezera a uossa filha e todo o á perdido per aquelle treedor, ca ella era molher de melhores manhas que homen sabia e desi era de melhor pal-laura e mais filha dalgo que ha de Cepta ataa Marrocos, que filha de rrei nõ fosse. E, que todas estas bondades nõ ounesse e fosse a pior do mûdo, seendo uossa filha, deuedes-uos a doer do seu mal, pois lhe tanto pesasse, como todo o mundo uee que lhe pesa. E, amigos, eu nõ sei al que uos diga, se nõ o pesar que hei desta filha, que assi ueio destroida, me fará morrer ante de meus dias.

E, en dizendo a condessa todas estas rrazões, nom quedaua de chorar.

E, depois que o conde ouuyo o que sua molher dissera, ouue tã grãde pesar que marauilha e disse-lhe:

¹ *naçam* N C.

² *Id.*

—Ouuyde, boa dona; nõ uos queixedes ora tanto, ca certas, quando con estes senhores e amigos me aqui assentei, nõ foi por al se nõ por lhes dizer o que lhes uos dissestes. Mas, pois iá assi he, que elles saben per uos o que lhe eu queria dizer, podê-me dizer o que eu deuo fazer, ca eu som en tal pesar que de grado queria que ueesse a morte e que me matasse.

Do conselho que ouue o conde con seus parentes e uassallos.

Depois que o conde aquello disse a seus parentes e amigos e uassallos e lhes demandou conselho, elles todos sse cataron hũs os outros e nom ouue hi tal que rrem dissesse, ca lhes ssemelhou o feito duuydoso.

E em este conselho estaua hũu filho de hũu rey de Brapaquedo, que ouuera de guãaça, e auya tan grande pesar desto que sse queria matar, e este auia nome Rricaldo e tanto ben ouuira dizer de Lataba que a ueeo ueer a Cepta, ante que a leuassen a casa delrrei dom Rrodrigo. E, tanto que a uyo, quise-lhe tal ben que morria por ella. E, quando soube como o conde ouuera a guerra con Moluca, tomou cen caualleiros bem armados e ueeo seruir cõ elles, con esperança que o conde lhe daria ssua filha por molher, ueendo o seruiço que lhe fazia, e tam bem o seruio e tanta ajuda lhe fez que o conde lhe daua muy grande prez em ssiso e cauallaria. Este Rrecaldo se leuantou ã meo de todos e disse ã ssanhudo sembrante.

—Pois uos todos calades, eu quero fallar, pero que mho tenhades a mal: aquy juro eu a Deus e sobre mynha lei que, sse eu fosse senhor de todo o mundo e todo o cuydasse perder e ã cima morrer morte desonrrada e eu ouuesse tal filha e mha desonrrasse homẽ a que eu tanto seruiço fizesse como uos auedes feito a elrrei dom Rrodrigo, por todo esto eu nõ leixaria d'auer delle tal derecho que sempre ende fallassen. E, sse con elle quiserdes auer guerra, eu uos prometo que uos serua ben e lealmente con duzentos caualleiros filhos d'algo.

E, depois que Rricaldo ouue esto dito, callou-sse. E hũu homen boo, muy ssisudo e muy bõ caualleiro em armas, que auya nome don Simõ, disse assy.

— Senhor, Deus que sabe totalas cousas, a que sse rrem nõ esconde, sabe bem que, des que eu fuy teu uassallo, senpre te dei aquelle melhor conselho que eu entendi, e ben te digo que nunca te uy em tempo que te mais mester fizesse bõ conselho

que ora. E poren te digo que eu seeria alleiuoso, se te nõ dissesse o que soubesse e me semelhasse. E por esto te digo, senhor, que me nõ semelha ben que uas contra elrei dom Rrodrigo, nem te trabalhes de lhe fazeres ¹ guerra, e direi-te por que, ca en te dizer nõ faças esto e nõ te mostrar [non seeria nem miga-lha] ² rrazon direita. Mas, senhor, nõ te digo, nem te conselho, se nõ porque elrei dom Rrodrigo he teu senhor e ás-lhe feita menagem, como quer que delle nõ tenhas terra, e desi er sabes ben como lhe Deus leua adyante todo o que faz e desi sabes ben que tamanho he o seu poder, e nos sabemos ben que, des que tu nacistes ataa o dia d'oiẽ, nũca fezestes cousa en que con direito te podessem trauar. E ssabe, senhor, que, sse tu con elrei dom Rrodrigo entras ã campo e o uenceres, todollos que souberen te prezaran menos porẽ e, se fores uençudo, nõ auerá homẽ no mundo a que dello pese, ante diram que foi justiça de Deus, por que fazias contra direito. E, senhor, todo meu conselho he que nõ faças hi nada e que leixes esto em Deus, que te dara ende melhor direito ca tu saberas filhar. E, senhor, quando ho homen algũa cousa faz en que lhe com direito pos-sam trauar, de todollos do mũdo deue d'auer medo e rreceança; nõ cuydedes, senhor que te esto digo por o meu, ca tu ben sa-bes quanto eu farei, mentres me o folego no corpo durar.

Das pallauras que a condessa disse a dom Ssimon e do consselho que deu ao conde.

Quando a condessa uyo o consselho que ³ dom Ssymon daua, tã desuiado do que ella queria, tornou-sse a dom Ssymon e disse-lhe:

—Ouuyde, dom Symon: nũca Deus mande que uos seiades desonrrado, ca, sse o fossedes, muito dariades o conselho d'ou-tra guisa, mas nõ queira Deus que ende sseiades creudo. Oo homen bõo, e nõ auedes uergonça do que dissestes, que guar-dasse lealdade contra elrei dom Rrodrigo, que tanta desleal-dade lhe fez, seendo-lhe elle sempre tam leal e tanto seu amigo? Oo uaron, e nom sabedes uos quanto affã e trabalho auedes tomado e quantas espadadas e seetadas auedes leuadas por

¹ fazer N C.

² Assim em N C.

³ No texto de.

núca elrrei Rrodrigo auer dampno per esta parte? e d'esto uos direi mais, que ante eu queria seer tam pobre de quãto no mundo ouuesse e nõ me ficasse ssolamente em que me mante-uesse e ante queria andar pello mundo pedindo ca nõ fazer todo meu poder por me uingar. Senhor dom Ilham, por Deus e por mercee, leixade este feito a mi, ca tam grande feuzza hei eu em aquella beenta Maria por que eu cobreí mynha fe e leixei meu padre e mynha madre e meus bõos jrmaãos e meu grande auer e todallas outras cousas que eu auia ã mjnha terra, que ella nõ querrá que eu moira que primeiro nõ ueja prazer daquelle que tam uilmente escarneceu aquella boa mynha filha, que era spelho de bondade, e aquella que auia melhoria en bondade e ssobre todallas molheres d'aalem mar e d'aaquem mar.

Do consselho que o cavalleiro que auia nome Anrrique deu ao conde dom Ilham.

Depois que a condessa fallou esto que auedes ouuido, tam grande foy o pesar que ouue que ssi lhe çarrou o coração de tal guisa que nõ pode fallar. E estaua hi hũu homen bõo, que era seu primo, que auia nome Anrrique. E, quando esto uio, ouue tam grande pesar que marauilha e disse-lhe enton:

—Boa dona, nõ uos dedes a atam grande coita, ca ben sabe Deus que nõ está aqui tal a que muyto nõ pese de uosso mal.

Enton sse tornou ao conde e disse-lhe:

—Amigo, parade mêtēs ã uossa deshonnra e em o que diz uossa molher.

E dom Ilham, que tam cuytado staua que nõ sabia que fazer, disse:

—Amigo, quẽ em concelho fere nõ ha que negue em puridade; esto uos digo eu por mi e por mynha fazenda, que uos iá sabedes. E poren uos rrogo que me digades como faça e aderence minha fazenda, ca eu nõ farei senõ como uos mandar-des, e logo me hora dizede o que uos semelhar ante todos estes. E sabedes por que uos carrego tanto deste feito: por que ssei que uos deuedes de auer tam grãde pesar como eu.

E o homen boõ, [que] era ssisudo e de boõ recado, disse-lhe que lhe nõ tornaria rresposta senõ em outro dia, ca lhe nõ parecia ben de dizer tal cousa tam toste e ante tantos homeens bõos. E enton ficou a falla pera em outro dia.

Tanto que foi manhãa, veerom todos, assi como auyam posto, e, depois que foron ajuntados, o conde, a que nõ esquecera, disse aaquelle Anrique que o conselhasse como faria. E elle disse:

—Nõ he amigo aquelle que em todallas cousas nõ ama prol do sseu amigo, e nõ te digo esto senom porque hei pensado todo teu feito e d'elrei dom Rrodrigo e ueio que tu nõ podes fazer cousa que te mal estê a Deus nem ao mundo, ca elle nõ he teu senhor, nem tões delle terra, e ponhamos que o fosse, direito auyas de lhe fazer mal, sse podesses, ca tregoa e firmidom auya antre uos ambos. E, pois te elle esta deshonnra fez, assi te britou a tregoa. E ponhamos que aacima nõ podesses durar contra elle nem ho uencer; des que fores em Cepta, pouco daras por elle. E, ssen todo esto, tões tu aqui arredor de ti taaes dous mil caualleiros que a todo o mundo fariam lide, e demais elle non sse cata de ti e tu tões os mais dos portos d'aalen e todollos d'aaquem. E teens postada tua fazenda em tal guisa que podes meter em Spanha peça de jente tã encubertamête que o non sabera nem hũu. Pois guisa-te o mais toste que poderes como comeses a guerra.

E o conde lhe disse que, pois o elle por bem auia, que todo era prestes. E entõ fez muy ben bastecer seus castellos e catar seus thesouros, que elle auya muy grandes, e escreueo suas cartas e mandou-has a Muça, filho de Nocayde, e õuiou-lhe dizer en ellas toda sua desaueença e d'elrei dom Rrodrigo, e mandou-lhe ¹ dizer que lhe daria passagem e que o ajudaria a todo seu poder e que d'esto lhe faria qual preito elle quisesse.

E Muça era uassalo de Miraamolim e nõ quis faser rrem sem seu mãdado e mandou-lhe dizer en grande puridade todo aquello que lhe mandara dizer o senhor de Cepta. E Miraamolim lhe mandou dizer que lhe prazia de todo, mas que sse guardasse de treizon e que nõ metesse os mouros ã maaõ mar, nem forte. E Muça lhe mandou dizer que nõ era mar, mas braço d'elle. E Miraamolim lhe mãdou dizer que, pois assi era, que lhe mandasse Tarife con cen caualleiros e quatro centos homêes de pee. E Muça sse guistou logo toste e tam ben que lhe non fallecia rrem de quanto auya mester pera a guerra.

E, depois que todos forom muy bem guisados e toda sua fazenda bem postada, meteron-sse ãnas galees muy encubertamête e portaron ã Aliazira Talladara, que era do conde, e des

¹ O sujeito deste verbo deve ser *Muça*.

alli ouue nome Tarique. E Tarique esteue em Aliazira, ataa que ouue ajuntada toda sua companhia e, despois que a toda companhia ouue concertada, ã hũa quinta feira pella manhã entrou em Aljazira tam emcubertamente que nũa o souberon os da uilla, se nõ quando os uiron consigo. E, tanto que entraron en na uilla, mandou Tarife caualleiros que esteuessem aas portas e que todollos que quisessem sayr que todollos matassem; e os da uilla, que de tal cousa nõ eram percebidos, como começaram de sayr, os de Tariffe começaram em elles de matar. E esto podiam elles muy ligeiramente fazer, ca nõ era homen ãna uilla que armas podesse tomar, tanto eram despercebidos e os ãmijgos aguçosos de os matar. E todos fogiam aas casas fortes, mas esto nom lhes prestaua nada, ca, assi como elles entrauam, assi entrauam os outros em pos elles, que os matauã sem nem hũa piedade. E tanto fez Tariffe e os seus que ante de meo dia foy toda a uilla liurada dos cristãos. E Tarife, ueendo que nõ auia iã em toda a uilla homen que fosse pera feito, fez deitar todollos mortos e feridos e fez uijr perãte ssy todallas molheres e meninos e mandou aos seus sso pena dos corpos que nem hũu non filhasse quanto fosse ualia de hũu dinheiro, mas que entrassẽ aas casas e que as catassem todas e o que achassem que o adussessem todo ante elle e que nem hũu non fosse ousado de esconder nẽhũa cousa, e elles fezerõ-no assy e, pois que todo o esbulho foy ante Tarife, partio elle assi como lhe semelhou. E, despois que esto ouue feito, meteu nas torres e fortellezas peça de ssua jente, que as guardassen, e tornou-sse cõ todo esbulho pera seu senhor a terra d'África. E, quando esto foi, andaua a era dos mouros ã noueenta e hũu ãnos e era quareesma d'elles meesmos.

Como Miraamolĩ ãuyou muy grande poder de jentes d'armas ao conde dom Ilham.

Conta a estoria que, despois que sse Tariffe passou em Africa e o conde ficou em Cepta, pesou-lhe muito por que sse fora e mandou por sua carta dizer a Miraamolim que era em tempo que poderia cobrar toda Espanha e que elle o ajudaria con grãde poder de auer e d'amigos. E conta em este logar Braffome, filho de Mudir, que andou sempre em esta guerra e nõ fazia ssenõ poer em escripto todallas cousas que uya e outrossy as que lhe eram ditas com uerdade, que, quando Miraamolim e

Aluelide, filho de Aldelmolo, ouuio este rrecado, prougue-lhe muyto e mandou-lhe dizer que todallas cousas que auia e poderia auer que todallas em ello auenturaria. Mas (dizer que) ¹, quando os mouros uiron o esbulho que Tariffe adusse, foron muy ledos e pediron a Miraamolim por mercee que os guisasse como uessem em Spanha. E elle guisou enton Tariffe e êuyou-ho ao conde dom Ilham con cento e oytenta e cinco mil caualleiros barboros, os uassallos de Tarife e os allarues, que eram muy grande jente sem conta. E, quando os o conde uyo, prougue-lhe muyto com elle e mandou por todos aqueles que entendeu que o ajudariam e estes foron muytos e de muytos logares. E desy postou sua fazenda de tal guisa que os passou todos ã naues em sã de mercadores aaquẽ mar poucos e poucos e nũca nem hũu homen pode cuidar sse nom que eram mercadores. E, depois que todos foron passados ã Spanha, o conde, por tal que nã douydassen, passou com toda ssua companhia em Aliazira Talladaria. E Tarique com toda sua companhia pousarõ em hũu monte, que des [a]quelle tempo foi chamado Jebella Tarique, e esto foi em hũa sesta feira, seis dias andados de março, quando andaua a era dos mouros en saseenta e hũu annos.

E, tanto que os mouros foron ajuntados ã aquelle môte, mandaron por o conde dom Ilham, e elle, logo que ouue seu rrecado, deu aos seus muytas e boas doas e feze-os todos sayr da uilla e deu-lhes tendas e logares sabudos em que pousassem, por que nom pelleiassẽ cõ os da uilla, e mandou-lhes que o esperassẽ ã esse lugar. E mandou aos da uilla que esteuessen guisados de guerra ã tal guisa que mouessẽ com elle, quando elle mandasse. E, depois que toda sua fazenda ouue concertada o melhor que entendeu, foi-sse pera os mouros, o mais soo que elle pode. E, depois que foi con elles, disserõ-lhe.

— Dom Ilham, ã uãao somos nós uijndos em esta terra, sse de uos nã auemos algũu consselho, ca aquy nã he algũu homen que nunca ã esta terra fosse, nem per ella nunca andasse, e poren uos rrogamos que nos consselhedes o melhor que poderdes, ca nos ² non faremos senõ o que uos mandardes, porque nã somos uijndos de nossas terras, onde leixamos nossas molheres e nossos filhos con quanto auemos por sempre, se nã) ³

¹ Falta em N C.

² No texto uos.

³ Se, nã falta em N C.

por morarmos en este monte e nõ fazermos per nossas mãaos per que uallessemos mais e os que de nos ueeren.

E o conde lhe disse:

— Certo eu uos direi uerdade sobre mynha fe: eu queria seer desherdado e que nõ ouuesse sollamente hũu palmo de terra per tal condiçon que elrrei dom Rrodrigo fosse desterrado ou que eu cõ mynha mão lhe cortasse a cabeça e que uos fossedes senhores de toda Espanha nõ duuydedes ¹.

E elles disseron que lho criam e que nõ ficaria per elles delrrei dom Rrodrigo perder a terra e quanto auya ou elles prenderiam morte.

E o conde lhes disse:

— Amigos, nõ ha homen que algũa cousa grande queira fazer que mester nõ aia ssiu pera lhe dar boa fim aa ssua uõ-tade. E porẽ compre que uos tragades uossa fazenda como ssitados e quero-uos dizer o que me parece d'este feito, ca esto tanto ffaz a my como a uos. Quero que saibbades que eu hei mãdado hũu homẽ escondidamente a casa d'elrrei dom Rrodrigo, que aia de saber toda sua fazenda. E bem uos digo que eu ssom marauilhado, se elle iã de uos nõ ha nouas e, sse has ha, sabede de certo que, por lhe darem todo ho ouro do mundo, nõ leixaria de uos cometer e, sse o fezer, tarde nos poderá d'aqui poer fora. E que uos homen dissesse que tomedes d'estas uillas, que aquy estam darredor, esto podees ben fazer, sse quiserdes, ca elles non saben de nos parte e por esso o podees fazer. Mas outro conselho terria eu por melhor, se o uos por ben teuerdes. Uos jazedes em bõ monte e auedes todo o que uos ² he mester pera uos e pera os caualllos que uos non myn-gua algũa cousa, e eu sei mui bem que, quando elrrei dom Rrodrigo souber que uos aqui jazedes e nõ hides mais adyãte que cuydarã que uos achastes mal do que começastes e por esto uos terrã em pouco, e, sse uos con o[s] d'Espanha ouuerdes hũa lide em campo e os uencerdes, nõca despois uos leuantaram cabeça, e por esto meu consselho he que uos nõ mouades d'este logar, ataa que nõ aiades nouas que elrrei dom Rrodrigo quer fazer. E porẽ uos digo que nõ podees jazer ã melhor logar que este em que estaaes, ca, sse uos lidardes con a gente delrrei dom Rrodrigo e Deus quiser que os uençades, daquy adiante iredes quanto por ben teuerdes e, sse er fordes

¹ Nõ duuydedes falta em N. C.

² Nos tem o texto.

vençudos, melhor consselho poderedes d'aquy auer que entrar mais è Espanha.

E os mouros disseron que dezia muy ben e que assy o queriam fazer.

Elles todos auendo esto por boõ acordo, chegou-lhes rrecado que elrrei dom Rrodrigo sabia iá delles nouas e de quantos eram e o logar em que jaziã e como andauam guarnidos e quaaes homêes bõos hi eram, e disse Afia, filho de Joseffe, que andaua è casa delrrei dõ Rrodrigo em talho de cristãao, que, quando elle soube certas dos mouros, que ãuyou por os melhores do sseu consselho e elles conselharõ-no que mandasse logo por sua cauallaria, a melhor que podesse auer, e elle assi o fez. E, depois que foron ajuntados, mandou-lhes dar todo o que lhes era mester e deu grandes aueres a todos e muytas doas aos capitãaes, por que fossem allo, e mandou a todos que fizessem menagen a hũu seu sobrinho, que auya nome Sancho. Este era muy grande caualleiro e muy ben feito e muy esforçado è armas, e mandou que todos fizessem por elle como por o seu corpo.

E, quando dom Sancho foi partido delrrei, ueerõ a elle homêes, que lhe disseron nouas certas dos mouros quantos ãra, e elle fez enton contar toda sua jente e achou que eram tres tantos que os mouros, e ouue dello grande prazer e teue que sse lhe nõ defenderiam e por esto foy contra os mouros o mais toste que pode.

E, quando os mouros souberon como o poder delrrei dom Rrodrigo uijnha sobre elles, moueron-sse do monte e poseron-sse em hũu chãao, prestes pera batalha. E dõ Sancho, depois que os ouue uistos, mãdou-lhes dizer que sse rendessen, ante que os matassen todos, e elles ouueron este rrecado por muy sandeu e mandaron-lhe dizer que nõ eram saídos de sua terra por esso, e enton emprazaron a batalha pera è outro dia e desi pousaron e folgaron aquelle dia.

Como lidaron os cristãos e os mouros e foron os cristãos vencidos.

Conta a estoria que, logo que o dia foy uijndo, armaron-sse todos, assy de hũa parte come da outra, e foron-sse ao campo e poseron suas aazas e portaron-sse o melhor que poderõ, e os mouros teueron por ben de estaren quedos e que os cristãos

os fossem cometer. E a dom Sancho, que era o mais esforçado caualleiro que auya em Spanha, prougue d'esto muyto, mas, ante que hi ouuesse golpe ferido, cercou-hos em rredor, dizendo lhes que todos em aquele dya seeryam mortos. E, logo que esto ouue dito, pos sua lança su o braço e o escudo ante o peito e foy-os feryr de tan grande força e fazer tantos e taaes golpes que esto era hũa grande marauilha. E, tanto que dom Sancho começou, logo se as aazas moueron os hûus contra os outros e foron-sse ferir ho mais esforçadamente que poderon, como aquelles que eram jrmijgos mortaaes. Os cristãos começaram de ferir nos mouros por todallas partes aa rredonda e dauan-sse tam grandes golpes que marauilha, que cada hũu fazia o melhor que podia; mas quem poderia contar as grandes marauilhas d'armas que dõ Sancho fazia per suas mãaos? Mas Deus, que auia partida a sua graça dos cristãos, quis que os mouros quebrantassem todallas aazes dos cristãos e foi morto don Sancho e tantos dos outros que marauilha e uenceron a lide e correron cõ os que ficaram, matando ã elles, e, depois que o encalço mais nõ quiseron seguyr, tornaron-sse ao logar onde fora a lide e apartaron todollos seus que acharon mortos e soterrarõ-nos e desi fezerõ suas orações e deron graças a Deus e a Mafomede da mercee que lhes fizera. E desi mandou Tarife ficar suas tendas hũu pouco acerca honde fora a lide, e esto era iá o ssol posto. E, depois que as tendas foron postas, cearon e folgaron toda essa noite, que eram assaz canssados do trabalho das armas. E, quando foi ã outro dia, fez Tarife uijr ante ssi o esbulho e nõ acharon que rrem uallesse, se nõ caualllos e armas, e entõ fez ante ¹ ssi uijr todollos peões e deu-lhes aquelles caualllos e as armas e feze-os todos caualleiros. E, depois que esto ouue feito, fez ante ssi uijr todollos do seu conselho e disse-lhes:

— Amigos, nos ben deuemos de saber que Deus ouue de nos mercee, quando quis que uencessemos tanta jote e, pois que nos Deus ajudou, nos nom auemos que temer. Pero cõuem que tragamos nossa fazenda con siso, ca em outra maneira muy toste poderíamos prender muy maao caion, e por esto uos rrogo que nos trabalhemos auer boo conselho e poren uos mando que acordedes o que façamos.

E elles diseron de muytas guisas, pero aa cima acordaron-sse de hyr por dyante e êtrar por Espanha e que tomassen quanto podessẽ.

¹ *Antre* tem o texto.

Mas leixaremos fallar dos mouros e tornaremos a elrrei dom Rrodrigo.

Como elrrei dom Rrodrigo ouue as nouas da batalha.

Conta Alle, filho de Bellaazim, que a essa sazom staua em a corte delrrei dom Rrodrigo, [que], quando chegaram as nouas de como fora vençuda a batalha e da boa andança que os mouros ouueron e, quando as elle ouuyu e soube como era morto seu sobrinho e todollos que con elle forõ mortos e desbaratados, nũca no mundo ouue pesar que sse lhe a este igualasse e onde estaua ante todos disse:

—Oo Ihesu Cristo, filho de sancta Maria, eu bẽ ueio conhecidamente que a tua sanha ueeo sobre mĩ, quando tu sofriste que eu uisse a morte do spelho da cauallaria d'Espanha. Di ora, rrey catiuo e mal auenturado, que farás, pois nõ uires ante ty ãna batalha aquella bandeira que te daua esforço e que era teu forte escudo de aço? ja, en ¹ quanto eu uiuer ã Espanha, nunca de uos, meu sobrinho, perderei ssoidade; uos erades uallente, esforçado, piadoso e graado e erades mortal ãmygo aos que uos desamauã e muy leal amigo aos que uos ben queriam. E que direy de uos senom que erades meu forte braço e a uossa espada era temida sobre todallas do mundo?

Estas pallauras e outras muytas de grande doo dizia elrrei dom Rrodrigo e en todo esto choraua assi doorosamente que quẽ-ho uisse aueria delle piedade, pero con todo esto nõ era nem hũu que lhe ousasse dizer que sse callasse, ca este era o homen do mundo de que mayor medo auyam, e en fim de seu planto disse:

—Senhor Deus, sse a ti prouguera, melhor fora que eu, uelho mjqzquinho, morrera e ficara aquelle que tanto uallia, mas esto fezeste tu, senhor, por me dar a entender que a mynha morte sse achega.

E, quando aquelles que hi estauam lhe ouuiron fazer tam doorido planto, ueeron-sse pera el e confortarõ-no o mais que poderon e fezeron-lhe entendente que fazer doo nõ lhe auya prol, mas que sse trabalhasse d'auer outro consselho, ca chorar e carpyr nõ era pera rrey.

¹ No texto *eu*.

*Como elrrei dom Rrodrigo foy pellejar con os mouros e foy uen-
cendo enna batalha.*

Despois que elrrei dom Rrodrigo leixou de fazer seu planto, mandou ajuntar as mais gentes que pode auer e guisou-sse muy toste e foi-sse muy toste e foi-sse onde soube que era Tarife. E, que uos eu quisesse contar como elrrei dom Rrodrigo era uestido e da ssua nobreza, certo eu nõ saberia dizer cõ verdade. Ca elle era uestido de hũa alfalla que os rreis enton tragiã por costume, mas as pedras e os outros guarnjmentos que eram em aquella uestidura bem ualliam mil marcos d'ouro, e elle hya em hũa carreta, que tirauam duas mulas muy nobres, e a carreta era tam nobremente feita que era muito de marauilhar, ca em ella nom auya fuste nõ ferro, e a mais rrefece cousa que ê ella era assy eram ossos de marffym e todo o al era ouro e prata e pedras preciosas e tã sotilmente feita e laurada que era marauilha. E en cima da carreta hũa tenda de pano de ouro que nõ auya par e dentro êna tenda hya hũa cadeira tam rica e assi boa que nũca homen uyo melhor, e em aquella cadeira estaua elrrei dom Rrodrigo, e era tã alta que o mais pequeno homen que hija em sua hoste o podya ben ueer. Que uos posso mais dizer d'este rrey dom Rrodrigo, se nõ esto: que, des aquelle Espan, sobrinho de Hercolles, que foi o primeiro rrei ê Espanha, ataa o tempo que foy esta batalha, nũca achamos de rrey nem doutro homen que tam ben guisado saisse d'Espanha nem con tanta gente como elle? E andou tãto per ssuas jorna-
das que chegou onde era Tariffe con sua companha, e esto ffoy hũu sabado per noyte. E logo domyngo pella manhãa começa-
ron a lide e lidaron tanto que lhes escureceo, e desta guisa
fezeron cada dia ataa o outro domyngo sseguynte. Mas dizem
algũs em este logar que elrrei dom Rrodrigo auya [dadas]¹ toda-
las duas costaneiras da batalha aaquelles dous filhos delrrei Costa
que elle criara, o que iã ouuistes, e que, sabendo ho conde Ilham
e Tariffe como elles auyam a capitanya daquellas duas costanei-
ras, que ouueron acordo de os mandar cometer de falla e que
os auisaryam de muyto seu proueito, e a elles prougue do que
lhes foy dicto, e logo essa noyte seguynte foron fallar todos de
sũu em a tenda de conde, e que elle lhes disse por que eram
assy sinprezes e de pouco saber, espoendo-sse a morte por quẽ

¹ *dadas as duas em N C.*

os auya desherdados e lhes tijnha seu rreyno per força, mas que, pera o poderen cobrar, teuessen tal maneira que em outro dia auyam de uijr aa batalha e que, des que fosse começada, que sse dessê a fogyr e que, ueendo elrrei dom Rrodrigo e os seus como elles fogiam, que lhes quebrariam os corações e que seeriam desbaratados, e que, sse esto fizessem, que cobrariam o rreyno que fora de seu padre, prometendo lhes de lho fazer cobrar per mujtos juramentos, e que elles sse acordaron em esto e que logo esse domyngo, como entraron na batalha e compeçaron pellejar, que sse deron a fugir con todollos outros que eram da sua falla e que enton os mouros sse esforçaron en tal guisa que fezerom leixar o campo aos cristãaos e correron em pos elles pello encalço matando quantos podiam, e desta guisa uenceron os mouros aquella batalha per consselho e ajuda destes tres treedores.

Depois que a lide foy uencida desaventuradamente, como auedes ouuydo, os mouros buscaron os mortos e tomaron total-las armas que lhes acharon e todo o outro esbulho e, pero buscaron per todo o campo elrrei dom Rrodrigo, (e) nũa o poderon achar. Mas conta Homar, filho de Jufez, que, quando hia no ãcalço empos os cristãaos, que, en sse tornãdo, que uira jazer hũa calçadura, que ben esmaua que era sua polla nobreza que ê ella uyo, ca por que ¹ elle ouue daquella calçadura foy rico e auondado em toda sua uyda e foy senhor de uillas e castellos. E outros disseron que morrera ãno mar e outros que fugira aas montanhas e que o comeron as bestas feras, e desto nõ soubemos mais senõ [que] despois per tempo foy achado hũu sepulcro ã Uiseu ã que eram letras scriptas que deziã assi: Aqui jaz elrrei dom Rrodrigo, que foy perdido na batalha da Sagoneira e reinou quatro annos.

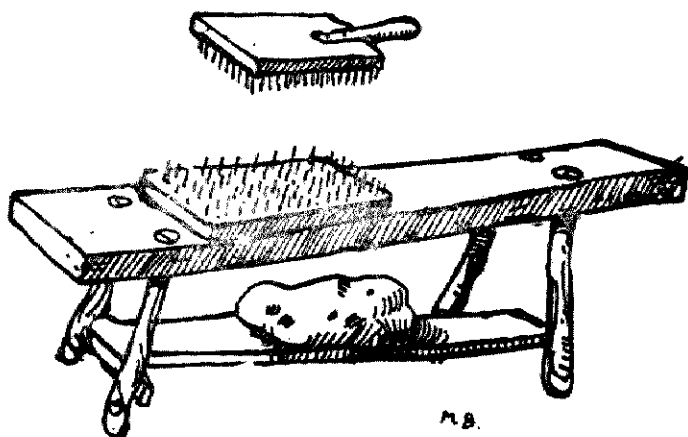
J. J. NUNES.

¹ Assim em N C.

Os “Cardadores” de Castelo de Vide

Subsídios para a etnografia (indústrias)
do distrito de Portalegre

É muito antiga em Portalegre, e em algumas das terras situadas na área do seu distrito, a indústria dos lanifícios e teares caseiros, como o atestam e comprovam as referências que acêrca desta indústria temos visto nos mais velhos diplomas e nas mais autênticas fontes da história da antiga região de *Odiana*: = os foraes, as inquirições e os livros do tombo dos seus municípios. Depois da capital do distrito, onde a indústria da fiação e tecelagem da lã adquiriu, porém, mais notavel progresso e maior desenvolvimento, foi, sem duvida, na populosa e pitoresca vila de Castelo de Vide, cujos habitantes mereceram por isso o epíteto de *cardadores*. Êste epíteto, que a tradição recolheu e vem trazendo dos mais remotos tempos da história da nacionalidade, teve origem na indústria de cardar a lã nos simples e primitivos aparelhos usados para êsse fim com o nome de *cardas* ou *carduças* ¹.



¹ A gravura que reproduzimos, desenhos do distinto aguarelista Jayme Barata, representa um antigo banco de cardar, com um pedregulho na parte inferior para dar firmeza e apoio ao banco. Tambem se usavam as cardas soltas, isto é, duas peças iguais á que está na parte superior da gravura, e que serviam para desencarapinhar e assedar a lã.

Já no cancioneiro regional, tão abundante e copioso e onde nitidamente se reflecte a imaginação viva e a facilidade de improvisar tão comum aos alentejanos e ás populações do sul do país mais directamente influenciadas pelos árabes, nos aparece a designação de *cardadores* aplicada aos habitantes da formosa vila, aos *castelovidenses*. Assim diz a trova:

Não quero Castelo de Vide
Que é terra de *cardadores*:
Quero a cidade de Elvas,
Onde tenho os meus amores¹.

No período que decorre durante a primeira dinastia as referências ao fabrico da lã no Alto Alentejo são imprecisas e mais ou menos vagas; há, todavia, elementos que nos levam a supôr que já nêsse tempo em Portalegre, e numa ou noutra vila do seu distrito, como em alguns lugares da Beira e de Tras-os-Montes, onde a criação e pastoria dos gados, mercê das condições especiais do clima e natureza do solo, se podia desenvolver, a indústria do fabrico das lãs era já um facto, e se ia exercendo, aqui e ali, ainda que de uma forma rudimentar e imperfeita. Ela devia limitar-se apenas ao fabrico, nos velhos pisões de que nos falam os forais e que já existiam ao longo das ribeiras da região, de alguns panos e estofos grosseiros, como a *bifa*, a *saragoça*, o *burel*, a *almafega*, o *bragal* e alguns tecidos grossos de linho. Muito imperfeitos, porém, deveriam ser êstes primeiros produtos da indústria nacional de tecidos, visto que a maior parte das fazendas então usadas e consumidas no país, até mesmo pelas classes menos abastadas, eram de procedência estrangeira, como nos dá interessante e curioso testemunho a conhecida lei de 26 de dezembro de 1253, por meio da qual D. Afonso III taxava o valor das moedas que então constituíam o sistema monetário do país, e fazia, ao mesmo tempo, a estiva dos produtos e gêneros que entravam no principal comércio da nação². Ali se fala nos panos tintos de *Gand*, de *Ruão*, de *Spli*, de *Abbeville*, de *Chartes*, nas escarlatas *inglesas* e *flamengas*, nos panos *grisé*, de côr branca e de que usavão, de ordinário, os padres Jerónimos e Dominicanos nos seus hábitos, nos panos *ingleses de grã*, nas estamenhas de *Bruges* e nas sarjas *castelhanas*, que tão larga

¹ *Cantigas geograficas* publicadas no vol. VI desta Revista.

² *Portugaliae Monumenta Historica — Leges* — Vol. I, pág. 192.

representação teem no registo dos mais velhos livros das alfândegas dos nossos portos sêcos.

Ainda que em estado bastante rudimentar e imperfeito não há dúvida, porém, de que já anteriormente ao reinado de D. Fernando a indústria do fabrico da lã e a do linho existiam no Alto Alentejo, porque já acêrca delas nos aparecem referências nos mais antigos forais dos velhos municípios e lugares da região como: Avis, Marvão, Seda, Tolosa e outros ¹.

Pelo que respeita a Castelo de Vide, integrado no vasto concelho de Marvão até ao ano de 1276, em que dêle foi emancipado, uma das indústrias que receberam os primeiros influxos de trabalho, quando os seus terrenos ermos e assolados pelas correrias dos sarracenos começaram a povoar-se, foi a da criação dos gados e a do aproveitamento e fiação da lã. Assim o testemunham as referências que vimos nos livros do tombo da Câmara Municipal a representações que os moradores da vila faziam, em defesa dos pastos tão necessários aos seus gados, contra o privilégio abusivo dos pastores de Manteigas que, em certas épocas do ano, desciam, com os seus rebanhos, dos vales e das alcantiladas encostas da serra da Estrêla para as charnecas e planícies daquem e dalêm Tejo.

As guerras que tivemos com Castela e em que foi tão fértil o reinado de D. Fernando, trouxeram, especialmente às povoações da fronteira, como Castelo de Vide, um período ininterrupto de desassossêgo, de graves riscos e prejuizos. Estas lutas, êste contínuo sobressalto, muito contribuíram para o empobrecimento da sua população, para a paralização da agricultura e consequentemente das indústrias que com ela tinham estreita ligação, como a da extracção e manufatura das lãs. Entre tantas provas que confirmam êste facto devemos, pela sua importância e autoridade, salientar o testemunho do infante D. Pedro, duque de Coimbra, no inquérito agrícola que, por mandado de seu irmão o rei D. Duarte, fôra encarregado de fazer no Alentejo ².

Nos princípios do século xv o grosso das importações de panos e sarjas de Castela pela alfândega de Marvão revelam-nos o atrazo em que ainda se estava relativamente à indústria do fabrico da lã, mas na regência do infante D. Pedro, durante a

¹ *Portugaliae Monumenta Historica—Leges*—cit. vol., págs. 595, 606, 720 e 702.

² João Pedro Ribeiro—*Dissertações Chronologicas e Críticas*, tomo I, app. págs. 389-396.

menoridade de seu sobrinho D. Afonso v, começam a acentuar-se alguns progressos na indústria de lanifícios. Por volta do ano de 1441 cria-se ou desenvolve-se, em várias terras do país, o fabrico dos panos de lã *meirinha*, como se deixa ver pelo capitulo 36.º dos *Artigos das Sizas* ordenados pelo referido monarca.

Nos fins do século xv e princípios do xvi a indústria do fabrico da lã aumenta consideravelmente em todo o distrito de Portalegre, especialmente nesta cidade e na vila de Castelo de Vide, que por esta forma vai justificando a significativa designação de terra dos *cardadores*. Assim o testemunha um curioso códice que encontramos na Torre do Tombo, relativo ao rendimento da alfândega da vila fronteiriça de Marvão e correspondente ao ano de 1535 ¹. As suas verbas, e os registos que ali figuram, são de sumo interesse não só para se averiguar quais os produtos que constituíam as principais importações de Castela por aquêle porto sêco, o seu valor e a avaliação que então se lhes dava, como também as terras para onde êsses produtos eram destinados. Além do interesse que êsse manuscrito nos oferece para a história económica local, êle constitui também um valioso subsidio para a história do comércio do país nas recuadas éras a que nos referimos. Na impossibilidade de aqui o podermos transcrever todo como merecia, apenas extrairemos dêle as verbas que mais intimamente se relacionam com o assunto do nosso modesto trabalho,—a indústria do preparo e fabrico da lã. Diremos, entretanto, que entre as diversas mercadorias que nos registos do aludido manuscrito são *alealdadas* ², figuram, como principais, as seguintes: *lãs, cardas, sumagre, ruiva, passa, panos de linho e burel, joeiras, pez, pregos, barretes de Cordova* e diversos objectos de tenda.

Verifica-se também, a par do predomínio da importação das lãs, que estas são, em geral, manifestadas por individuos moradores em Portalegre e Castelo de Vide, terras onde a indústria

¹ Arquivo Nac. da Torre do Tombo—*Rendimento das Alfandegas do Algarve, Funchal e Marvão*—Maço VII, doc. 6.

² A lei de 26 de dezembro de 1253, revalidando provisões, ou costumes, de certo anteriores, proibia expressamente as importações a que não correspondesse uma exportação equivalente em valores. Deste regimen, que já envolvia o embrião da famosa balança do commercio, proclamada depois como lei commercial dos estados, nasceram os preceitos restritivos chamados *alealdamentos*, em virtude dos quais os negociantes extranhos deviam manifestar *lealmente* os generos importados e os retornos em fazendas nacionais.—Rebello da Silva—*Historia de Portugal*—, tomo IV, pág. 507—Antonio de Moraes e Silva—*Diccionario*, em *alealdar*.

de lanifícios tinha mais intenso labor e uma maior e já tradicional actividade ¹.

Eis algumas das verbas e lançamentos do manuscrito a que nos referimos:

«=Item—A xxx de janeiro meteo pelo dito porto Antonio Rodriguez de castelo de vyde duas carregas de lã de que pagou a trezentos rreaes por carrega=»

«=Item—A b dias de ffeureiro meteo pelo dito porto Joam gracya de portalegre quatro carregas de lã de que pagou a trezentos rreaes por carrega=»

«=Item—No dito dia meteo pelo dito porto hum ffilho de francisco ayres de castelo de vyde duas carregas de lã=»

«=Item—A x dias de ffeureiro meteo pelo dito porto anryqe ffernandez de portalegre tres carregas de lã de que pagou a trezentos rreaes por carrega=»

«=Item—A xxbj do dito mes meteo pelo dito porto ffernand bras de castelo de vyde e pero lopez dabrantes sete carregas de cumagre=»

«=Item—A xix de ffeureiro *alealdeou* no dito porto jeronymo de vargas ffilho de mestre aluaro de portalegre hũa carrega de pano de lynho que passou por castella e vynte peças de pano de Judea que valya tudo cyncoenta mjl rreaes=»

«=Item—a xxiiij dias dabryl meteo pelo dito porto o ffilho de mestre aluaro morador em portalegre cem pares de cardas de que pagou quynhentos rreaes=»

«=Item—a xxiiij dias de mayo meteo pelo dito porto ffrancisco de tores de castelo de uyde hũa carrega de rruyua de que pagou cento a trinta rreaes=»

«=Item—ao primeiro dia do mes dagosto meteo pelo dito porto ffernando de bayena vizinho de portalegre duzentos e cyncoenta e sete pares de cardas e dous pares de carduças e vynte duzyas de cercuyllhas carneyras e vynte arrates dazougue e hũa carrega e mea de ssementynhas que sam sete ffranegas e

¹ Por uma carta de quitação passada a Jorge Vaz, cavaleiro da casa real e almoxarife do almoxarifado de Portalegre, mostra-se ter sido o rendimento dos panos da terra, no ano de 1519, incluindo o imposto de 1 % que sôbre êles recaía, na importância de 404\$000 rs. Em 1520 a receita dos mesmos panos foi de: 123\$300 rs. Em 1521 foi de 39\$860 rs. Em 1539 essa receita foi de: 756\$000 rs., com mais 7\$560 rs. do referido imposto de 1 %.

Arquivo Nac. da Torre do Tombo—*Odiana*, liv. 7.º fl. 196; *Chancel. de D. João III*, liv. 45.º, de Doações, fl. 95 v.; *Corpo Chronol. P. II*, maço 103, doc. 26, e *P. I*, maço 65, doc. 261—*Arquivo Historico Portuguez*, vols.: 4.º, pág. 239; 9.º pág. 462 e 10.º pág. 152 e 183.

cynco mjl tachas de pregar cardas e duzya e mea de barretes de cordoua e cynco beatylhas de sseda e algodam e dez mil agulhas que tudo ffoy avalyado pelo meudo e cada cousa sobre sy de que pagou a sete por cento dous mjl e cento e nouenta rreaes=»

«=Item—no dito dia meteo pelo dito porto grigoryo diaz morador em castelo de vyde hũa carrega de pentes¹—hũa saca de rruyua e três duzyas de barretes e duas duzyas de tysoiras e duas de ffacas e alffynetes e outras meudanças de tenda que tudo cada hũa cousa por sy de que pagou a sete por cento que ssam seys centos rreaes»

Do ano de 1536 aparece-nos registada no livro 1.º do Tombo da vila de Castelo de Vide uma provisão do rei D. Manuel I pela qual se proibe a construcção de *tintes* junto á fonte que existe nos arrabaldes da vila, denominada da=*Mealhada*=, tão afamada pela virtude medicinal das suas águas.

São curiosas as alegações apresentadas por parte da Câmara para justificar a necessidade da medida proibitiva, que em virtude daquela provisão lhe foi concedida, para de futuro se suspender e impedir, naquêlê sitio, a construcção dos referidos *tintes*, primitivas e rudimentares oficinas da primeira fase da tinturaria nacional. Alegava-se, em primeiro lugar, e como motivo principal, o prejuizo que resultava de se inutilisarem com os *tintes* as águas sobejas daquela abundante e copiosa nascente, tornando-as impróprias não só para as regas das hortas limítrofes, que delas se alimentavam, como também prejudiciais aos gados que as bebiam na ribeira para onde essas águas se escôam, a qual passa junto de uma outra fonte denominada dos *Bêsteiros*; além de que era—*pouco honesto*—a permanência ali de tais *tintes* para as mulheres que costumavam ir prover-se da água da referida fonte da Mealhada.

Esta curiosa e última razão pretendia aludir, naturalmente, aos ditos e atrevidos galanteios, mais ou menos picantes, que um ou outro tintureiro, menos comedido, costumava dirigir ás moças que ali concorriam, tingindo-lhes as pudibundas faces, não com as berrantes côres dos seus *tintes*, mas com o ruborizado vermelhão do seu ofendido pudor. O caso, como vemos,

¹ Pentas de tear.

tão repetido se ia tornando, e tão reincidentes se mostravam os enamorados tintureiros, que a liberdade e incontinência dos seus galanteios chega a atrair as atenções dos moradores da vila e a merecer os justos reparos dos vereadores da municipalidade, até ao ponto de levarem perante o rei e o seu conselho as suas queixas e representações. Foi, pois, esta a causa da provisão proibitiva da construção dos *tintes* a que aludimos, medida que, além do seu aspecto económico e de utilidade prática, tinha também a recomenda-la esta última razão de carácter moral.

Bons tempos êsses em que os ingénuos e pudibundos edis ainda se preocupavam com os ditos que ofendiam a moral pública e o sensível pudor das suas municipais! Nos tempos civilizados de hoje os *tintureiros* abundam em todas as fontes com mais desenvoltura e liberdade de língua e com *tintes* capazes de fazer corar de vergonha a enegrecida pele de um preto!

Voltando, porém, á história da indústria de lanifícios sabe-se que na segunda metade do século XVI continua a acentuar-se o seu progresso, como o atesta o maior número de operários (trapeiros, tecelões, pisoeiros e tosadores) que se agregam nos mais activos centros da indústria de tecelagem, como Lisboa e suas comarcas, onde se fabricam já aperfeiçoados tecidos de bureis, baetas pretas, belartes, guardaletes, panos meirinhos, etc. Na provincia do Alentejo, Portalegre e Estremoz constituíam os centros mais ou menos laboriosos aonde se teciam saragoças imitadas das de Espanha, panos pardos ordinários, panos pretos grossos e vários estofos de côres ¹.

Em Castelo de Vide já então se fabricavam, principalmente, os tecidos usados na confecção das tradicionais mantas alentejanas, e aperfeiçoadas saragoças, que se consumiam muito na terra e arredores e de que se faziam as principais peças do vestuário usado pelos camponeses e pelas classes mais pobres:—jaqueta, colete acertoado de pano verde com botões de metal amarelo, calções de alçapão, polainas botoadas sôbre grossas meias brancas de linho, e na cabeça chapéu grosseiro de largas e sombreadas abas.

O modernismo, de que não escapam até os campos e a gente simples que nêles se ocupa e moireja, tem feito desaparecer os típicos e tão característicos calções de alçapão, que são hoje já raramente usados. A gravura que aqui inserimos dar-

¹ Rebello da Silva—ob. cit., pág. 468.

nos-há alguma ideia desse vestuário, já abandonado, como dizemos, em Castelo de Vide, mas que ainda poderá ver-se, com todo o seu rigor, em velhos camponeses raianos do termo da vila próxima espanhola de Valencia de Alcântara e na aldeia portuguesa de S. Julião.

No principio do reinado de D. João III o desenvolvimento desta indústria tinha dado origem a um regimen proibitivo da exportação da lã, que já então se consumia toda no país não chegando mesmo a que havia para as necessidades da fabricação. Assim o confirmam os lançamentos feitos no livro da alfândega de Marvão que anteriormente citamos e pelos quais se vê que, especialmente por intermédio de individuos moradores em Portalegre e em Castelo de Vide, os dois mais activos centros da indústria de tecidos, a lã entrava já como um dos productos de maior registo na escala das importações de Castela. Este facto é também comprovado por Rebelo da Silva quando diz, referindo-se ao consumo das lãs: «As fábricas nacionais da Covilhã, Castelo de Vide, Estremoz e de outras localidades, faziam também largas encomendas para seus artefactos»¹.

Ainda em reforço dos argumentos que produzimos para comprovar o benéfico impulso que á indústria de tecelagem havia sido dado na época a que vimos aludindo, outros não menos elucidativos existem, pelo que respeita aos *cardadores* de Castelo Vide, colhidos nos livros do tombo da Câmara Municipal desta vila. Queremos referir-nos, em primeiro lugar, ao regi-



¹ *Historia de Portugal*, tomo IV, pág. 462.

mento das procissões solenes, reformado em sessão camarária de 30 de maio de 1587, no qual se mencionam, entre os diferentes grêmios de artífices, *mesterais*, que com o seu juiz e a sua bandeira própria costumavam figurar nesses actos, os *cardadores* e *carduadores*. São estes artífices os primeiros ali apresentados entre os diversos grêmios, parecendo inferir-se do número dêles que os mesterais de panos excediam muito o número dos que compunham os outros grêmios ou mesteres ¹.

Êstes cortejos espectaculosos, a que alude o citado regimento, em que entravam figuras alegóricas exibindo danças, cantos, cerimónias e acompanhamentos mais profanos do que religiosos, costumavam, sobretudo, realizar-se na procissão do Corpo de Deus, a mais faustosa e pitoresca na representação destas danças e pantomimas. Dêles nos dão noticia as Constituições do bispado de Portalegre, os livros dos tombos de algumas Câmaras das vilas do distrito e a tradição ainda hoje viva em várias das suas terras. Assim, pela descrição dessas tão interessantes como primitivas e ingênuas festas processionais, nós podemos comprovar a representação nelas, em maior ou menor número, dos artífices ou mesterais de panos e por consequência a existência da indústria de lanifícios nas vilas de: = Niza ², Crato, Marvão e Castelo de Vide. Pelo que respeita á terra dos = *cardadores* = afigura-se-nos interessante transcrever aqui algumas noticias extraídas dos livros do seu tombo, relativas a essas curiosas festas:

Todos os grêmios dos diferentes mesteres eram obrigados, isoladamente ou por meio de grupos, conforme a sua importância, a nomear entre si mordomos, que promovessem e representassem nas procissões essas *invenções-festas*, além da comparação colectiva com os seus juizes e bandeiras. Todos êstes artífices deviam constituir á sua custa uma dança de *ciganos*, em que não podiam entrar menos de oito, á parte os guias, bem vestidos e ornados de brocado, com seu tamboril e pandeiro. Os tecelões de panos de linho e de côr, aliados aos tosa-dores, estalajadeiros e vendeiros, uma dança *mourisca* de nove pessoas para cima, não compreendendo neste número dois tocadores de guitarra e pandeiro.

¹ Dr. César Videira — *Memoria Historica de Castello de Vide*, pág. 298.

² O ano de 1828 foi o último em que nesta vila se realisaram tais cortejos. — Dr. Mota e Moura — *Memoria Historica da Notavel Vila de Niza* — Parte segunda, pág. 101.

Os tintureiros, pisoeiros, *serradorradores* (*sic*) e çurradores faziam uma orquestra de seis vozes com duas guitarras e pandeiro.

Os sapateiros, cortidores, alfaiates, carpinteiros e pedreiros deviam ordenar uma folia de nove pessoas com um tambôr de boa música.

Os padeiros faziam uma péla (rapariga sustentada sôbre o hombro de outra, bailando e volteando ao mesmo tempo), a qual se apresentaria ornada de bons vestidos de seda e ouro.

Os ferreiros, ferradores, barbeiros e serralheiros deviam levar um S. Jorge num cavalo branco ou russo, bem ornado de armas brancas e acompanhado de seis homens, armados de arcabuzes e vestidos a preceito.

Além de vários outros figurantes a Câmara pagava a alguns foliões (800 reis a cada um) para, com os seus esgares e momices, divertirem o público ¹.

Outras providências fôram tomadas no século XVI relativamente aos cardadores de Castelo de Vide, tais como:

Carta de 22 de dezembro de 1533 que se refere aos que *estiram* panos e ao védor dêles ².

Alvará passado em Almeirim em 1 de dezembro de 1570 fazendo mercê ao povo de Castelo de Vide do privilégio de pagar as sisas dos panos da vila que lhes são dadas por encabeçamento em duas prestações anuais, uma pelo S. João e a outra pelo Natal ³.

Alvará para o Juiz de Fora da mesma vila passado em Lisboa a 12 de setembro de 1595 ordenando que se devia tirar devassa em cada ano dos pisoeiros que estiravam os panos com cardas de ferro e dos trapeiros que o consentem ou mandam fazer ⁴.

As cardas deviam ser feitas com palmares de muito bom cardo conforme se determinava no regimento dos panos que em 1573, no reinado de D. Sebastião, se havia ordenado para as fábricas do reino.

A carta de 1 de abril de 1541, também relativa aos tecelões de Castelo de Vide, não deixará de merecer, pelo seu curioso interesse, ser conhecida na íntegra. É o seguinte o seu teor:

¹ Câmara Municipal de Castelo de Vide—Cit. liv. do Tombo.

Dr. César Videira—ob. cit. pág. 296.

² Câmara Municipal de Castelo de Vide—Tomo 1.º do Tombo, fl. 65.

³ Câmara Municipal de Castelo de Vide—Tomo e loc. cit.

⁴ Câmara Municipal de Castelo de Vide—Tomo 2.º do Tombo.

**Aos tecelões de Castel Davide,
privilegio pera nam terem mais pesos do aqui nomeados**

«Dom Joam etc. Aquamtos esta carta virem faço saber que eu ey por bem por algũs justos respeitos que me a jso mouem que os tecelões da uila de castelldanjde e de seu termo nõ seyam constrangidos a ter os pesos que sam obrigados pela ordenaçam e somente terem os pesos abaixo decrarados, a saber: os tecelões de pano de lam terem hũa arroba meia em hũa soo peça e outra meia por pesos meudos em sete peças. a saber: oito arrateis quatro arrateis e dous e hũu e meio e duas quartas e os tecelões de panho de linho terem meia arroba oito arrateis em hũa soo peça e outros oito para pesos meudos em seis peças a saber: quatro arrateis e dous e hũu e meio e duas quartas notefficoo asy a todos os Corregedores Juizes e Justiça e a quaesquer outros officiaes e pessoas a quem esta carta for mostrada e o conhecimento dela pertencer e lhes mando que nam constrangam os sobreditos tecelões a ter mais pesos que os acima declarados por que asy o ey por bem sem embargo da dita ordenaçam Amdre gomez a fez em Lisboa ao primeiro de abril anno do nacimiento de nosso senhor Jesus Christo de 1541 anos. Jorge Roiz a fez escrever» ¹.

Ainda mais curioso e de maior interêsse do que o documento que acabamos de ver, é um outro também registado na chancelaria de D. João III concedendo a João Rodriguez, residente em Castelo de Vide, o exclusivo por seis anos do fabrico de cobertores de papa de toda a sorte, que nunca no reino se tinham feito, de estamenhas e guardaletes, com a condição de não principiar a sua indústria sem ter pelo menos tres teares a funcionar, privilégio que não se entenderia com as pessoas que já possuissem teares em laboração idêntica. Tão importante e tal relêvo êste documento tem na história da indústria castelo-vidense no periodo a que nos vimos referindo, que não podemos fugir á tentação de o dar também aqui na integra, como merece:

«Eu elRey faço saber a quantos este meu alluara virem que João Rodriguez, mercador, morador na villa de Castello de Vide

¹ Arquivo Nacional da Torre do Tombo—*Chancelaria de D. João III*
—Liv. 34, fl. 26 v.

me ãuiu dizer que elle queria fazer em meus reinos cobertores de papa de toda sorte e estamenhas e guardallates, que nũa se nelles fezerão, por agora auer muita necesydade das ditas cousas por ser defeso nos reinos de Castella que nã pasem pera estes ditos reinos, que era tudo pera nobrecimento delles e pro- uimento da gente pobre, em que não podia escusar fazer muytas despesas e no asemto do trato das ditas cousas e pois de nouo queria asemtar a sua propria custa me pedia por merce ouuese por bem que pessoa algũa nã podese fazer as ditas cousas senão elle Joham Rodriguez pello tempo e sob as penas que me bem parecese. E uisto seu requerimento, auendo respeito ao gasto e despesa que no asemto do trato das ditas cousas ade fazer, e por lhe fazer merce, me praz que por tempo de seis annos pessoa allgũa não posa neste reino por teares pera fazer cobertores de papa de toda a sorte nem estamenhas e guardallates pera vender senão elle dito Johão Roiz, salluo os que as ditas cousas quyse- rem fazer pera suas proprias casas sob pena de quallquer pessoa que os ditos teares poser e as ditas ou allgũa dellas fizer pera as vender pagar com cruzados, ametade pera os catiuos e a outra ametade pera o dito Joham Rodriguez comtanto que elle não posa poer e asemtar menos de tres teares pera se as ditas cousas fazerem e dahy pera cima podera por os que quiser, os quaes seis annos se começarão do dia que poser e asemtar os ditos tres teares em diamte, e esta defesa se não emtemdera nas pessoas que ja damtes della tynhão feytos os ditos teares, por que as taaes pessoas poderão fazer as ditas cousas como damtes fa- ziam posto que sejam pera vender, e o dito Joham Rodriguez sera obrigado a tirar certidão do comtador da comarqua do dia que asemtar os ditos teares pera dahi em diamte se começarem os ditos bj anos segundo forma deste meu alluara, a qual certi- dão trara ou emuiara apresentar a minha fazemda do neguocio do Reyno dentro em hum mes, que se começara do dia em que lhe for pasada em diamte pera nella se ver e saber como tem assentados os ditos teares. E por tanto mando a todos os corre- gedores, comtadores de minha fazenda, juizes e justiças, officiaes e pessoas de meus Reinos e senhorios que asy o cumprão e guar- dem e façam inteiramente cumprir e guardar como neste alluara he decrarado, o qual ey por bem que valha e tenha força e vy- guor como se fose carta feyta em meu nome per mim hasynada e asellada do meu sello pemdemte, posto que o efeyto della aja de durar mais de hum ano sem ãbarguo da ordenaçam do 2.º liuro t.º 20 que o comtrario despoem. P.º Cubas o fez

em Lixboa a xiiij dias de março de jbo liij. E eu Allu.* Piz o fiz escpreuer» ¹.

*
* *
*

Não era, porém, só em Castelo de Vide que o progresso da indústria da tecelagem se ia acentuando, como acabamos de comprovar. As demais terras do distrito recebiam também o benéfico impulso que irradiava da sua capital e daquela vila, os dois centros mais prolíferos e de maior actividade neste ramo de indústria. São, a este respeito, interessantes os elementos que recolhemos das pesquisas que fizemos na Torre do Tombo, especialmente nos livros denominados — *Ementas* —, de onde extraímos as curiosas notas documentais que, por serem inéditas e constituírem um subsidio para a história do trabalho mecânico e das mais antigas e importantes indústrias locais, julgamos que merecem ser aqui inseridas. Por elas se poderá ver que na maior parte das povoações do distrito de Portalegre, aqui indicadas pela ordem alfabética, a indústria da fição da lã existia e medrava desde o primeiro quartel do século xv.

Alegrete

«Dá V. M. por Veedor dos panos e sellador delles da Villa dalegrete a Joam de Caçeres morador na dita Villa, assj e da maneira que o elle deve ser, e como o foi Francisco Fernandez per cuio fallescimento o dito officio vagou. Em Lixboa a seis de setembro de 594 ².

«—Dá V. M. por escriuão das sisas do geral e panos da Villa d'Alegrete a Diogo Caldeira moço da Camara de Vossa Magestade que vagou por fallescimento de Pedraluarez seu sogro. En Lixboa a 22 dagosto de mil e 595 per fernão da silva ³.

«—Dá V. M. por Vedor dos panos e aselador delles da villa dalegrete a Bras Luis morador na dita Villa, assj e da maneira que a elle deue ser, e como o foi Joam de Caçeres per cuio fallescimento vagou. En Lixboa a 24 de novembro de 595 —por fernão da silva ⁴.

¹ Arquivo Nac. da Torre do Tombo—Chancelaria de D. João III—*Privilegios*, liv. 1, fl. 330 v.—Sousa Viterbo= *Artes Industriaes e Industrias Portuguezas—Industrias textis e Congeneres*, pág. 46.

² Arquivo Nac. da Torre do Tombo—*Ementas*, liv. v, fl. 176.

³ Ibid.—*Liv. cit.*, fl. 216, v.

⁴ Ibid.—*Liv. cit.*, fl. 226.

Alpalhão

«Dá V. A. por escriuam da sisa do geral e panos da villa de alpalham a Pedro Minguis morador na dita villa com mil reaes de mantimento como o tinha migel diaz per cujo fallecimento vagou. Em Euora a 26 dagosto de 1573—pello condẽ de Vimioso ¹.

«—Dá V. M.^{de} por Veedor dos panos da Villa dalpalham a Vasco Mourato morador na dita villa, enquanto Vossa M.^{de} o ouuer por bem e não mandar o contrario. En Lixboa a 23 de feureiro de 591 —pelo Conde meirinho mór ².

Alter do Chão

«Dá Vossa M.^{de} por Reçebedor das sisas geraes, e dos panos, e sellador delles, da villa dalter do cham, a domingos vaz nella morador, assj e da maneira que elle deue ser, e como o foi Manoel paez que o renunciou em mãos de Vossa M.^{de} pera delle fazer merçe a quem o ouuesse por bem. En Lixboa a seis de Novembro de 590—pello conde meirinho mor ³.

«—Dá V. M.^{de} o officio de escrivão das sisas e dos panos da villa de Alter do Cham a Antonio Gonçalves da Ponte por estar vago por fallecimento de Simão Fernandez Castellão, em quanto V. M.^e ouuer por bem e não mandar o contrario. Lixboa aos 4 de Dezembro de 641—Por Dom Miguel de Almeida do Conselho destado de V. Mg.^e e veedor de sua fazenda ⁴.

Arronches

«Dá V. A. por rreçebedor dos panos da terra, védor e ase-lador delles na uilla de Arronches, a bertolameu gonçaluez morador na dita uilla, da maneira que os tinha Affonso gomez per cujo fallecimento uagaram com tres mil reaes de mantimento cada anno e vay com as clausulas. Em Euora a 20 de nouembro de 572—pello conde do vimioso ⁵.

«—Dá V. M.^e por reçebedor e sellador dos panos da Villa

¹ Ibid.—*Ementas*, liv. II, fl. 96, v.

² Ibid.—*Ementas*, liv. V, fl. 50, v.

³ Ibid.—*Ementas*, liv. V, fl. 41.

⁴ Ibid.—*Ementas*, liv. XII, fl. 24.

⁵ Ibid.—*Ementas*, liv. II, fl. 88.

de Arronches a Lourenço Mendez que vagou por falleſcimento de Saluador gonçalvez Aranha pera que o sirua assj e da maneira que o elle seruio. Em Lixboa a 24 de Outubro 622—Por Ruj da Silva ¹.

«—Dá V. M.^e por veedor e sellador dos panos da villa de Arronches a Antonio Gonçalvez que vagarão por falleſcimento de Lourenço Mendez proprietario que delles foj. Em Lixboa a sete de setembro de 626—Por Ruy da Silva ².

Aviz

«Dá V. M.^e por escriuão das sisas e panos da Villa de Aviz a Manoel Vaaz da Cunha morador na dita villa que vagou por falleſcimento de Manoel Fernandez seu paj. Em Lixboa a oito de feureiro de 627—Per Luiz da Silua ³.

Cabeço de Vide

«Dá V. M.^e por Reçebedor das sisas dos panos, Veedor e sellador delles da Villa de Cabeço da Vide a Francisco Mendez, moço da Camara de Vossa M.^e assj e da maneira que o foi Francisco Gomez por cuio falleſcimento os ditos officios vagarão. Em Lixboa a 16 de novembro de 598—per fernão da silva» ⁴.

Castelo de Vide

«Ao recebedor da sisa dos panos nesta villa dá S. A. 5:000 (cinco mil reaes) de mantimento que he outro tanto que tinha Manuel Rodriguez, por cujo falleſcimento vagou. Em Euora 27 de feureiro de 1573 ⁵.

«—Dá V. M.^e por selador dos panos da Villa de Castello da Vide, a Pedro Aluarez Mergulhão que vagou por falleſcimento de Matheus Tristão, e vai com as clausulas. Em Lixboa a 26 de outubro de 1601—Per Fernão da Silva ⁶.

«—Dá V. M.^e por selador dos panos da villa de Castello da Vide a Gaspar Mergulhão, logar que vagou por simples renun-

¹ Ibid.—*Ementas*, liv. XI, fl. 134.

² Ibid.—*Ementas*, liv. XI, fl. 272.

³ Ibid.—*Ementas*, liv. XI, fl. 276.

⁴ Ibid.—*Ementas*, liv. VI, fl. 142.

⁵ Ibid.—*Ementas*, liv. II, fl. 91.

⁶ Ibid.—*Ementas*, liv. VII, fl. 91.

ciação que delle fez Pedro Alvarez Mergulhão, seu pae. Em Lixboa a 30 de outubro de 1604 ¹.

Crato

«Da V. M.^e por escrição das sisas dos panos da villa do Crato a manoei dabreu monção nella morador asy e da maneira que o elle deve ser, e como o foy joão de monção seu pay per cuiuo fallescimento o dito officio vagou. Em Lixboa a vinta noue dabril de 596—pelo conde de linhares ².

«—Dá V. M.^e por escrição das sisas dos panos da Villa do Crato a Jorge d'Araujo que vagou por fallescimento de Manuel d'Abreu enquanto V. M.^e ouuer por bem e não mandar o contrario. Em Lisboa a quatro de novembro de 598—por fernam da silva ³.

«—Dá V. M.^e por escrição das sisas dos panos da vila do Crato a Dioguo d'Abreu do qual officio Jorge d'Araujo foi propriatario e o renunciou nas mãos de V. Mg.^{da} pera delle fazer merce a quem ouuesse por seu seruiço etc. Em Lisboa a dous dias de nouembro de 599—per fernão da silua ⁴.

«—Da V. M.^e por Vedor dos panos da terra da Villa do Crato e assellador delles a Nicullao Callado assj e da maneira que tinha Aires Fernandez seu avoo e Antonio Diaz seu pay. Em Lixboa a 18 de Dezembro de 608—por dom Esteuão de Faro ⁵.

Gáfete

«Dá V. M.^e por aselador dos panos do lugar de Gafete termo da villa do Crato a Domingos Afonso novamente por hy aver selo que Aluaro Pacheco mamdou fazer por bem do seu rregimento polla opresam que tinha de hyr a selar ao Crato duas leguas dahy e pagou dordenado çem reaes. Em Alcouchete a 8 dias de Janeiro de 1527—para o conde ⁶.

¹ Ibid.—*Ementas*, liv. VIII, fl. 76.

² Ibid.—*Ementas*, liv. IV, fl. 136.

³ Ibid.—*Ementas*, liv. VI, fl. 137.

⁴ Ibid.—*Ementas*, liv. VI, fl. 157.

⁵ Ibid.—*Ementas*, liv. IX, fl. 45.

⁶ Ibid.—*Ementas*, liv. I, fl. 153.

Marvão

«Dá V. M.^e por selador dos panos da terra da vila de Marvão a Antonio Lopes, para servir ahí e da maneira que o servio Bastião Lopes seu paj que o nele renunciou. Em Lisboa a 2 de mayo de 585 annos—por dom duarte de Castelbranco ¹.

«—Dá V. M.^e por escrivão dos panos, sisa e direitos reaes da Villa de Marvão e Francisco Priuado de Faria que vagou por fallecimento de seu pay Manoel de Faria. Em Lixboa a 21 de nouembro de 629—Per Ruy da Silva ².

«—Dá V. M.^e o officio de escrivão dos panos e sisas da uilla de Marvão a Manoel Paes por estar uago por falesimento de Francisco Priuado de Faria emquanto V. Mag.^{de} ouuer por bem e não mandar o contrario. Em Lixboa a 7 de Julho de 645 annos—por Dom Miguel de Almeida que foi veedor da fazenda de V. Mg.^{de} ³.

Monforte

«Dá V. Mg.^{de} por escrivão das sisas do geral dos panos e selador deles da Villa de Monforte a Uasco dAraujo, com dous mil reaes de mantimento por anno que he outro tanto como tinha e auia Bento Perez que os ditos officios renunciou nas mãos de V. Mg.^{de} Em Lisboa a vinte e seis de mayo de 603 —Por Fernão da Silva ⁴.

«—Dá V. M.^e por escrivão das sisas, veedor e sellador dos panos da Villa de Momforte a Pedro Barradas que vagarão por simplez renunciação que delle fez em mãos de V. M.^e Gaspar Jusarte para que os sirua assj e da maneira que os elle servio em Vasco de Araujo seu antecessor. En Lixboa a sete de dezembro de 621 —Por Ruj da Silua ⁵.

Niza

«Dá V. M.^e por Veedor e sellador dos panos da Villa de Niza a Duarte Nunez, que uagou por falleçimento de Anrrique

¹ Ibid. — *Ementas*, liv. IV, fl. 94.

² Ibid. — *Ementas*, liv. XII, fl. 81.

³ Ibid. — *Ementas*, liv. XIV, fl. 129.

⁴ Ibid. — *Ementas*, liv. VII, fl. 201.

⁵ Ibid. — *Ementas*, liv. XI, fl. 99.

Rodriguez, e vai com as clausullas. Em Lixboa a 24 de mayo de 1601 ¹.

«—Dá V. M.^e por reçebedor das sisas dos panos da Villa de Nisa a Gonçallo Ribeiro, enquanto V. M.^e ouuer por bem e não mandar o contrario. En Lixboa a 23 de Janeiro de 629—Per Ruy da Silva ².

«—Dá V. M.^{de} o officio de veedor e çelador dos panos da villa de Niza a Manoel Alves Ramos por estar uago por Antonio Fernandez Mendez se ausentar ha muitos annos para Castella enquanto V. M.^{de} ouuer por bem e não mandar o contrario. Em Lixboa 23 de Julho de 641 annos—por Dom Miguel de Almeida do conselho de estado e veedor de sua fazenda ³.

Portalegre

«Dá V. M.^e por vedor dos panos que se fazem na çidade de Portalegre a Antonio Villez da Costa morador na dita çidade, assy e da maneira que o deve ser, e como o foi Damião Nunez da Costa seu jrmão per cuyo fallecimento o dito officio vagou. En Lixboa a 26 de Janeiro de 589—pello conde meirinho mor ⁴.

Na segunda metade do século xvii as providências legislativas de D. Pedro II ⁵, proibindo, em beneficio da indústria nacional, que alguêm se vestisse de pano que não fôsse fabricado no reino, influíram também, como não podia deixar de ser, nas indústrias locais do distrito de Portalegre as quais, nomeadamente nesta cidade e na vila de Castelo de Vide, receberam assim novos estímulos.

Uma das mais importantes medidas de protecção e fomento da indústria de lanificios foi o célebre regimento de 7 de Janeiro de 1690, feito depois da consulta dirigida ás Câmaras das terras onde essa indústria tinha maior representação, diploma notável pela minúcia com que nêle são reguladas não só todas as operações relativas ao fabrico das lãs, desde a sua escolha, lavagem, carda, fiação, urdidura, tecelagem, apizoamento e tingidura,

¹ Ibid.—*Ementas*, liv. VII, fl. 140.

² Ibid.—*Ementas*, liv. XII, fl. 57.

³ Ibid.—*Ementas*, liv. XIV, fl. 10.

⁴ Ibid.—*Ementas*, liv. IV, fl. 227, v.

⁵ Dr. Fortunato de Almeida—*Subsídios para a história económica de Portugal*, na «Revista de História», ano IX, n.º 35, pág. 165.

como também ao recrutamento, habilitações, técnica e mais qualidades dos seus artífices, védores e outras pessoas encarregadas do fabrico dos panos, da sua selagem e fiscalisação.

Esta importante providência legislativa vinha assim suprir as deficiências e omissões do regimento que havia sido ordenado em 1573 por D. Sebastião para as fábricas do reino, omissões de que resultava serem os panos mal obrados e falsificados, tanto na conta dos fios como na largura, na impropriedade das tintas, e em tudo o mais de que dependia a sua verdadeira composição.

Uma das inovações que continha o citado regimento dos panos de 1690 consistia, —capítulo 89.º—, em obrigar os oficiais das lãs, antes de começarem a servir o seu officio, a serem examinados pelo Vêdor dos panos e dois homens dos mais antigos e experimentados de cada *Mister* de que fôsse o officio em que se fizesse o dito exame, pessoas estas que deviam ser eleitas pelo Corregedor, estando na terra, e não o estando pelo Juiz de fóra. Dêste exame se faria assento e se passaria a respectiva carta, pela qual levariam os Vêdores o emolumento de 50 reis.

Contra o rigor desta disposição representaram os moradores de Castelo de Vide queixando-se de que o Corregedor da comarca mandara encoimar pelo meirinho os trapeiros e fabricantes de panos por não terem a respectiva carta de exame, de que se tinham seguido vexações que muito haviam maguado os ditos moradores e os officiaes de panos da vila.

Tiveram estas queixas o melhor acolhimento do monarca como se vê do alvará de 25 de abril de 1699, em virtude do qual os trapeiros e fabricantes da vila de Castelo de Vide fôram isentos da obrigação das aludidas cartas de exame.

Uma outra disposição do mesmo regimento havia de merecer também justos reparos da parte dos tintureiros daquela vila. Tratava-se do capítulo 66.º em virtude do qual nenhum tintureiro podia tingir panos verdes e amarelos, ou lãs, senão com lírio, sob pena de 2:000 reis de multa, metade para o Vêdor e metade para quem accusasse ou denunciasses a fraude.

As razões alegadas pelos tintureiros em representação que levaram perante o monarca e o seu conselho motivaram a providência régia de 11 de maio de 1733, que os autorisava a usar do trovisco, planta muito abundante nos campos do termo daquela vila e ali muito usada pelos tintureiros nas côres verde e amarela, em vista de não haver lírios naquêles sitios ¹.

¹ João Pedro Ribeiro — *Índice Chronologico*, parte V, pág. 113.

É do ano seguinte, 1774, com data de 2 de julho, uma outra providência também relativa á indústria dos panos de Castelo de Vide em virtude da qual se extinguiu a propriedade do officio de selador e juiz védor das fábricas dos panos da vila, com o seu respectivo escrivão, ficando em serventia por provimentos trienais, e sendo propostos pelo Superintendente geral dos lanifícios do Alentejo e consultados pelo Conselho da Fazenda; declara também este mesmo decreto que achando-se extintos os lugares de védores da real fazenda não podia ter já lugar o conceder o tribunal do conselho da mesma real fazenda propriedades de officios de qualquer qualidade que fôsem ¹.

No reinado de D. João V tinham-se lançado os alicerces relativamente á manufatura dos tecidos de linho, de lã e algodão, que depois o génio administrativo do grande ministro de D. José havia de ampliar e engrandecer. A mais útil e notável entre as providências do Marquês de Pombal foi, pelo que respeita a esta indústria, o estabelecimento das—*escolas de fição*—em várias terras da provincia, algumas das quais chegaram a produzir afamadas e ainda hoje especialissimas obras primas de manufatura. A Junta do Comércio, após a sua instalação, mandou vir novos mestres e artistas estrangeiros que deram princípio ás fábricas reais da Covilhã, do Fundão e, em 1772, de Portalegre ².

Nêste distrito fundam-se algumas destas escolas que funcionavam sob a directa inspecção do superintendente das fábricas de lanifícios de Portalegre, entidade que tinha a seu cargo o fornecimento de lãs para o trabalho manual dêstes pequenos centros da indústria fabril ³. É o periodo de esplendor da indústria de lanifícios na cidade de Portalegre, que se transforma num dos mais fecundos e laboriosos centros de actividade industrial. Assim o comprovam diversos livros que se guardam na Torre do Tombo, interessantes pelos valiosos subsídios que nos ministram sôbre o número de teares então existentes nas suas fábricas, sôbre o recenseamento da sua população obreira, importância das vendas em diversos anos, e finalmente sôbre as qualidades, medidas, preços e policromia dos panos ali fabricados. Não podemos aqui, dada a índole e o espaço desta revista,

¹ João Pedro Ribeiro—*Ob. cit.*, parte III, pág. 287.

² J. M. Esteves Pereira—*A Indústria Portuguesa*, pág. 38.

³ Arquivo Nac. da Torre do Tombo—*Intendencia da Policia—Comarcas do Sul*, liv. 158, fl. 44, v.

fazer mais largo relato dos elementos de investigação a que nos referimos sobre as fábricas de Portalegre, não deixaremos, todavia, de resumir, nos elucidativos mapas que a seguir publicamos, alguns interessantes subsídios para se fazer ideia dos preços, côres e medidas dos panos e droguetes que nessa época saíam da indústria portalegrense.

Peças		Medidas		Preços	
1	Pano côr de vinho.	18 1/2	17 3/4	2\$500	44\$375
1	Pano côr de escarlata ¹	25 1/2	23 1/2	2\$000	47\$000
1	Pano côr de preto.	19	18	1\$300	23\$400
1	Pano côr de verde.	22	20 3/10	2\$300	47\$725
1	Pano côr de camurça	20	18 1/2	1\$600	29\$600
1	Pano côr de alvadio	22 1/2	21	1\$900	39\$900
1	Pano côr de azul ferrete	26	24 1/2	2\$400	58\$800
1	Pano côr de roxo	20	19	1\$500	21\$850
1	Pano côr de saragoça	23	21 1/2	850	18\$275
1	Pano côr de sangue de boi	21 3/4	20 1/4	1\$600	35\$600
1	Pano côr de azul claro	23 3/4	21 1/2	2\$550	54\$825
1	Pano côr de pulga fina	21 1/2	20 1/4	2\$750	55\$687
1	Pano côr de carmezim	23	21 1/4	2\$750	58\$437
1	Pano côr de azul claro	50 1/2	—	720	36\$360
1	Pano côr de rosa	39 1/4	—	510	20\$017
1	Pano côr de aurora	38	—	540	20\$525
1	Pano côr de ervilha	22	20 1/4	2\$000	40\$500
1	Pano côr de passa fina	23	21 1/2	1\$900	40\$850
1	Pano côr de laranja	23 3/4	—	2\$200	52\$250
1	Pano côr de carne.	41 3/4	—	360	15\$030
1	Pano côr de bicho de couve	42 1/2	—	320	13\$600
1	Pano côr de verde gaio.	22 3/4	21	1\$400	29\$400
1	Droguete castor côr de rosa	—	40 1/4	480	19\$320
1	Droguete escarlata	—	40	550	22\$000
1	Droguete preto bom	—	41	450	18\$450
1	Droguete castor côr de canela fina.	—	41	420	17\$220
1	Droguete castor granada fina.	—	40 1/2	520	21\$010
1	Droguete verde esmeralda.	—	40 1/4	450	18\$112
1	Droguete carmezim	—	38 1/4	520	20\$150
1	Droguete côr de rosa.	—	39	490	19\$110
1	Droguete azul de Saxonia	—	38 3/4	440	16\$830
1	Droguete côr de cravo	—	39 1/4	540	21\$465
1	Droguete azul claro	—	44	310	13\$640

¹ Vendiam-se muito, como consta de diferentes notas, para os fardamentos dos criados e archeiros da casa real.

Em 1778 todas estas fábricas, administradas então pela Junta do Comércio, passaram para a posse de particulares, sendo a de Portalegre entregue, por alvará de 29 de março do referido ano, a Anselmo José da Cruz Sobral e Gerardo Wenceslau Braamcamp d'Almeida Castelo-Branco, e mais tarde vendida á familia Larcher ¹.

Pelo que respeita a Castelo de Vide a indústria dos *cardadores*, no primeiro quartel do século XVIII, estava, como em Portalegre e por ligação com a desta cidade, num grau de acentuada prosperidade. Ela era, juntamente com a indústria das carnes fumadas, uma das mais florescentes das demais terras do distrito. No dizer do vigário da igreja matris de Santa Maria da Deveza, Padre João Aires Baptista, em 18 de maio de 1758:

«—era a vila excessiva no contracto de matar porcos gordos que ha anno que passa de 7.000 (sete mil, os que nella ha na fega e na xassina e se vão vender á côrte. Ha nella o trato e fabrico de panos: saragoças verdes e azueis; para estes têm quatro tintes, em que se lhes dá a côr verde; terá 70 teares em que se fabricam os panos, que ha annos que passão de 6.000 (seis mil panos) que se fabricão—» ².

Em 1802 ainda a maior parte da população obreira da vila de Castelo de Vide se compunha de artífices que se empregavam na indústria do fabrico de panos, como tivemos ensejo de verificar nos livros do tombo da Câmara e nomeadamente na certidão da acta da eleição a que se procedeu em 15 de fevereiro do referido ano para o cargo de Juiz Védor dos panos da mesma vila. Vulgar no seu conciso e lacónico estilo burocrático êste documento tem para nós o interêsse especial de pôr em relêvo a isenção de carácter e o valor moral dos artífices que entram nesta votação, sem duvida os mais escolhidos e respeitados entre os membros da sua classe.

Tratava-se de fazer eleger para o dito cargo um mestre fabricante de tecidos de lanifícios da cidade de Portalegre, que, além de ter informação favorável do corregedor da comarca para ser provido no cargo, com dispensa do capítulo 83.º do citado regulamento de panos de 1690 que fazia depender o emprêgo de juiz védor do voto e aprovação dos fabricantes seus

¹ Arquivo Nac. da Torre do Tombo—*Junta do Commercio*—Maço 68 e 69, doc. 136.

João Pedro Ribeiro—*Indice Chronol.*—Parte 2.ª, pág. 159.

² Arquivo Nac. da Torre do Tombo—*Diccionario Manuscrito do P.º Luiz Cardoso*.

subordinados, tinha também a recomendá-lo a insinuação do Príncipe Regente. Pois apesar disso os artífices de Castelo de Vide, votando por maioria no pretendente, fazem consignar na acta da eleição que procediam assim sob a condição do eleito vir habitar e residir na vila, como era seu privilégio, e o que seria de grande utilidade para corrigir defeitos que resultavam da omissão que a tal respeito até ali tinha havido.

Em 1805 o estado da indústria de panos continuava tão próspero que se julgou de necessidade e vantagem para a sua venda o estabelecimento de uma feira franca—*para fazendas e gados*—, que devia coincidir com a feira anual que na vila é costume realisar, dêsde velha data, no dia 10 d'agosto. Assim o representava o Juiz de Fôra com a Câmara e o povo da vila, no referido ano ¹.

Em 31 de maio de 1819 officiava o Intendente geral da Policia ao Juiz de Fôra da vila pedindo uma amostra e preço de cada peça dos panos pardos alvadios, com largura de cinco palmos, que se costumavão manufaturar nas fábricas da mesma vila, panos que eram destinados para vestuário dos órfãos recolhidos na Real Casa Pia de Lisboa ².

Como se vê, em princípios do século XIX, a indústria do fabrico da lã occupava um grande número de artífices e era então ainda Castelo de Vide um centro conhecido e afamado desta indústria, que sobrelevava a agrícola, que é a que hoje predomina, principalmente depois da ruina e do quasi completo desaparecimento daquela.

Êste facto poderá attribuir-se ás seguintes causas:

Em primeiro lugar, e como razão de ordem geral, á revolução industrial que pela substituição do trabalho mecânico ao trabalho manual veio transformar as condições da produção, movimento que teve origem em Inglaterra no fim do século XVIII ³.

A invenção das máquinas de fiar movidas a vapor, applicadas primeiramente ao algodão e depois á lã, contribuiu poderosamente para expulsar das vilas e dos velhos lares portugueses os teares e todos os primitivos instrumentos de trabalho da fiação.

Uma outra razão que fez calar os antigos teares, juntamente com outras causas que vinham de longe e que recebe-

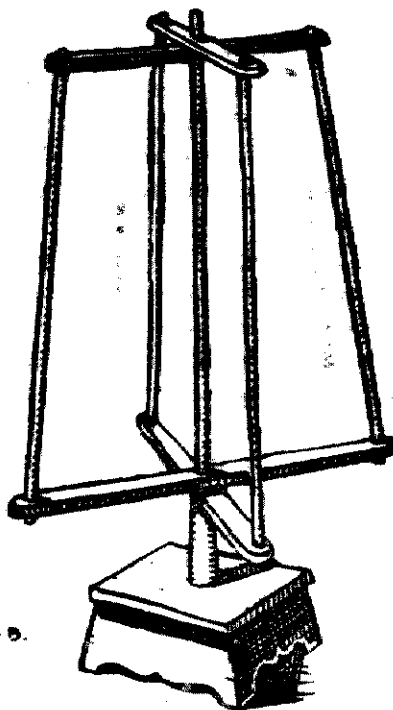
¹ Arquivo Nac. da Torre do Tombo — *Desembargo do Paço — Portalegre*, maço 429, doc. 15.

² *Ibid.* — *Intendencia Geral da Policia — Sul*, Liv. 168, fl. 161, v.

³ *Revue d'histoire économique et sociale* — 7.^a année — 1914-1919, n.º 2.

ram impulso fatal com o abandono dos trabalhos rurais e caseiros pelas fantasiosas riquezas da emigração para o Brasil, deve procurar-se também no ruinoso tratado de Methuen, que a Inglaterra habilmente aproveitou para, em seu proveito, arruinar a indústria nacional de tecidos ¹.

Não devemos também omitir como razão de ordem secundária, mas em todo o caso como motivo que ajudou todos os factores de decadência que acabamos de enunciar, o aumento de densidade da população nos campos de Castelo de Vide, fazendo diminuir pelo arroteamento e pelo labor agrícola os terrenos até então aptos para a cultura, pastoria e criação dos gados lanígeros, e por consequência tornando mais escassa a matéria prima, a lã. Com efeito, é um fenómeno de geografia económica largamente observado que a cultura e criação dos gados lanígeros corresponde sempre às zonas de medíocre densidade de população; por isso, no lugar ou na zona onde essa população se desenvolve e com ela a necessidade da cultura de subsistências para a sua alimentação, a ovelha diminui, quando de todo não desaparece ².



Assim devia acontecer em Castelo de Vide cuja população rural aumentou numa sensível e avantajada proporção, dando lugar a um maior incremento da indústria agrícola, que hoje predomina e assume um estado de florescente prosperidade.

Como reliquia dos velhos teares ainda se contam aproximadamente, em maior ou menor actividade, uns nove, que se ocupam em tecer linho, estopa, sacos e as célebres mantas alente-

¹ Marquês d'Ávila e Boloma — *A feira d'Oeiras* — Boletim da 2.ª classe da Academia das Ciências de Lisboa, vol. v, pág. 357.

² Jean Brunhes — *La Géographie Humaine*, pág. 312.

janas. Os preços correntes do fabrico são actualmente os seguintes:

Cada vara de estopa	500 reis
» » » mantas	» »
» » » linho	600 » ¹

*

* *

As lãs geralmente usadas pelos *cardadores* de Castelo de Vide eram as chamadas *bordaleiras*, tipo que predominava no distrito de Portalegre, da raça chamada das *Areias*, e que se subdividem em *comuns*, *feltrosas* e *churras*, conforme a maior ou menor quantidade de pêlos ásperos, e de pêlos finos flexíveis que possuem ².

A lã depois de lavada e escolhida era estendida em eirados e azeitada, cardada duas vezes, depois fiada, tecida e tinta. Para a boa limpeza dos panos usava-se a greda, cuja extracção se não podia tolher como expressamente determinava o capítulo 36.º do citado regimento de 1690.

Para tingir a lã faziam os tintureiros uso, como já acima dissemos, do trevisco, para as côres verde, amarela, e suas derivadas, planta que era fervida e a cuja calda se misturava pedra hume (branca) na proporção de um arrátel para cada tres côvados de pano. A baga de sabugueiro entrava também nos velhos processos da tinturaria e algumas outras plantas silvestres que abundam na região.

Em Castelo de Vide e no vizinho concelho de Marvão ³, predominavam nos tecidos as côres parda, acastanhada, azul e branca ou azul-castanho, em listas ou quadrados sôbre fundo branco.

É um dos capítulos mais interessantes e dignos de estudo

¹ Informações dadas pela snr.ª Angélica Tacôa, uma das mais antigas tecedeiras da terra.

² Constâncio Roque da Costa—*Problemas de Economia Nacional*, pág. 378.

³ No concelho de Marvão a indústria de lanifícios chegou também a ter grande desenvolvimento, como o atestam as ruínas da fábrica que pertenceu à família Larcher, destruída há anos por um incêndio, a fábrica dos *Olhos de Agua* e a fábrica chamada o—*Eugenho*, aonde ainda há pouco se teciam saragoças, hoje transformada em moinho de cereais. Ao longo da ribeira de Marvão outros pisões existiam desde os mais remotos tempos, de que apenas se conserva hoje memória pelo nome dado ao sítio onde eles eram mais profusos.

o da policromia dos produtos da velha indústria da tecelagem regional, como também o das diferentes marcas e sinais que os fabricantes empregavam e que serviam para registar os diferentes artigos da sua indústria.

Por uma das disposições do regimento de 1690 as Câmaras Municipais eram obrigadas a ter dois livros com o registo dos sinais dos pisoeiros e trapeiros, um que ficaria em poder da Câmara, outro em poder do Vedor dos panos. Os distintivos mais usuais eram uma cruz, o monograma com as letras iniciais do nome do fabricante, uma estrela, um coração, a folha de uma planta, temas que geralmente se encontram tanto nas marcas de tecidos como nos trabalhos esculpidos em madeira, nas colheres, garfos, cornas, chavões e outros objectos da indústria pastoril da região.

É sobre este assunto curiosíssimo um livro que compulamos no arquivo da Câmara de Castelo de Vide, contendo o registo das marcas e dos sinais dos tecelões e pisoeiros da vila usados no século XVIII, livro que tem também o interesse especial de ser rubricado pelo autor do celebrado poema herói-cómico o *Hyssope*, o Dr. António Diniz da Cruz e Silva, que na referida vila exerceu as funções de juiz de fóra ¹.

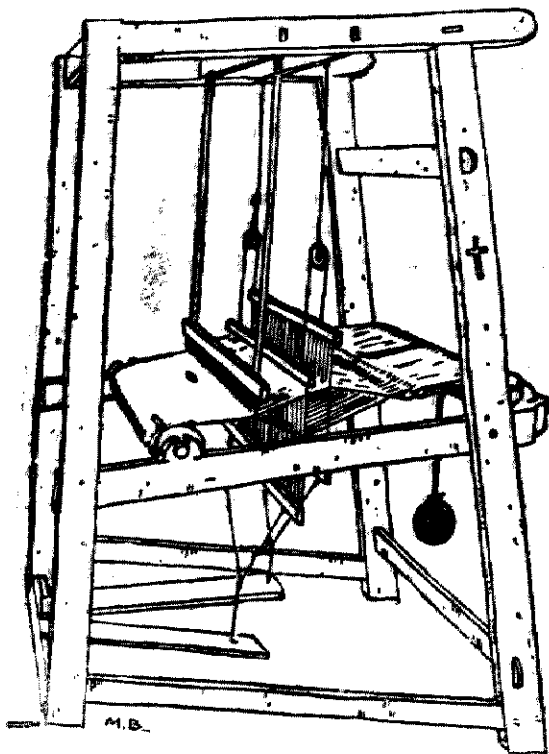
Os teares usados em Castelo de Vide, e que ainda hoje ali se ouvem bater, se bem que já decrepitos e no declinar de uma vida activa e de uma exuberante mocidade que desapareceu, compõem-se das seguintes peças (vid. figura junta).

As duas *mezas*, com os seus quatro *pés*, que constituem a parte lateral, o apoio e, por assim dizer, o esqueleto do tear; os dois *orgãos*, onde a teia alternativamente se vai desenrolando e enrolando; a *queixa*, com dois braços presos respectivamente a duas *madretas* e que constituem a armadura superior do tear, é a peça onde se firma o *pente* e a que faz o sonoro e característico matraquear; os dois *frades* com dois carriteis para segurar os *lissos*; dois *compostores* para enfiar a teia; o *tempereiro*, que é uma peça de ferro que une e sustem a teia; as duas *espreme-deiras*, onde se apoiam os pés, e finalmente o *burro*, que serve

¹ Quando nas últimas férias de Páscoa visitamos o arquivo da Câmara não nos foi possível encontrar tal livro, do qual desejavamos extrair uns desenhos para ilustrar este trabalho. Nessa pesquisa nos ajudou o empregado da Câmara sr. Felix Tomaz. Oxalá que em pesquisas posteriores e quando se organizar o mesmo arquivo, como me parece que é intenção do chefe da secretaria, apareça tão interessante documento para a história da indústria castelovidense.

para retesar os fios e o qual é geralmente um pêso de ferro, um calhau, uma pedra ou um pedaço de madeira.

Há localidades onde os pesos de teares têm a forma de corações com letreiros de bem querer e amizade ¹.



Da velha indústria dos *cardadores* pouco mais resta digno de mencionar-se aqui. Quasi tudo vai desaparecendo: — as primitivas rocas feitas de canas, os fusos esguios de madeira de buxo bordados segundo a ingénua fantasia dos nossos pastores, as velhas dobadoras rangendo cadenciadas e sonolentas, os fartos novelos com a tinta ainda fresca dos pisões, as aguçadas carduças, as urdiadeiras, os teares sonoros e alegres no

seu bater de matrícula, todos estes sinais da vida de uma geração passada o tempo vai desfazendo e o progresso substituindo. Só o tear, envelhecido e abandonado anacronismo, ainda tenta resistir, saúdoso do tempo em que era manejado por um numeroso grupo de môças tecedeiras da nossa terra, prêso ainda a uma tradição que, afinal, nunca deveríamos ter deixado morrer.

P. M. LARANJO COELHO.

¹ Vid. *Portugalia*, I, 378, e Leite de Vasconcelles, *Hist. do Museu Etnológico*, p. 419.

Amostras de Toponímia Portuguesa

(Vid. *Revista Lusitana*, XXI, 68-69)

(Conclusão)

Tendo resolvido publicar um volume sobre *Toponímia Portuguesa*, que aparecerá á luz em Madrid («Junta para ampliación de estudios e investigaciones científicas: Centro de estudios históricos»), remato aqui o trabalho que estava inserindo na *Revista Lusitana*. Apenas vou indicar sumariamente alguns dos assuntos que tinha em mente tratar.

II.—Modo de formação toponímica.

É claro que os nomes de lugar, por isso que fazem parte do lexico português, se sujeitam ás mesmas leis que as palavras da lingua comum; todavia ha factos que, ou pela sua raridade, ou por estarem circunscritos em certas zonas geographicas, ou por se terem especializado, ou por outras circunstancias, merecem consideração á parte, por exemplo:

perda fonetica de *de*: *Agrafonte*, *Vila-Mendo*;

fonetica sintatica em: *Suatorre* = *So a torre*;

elipse de um substantivo: *A dos Francos*;

presença ou omissão do artigo: *o Porto*, *Portantigo*;

junção de *de*: *rio de Doyro* e *rio do Doyro* (sec. XIV: *Dissert. Chron.*, t. V, 2.^a ed., pág. 290 e 296); *Mondim da Beira*, etc.;

adjectivos que denotam epitetos: *Montemór o Velho*, *Montemór o Novo*; *Torres Vedras*, *Vila Meã*, *Vila deenteira* (sec. XIII), *Cunha Alta* e *Cunha Baixa*; *Bom*, *Belo* + substantivo; *Beja a Pequena*; *Chão Cimeiro*; ou denotam posse: *Campanhã*;

adverbios ou locuções adverbias: *Bemparece*, *Bemcanta*, *Bemfica*; *Mondim de Cima*, *Mondim de Baixo*; *Moimenta de Susã*, e *de Jusã* (sec. XIII); *Agoadalem*;

genetivos medievais: *Argemil*, *Argivai*, *Argeriz*, *Chamoim* (<Flammulini), *Chacim* (<Flaccini), *Aiufe* ou *Ufe* (Aiulfi), *Alvariz* (Alverici), *Alvite* (Aloiti), *Alvites* (patron.), *Lufrei* (Logefredi), *Aguim* (Aquini), *Guilhade* (Viliati), *Gãmil* (Galamiri), *Guemil* (Guimiri), *Tres Mil* ou *Tresmil* (Trasamiri),

Samil ou *Sàmil* (Salamiri), *Astromil* (Astromiri), *Amil* (Aumiri), *Gomil* (Godemiri ou Gormiri), *Tarei* ou *Tàrei* (Tana-redi), *Tufe* (Tuulfi), *Brufe* (Berufi, Berulfi); nomes em -ões, -ões;

emprêgo de nominativo: *Bertiandos*;

nomes no plural: *Andrades*, *Machados*;

sufixos: -oso em *Azinhoso*; -ido em *Beduido* e *Lourido*; -ela em *Covela*; -êta em *Barreta*; -ó e -ô em *Avinhó* e *Mosteirô*; -inho em *Bringelinho*; -ejo em *Castelejo*;

compostos: *Bat'agoa*, *Cai-Agoa*;

etimologia popular: *Agoa de Lupe*.

III. — Categorias de nomes, segundo as causas que lhes deram origem.

Nomes provenientes da hidrografia, construções hidráulicas, etc.: *Alago*, *Açude*, *Charca*, *Riudades*, *Caneiro*;

da agricultura: *Roças*, *Bacelo*, *Baltrigal* = val (do) trigal;

da meteorologia: *Brumaes*, *Carujeiro*, *Bons Ares*; talvez *Esfolo-Caras* (vento?);

da caça: *Armadilhas*, *Caçadura*;

de caminhos: *Canada*, *Cadima*, *Caneja*;

de campos: *Agrelos*, *Campêlo*, *Cachada*;

da natureza do solo: *Arneirós*, *Barreiros*;

da configuração do terreno: *Carapuço*, *Chainça*, *Infesta*, *Chapada*, *Montouto* («Monte alto»);

de rochas: *Perlonga* (= pedra longa), *Prosela* (= *perosela*, *pedrosela*);

da fauna: *Lobeira*, *Zorral*. Citei muitos num artigo que publiquei sobre *Fauna portuguesa* na *Estrela do Minho* (Famalicão);

da flora: *Cercal*. Citei muitos num artigo que publiquei no *Jornal do Comércio* (Lisboa) sob o título de *Fitogeografia*;

de construção civis e religiosas: *Cabana*, *Chaminé*, *Bobadela*, *Cas-Freires*, *Castelo*, *Igreja*, *Torre*, *Capela*;

da historia: *Batalha*;

da industria: *Carvoaria*;

de instituições sociais: *Vila Nova dos Infantes*, *Bêsteiros*;

do lume: *Queimada*, *Burralha*, *Chamuscada*;

da milicia: *Almofala*;

de nomes proprios de pessoas e alcunhas: *Chamoinha* (<Flammulina), *Guilheiro* (Viliarius);

de povoações ou arredores: *Burgo*, *Bairrada* (conjunto de *bairros*);

da religião e congêneres: *Aparecida*, *Carmo*, *Semelião* (=Sã Milião=Emiliano:—Rêsende);

de cemiterios: *Campa*, *Moimentos*.

*

O estudo da toponímia dá origem a muitas observações psicológicas (imaginação do povo no denominar), históricas, etc. Os nomes do Sul, excepto alguns que se conservam por motivos especiais, como *Tejo*, *Lisboa*, *Evora*, *Vidigueira*, pertencem na sua maioria á época dos Arabes, como *Almodóvar*, *Cacem*, *Marvão*, ou a tempos posteriores á reconquista, como *Mexilhoeira*, *Redondo*, *S. Julião*; não aparecerão aqui facilmente nomes enraizados, como *Rendufe*, *Sandim*, *Tibalde*. Os nomes germanicos, romanos e pre-romanos, que havia, desapareceram, em grande parte, ante a lingua dos Arabes, que os substituíram por outros (vid. supra), ou os adaptaram á sua pronúncia, como *Cacela* (<castellum ou castella), *Beja* (de Paca), *Alcacer* («o castro»). Deve entender-se que por outro lado muitos nomes arábicos se perderam, suplantados por nomes portugueses. Nomes de character medieval como *Sande*, e *Fafes*, de herdades e sitios das provincias do Alentejo e Algarve, foram importados do Norte ou do Centro como nomes de proprietarios de terras que ali se estabeleceram. No mesmo caso está *Vila-Boim*, no Alentejo, fundada no sec. XIII por *D. João de Aboim*, descendente de uma familia do Minho, onde havia o lugar de Aboim, que se tornou apelido ¹, como representante de Abolini ². Outros nomes provenientes de genetivos, e pertencentes ao Sul, são: *Marim*, *Castro-Marim*, *Paderne*, que podem ascender á idade-media, ou datar de tempos posteriores á reconquista, originados de modo semelhante a *Aboim*.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

¹ Vid. *Livro dos bens de D. João de Portel*, por P. de Azevedo & Braamcamp Freire, Lisboa 1906-1910, p. LII (separata de *O Archivo Hist. Port.*, IV; corresponde aí á pág. 152). Cfr. também *Cancioneiro da Ajuda*, ed. de D. Carolina Michaëlis, II, 354 ss.

² Vemos aqui um facto curioso: tornar-se um nome de pessoa (*Abolinus* no genetivo) nome de lugar (*Aboim*), e tornar-se este nome de lugar nome de pessoa ou apelido (*D. João de Aboim*), que por fim veio outra vez a tornar-se nome de lugar (*Vila-Boim*, por *Vila de Aboim*). Isto acontece frequentemente. E até não seria estranho que alguém natural de Vila-Boim pudesse chamar-se hoje *Fulano d'Aboim*.

Festas e costumes de Monchique

I

Passos

Das festas religiosas que de ha muito o uso estabeleceu em Monchique sobressaem pela sua importancia as festas dos Passos e Semana Santa.

A festa dos Passos que se realiza no domingo de Lazaro ¹, isto é, no 5.º domingo da quaresma, atrae a Monchique numerosa concorrência de forasteiros: devotos do Senhor Jesus dos Passos, commerciantes (ourives, paneiros, tendeiros, vendedores ambulantes, etc.), e simples passeadores, havendo nessa occasião numerosas transacções commerciaes, pois que, apesar da chuva que é quasi infallivel, ha uma feira muito razoavel que, em importancia, é a segunda do anno.

Poucas vezes se faz a festa dos Passos sem que haja chuva, e quando ela começa a cahir, ouve-se dizer a muita gente:

— *Antão não haverá de chover? Já bulirom no Senhor dos Passos...*

E o caso é que muita gente está convencida de que o aparecimento da chuva por occasião das festas se deve unica e exclusivamente a tirarem a imagem do Senhor dos Passos do seu nicho.

Como que a dar razão a essa gente corre um adagio, pouco conhecido, e cuja fórmula exacta não assevero, por tê-lo ouvido há já muito tempo. É o seguinte:

P'ro antrudo, Passos e fêra,
chega a chuva binté á êra ².

Realmente são tres occasiões em que é raro não chover em Monchique

Mas, com mais ou menos chuva, poucas vezes deixa de ser

¹ Dos domingos da quaresma diz-se: *Anna* (1.º), *Bagana* (2.º), *Rebeca* (3.º), *Susana* (4.º), *Lazaro* (5.º), *Ramos* (6.º), *na Pascoa* (7.º) *estamos*.

Os domingos de Pascoa e os dois seguintes têm estes nomes: *Pascoa*, *Pascoel* e *Pascoinha*.

² «Pelo entrudo, festa da Páscoa, e feira (de Outubro), a chuva até á eira».

feita esta festa, succedendo, algumas vezes, quando a chuva é muita, não sahirem as procissões no domingo, fazendo-se então uma só procissão, quasi sempre no domingo de Ramos. A feira tambem não deixa de fazer-se.

Dos commerciantes que vêm de fora, são os ourives quem faz melhor negocio, e é no Largo da Igreja que armam as suas *barrêcas*, quer pela feira dos Passos, que dura só um dia—o da festa—, quer pela feira de Monchique, que se realiza nos dias 26, 27 e 28 de Outubro. Nas imediações d'este Largo, que é quasi totalmente occupado pelos ourives, e nos Largos da Praça e da Misericordia estabelecem-se os paneiros, tendeiros, vendedores de confeitos, de amendoas *enconfeitadas* e de outros *gèrnos*, mantendo-se assim mais ou menos a primitiva disposição das feiras.

A feira de Monchique, maior e mais importante que a dos Passos, tem uma disposição diferente desde 1892, em que foi concluido o Largo da Fonte dos Chorões (hoje Praça de 5 de Outubro), para onde foram transferidas, naquelle mesmo anno, as lojas, passeiros, sapateiros, botequins, etc.; nos antigos locaes mantêm-se as ourivezarias, louças, e pouco mais.

As festas dos Passos e das Endoenças não faltam os vendedores de *alcagôitas* (amendoim), que elles oferecem á venda, em alcôfas, pelas ruas, soltando o conhecido pregão: *alcagôita torrada, torradinha!* E têm largo consumo as *alcagôitas*.

Na festa dos Passos que, como já disse, se realiza no quinto domingo da quaresma, figura uma bella imagem do Senhor Jesus dos Passos, existente numa capelinha ou ermida, situada no Largo da Portella.

É essa imagem muito semelhante á do Senhor dos Passos da Graça (Lisboa), objecto de grande veneração dos fieis, e é uma das melhores, se não a melhor, das existentes no concelho. É das chamadas «de roca».

Não se sabe ao certo quando esta festa principiou a fazer-se em Monchique, parecendo no entanto que terá sido entre os annos de 1791 e 1803, pois que, nas visitas feitas á igreja de Monchique pelo bispo do Algarve D. André Teixeira Palha e pelo seu illustre successor D. Francisco Gomes do Avellar, se faz referencia expressa, até 1791, ás ermidas que então havia, figurando entre ellas a de S. João, nome que desaparece, de 1803 em diante, para substituir-se pela do Senhor Jesus. Deve portanto ter sido no espaço de tempo comprehendido entre aquelles dois annos que se fez a adaptação da antiga ermida

de S. João á imagem do Senhor dos Passos, cuja festa se começou a fazer de então em diante.

A festa dos Passos é precedida por uns terços que, na referida ermida, se realizam em todas as sextas-feiras da quaresma, anteriores á festa. Estes terços faziam-se ha uns vinte e tantos annos pelas ruas da villa. Da ermida sahia, ás sextas-feiras, um cortejo mais ou menos semelhante a uma procissão, que seguia pela villa dando a volta da procissão, mas em sentido inverso, isto é, descendo a rua Direita, passando pela Praça, Ruas do Terreiro e Boa Vista, recolhendo novamente á ermida. Cantavam uns versos e, nos lugares em que era costume armarem-se os *passos*, havia paragens para *encomendarem o terço*. Nestes terços figurava uma cruz com um dos braços nú, e o outro vestido. O cortejo, que se realisava de noite, foi abolido como inconveniente.

No sabbado de Passos, isto é, na vespera da festa, ao anoitecer, organisa-se a procissão na ermida do Senhor dos Passos, á Portella, e d'ali sae a imagem directamente para a igreja matriz, descendo a rua Direita, não havendo nessa noite mais cousa nenhuma de character religioso, embora haja grande animação pelas ruas e estabelecimentos.

No domingo, pelo meio dia, ha a festa na igreja, d'onde, pela tarde, sahe a procissão que percorre a Rua da Igreja (hoje Rua de João de Deus), Largo da Praça, onde se lhe junta outra procissão sahida da igreja da Misericordia, com a imagem da N. S. da *Solidade* (encontro); segue pelas Rua de S. Sebastião, Terreiro, Boa Vista, Largo da Portella, Rua Direita, Largos da Misericordia e Praça, d'onde vae pela Rua da Igreja recolher novamente á matriz. Durante este percurso ha diversas paragens para, junto dos *passos* armados em diferentes pontos da vila, serem cantados os motetos dos Passos. Os motetos são cantados a uma, duas ou tres vozes, acompanhadas sómente por um bombardino ou baritono, quando a imagem chega junto dos *passos*. Cantados os motetos, a procissão põe-se em andamento, havendo nova paragem quando o palio passa em frente dos passos para ser *encomendado o passo*.

Armavam-se sete passos: o primeiro na Praça, em frente da Rua da Igreja; o segundo na Rua do Terreiro; o terceiro na Rua da Boa Vista; o quarto no Largo da Portella; o quinto a meio da Rua Direita; o sexto junto da torre da Misericordia, e o setimo ou ultimo dentro da igreja matriz, ficando todos, excepto o primeiro, á esquerda da procissão. Ha já annos desapareceu o quinto, não sei porquê.

O passo é uma tosca armação de madeira, semelhante a um altar, a que serve de fundo uma das bandeiras da Misericórdia. A armação e decoração dos diversos passos ficava a cargo das pessoas junto de cujas casas se costumavam armar.

É só nesta procissão—a segunda—que figurava o pendão grande que tem no alto as quatro iniciaes S. P. Q. R.

O *estendarte* aparece nas tres procissões, assim como os *anjos*, que levam as insignias dos martirios.

Recolhida a procissão á igreja e cantado o ultimo moteto, ha o sermão, que termina pelo aparecimento do Calvario armado na capela mór.

Á noite organiza-se a terceira e última procissão, que conduz a imagem da matriz directamente para a ermida da Portella, subindo a Rua Direita.

Todas estas procissões costumam ser acompanhadas por immensa gente, vendo-se nellas, principalmente na primeira e na última, muitas pessoas, de preferencia mulheres, caminhando sob o andor para cumprimento de promessas.

Muita gente tem a devoção e o costume de ir á confissão na segunda feira de Passos, e por isso costumam ficar em Monchique mais um dia ou dois os padres que vêm assistir á festa.

É costume enfeitarem o andor com grande profusão de violetas e camelias, levando os devotos muitas d'essas flores como reliquias quando vão beijar o pé á imagem, e deixar a sua esmola numa bandeja collocada á frente do andor.

Aparecia tambem nesta procissão o farnicoco, ou *côca*, como por aqui se dizia, que ia á frente de tudo, vestido de roupeta parda de feitio semelhante a um balandrau, mas mais comprida e que tinha um capuz que encobria completamente o rosto e tinha tres buracos correspondentes aos olhos e bôca. A roupeta era apertada na cintura por um baraço cujas pontas serviam para a *côca* afastar os garotos que a incomodavam. Dava-se o nome de *côca* tanto ao individuo que desempenhava estas funções, como á roupeta que elle vestia. Para muita gente a *côca* representava nem mais nem menos que o Diabo, dizendo-se até que se o homem da *côca* morresse dentro d'ella ia para o inferno, e por isso havia alguma dificuldade em arranjar quem se prestasse a fazer esse serviço, que, segundo se dizia, pertencia ao prior.

Em 1864 ou 1865 por uma portaria do Ministerio dos Negocios Ecclesiasticos, sendo ministro Mártens Ferrão, foi recommendado aos prelados que não consentissem nas procissões

figuras vivas pelo escandalo que produziam. Parece porem que só alguns annos depois, tanto a *côca* como a *Magdanèla* deixaram de aparecer nas procissões dos Passos de Monchique, muito provavelmente pela difficuldade que sempre ha em acabar com um costume antigo.

A *côca* hoje... é mero sinonimo de *papão*, com que é costume meter medo ás creanças ¹.

Á banda que tocava nesta festa davam os mordomos quatro libras e, no sabado de aleluia, ao sair da igreja, havia em casa do tesoureiro a *frasca* aos musicos. A *frasca*, que consistia na offerta de bolos e vinho, foi ha já alguns annos substituida pela quantia de dois mil reis, recebendo assim a musica pelo trabalho da festa vinte mil reis. Era a festa em que melhor pagavam á musica.

Num dos domingos anteriores á festa reuniam-se na sacristia da ermida do Senhor dos Passos os irmãos para procederem á eleição dos festeiros do anno seguinte. Reunidos os irmãos, o juiz em exercicio fazia a proposta dos irmãos que, no anno seguinte, deviam exêrcer os cargos de juiz, escrivão e tesoureiro. Essa proposta era sempre aprovada e... estava feita a eleição, cujo resultado, era annunciado pelo prior, juntamente com os nomes dos irmãos nomeados para os peditorios da villa e campo.

II

Semana Santa

Em Monchique realizavam-se quasi todos os annos as festas da Semana Santa ou Endoenças por uma forma um tanto original, que causava a admiração dos forasteiros que a ellas assistiam. Havia, na verdade, motivo para isso, porque, no seu conjunto, essas festas ofereciam aspecto diferente das que, na mesma ocasião, se faziam por outras terras do Algarve.

Não se admirava aqui, é certo, a exhibição de ricas alfaias, nem de imagens artisticamente trabalhadas mas eram dignas de ver-se as procissões, principalmente a de sexta-feira santa, á noite, pela ordem que nellas havia, pelo modo porque eram organizadas e, emfim, pelos canticos que nas mesmas se ouviam e lhes davam feição tipica, caracteristica, unica no Algarve.

¹ Cfr. o que da *côca* das crianças, da Santa-Côca de Monsanto, e de outras diz o Sr. Leite de Vasconcellos na *Revista Lusitana*, x, 75-76.

Estas procissões eram compostas quasi na totalidade pela irmandade da Misericórdia que a ellas concorria em peso, sendo as principaes insignias conduzidas pelas pessoas de maior representação. Poucos irmãos faltavam, e assim organizavam procissões de alas extensissimas, como não havia aqui outras.

Todas as procissões se organizavam na igreja da Misericórdia e para ali voltavam depois de findas as festas da igreja matriz.

Uns dias antes destas festas era affixada na sacristia da Misericórdia a relação ou pauta dos irmãos nomeados pela Mesa para pegarem nas diversas insignias, trabalho esse por vezes complicado e difficil, pois era preciso attender a numerosos pedidos, reclamações, etc. As insignias mais dificeis de distribuir eram os tocheiros que ladeavam as bandeiras, por que era muito incomodo levar numa das mãos o tocheiro e segurar com a outra a ponta da bandeira desde que esta era abatida.

Na quinta feira santa apareciam as igrejas (matriz, Misericórdia e Passos) vistosamente ornamentadas com grande quantidade de flores, havendo por vezes ornamentações muito trabalhosas e de gosto, sobressaindo quasi sempre a igreja da Misericórdia. Na igreja matriz as ornamentações eram, em regra, mais simples. Era costume juncarem as igrejas com *rasmono* (rosmaninho) roxo, não empregando quasi nunca o *rasmono* branco, que tambem por aqui ha.

A quinta feira santa era considerada como dia de gala, e por isso muita gente apparecia com trajes de cores claras, vendendo-se muitos lenços e gravatas brancos. Só na sexta feira appareciam os trapos de luto. Ha já alguns annos que esse costume tende a desaparecer, vendo-se já na quinta feira muitas pessoas vestidas de preto.

Era tambem na quinta feira santa que havia o costume de visitar as igrejas, andando o povo continuamente d'umas para outras durante o dia e parte da noite.

Pelo meio dia ouvia-se a banda executar um ordinario, dirigindo-se para a igreja. Era o comêço da festa que, pelo que toca a cousas religiosas, pouco ou nada differia do que se fazia noutras terras. Sómente na festa dos Passos era costume a banda tocar ordinarios funebres. Na semana Santa nunca se tocavam ordinarios deste genero.

Pela tarde, acabada a festa, a irmandade da Misericórdia largamente representada, formando alas e com o provedor atrás, que empunhava a respectiva vara, ia visitar as igrejas, fazendo o mesmo algumas outras confrarias.

Quasi sempre havia tambem na igreja da Misericordia missa com exposição do SS., e só depois de terminada esta missa é que começava a festa na igreja matriz.

À noite, depois de terminadas as trevas, organizava-se na igreja da Misericordia uma procissão, que, ao contrario de todas as outras, subia a Rua Direita, voltando pelas Ruas da Boa Vista e Terreiro, e seguia até á Praça, entrando na igreja matriz donde tornava a sair, e depois do sermão do Pretorio para recolher á igreja da Misericordia.

Organizada a procissão, começava ella a subir a rua Direita, e, quando quasi toda a procissão já estava na rua, era o palio conduzido para junto do altar da capela-mor sobre o qual o padre que presidia á procissão collocava horizontalmente um crucifixo que era o mesmo que figurava depois na procissão. Ajoelhados todos os assistentes, levantava o padre, por tres veves, o cantico:

Senhor Deus, Misericordia!

a que todo o povo respondia outras tantas vezes.

Nesta procissão, conhecida pelo nome de *procissão da Santa Maria*, ia a filarmónica dividida em dois grupos: um á frente da procissão, junto das bandeiras, outro uns cinco ou seis passos adiante do palio. Não iam os instrumentos de percussão, e estes grupos eram formados pela divisão quanto possível igual de todos os naipes de instrumentos. Ao mestre da musica competia designar quaes os filarmónicos que deviam compôr cada grupo, sendo uso fazerem parte do grupo que ia adiante do palio os musicos mais velhos, pois os mais novos preferiam fazer parte do grupo que ia ás bandeiras, onde iam mais á vontade. Terminado o cantico *Senhor Deus Misericordia*, erguiam-se todos, rompendo immediatamente o grupo dos musicos que iam á frente do palio com a musica da Santa Maria, que o povo acompanhava cantando:

Santa Maria,
Ora pro nobis.

Mal este grupo terminava o cantico, começava o grupo das bandeiras a tocar a mesma musica, igualmente acompanhada pelo povo, e assim iam tocando e cantando alternadamente durante todo o percurso da procissão. Eram de bello effeito estes canticos que, numa procissão extensa como esta era, davam por vezes a impressão de ser repetidos continuamente pelo éco.

Subia a procissão a rua Direita e entrava no Largo da Portella pelo lado direito, passava em frente da ermida do Senhor dos Passos, contornando o mesmo largo pelo lado esquerdo e encaminhando-se para a rua da Boa Vista. A estas evoluções no Largo da Portella e que só havia nesta procissão, chamava o povo o *Caracol da Portela*. Só o palio e os respectivos tocheiros entravam na ermida do Senhor dos Passos. Entravam pelo lado direito sahindo pelo lado oposto depois de cantado o *Senhor Deus, Misericórdia!* exactamente como á sahida da igreja da Misericórdia, interrompendo nessa ocasião os musicos a *Santa Maria* que logo recomeçavam, terminado aquelle cantico. O palio ficava, junto do altar, na mesma posição em que tinha sido colocado ao entrar, e os iudividuos que o conduziam ao sahir, tomavam diferente posição junto das mesmas varas que empunhavam, dando meia volta, de modo que os que até ali tinham ido á frente passavam para traz e vice-versa. Chegada a procissão á igreja matriz tornava-se a repetir o cantico *Senhor Deus...* depois do que havia o sermão, em seguida ao qual se organizava de novo a procissão que ia recolher á igreja da Misericórdia, procedendo-se em tudo como quando dali sahir.

Na sexta feira santa havia a adoração da cruz pela irmandade da Misericórdia, que da sua igreja sahia processionalmente para a matriz e, na igreja da Misericórdia tambem, pelo meio dia, se organizava a procissão que para a matriz conduzia as imagens da Senhora da *Solidade* e a de S. João Evangelista. A filarmónica ia então completa, tocando marchas funebres e formava como sempre, a não ser na quinta feira santa, no couce do cortejo.

Ao sahir esta procissão da igreja da Misericórdia, organizava-se na igreja matriz uma outra de irmãos do Santissimo, vestidos de opas vermelhas, a qual sahia, parando a meio da Rua da Igreja, hoje Rua João de Deus. A procissão que ia da Misericórdia em sentido contrario entrava por dentro d'aquella, encaminhando-se para a igreja matriz. As imagens paravam logo que encontravam os irmãos do Santissimo, que se intrepunham entre ellas e a irmandade da Misericórdia, entrando depois tudo junto, formando uma só procissão, na igreja matriz.

Tanto nesta procissão como na de quinta feira santa, levavam os irmãos da Misericórdia a cabeça descoberta, indo todas as bandeiras levantadas.

Entrava a procissão na igreja matriz, pelo lado esquerdo, começando a dar a volta por dentro da igreja. Seguia-se um

sermão que em certa altura era interrompido, tomando todas as bandeiras a posição horizontal que mantinham d'ahi em diante, á excepção da chamada «Bandeira Real» que ia atrás de tudo. Então todos os irmãos da Misericórdia cobriam a cabeça com o capuz do balandrau, começando o povo, em toada plangente, a cantar o *Ehu*. Continuava depois a procissão do enterro por dentro da igreja seguindo-se-lhe o final do sermão, recolhendo depois a irmandade da Misericórdia á sua igreja.

Á noite, terminadas as trevas, organizava-se na igreja da Misericórdia outra procissão que ia para a igreja matriz d'onde sahia acompanhada por todas as outras irmandades e confrarias, dando pela villa a volta habitual e recolhendo novamente á igreja matriz. Seguia-se o sermão, depois do qual a irmandade, bandeiras e imagens da Misericórdia recolhiam á respectiva igreja.

A procissão do enterro é conhecida vulgarmente pela designação de «*procissão do Ehu*». Era de todas a mais imponente, e como as outras todas as da semana santa, de efeito surpreendente sempre que o vento não apagava as velas.

Fechando esta procissão, seguia a banda que, de espaço a espaço, tocava marchas fúnebres. Nos intervallos, toda a gente que compunha a procissão cantava a melopeia triste:

Ehu, ehú, Domine,
Ehu, ehú, Salvator noster!

Á frente de todas as procissões da semana santa ia o andor da Misericórdia, com o balandrau azul, tocando a *matrâcula*. Com este instrumento é que o andador tocava, dando a *volta da percissão*, a *premêra*, a *do mês* e *ultima* para a festa, para o sermão, etc. pois desde quinta feira santa ao meio dia até romper a aleluia no sabado não havia toques de sinos, nem sequer a banda tocava na rua, a não ser nas procissões.

Estas procissões seguiam todas muito vagarosamente, e por isso terminavam sempre tarde, nunca antes da meia noite. Ninguém tinha pressa.

No sabado de aleluia a concorrência á igreja era muito inferior á dos dois dias anteriores. Terminada a festa de sabado, sahia a musica, passando por casa do tesoureiro do Senhor dos Passos, onde ia á *frasca*, e seguia depois para a queima do Judas, quando se fazia.

No domingo de Pascoa havia uma procissão antes da missa, em que tomavam parte todas as confrarias, excepto a da Miseri-

cordia. Neste dia, como pelo Natal, muitas pessoas costumavam dar as boas festas, e costumava e costuma ainda haver reuniões de família para o jantar d'esse dia, que é melhorado, aparecendo em muitas mesas o foliar da Pascoa.

As festas da semana santa perderam nos ultimos annos muito do seu antigo esplendor, sendo actualmente pouco concorridas. Provavelmente ainda virão a desaparecer, como muitos outros costumes e tradições populares.

III

Costumes vários

Para terminar, ainda referirei alguns usos e costumes que, conquanto se não relacionem directamente com estas festas, não deixam no entanto de ser interessantes.

Ha já alguns annos acabou o costume antigo que havia de ir o andador da Misericordia pelas ruas da procissão annunciar o fallecimento dos irmãos. De cabeça descoberta e vestindo o balandrau azul, unico d'esta corporação, pois todos os outros eram pretos, sahia da igreja da Misericordia, levando na mão esquerda uma cruz de madeira sem imagem, e na mão direita a *campa* que tocava de vez em quando. Nas embocaduras das ruas parava e dizia em voz alta: «Um Padre-Nosso e uma Ave-Maria por alma do nosso irmão F., que já é faltado». E, depois de uma pequena pausa, concluia: «Quem quizer e puder, p'ro amor de Deus». Durante todo o tempo que o andador gastava nesta volta, dobrava o sino da Misericordia.

A *campa* só servia nestas occasiões e nos enterros dos irmãos, em que tambem ia a bandeira *Real* da Misericordia. Actualmente é raro a irmandade acompanhar um enterro.

A procissão do *Senhor aos enfermos*, que muita gente quer que faça parte das festas da Semana Santa, realizava-se na terça feira dessa semana, e era muito concorrida, costumando muita gente, nessa occasião, levar esmolas aos enfermos. A procissão tinha percurso muito variavel, que era regulado pela situação das casas dos doentes, mas a sua primeira paragem era quasi sempre no hospital da Misericordia.

Na quarta feira de cinzas costumam as crianças e as pessoas novas fazer *contractos*, para saberem quem, pela Semana Santa, teria de *dar as consoadas*. O *contracto* é feito sómente entre duas pessoas, podendo no entanto cada uma dellas ter *contractos* com muitas outras. Combinada previamente a frase

com que se ha-de impor, durante a quaresma, o cumprimento do contracto, os dois contractantes prendem os dedos minimos das mãos direitas de ambos um no outro e, dando ás mãos um movimento ritmico, de cima para baixo dizem:

Contractos, contractos
Fazemos, fazemos,

Sabado de aleluia
Desmanharemos.

Está feito o contracto, e dahi por diante, quando um dos contractantes avista o outro, diz a frase combinada, e o outro cumpre a obrigação que essa frase recorda de modo imperativo.

Aquelle que, pela Semana Santa, primeiramente diz ao outro essa frase, é que ganha as amendoas. Os contractos não são mais que uma brincadeira e, geralmente, todos os contractantes dão amendoas ou consoadas uns aos outros.

Algumas dessas frases: fique-se, ajoelhe e benza-se, abençoa ao padrinho (ou madrinha), passarinho á orelha, aljibeira, etc., etc.

Muita gente costuma guardar algumas palmas das que servem na cerimonia dos Ramos, porque *é bom*, segundo dizem, queimar um pouco dessas palmas bentas quando ha trovoadas.

No domingo de Ramos, e com palmas benzidas nesse dia, costumam fazer em reuniões familiares uma sorte cujo desenhado estabelece o parentesco de compadre ou comadre entre as pessoas que tomam parte nela. Dobradas umas quantas palmas pelo meio, e oculta a parte dobrada pela mão de uma das pessoas presentes, cada uma das outras pessoas pégua na extremidade de uma palma, ao acaso já se vê, ficando compadres ou comadres de palmas bentas as duas pessoas que tiverem pegado nas extremidades da mesma palma.

E, como o tratamento de compadre é muito apreciado e preferido a qualquer outro, é isto o bastante para ficar estabelecido o *compadrio* por que *em d'elles sendo compadres ó comadres, já se nã lèvom d'outro gêto*.

... O uso faz... lei.

Pois se até ha na quaresma, alem das quintas feiras de amigos e d'amigas, uma quinta feira *de compadres* e outra *de comadres*!

Monchique, Junho de 1918.

JOSÉ ANTONIO GUERREIRO GASCON.

Alguns nomes mozarabes no sul de Portugal

A península hispanica recebeu dos fenicios o nome de Tharsis «que os hebreus recolheram nos seus livros sagrados» e que parece corresponder a Tartesso e mais remotamente á primeira parte do nome *turdulo* ou Turdetania. Os gregos deram á mesma península o nome de Iberia, que designava primitivamente o oriente dela. Os romanos chamaram-na *Hispania*, que foi o nome que ficou, levemente transformado em *Espanha*. Estas tres denominações designavam indubitavelmente os lados oriental e meridional da península. Para alem das regiões devassadas por fenicios, cartagineses, gregos e nos primeiros tempos pelos romanos havia uma parte consideravel da península, talvez metade, que nem era conhecida, nem tinha nome especial.

Polibio, que morreu no ano 124 antes de Christo, diz o seguinte: «A parte que está sobre o Mediterraneo até ás Colunas de Hércules, chama-se Iberia; a que banha o oceano, chamado o Mar Grande, não tem ainda nome comum, por haver-se descoberto recentemente. Toda ella está habitada por nações barbaras e em grande numero».

Estrabão vê-se em dificuldades para delimitar a região a que dá o nome de *Lusitania*, apresentando para ella quatro fronteiras. Foi Roma que enfim decretou arbitrariamente os limites da provincia.

Dentro da Lusitania romana encontram-se mencionados por alguns escritores classicos os seguintes povos, do sul para o norte: cónios ou cinesios, celticos, lusitanos, turdulos antigos e ainda os pesures e os berones. Se procurarmos marcar aqui logar para estes povos, especialmente para os lusitanos, difficilmente o encontramos para estes ultimos, que, segundo certo passo de Estrabão, viviam na margem direita do Tejo. Apesar de Polibio já indicar que a foz do Tejo ficava na Lusitania, os povos que floresciam em Olisipo, Collipo e Scallabio, como provam estes nomes, eram aparentados com os ibéros meridionais, ou por outro modo eram turdulos ou turdetanos, como aliás dizem Plinio e Ptolemeu. A inscrição muito conhecida da ponte de Alcantara tambem não menciona lusitanos. Só no planalto central proximo das fontes do Tejo vamos achar os *lusones*, que

bem poderiam ser os lusitanos sedentarios, a sede primitiva destes ¹.

Apiano, escritor grego muito posterior aos acontecimentos que narra, diz que os lusitanos viviam numa região agreste, e que a necessidade é que os obrigava a lançarem-se sobre países férteis. Se isto fosse exacto, nenhuma região da Lusitania se achava nestes casos, a não ser a Beturia, que ainda assim lhe não pertencia. O mais provavel será admitir que os lusitanos primitivos habitassem nalgum canto do sáfaro planalto central, mas sem cair no exagero do hespanhol Arenas Lopez ², que os considera celtiberos.

Nas lutas dos lusitanos com os romanos impressiona o pequeno numero de efectivos militares daqueles, em comparação com a quantidade de gente armada que outros povos habitantes de regiões menores que a Lusitania conseguiam pôr em campo. Apesar do pequeno numero de lusitanos em guerra, esta prolongou-se por mais tempo que a de qualquer outro povo da península. Este resultado obtiveram os lusitanos pelo emprêgo da cavalaria, que rapidamente transportava o campo da luta para as extremidades do sul da Hispania. Foi este dom de ubiquidade que tornou os lusitanos e os aventureiros que se lhes agregavam tanto tempo invenciveis e os eternizou no nome de uma provincia.

É relativamente consideravel o numero de povoações que existiam na provincia romana da Lusitania, sendo muito poucas aquelas que até agora poderam ser identificadas ou se encontram no onomástico portuguez.

A unidade linguistica da Lusitania encontra-se tambem dividida entre o portuguez e o castelhano, e antropologicamente o litoral da Estremadura e a parte ocidental do Algarve receberam nos primeiros seculos da monarquia muitos colonos do norte da Europa. Ainda nos fins do século XVIII o Alemtejo recebeu numerosas familias açorianas ³.

Foi na moderna Estremadura, no Alemtejo e no Algarve que o dominio muçulmano mais se dilatou, mas ainda assim os vestigios arabicos não são tão numerosos como era de esperar,

¹ O Dr. Leite de Vasconcellos admite a possibilidade da derivação dos dois vocabulos.

² *Viriato no fué Portugues, si no celtibero*. Guadalajara, 1900.

³ Dizem-no Latino Coelho, *Historia*, etc., vol. I, p. 336, e Luz Soriano, *Historia*, etc., II, p. 328, mas até agora não encontrei provas.

e de que podemos formar uma ideia pelos estudos do snr. David Lopes.

Mais numerosos são no meu entender os vestígios mozarabicos, pouco faceis no entanto de determinar. Um nome que no meu parecer é mozarabe é o de Alcotim ou Alcoutim, onde se oculta o godo *Al-kuti*.

Aproveitando-me do *Glosario de voces ibéricas y latinas usadas entre los mozarabes*, publicado em 1888, e de que é autor Simonet, acho um numero avultado de palavras romanicas influenciadas pela pronuncia arabe e que se conservam entre nós como nome de lugares.

Estes nomes nalguns casos seriam apelidos de proprietarios que se fixaram nas terras que lhes pertenciam por qualquer titulo.

A lista desses nomes é a seguinte:

Achéllo, derivado de *alium*. Chelas?

Achetha, azeda. Achete, junto de Santarem.

Al-Fondón. Alfundão.

Al-geps. Algez.

Al-gepsér. Algézur?

Al-ixár (eixido). Enxara?

Al-meár (meda). Almeara.

Al-monester. Almoester.

Azanyon (*prunus*). Arrenhol?

Baiçimon. Balsemão?

Belixa. Belixe, Sagres.

Boyo. Boi (Formoso) ou Bemformoso.

Calbel. Calvel, Torres Vedras.

Canit. Alcanede.

Cara Leda. Cfr. Borba Leda. Lisboa.

Carnith. Carnide.

Carrich. Carrixe.

Casela. Cassilhas.

Cayya (*cavea*) *Cayyóla*. Caia, Caiola.

Cobátia. Alcobaca.

Colombária. Colombeira.

Corcomul. Caramulo.

Corriola. Alcorriol, Torres Novas.

Cruch. Coruche?

Chera ou *Chira*. Vila Franca de Xira.

Chiátho. Chiado, Lisboa.

Chithria. Sintra?

Figue (Campo Figue). Bemfica.

Foyo.

Laura (ou Lóra)—Loiras (arch.), Loures.

Lánxa (ou Lósa)—Lousa.

Maç (*mansio*). Moçamedes?

Xacro. Xáquar, Xicar. Montaxique.

Mora. Moura.

Ninna. Ninha (Linda-a-Velha).

Pairola. Beirolas.

Palath. Valada, Alvalade.

Pethraesch. Pethróxo, Pedroso, Pedrouços.

Portel.

Portoman (*portus magnus*). Portimão.

Puche (*podium*). Puços.

Rutha. Arruda.

Tabola (Tábula-Azeitun). Táboa.

Thirmis. Tremês, Santarem.

Tomar.

Zanbuja. Azambuja.

Az-Zembuchál. Zambujal.

Além destes muitos nomes, mais haverá ainda na região que fica entre as fozes do Douro e Guadiana, o que só se poderá averiguar cabalmente pela comparação dos onomásticos de Portugal e Hespanha, respectivamente ocupados pelos muçulmanos.

Não foi só o sul de Portugal que sofreu com mais intensidade a influencia oriental, também as extremidades orientaes do norte do país, e que vem a ser os distritos de Bragança, Guarda e Castelo Branco se resentiram mais dela que o litoral correspondente. Em Lafões o arabe era falado pela gente do campo, segundo afirma um escritor desta nacionalidade. Em dois nomes de lugares beirões se conserva o *Ibn* arabe: vem a ser *Viegas* de *Ibn Egas* e *Bordonhos* de *Iben Ordonizi* ou melhor *Ibn Ordonius*, nome de logar.

Estas notas, que se podem comparar a sondagens nos terrenos, mostram o valor que esta investigação poderá ter.

PEDRO DE AZEVEDO.

Os serões de fora ¹

Chamam-se *serões de fora* àqueles que se realizam nas eiras e *aiteiros* ² aí por Agôsto e Setembro (esfolhadas e espadeladas).

Em várias freguesias do concelho de Santo Tirso persiste o costume dos apupos e das frases em falsete pelas imediações das eiras.

Por vezes, dos apupos e das frases ofensivas passam aos desafios, que se resolvem à paulada e até a tiro.

Em S. Martinho e S. Tiago de Bougado andam ainda hoje pelas estradas e caminhos homens vestidos de mulher ou embuçados em lençóis ou mantas.

Há-os que trazem um guarda-sol aberto.

Travam-se conversas para as eiras ou *aiteiros*. Dois exemplos:

a) — Olha, *compadre*, tu chamas-te Gonçalo?

— Chamo. O que querias?

— Achaste o cavalo?

— Não, mas tanto monta ³ como achá-lo... ⁴.

b) — Ó *compadre*, botaste o boi ao monte?

— Botei, mas não é da tua conta ⁵.

— Saiu-te vaca parida... E agora?

— Agora, nem boi, nem vaca, nem com que ganhar a vida...

Os ditos vão-se azedando; as graças tornam-se muitas vezes pesadas; sucedem-se os insultos e os desafios, que se decidem pela violência.

Em Landim (Famalicão) fingia-se, para amedrontar a gente das esfolhadas, um rosto humano com um cabaço ôco onde se metia uma vela a arder. A seguir espetava-se o cabaço num espedaço, e deixava-se num ponto de passagem.

Os apupos e desafios em falsete correspondem aos *Dayemans* de Moselle (*Couairails* no *patois* da região):

¹ Cfr. *Revista Lusitana*, vol. XVIII, pág. 188.

² *Aiteiro* = outeiro. O mesmo que terreiro. Também se diz *iteiro*.

³ Importa.

⁴ Insinua-se que o cavalo está próximo. É o mesmo que chamar-se burro ao interpelante.

⁵ Não é nada contigo; isso não te importa. É o mesmo que dizer-se: Mete-te com a tua vida!

«...espèces de colloques plus ou moins rimés
«ou assonancés, qui se produisaient au retour des
«veillées d'hiver...»¹.

Batia-se à janela da casa onde se realizava o serão, perguntando se queriam *dayer*. Do interior respondia-se, estabelecendo-se o diálogo quasi sempre satirico. Algumas vezes o desafiante disfarçava a voz para soltar algum dito mais pesado.

«Les dayemans, sustenta o autor do artigo², furent sans doute jadis un des amusements des classes supérieures».

Na obra de d'Annunzio *La fille de Jorio* (tradução de Georges Hereille, págs. 25 e 190), cita-se o costume italiano de os ceifeiros dirigirem aos viandantes «Toutes les injures qu'ils veulent».

Das apupadas por ocasião do casamento de viúvos já tratámos nesta *Revista*³. A festança prolonga-se às vezes por nove dias (uma *novena*), entrando nela foguetes sem estalo, latas velhas e funis, que façam ressoar os ditos espirituosos⁴.

Na *Serração da velha*, entre esta e um dos festeiros mais atrevidos trava-se também um duelo de ditos. Mas, se a velha é brava, redobra a chocalhada de latas, e os apupos ensurdecem⁵.

Do mesmo modo que no departamento de Moselle, mas pelo entrudo, andam mancebos, em algumas terras de Portugal, dirigindo chalaças aos frequentadores dos *serões de dentro*.

É o que se depreende da leitura de uma obra de Aquilino Ribeiro (*Terras do Demo*⁶, pág. 50, 2.^a edição):

«Naquele entrudo, como era de lei, a rapaziada
«andou a casar as donzelas pelas portas das quin-
«tãs e dos serões, e encruzilhadas das ruas. Dois
«dos mais farçudos, trazendo borrifadores para
«mascarar e engrossar a voz, no meio de boa es-
«colta, orneavam. Uma vez, por achincalhe, des-

¹ *Archivio per lo studio delle trad. pop.*, vol. I, pág. 93.

² C.^{te} de Puymaigne.

³ Vol. XVIII, 195, e XXI, 238.

⁴ Informação colhida em S. Simão de Novais (Famalicão). Cfr. esta *Revista*, vol. XIX, pág. 81.

⁵ Veja-se a descrição que fizemos em *O Tripeiro* de 1 de Abril de 1919, pág. 143, n.º 71.

⁶ Os costumes estudados no romance, se romance se lhe pode chamar, são os da Beira Alta. A observação do escritor é escrupulosa, como me garantiu um aluno da sexta classe de letras, natural de Moimenta da Beira.

«tinavam à môça mais faceira o rapaz mais zambro;
«outras, se isso não tropeçava com as miras dos
«casamenteiros, liam os pregões consoante lhes
«estava indicando a queda dos amórios. Em tal
«prática, enxovalhavam também as baldas de quem
«as tinha, e escarneciam... do vesgo, do broma, e
«do aleijado. O despropósito, saindo fora das mar-
«cas, dava às vezes que falar... ».

Aquilino Ribeiro descreve um espancamento provocado pelos enxovalhos.

Em Santo Tirso, pelo entrudo, apenas persiste o costume dos toques de buzina trocados entre lugares longínquos — costume que se aproxima dos tiros disparados numa casa aos quais respondem outros lá ao longe. O duelo prolonga-se durante horas.

Mas as *pulhas* estão em vigor em várias regiões do nosso país.

É curioso confrontar o mesmo costume carnavalesco que existia na cidade de Trapani:

«Molte persone riunite fra loro gridando e facendo baccano giravano per tutte le vie e viuzze della città, e permettevansi di chiamari per nome le donne del paese, rivolgendo al loro indirizzo parole ed atti disonesti, violentemente insultandole ed accusandole di colpe non commesse... Spesso avveniva che quelle parole lanciate ingiuriosamente verso una donna facevano nascere dei sospetti nel marito, e succedevano risse, ferimento, «assassini» ¹.

Informam-nos que, em Lisboa, ainda vigora no Carnaval o costume de se empregarem palavras obscenas entre pessoas tidas como de boa sociedade.

AUGUSTO C. PIRES DE LIMA

¹ *Archivio per lo studio delle trad. pop.*, vol. IV, pág. 289.

MISCELANEA

Ptg. *ingreme, ingrime*

bespricht Gonçalves Viana (in seinen *Apostilas aos dicionários portugueses II 14 ff.*). Die Bedeutung ist nach ihm 1) «difficultoso de sobir (fallando de caminhos, escadas)», 2) *alho ingreme*, «aquelle que não tem dentes, mas uma rayz, a modo de cebola pequena»¹, 3) «nu, despojado de toda a afeição, e amor proprio». Das Wort besteht auch in Spanisch-Amerika (Chile, Bolivien): *ingrimo* «allein, verlassen» und wird von Cuervo als *engrima* analysiert (*Apuntaciones críticas sobre el lenguaje bogotano* S. 551), wogegen schon Viana wegen der Akzentzurückziehung protestiert hat. Vielleicht fällt auf diese Wörter etwas mehr Klarheit durch den Hinweis auf salamank. *ligrime, ligrimo* «puro, legitimo, castizo; sano; gallardo; fuerte», *ajo ligrimo* «silvestre; ajo de una sola cabeza. Es de olor y picor mas fuerte que los ordinarios. Se emplea para usos medicinales» (Lamano). Dass dieses *ligrimo* wieder mit *legitimus* zu tun haben muss, sieht man ausser aus dem Beispielsatz Lamano's aus Maldonado (*Y qué es eso de ligrima?—Si va a decirse, como legitima*) und aus der semantischen Uebereinstimmung mit nprov. *lèime* «franc, qui n'est pas frelaté», *vin lèime* «vin pur», *castagno lèimo* «marron», *molfetta. lesiteme* «heiß, ganz» (REW 4971): «echtbürtig», «rein», «gesund», «stark», «wild», «aus einem Stück», «allein» sind lauter gut vermittelte Bedeutungen. Da sp. *lindo* «vortrefflich», «echt», «rein», selbst aus *legitimus* entstanden ist (Cuervo *Rev. hisp.* 9, 5 ff.), so muss (*l*)*ingrimo* auf eine volkstümliche Verballhornung des Juristenwortes zurückgehen: am nächsten steht noch ptg. *lidimo*. Den Weg, den die lautliche Entwicklung im einzelnen genommen hat, kann ich nicht angeben: etwa **lindimo* (wie sp. *ninguno*) > **lindrimo* (wie sp. *ristra*, mall. *latra*) > *lingrimo* (Einfluss von sp. *grima* «Schrecken», das Cuervo überhaupt als Basis annehmen wollte? Die Betonung *ingrime* würde dafür sprechen). Der Auslaut *-e* von *ingrime* stimmt äusserlich zu nprov. *lèime*, katal. *lledesme*, weist aber wohl auf Entlehnung der pyrenäischen Wörter. In Mallorca

¹ Coelho übersetzt deutlicher: que não nasce dividido (diz-se dos alhos, castanhas, etc.).

lebt noch ein Vertreter von *legitimus*: *lluisma*, das Amengual mit sp. *laudemio* (=«Lehngeld») übersetzt und das vielleicht von *laudemio* beeinflusst ist: die Endung *-isma* erinnert an kat. *regisme*, das aber aus frz. *régime* rekonstruiert sein kann, ferner an sp. *marisma*=*marítima* und *morisma* «maurische Herrschaft».

Bonn.

LEO SPITZER.

Ptg. *arripiar*

«schaudern», gal. *arripiarse* «Gänsehaut bekommen» stellt REW mit Recht zu *horripilare*, wobei Schuchardt's Zusammenstellung mit germ. *rup-* abgelehnt wird. Allerdings muss Meyer-Lübke, der wohl an den frz. Latinismus *horripiler* denkt, gelehrte Entwicklung annehmen, da der Anlaut nicht regelrecht erhalten ist. Dies ist aber bei einer so gewöhnlichen Empfindung wie dem Schauer vor Kältenicht recht wahrscheinlich. Ich gehe von dem *obbripilatio* «frayeur, cauchemar» aus, das Jeanneret *La langue des tablettes d'exécration latines* S. 95 belegt und als volkskty-mologische Beeinflussung von (*h*)*orripilatio* fasst: *ob-* wird nun im Vulgärlat. durch *ab* ersetzt (Jeanneret S. 99): vglat. *abduraer* (afrz. *adurer*, prov. *abdurar*, kat. *aturar*), *absopire* (frs. *assouvir*), *occidere*, prov. *aucire*. Das kat. *aturar* weist auf *-dd-* aus *-bd-* und so können wir aus *-br-* ein *-rr-* im Ptg.-Gal. voraussetzen. Auch begrifflich ist die Uebereinstimmung des lt. *horripilare* (*horror*+*pilus*!) etwa mit ptg. *a arripia-cabello* *tadellos*.

Bonn.

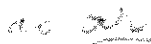
LEO SPITZER.

Quem vai ao mar...

I.

Julgo que esta solerte afirmação de um direito de conquista:

«Quem vai ao mar
perde o lugar»,



com que as crianças, em geral se arrogam a posse de um lugar abandonado, não será de genese puramente infantil, senão popu-

lar, e datará do tempo das navegações ¹. Os aventureiros que partiam por mar em demanda das terras novas corriam o risco de perder certas vantagens, quiçá em testilhas de amórios.

O Dr. João Ribeiro nas suas excelentes conferencias sobre o *Folclore* ² cita este excerto de um poemeto libérrimo do quincentista castelhano Castillejo ácerca das «ausencias forçadas de um marido, dos quaes se aproveitavam a mulher e outra pessoa»:

«Por guardar
aquele proverbio vulgar
I sentencia mui esquivia
Que *el que fuese a lo que iba*
Dice que pierda el lugar».

Ora os que porfiavam em *ir ao mar* correr longas aventuras perigosas encontravam muitas vezes à volta o lugar tomado, e difficil lhes seria contestar juridicamente o direito dos usurpadores. Nesta situação especial se viria a gerar o rifão.

Parece que à mesma época se pode attribuir o ditado de sentido análogo, mas de exegese diversa:

«Quem vai ao vento
perde o assento»,

que seria a contra-réplica dos embarcadiços aos que, andando a flauto por terra, *andando ao vento* ³ como gente desgarrada, tarde viriam ocupar o seu lugar na embarcação, achando-o muitas vezes tomado.

Era um desforço por palavras e obras.

Mas *assento* pode ter aqui um sentido duplo, característico. Como fórmula equivalente a «perder o lugar», *perder o assento* significaria porém primordialmente o mesmo que «perder a ocasião ou o ensejo de se inscrever nos *assentos* ou registos da natalotagem», e o que *perdia o assento* perdia assim a viagem e a contingente fortuna dos aventureiros.

Conceito semelhante exprime o ditado corrente nas povoações ribeirinhas do Tejo (Seixal, Barreiro):

«Quem tarde embarca,
remo torto não lhe falta»,

¹ Ou reviveria então, como em meio adequado, a ideia fundamental que, no conceito do sr. Dr. J. Ribeiro, parece indicar pela sua coexistência no folclore de outros povos uma fonte romana ou latina.

² Nos *Anaes da Bib. Nac. do Rio de Janeiro*, vol. XXXV, pág. 283.

³ Ao gado que se encontrava perdido chamava-se nas «Ordenações» e foraes: *gado de vento*. V. Viterbo. *Eluc.*, s. voc. *gado*. *Moça de vento* era a que, nos conventos, não tinha ama certa. V. Moraes. *Dic.*

porque os retardatários no embarque se arriscam a ocupar o pior lugar e a manejar o pior remo.

Paralelamente dizem ali: «Quem vem atrás, rema com o remo torto».

O direito infantil apoderou-se das duas fórmulas citadas no começo dêste artigo e aplica-as indiferentemente como argumento de conquista contra os que não sabem guardar um lugar ou poiso.

OSCAR DE PRATT.

2.

D'este assunto trata o Snr. João Ribeiro no seu livro intitulado *O Folk-Lore*, Rio 1919, p. 217. Creio que o artigo será o mesmo publicado nos *Anaes*, a que se refere o Snr. Pratt.

Citando as rimas infantis portuguesas:

Quem vai ao vento
Perde o assento.

Quem vai ao ar
Perde o logar.

comenta o autor brasileiro: «Nós outros não admitimos a restituição do lugar perdido, e o primeiro ocupante nada pôde allegar no nosso direiro infantil. Não sei de fórmula alguma [portuguesa] que expresse a conveniencia da restituição; entretanto, ella existe, pelo menos com platonica reclamação, no *folk-lore* de outras provas». E lembra os seguintes paralelos francezes e hespanhois:

— Qui quitte sa place la perd,
— Qui quitte sa place la reprend.

— Quien fué a Sevilla
Perdió su silla.

— Quien fué y volvió,
La recobró.

Pouco depois continúa: «Parece, pois, se pudessemos tirar conclusões sociologicas de um jogo infantil, que a tradição portuguesa se mostrou sempre infensa ás restituições, e pelo *uti possidetis*, que foi um principio das colonias americanas».

Da minha parte notarei que no Alto-Minho, por exemplo, em Badim (Monção), quando duas crianças estão sentadas, e uma se levanta, diz a outra:

— Quem foi a S. Bento
Perdeu o assento!

ao que a criança que partiu, replica, voltando:

— Quem foi e bën,
Nunca o perdeu!

Vê-se que as conclusões do Snr. Ribeiro ficam prejudicadas.

*

Farei breves notas ao texto minhoto. Como na linguagem local o *v* se pronuncia *b*, isto é, *vento* se pronuncia *bento*, o povo santificou a palavra, e criou um «S. Bento», tendo em mente várias capelas d'esta invocação que por ali existem, por exemplo, *S. Bento da porta aberta*, e *S. Bento da porta fechada* ¹. É fenomeno glotico-psicológico algo semelhante aos que mencionei nos *Ensaíos Ethnographicos*, III, 7 e 16 (*S. Levede*, *S. Crescente*) ². A palavra *bên*, que se lê no segundo par de rimas, está por *veu* ou *veo* de *vêo* ³, fôrma arcaica do perfeito de *vir*.

*

Ainda mais uma observação.

Não creio que as rimas de que se está falando, onde ha *mar* e *assento*, sejam originarias do tempo das nossas navegações. Bastava considerar que as fórmulas existem noutros países, e com palavras diversas, para pôr de parte o exclusivismo português. *Mar* e *assento* são, quanto a mim, meras rimas. Em Obidos ha esta variante (igual a uma das do Snr. Ribeiro):

Quem vai ao ar,
Perde o lugar,

onde *ar* é sinonimo de *vento*. Agora, que *mar*, por estar sempre na imaginação dos Portugueses, povo marítimo e navegador, acudisse mais de pressa ao espirito do que outra qualquer rima, isso, na ordem de ideias do Snr. Pratt, julgo ser muito

¹ A capela de S. Bento da *porta aberta* (assim chamada, por só ter grades: originariamente, em épocas de maior fé, deve ter estado realmente aberta, como o nome o diz) fica entre S. Pedro da Torre e Mantelães, no concelho de Coura. Entre esta capela e S. Pedro fica a de S. Bento de Baixo, a que por graça e contraste o povo chama da *porta fechada*. A mais notável é a primeira, já por sua grandeza e posição, já pela devoção popular que se lhe liga, e acêrca da qual tenho apontamentos (ofertas, versos, *romeirinhos*) que não posso aqui publicar, por isso me levar longe.

² É curioso figurar aqui S. Bento, e figurar San Francesco e Saint Lambert respectivamente em fórmulas de Itália e França citadas pelo Snr. Ribeiro, *ob. cit.*, p. 218. São simples e fortuitas coincidências, muito naturais em povos católicos, que constantemente pensam (ou pensaram) em cousas santas.

³ Vid. *Estudos de Philologia Mirandesa*, I, 441.

possível, como também acho muito judicioso o que o mesmo illustre colaborador da *Revista Lusitana* pensa acêrca do emprêgo de vento.

J. L. DE V.

Lírica patriótica

Entre uns velhos manuscritos sem valor que folheeí ha dois anos deparou-se-me uma folha de papel almaço que continha a invocação heróica que vai ler-se.

O manuscrito foi evidentemente ditado. Prova-o a falta de adequada distinção dos versos, a deturpação de certas palavras, e curiosas homofonias de mão inexperiente.

Julgo que a alocução teria corrido impressa em folha-volante ao tempo da composição. Assunto e estilo eram destinados a fazer vibrar a sensibilidade popular.

Embora esta apolada alocução fosse composta em 1762, como vem na epígrafe, a reprodução manuscrita deve datar de uns setenta anos depois. O almaço tem a marca-de-água T C por baixo de uma flor de liz pedunculada em rosêta esteli-forme e encimada por uma corôa.

Conservo a ortografia e pontuação do original.

«Locação ¹ Metrica que em nome dafedilissima Raynha Nossa Snr.^a D. Mariana Vitoria & sefez aseu Irmão Carlos 3.^o R. de Espanha atenta acidiciosa guerra q̃ declarou a Portugal neste prezente anno de 1762.

Romance Indicasilbo

Ingrato Irmão que as leis da humanidade
em tão estranho Modo tiranizas.
Sem atender q̃ o Sangue que te alenta
o proprio he que amim meuiufica.
Oh. deixa de ser Rey oh. depõem logo
huma idea cruel que te alucina.
porque ofende o candor da Magestade
qualquer açam fundada em tirania
napertenção injusta q̃. fumentas.
Contra as Leis de amizade por benigna
Lavras o feyo Laurel á eternidade
porque só de deshumano te acreditas.

¹ Alocução.

Do parentesco os uínculos mais fortes
e damizade as estimaveis Ligas
tudo Rompes estragas e desprezas
Sem Rezão sem direito e sem justiça.
nam intendas q̃. ofado venturozo
há de fazerse entam ¹ Cruel perfidia
pois nem sempre a ventura favorece
as acções aRogantes e atreuidas.
Conte o Mundo Cruel que tudo obserua
q̃. queres Carlos q̃. de ti sediga
que maltratas somente por uacidade ²
huma Irmaã hum Cunhado e huma Sobrinha.
Não temo o teo poder temo sim Carlos
que Contra ti procures a Ruyna.
e que os mesmos estragos q̃ mebuscas
venhão aser fiscais datua vida.
Poruentura no Furiato ³ nascestes
ou nos desertos da Combusta ⁴ Libia
deute oprimeiro Lei de ⁵ algũa ircana
Fraudulenta Cruel, e destimida.
Oh. quanto temo Carlos o teu erro
nece facto ⁶ q̃. fazes de Familia
Competencia ⁷ q̃. nunca da Lealdade
Soube nunca ⁸ Mostrar aminima faisca.
Que culpa tem os meus, e teus vassallos
pois tambarbaramente os sacrificas
ao Rigor de hũa guerra asas injusta
que não tem mais Rezão do que a melicia ⁹
Atende q̃. de todos os estragos
perpetuamente encarregado ficas
e que ate a Deos omnipotente e justo
Responsavel seras por tantas vidas.
Disperta pois Carlos do Letargo
em que estas sem ver aluz do claro dia
abre os olhos, e ve como te enganão
o furor o conceito ea fantezia.

¹ em tam.

² vaidade? [ou *maldade*. — J. L. DE V.].

³ Furiato=país das Fúrias. [O verso assim está errado. Creio que se ocultará em *Furiato* outra palavra ou palavras; talvez *-to* seja *tu*. — J. L. DE V.].

⁴ combusta=tórrida, ardente.

⁵ [Deve entender-se:

Deu-te o primeiro *leite* alguma ircana,

onde *ircana* está por *Hyrcana* ou *fera hyrcana*; cfr. o seguinte passo da *Elegiada*, fls. 253 (citado por Moraes): «a Tigre Hyrcana te deu leite». — J. L. DE V.].

⁶ [Entenda-se: *pacto*, o célebre *pacto de familia* entre a França e a Hespanha. — J. L. DE V.].

⁷ competencia=rivalidade.

⁸ Repetição inconsciente da palavra que está no verso anterior.

⁹ malícia.

Menistros tenho generais briozos
Soldados q. sem terem disciplina
farão mais do que os teus «proprio costume»
na forte gente da famoza Lizia.
Com animo Constante meo espozo
nada o altera nem apavoriza ¹
que p.^a Repremir os teos asaltos
tem a defeza nas sagradas quinas.
Se Leres Carlos apasada historia
veras q. as armas desta Monarquia
forão sempre funestas p.^a Espanha
Castigandolhe sempre a ouzadia,
e se ao iniquo pirata te asemelhas
porque Comfé jurada te auezinhas,
e sem licença do Snr das terras
as uas entrando, e deixando invadidas.
Olha Carlos q. ainda os mesmos brutos
costumão desejar apaz tranquila.
na guerra tudo hé sustos tudo estragos,
e na paz tudo hé gosto e tudo vivas ²
Não queres consentir neutralidade
nisto adisgraça contra ti fulminas
pois da neutralidade portugueza
m.^{tas} uezes Espanha se utiliza.
Deixa Carlos o espirito guerreiro
pondera que ainda vendome ofendida
se hoje te fasso aviso como Irman
amanham uzarei como Raynha.

ÓSCAR DE PRATT.

Jôgo das chapas

Ha entre nós um jôgo de rapazes que consiste em se atirar uma moeda ao ar, tendo-se prèviamente exclamado *coroa ou cunho*: se a moeda, ao cair, ficar com o anverso (*coroa*) para o ar, ganhou quem disse *coroa*; se ficar com o reverso, perdeu. Em cada jôgo entra um par ou mais de rapazes.—Este jôgo tem variantes no nome, na exclamação, e na fôrma, segundo as terras. Em Beja, por exemplo, chama-se ele *jôgo da chapa*. Em Mertola chama-se *jôgo das altás*, e joga-se com *um par de vintens*; a exclamação é *cara ou azar* (o *azar* é o reverso); tambem na mesma vila se diz *libra* o ficar uma das moedas

¹ apavoriza.

² vivas=aclamações.

com o reverso para cima, e a outra para baixo, caso este em que nem se perdeu, nem se ganhou.

D. Rafael Bluteau, *Vocabular.*, II, 273, escreve: «CHAPAS, jogo; jogar as chapas: *que botastes? Cruzes ou cunhos?*». No mesmo tomo, p. 638-639: «CUNHOS & CRUZES: *botar cunhos e botar cruzes* são phrases do *jogo das chapas*», e acrescenta que se lê em Macrobio que havia um jôgo «que os moços usavão em Italia, lançando humo moeda pelo ar, & antes que cahisse no chão, pedião *cabeça ou navio*, como entre nós pedem os rapazes *cunhos ou cruzes*». O passo de Macrobio (sec. V) vem nos *Saturnalia*, liv. I, cap. 7.^o, e a frase dos rapazes romanos soava *capita aut navia (naviam)*, ou *capita aut navim*; o citado passo está reproduzido pelos AA. modernos que se occuparam do jôgo, por exemplo nos Dicionarios archeologicos de Rich, e de Darernberg & Saglio, e bem assim pelos lexicologos antigos e modernos, por exemplo, Forcellini, Freund, Georges. Diziam-se, como julgo, *capita* no plural, porque a moeda originariamente empregada era um asse, que tinha figurado no anverso uma cabeça bifronte (de Jano). Comparavel ao jôgo mencionado por Macrobio é outro que vem em Aurelio Victor (sec. IV), — dinheiro fechado na mão —, e um grego antigo em que os rapazes, servindo-se de uma concha ennegrecida de um lado e branca do outro, exclamavam *noite ou dia*: vid. *Diction. des antiqu.* de Darernberg & Saglio, supracitado, s. V. «*capita aut navia*».

Na actualidade encontramos tambem o mesmo jôgo em varios povos. Deve entender-se que cada um adapta ás respectivas moedas as exclamações e o nome do jôgo. Em França o jogam os rapazes, exclamando *croix ou pile*, porque *pile* significa «anverso»: vid. *Diction. général*, s. V. «*pile*». Em Veneza o nome é *Marco Madona*, «ductum a signo minutioris pecuniae, quae in usu est»: vid. Forcellini, *Lexicon totius Latinit.*, s. V. «*caput*». Os de Castela exclamam *castillos y leones*, porque d'essas figuras se compõe o brasão nacional, expresso no *ochavo* que se atira ao ar: cfr. Suarez Figueiroa no comentario dos *Fastos* de Ovidio, t. I., Madrid 1737, p. 157, onde igualmente se refere a Macrobio.

O jôgo dos nossos rapazes tem pois, a par de área bem extensa, origem bem remota: o que por este lado mostra que se enganam redondamente aqueles que julgam que estamos muito longe do passado.

Lendas

1. Adivinhar o futuro . . . :

Job viveu tôda a vida dentro de uma pipa.

Apareceu-lhe o Senhor e mandou-o fazer uma casa, e Job perguntou quantos anos viveria mais.

O Senhor respondeu:

—Tu viverás mais duzentos anos.

Job disse:

—Assim como vivi trezentos anos dentro de uma pipa, também agora viverei mais os duzentos . . .

E o Senhor então mandou:

—Deixa estar que de hoje para o futuro, ninguém há-de saber o dia e a hora em que morre.

2. O fim do mundo :

Em 1918, antes de acabar a guerra, na Régua, um pobrezinho deu uma vela acesa a um rapaz para êle a pôr no cimo de um monte. Quando a vela chegasse ao fim, o mundo abrasar-se-ia.

Apareceu ali Nossa Senhora, e pediu ao pobrezinho que não fizesse isso:

—Havia de vir uma doença que mataria tudo a pouco e pouco . . .

Essa doença era a *malina* (grippe pneumónica).

3. O vento ³

Antigamente representavam o vento com a figura de um homem.

Um dia encontrou uma mulher com um molho de lenha à cabeça, e, soprando com fôrça, atirou-lhe o molho ao chão.

A mulher injuriou-o, rogando-lhe muitas pragas, e o vento foi queixar-se ao Senhor, que disse:

—De hoje em diante soprarás escondido . . .

¹ Narrada por um aluno de Ermezinde. Uma antiga saga de Warend (Suécia) conta que os homens, no principio do mundo, sabiam quanto devia durar a sua vida. Os homens desleixaram-se . . . «dopodiche l'uomo perdette la potenze di vedere dentro all'avvenire». *Archivio per lo studio delle tradizioni popolari*, vol. II, pág. 480.

A mesma crença existia na Alta-Bretanha. *Archivio cit.*, vol. IV, págs. 428 e 430: *Légendes Chrétiennes de la Haute-Bretagne* par Paul Sébillot.

² Exercício de um aluno de Ervedosa do Douro.

³ Exercício de um aluno de Ervedosa do Douro. Cfr. Dr. Leite de Vasconcellos, *Trad. Pop. de Port.*, pág. 48.

VARIANTE 1

Dizem os vèlhos que em tempo o vento se via. Os rapazes, quando tinham frio, corriam-no à pedra.

Êle então foi queixar-se ao Senhor, que lhe disse:

—Pois, vento, venteja
De modo que ninguém te veja.

4. Os três buracos ²

Em cima das Fragas da Aguda, em Távora, perto do rio do mesmo nome, há três buracos: um com ouro, outro com fogo e outro com peste.

Ninguém se atreve a ir lá com a mira na riqueza.

5. A Ponte do Diabo ³

Sôbre o rio Távora dizem haver uma ponte construída pelo diabo.

Tôdas as noites se sentia grande barulho no rio, mas pela manhã a ponte estava desfeita.

Na encosta havia um convento, e os frades, uma noite, desceram abaixo, e atiraram para cima da ponte uma casca de laranja cheia de água benta.

Assim, o diabo não pôde desmanchar a ponte, que ainda hoje se conserva.

AUGUSTO C. PIRES DE LIMA

¹ Exercício de um aluno de Cedovim (Fozcoá).

² Informação de um aluno de Ervedosa do Douro. Cfr. Adolfo Coelho, *Revista de Ethnologia*, fasc. IV, pág. 172, e *As Arcas de Montemor*, pelo Conde de Monsaraz.

³ Informação de um aluno de Ervedosa do Douro. Disse-me outro de Macedo de Cavaleiros que, perto do Cachão, sôbre o Tua, havia também uma *Ponte do Diabo*, que foi destruída por uma cheia. O diabo ia pôr-lhe uma pedra tôdas as noites, mas, quando a ponte caiu, ainda lhe faltava uma.

Cfr. *Trad. Pop. de Port.* cit., pág. 325 (Serra da Estrêla).

De construções atribuídas ao diabo, falam-nos tradições de vários países:

O *Dóme de Aix* foi acabado pelo diabo sob a promessa de lhe darem a primeira alma que entrasse na igreja. O *inimigo* é logrado, pois introduzem na igreja uma loba. *Archivio*, vol. IV, pág. 10.

Vid. na mesma revista as *Traditions Populaires Catalanes*: O diabo promete fazer uma ponte, se lhe derem a alma do primeiro que por ela passar. Por fim fazem passar por lá um gato, pois não haviam tratado se a alma «havia de ser de béstia ó de persona». (Vol. IV, pág. 393).

Cfr. P. Sébillot, *Le Folk-Lore*, pág. 83 (Paris, 1913).

Etimologia de Cascais

A palavra *Cascais* tem todo o aspecto de ser o plural de *cascal*. E o que é *cascal*? A morfologia diz que é um amontoado de *casca*. Mas *casca* tem varias acepções: de arvore, em primeiro lugar, e metaforicamente (entre outras): concha, e pedaço do tegumento de um crustaceo. Vid. exemplos das últimas acepções nos *Lusiadas*, vi, 17-18, e nas *Lendas da India* de G. Corrêa, II, 714.

Pois que *Cascais* fica á beira-mar, nada mais provavel que a um montão de conchas e de detritos calcareos de crustaceos se chamasse *cascal*; havendo muitas, seriam outras tantas *cascais*. Formação analoga é *ostrai*, que ouvi no Ribatejo.

Não se me objecte que existem outros sitios ou lugares chamados *Cascais*, que não ficam na costa. Efectivamente no *Dicc. postal* de Silva Lopes e na *Corografia* de Baptista vem *Cascais* tres vezes: nos concelhos de Famalicão (Joane), de Santarem (Casével) e de Oliveira de Azemeis (Palmar). Porém o *Cascais* de Famalicão designa um lugar de 2 fogos deshabitados; o de Santarem e o de Palmar designam casais. O de Santarem vem até notado por «Casal do *Cascaes*», e o de Palmar designa-se igualmente, na linguagem familiar, segundo me informam, por «lugar do *Cascais*»: nos dois casos é evidentemente *Cascaes* ou *Cascais* apelido de primitivos proprietarios, naturais da vila de Cascais, ou que aí residiram. Resta por tanto só um caso: o *Cascais* de Joane, acêrca do qual não posso dizer mais nada, porque ninguem em Famalicão me sabe dar noticia d'ele.

J. L. DE V.

Plano de "Historia da lingua portuguesa,,"

Por *Historia da lingua portuguesa* póde entender-se o estudo da origem, evolução, periodos e ramificações d'essa lingua; do seu genio ou character, estilo e emprêgo literario; da área geografica em que se fala ou falou; da influencia que outras linguas exerceram nela, e vice-versa. Temos assim cousas que constituem a *historia externa* do português, e outras a *historia interna*,—por me servir de nomenclatura já por mim usada em 1891 na *Revista Lusitana*, III, 19, e em 1900 nos *Estudos de Philologia Mirandesa*, I, I.

Desde que comecei a dedicar-me á Filologia, afaguei a ideia de escrever uma historia da nossa lingua, e varios planos esbocei para mim, alguns ainda no Porto. Dirá alguém que eu faço muitos planos de obras que não publico, — e ainda na *Revista Lusitana*, xx, 348, falei de dois. Não é bem assim, porque tenho inumeros materiais para as obras: o que me falta ás vezes é tempo para redigir ou concluir estas.

A *Historia da lingua portuguesa*, que penso escrever, constará do seguinte (no meu plano actual):

Introdução:

- 1) Noções preliminares.
- 2) Literatura filologica.

- PARTE I. Origem e vida, ou historia, externa da lingua portuguesa.
- PARTE II. Gramatica historica da lingua portuguesa. Com tres appendices: historia da Orthografia, Estilistica, Metrica.
- PARTE III. Periodos ou idades da lingua portuguesa (resumo dos caracteres estudados na Gramatica. Exemplos).
- PARTE IV. Dialectologia.
- PARTE V. Vocabulario (etimologico) da lingua comum (arcaico e moderno; popular e literario).
- PARTE VI. Onomastico (complemento natural do lexico).
- PARTE VII. A lingua como expressão da alma e vida do povo português.

Alguns dos titulos poderão ainda ser mudados. O desenvolvimento dos assuntos era-me impossivel faze-lo aqui.

Será pretensioso ou ambicioso o plano? Mas parte d'ele já tem sido posto por mim em prática, e para a outra parte estão abarrotadas de papeis as minhas pastas e gavetas, como sabem alguns dos meus amigos mais intimos. Assim:

Quanto á Introduçào, 1) Noções preliminares, vid. *Lições de Philologia Portuguesa*, p. 3 ss.; 2) Literatura filologica, ou historia da nossa Filologia, vid. o meu opusculo *A Filologia Portuguesa*, Lisboa 1888, p. 23-53, e os artigos e opusculos que publiquei acerca do P.^e Santa Rosa de Viterbo na *Revista Lusitana*, iv, 1 ss., de Gonçalves Viana (1917), Julio Moreira (1913), D. Carolina Michaëlis (1912), e os pareceres academicos inseridos no citado vol. da citada *Revista*, p. 278 ss.

Quanto á parte I, vid.: *Lições de Philologia e Curso de lingua arcaica*.

Quanto á parte II, vid.: *Lições, Livro de Esofo*, e notas dispersas por varios artigos ou obras.

Quanto á parte III, vid.: *Curso de lingua arcaica, e Textos arcaicos* (2.^a ed.), p. 83.

Quanto á parte IV, vid.: *Contribuição para a Dialectologia* (1880-1903), *Lingoas raianas* (1886), *Lingoas fronteirças* (1902), *Philologia Mirandesa*, 2 vols. (1900-1901), *Esquisse d'une Dialectologie* (1901), etc.

Quanto á parte V, além de vocabularios parciais publicados nos estudos de dialectologia, no *Livro de Esofo*, etc., tenho reunidos e alfabetados milhares de verbetes lexicais.

Quanto á parte VI, vid.: *Enquisas, Amostra de Toponimia, De villa Margariti, Lições*, etc., e estou preparando *Toponimia Portuguesa*, baseada em numerosos apontamentos.

D'este modo desaparecerá no leitor a falsa apreensão que o exame do plano por ventura lhe suscitaria. — A parte VII é que estará por ora quasi só *in mente*.

J. L. DE V.

Correcções e observações a textos portuguezes

Em Soropita, *Poesias e prosas ineditas*, ed. de Camillo C. Branco, Porto 1868, lê-se:

«Porque, como vossa formosura seja mais luzente que a minha limpa bacia de barbeiro, ..de tal maneira se me escanchou no pensamento, que se tivera um *faritel* de cincoenta vidas, todas as desensacara em vosso serviço».

Provavelmente *faritel* é êrro de leitura por *fardel*. O *desensacou* que se segue justifica *fardel*. Num manuscrito facilmente se tomava *d* por *it*, havendo junto do *d* qualquer traço casual.

A pág. 18, lê-se *aquesto mesmo dia*. Deve emendar-se em *aqueste*.

A pág. 24 deve ser *nuestro color*, e não *nuestra*.

Deve na mesma edição emendar-se sempre *uma* e *alguma* em *úa* e *algũa*.

Correcções a Chiado, ed. de A. Pimentel, Lisboa 1889:

Pág. 68: *vlo rabo*. O Snr. Pimentel supõe que é *vel'o*, mas é *ulo rabo*.

Pág. 81: *as pedras parecem bem*; deve ser: *às pedras*, e sem virgula antes.

Pág. 106: *casa leve*. Deve ser *cabeça leve*.

Pág. 189, v. 8: deve ser *cão* por *mão*.

Pág. 190, v. 10: deve ser *mui certo*.

Pág. 176, v. 6: *haveis* está por *eis* (êrro de quem copiou primeiro).

Pág. 192, v. 7: *cadellas* êrro por *cadella* (o -s foi motivado pelo de *demandas* seguinte).

Pág. 196, v. 10: talvez falte *eu*.

Pág. 197, v. 24: *fugis* êrro por *fugiste*.

Pág. 199, v. 11: deve ser;

por seres um chocarreiro
que não tem virtude sã.

v. 14: deve ser: «E quem te vir de capello».

Pág. 199, v. 19: deve ser: «E fallam em gratia data», e não *gratis*, como se vê da concordancia, do metro, e do verso seguinte: «Sendo tu tão fóra d'ella».

Idem no v. 22 (Pimentel não entendeu).

Pág. 228:

Mas não lhe valeram *cestros*,
nem tabaque, nem pandeiro.

Pimentel supõe que *cestros* é o mesmo que *sestros* (=manha), quando *sestros* designa instrumentos musicos.

Da edição do Snr. Pimentel deu o meu chorado e sabio Mestre o Snr. Epiphanio Dias na *Zeitschrift f. rom. Philol.*, xv, 550 ss., uma noticia critica, onde faz muitas correcções. Possuo um exemplar da ed. de Pimentel com anotações manuscritas do Snr. Epiphanio, que é uma raridade bibliografica, e ao mesmo tempo uma curiosidade,—tão salpicada de emendas estão as paginas! A interpretação de *sestros*, que acima fiz, independentemente do Snr. Epiphanio, já lá estava feita por este á mão, o qual acrescentou *sistrum* ao lado.

A proposito d'esta palavra temos um problemazinho fonetico. Chiado escreveu *cestro*, com c: d'onde vem o c, se em latim é

sistrum, com s? Não ha êrro em Chiado, porque o hespanhol antigo tambem tem *cestro* (hoje diz *sistro*, á latina). O *c* deve resultar de influencia de outra palavra, sem dúvida *cestrum* = *κίστρον*, especie de buril. As duas fórmas peninsulares vêm do latim vulgar, como o mostra *e* por *i* (pois que em *sistrum* = *κίστρον*, o *i* deve ser longo, e para dar *e* em romance devia ser breve, a influencia de *cestrum* estendeu-se talvez a ele).

J. L. DE V.

Duas notas de Gonçalves Viana

A Biblioteca da Faculdade de Medicina do Pôrto adquiriu a revista — *Archivio per lo studio delle tradizioni popolari* — que pertenceu a Gonçalves Viana.

Entre as notas lançadas à margem pelo eminente lingüista, encontramos as duas seguintes:

No vol. I, pág. 279, a propósito do artigo do Dr. Leite de Vasconcellos (*Ensalmos*):

«Não me parece exacta a significação dada ao
«verbo *talhar* igual a *atalhar*, e tanto que tam-
«bem se diz cortar o bicho. O corte é feito com 3
«facas»¹.

Vol. II, pág. 617. Anotando o remédio transcrito no texto:
«...per la quale non solo nela pertosse ma anche nell'attacco
pulmonare acuto si applica al petto del sofferente un pollo subito
ucciso e spaccato in due parti»:

«Cf. La medicina che a me fu applicata, essendo
«un fanciullino, a Alhandra, non lungi di Lisbona.
«Avendo fatto una caduta per una scala, mi fu fatto
«mangiare con molto zucchero un pollino ucciso a
«colpi desordinati e ancora caldo».

AUGUSTO C. PIRES DE LIMA.

¹ [Ha muito emendei eu o que primeiro dissera: vid. *Ensaaios Ethnographicos*, II (1903), 253, ao reproduzir o meu artigo do *Archivio*: «Para o *talhar* (i. é para o *cortar e matar*)». A concepção do povo é que o *bicho* se talha ou parte em pedaços. — J. L. de V.]

Como se fórma um culto

Em 1895 aconteceu no lugar de Araujo (Leça de Bailio) o seguinte: com umas chuvas o solo escorregou e levou consigo a distancia um carvalho, já velho, que ficou de pé; no lugar em que ele ficou havia agoa de mina ou empoçada. O povo acreditou, por sugestão de algum embusteiro, ou espontaneamente, que se dera aqui um milagre, e que a agoa era santa: e logo se estabeleceu romaria para o sitio, acompanhada das peripecias usuais. Creio que terá algum valor para a Etnografia reproduzir na *Revista Lusitana* várias notícias que os jornaes do tempo deram do caso. Assim se comprehende bem como se fórma um culto, embora enxertado em ideias preexistentes, e já antigas, na alma do povo. O presente culto logo degenerou em facecia; por isso ha nele duas fases: uma séria, e uma jocosa. As noticias a que aludo referem-se á fase séria. Da fase jocosa conheço e possuo: um folheto intitulado *Os Milagres do Carvalho Santo*, «monologo em verso» de Sylvio de Leça (pseudonimo), Porto 1895, 8 páginas; duas quadras, com o mesmo titulo, impressas em folha volante, Porto, s. d. (são copiadas do folheto); e tres quadras manuscritas que já não me lembro como obtive. Não posso reproduzir estas poesias, porque são bastante licenciosas.

Eis agora os trechos dos jornaes:

I.

«Um proprietario da suburbana freguezia de Leça do Bailio fez constar que um carvalho annoso que lhe pertencia fôra milagrosamente e num instante mudado para um ponto distante cerca de 30 metros, ficando a prumo e sustido pelos torrões prezos ás raízes. Na sua passagem a arvore deixara um rasto fundo sobre a terra.

Ao sitio tem havido uma verdadeira romagem todos os dias, vindo o mulhierio pela manhã, ao meio-dia e á noutinha resar em redor do miraculoso carvalho.—A credice popular já vae tomando tal incremento, que já se pensa em erigir uma ermida onde está o carvalho, afim de perpetuar o milagre».

(*O Seculo* de 7 d'abril de 1895: telegrama do Porto).

2.

«Continúa a grande romaria quasi diaria para junto do carvalho milagroso de Leça do Bailio, historia que telegraphiei ha dias; cerca do sitio onde a arvore cresceu corre um veio de agua, e muitos romeiros vão ali banhar-se, pois começa a dizer-se que essa agua é tambem milagrosa e cura todos os achaques.

Avulta a idéa da construcção de uma ermida n'aquelle lugar, comemorando o milagre».

(*O Seculo* de 18 d'abril de 1895: telegrama do Porto).

3.

«*O carvalho milagroso. — O arraial de domingo.* — O dia de domingo, d'uma grande luz e d'um sol queimante, dava o appetite do campo e da frescura de sob os arvoredos. Era já um dia para a festa ruidosa e ardente de romaria. E romaria houve, e das mais animadas e estridorosas, no lugar do Araujo, Leça do Balio, onde o celebrino caso do carvalho milagroso attraiu uma formidavel multidão de crentes e de folgasões. Os arraiaes de mais nomeada no arredor portuense, sejam os do Senhor de Mattosinhos, da Senhora da Hora e do Senhor da Pedra, não juntam mais gente que a que abalou ante-hontem para o sitio a que a historia do carvalho que se deslocou, fazendo ferver as imaginações milagreiras, deu um prestigio sagrado.

Ranchos e ranchos de populares, com bandurras e bandeiras á frente, seguiram do Porto, em festa, a juntar-se no lugar do Araujo á enorme chusma, não pouco pandega, e muito credula que as aldeias proximas enviaram a pasmar e a foliar no vasto campo onde uma imperscrutavel vontade fez mover o velho roble.

Os alquiladores aproveitaram bem a credulice d'uns e o sentimento d'esturdia d'outros, estabelecendo corridas de trens para o sitio do milagre. Mas havia ainda a contar com a simples curiosidade, e a romaria não cresceu pouco com os que ali foram no designio de gosar com a contemplação do enorme ajuntamento. Resumindo: nas praças poucos trens ficaram para o serviço urbano, chamados quasi todos a transportar familias ao regalariorio do arraial. Mesmo as nossas melhores equipagens particulares foram, ao fim da tarde, pelas estradas que levam a Leça do Balio — e não se podia dizer de mau gosto, por esse crepusculo mórno de verão assistir ao debandar alegrissimo da colossal romaria. As estradas de S. Mamede, Carvalhido e de Costa

Cabral tiveram uma animação festiva como não lembra. No local da romaria ha quem calcule ter-se reunido uma multidão não inferior a quinze mil pessoas. A verdade é que o amplo campo estava atulhado de povo, e as famosissimas romarias citadas não exhibem maior apparatus d'alegria.

Fez-se toda a tarde a grossa folgança d'arraial, não faltando as tendas com pipas de vinho e peixe frito. Sob o grande sol, ao som de violas e guitarras e castanholas, foi um furioso dançar de gente moça. N'esse espectáculo de festa arraialesca não faltava a ingenua nota crente: bandos e bandos que se disputavam a berros, a encontrão e a murro — como se se tratasse d'um logar no Paraizo — o direito de humedecer na agua da bica milagrosa uma perna, um braço ou os olhos doentes. E por entre o apertão inverosimil da romaria, boa gente abria, suando, caminho, conduzindo com mil cuidados, com todo o fervor, tal qual fosse um tesouro, um cantaro, um garrafão, ou uma pequenina enfusa cheia, — quem imagina com que custo! — da santa agua do milagre!

Houve alminhas crentes e pachorrentas que se deixaram ficar para de noite, afim de então oh! salvação! oh! alegria! lavar a parte doente no jacto da fonte do prodigio!

No sitio onde esteve o famigerado carvalho acha-se agora collocada uma cruz que, no domingo, se via enfeitada de flores e com duas salvas ao lado — salvas que, sob a guarda de dois cabos de policia, se encheram de cedulas e de moedas de prata e cobre.

Quanto á agua milagrosa, já havia uma exploração estabelecida. Um grupo de rapazes installara-se no local, offerecendo aos que não tinham paciencia para esperar a sua vez a milagrosa agua pela seguinte tabella de preços: uma garrafa, 30 reis; uma botija, 40 reis; e 200 reis por cada garrafão.

Uma mulherzinha de Mattosinhos mandou construir um pequeno carro, para distribuição d'agua pelos domicilios! Parece que ella já recebeu encomendas numerosas.

Dizem-nos que ao esculptor incumbido de fazer uma imagem do tronco do mirifico carvalho — imagem que ficará n'uma ermida que se construirá no local — foi recommendado que aproveitasse todos os restos de madeira, afim de servirem para contas de rosarios.

Mais nos affirmam que se conta já com uma quantia importante para a construcção da ermida, que deve ficar no sitio onde estava o carvalho que o povo envolveu de ares de milagre.

Curioso e autentico.

Uma mulhersinha que falava das virtudes do carvalho milagroso, dizia para uma interlocutora:

— E quer v. saber? o tronco do carvalho reverdesceu e deitou folhagem em casa do escultor!.

(O Primeiro de Janeiro de 14 de Maio de 1895) ¹.

4.

«O caso do *carvalho milagroso*, que referimos aqui ha dias, tem tomado proporções.

O *Commercio do Porto* intervem no assumpto pela fórma que vae vêr-se:

=Corre, por ahi, ha tempos, uma lenda ácerca de um denominado *carvalho milagroso*, facto que não teria a menor importancia, se d'isso resultasse apenas o pretexto para um passeio agradável a um dos mais bonitos arrabaldes do Porto. De tal modo, porém, se tem especulado com o caso, que se torna indispensavel a intervenção da auctoridade, para pôr termo a abusos.

A concorrência do povo ao sitio de Araujo, em Leça do Bailio, onde se deu o tal *milagre*, tem sido extraordinaria.

Junto do sitio onde havia o carvalho, brota uma fonte, cuja agua a credence popular começou a julgar tambem milagrosa, e é aqui que principia a mais condemnael especulação. Os copos e as garrafas d'essa agua são vendidos, no proximo local, por um preço que tem subido á proporção do augmento do numero de consumidores, e até parece que ha já para ahi uma mulhersinha que percorre as ruas com um barril, em um carro, vendendo a chamada agua *milagrosa*.

Mas o abuso não pára aqui. Junto da *fonte milagrosa* ha uma caixa onde os romeiros lançam o seu obulo, dizendo-se que esses donativos são destinados á construcção de uma capella n'aquelle local, erecta sob a invocação de Nossa Senhora dos Remedios, cuja imagem está sendo feita do tronco do tal carvalho prodigioso, na officina de um escultor d'esta cidade!

Ora, parece incrível que as auctoridades, que sem duvida, tem conhecimento do facto, não hajam até agora posto côbro a similhante especulação, deixando que a boa fé de uns, a credence

¹ [Esta noticia do *Primeiro de Janeiro* foi-me enviada pelo falecido etnografo Rocha Peixoto, juntamente com um bilhete (de 19-V-1895) em que me falava do culto. J. L. de V.].

de outros e a ignorancia de muitos sejam assim aproveitadas em beneficio dos espertalhões, que estão abusando, de um modo tão censuravel, das crenças de cada um, em proveito proprio, ou em favor de interesses nada recommendaveis.

Visto, pois, as coisas terem chegado a este ponto, pedimos com a maior instancia ás respectivas auctoridades que façam terminar taes especulações, não permitindo que se continue por mais tempo a abusar tão descaradamente da credence do vulgo.

Estimaremos que não tenhamos necessidade de voltar a occupar-nos d'este assumpto=».

(*O Dia*, 22-5-895).

5.

«*Os milagres de Leça do Bailio.*—Continúa a sordida especulação com a *milagrosa* agua descoberta nas proximidades do torrão onde existiu o não menos *milagroso* carvalho, a estas horas desbastado pelo escultor Celestino de Queiroz para a feitura da imagem da Virgem.

Só em garrafas se tem já vendido uma boa dóse de pipas d'essa agua famosissima, cujo preço tem vindo em alta, á proporção da celebridade, por fórma que ainda um d'estes dias a um individuo de Coimbra, que foi tambem na romaria com sua esposa, apanharam 600 réis por duas garrafas do liquido!

A auctoridade a deixar medrar a especulação!»

(*Diario de Noticias*, 23-5-95).

6.

«*Carvalho milagroso.*—Alguns individuos de Leça do Bailio mandaram um pedaço do tronco do celebre carvalho milagroso para Braga, e ahi com grande sigillo, foi esculpida uma imagem da Virgem dos Remedios. Pintada, incarnada e benzida, a imagem foi trasladada para a capellinha do logar de Araujo, a pequena distancia do ponto onde existiu o carvalho e onde hoje haverá uma grande festa».

(*Diario de Noticias* de 26 de Fevereiro de 1896).

*

Se isto acontecesse na idade-media, poderíamos ter hoje um culto regular e em fórma. Quantos não existirão, formados pelo mesmo teor?

J. L. DE V.

BIBLIOGRAFIA

I

LIVROS

Crónica da Ordem dos Frades Menores (1209-1285) .. por José Joaquim Nunes, sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1918. (2 volumes, o 1.º de LXIII+436 páginas e o 2.º de 389) ¹.

A obra é introduzida pelo Parecer da comissão nomeada na Academia de Ciências de Lisboa, redigido pelo director desta *Revista*, Sr. J. Leite de Vasconcelos, que salienta o valor do texto:

«Tanto pelo que toca ao conhecimento da vida
«medieval, como, e principalmente, pelo que toca
«à história da nossa lingua».

Segue-se a *Introdução*, onde o Sr. José Joaquim Nunes expõe tudo quanto pôde averiguar acêrca do importante códice, tradução parcial de uma Crónica dos xxiv primeiros gerais da Ordem franciscana, que foi composta em latim, e que, segundo afirmam os seus editores, estava já terminada no penúltimo quartel do século xiv.

Considera o manuscrito, embora nêle se encontre a data de 1470, como reprodução bastante fiel de uma tradução do último quartel do século xiv.

Facilitando o trabalho dos leitores, apresenta um estudo gramatical, onde aparecem condensadas notas interessantes sobre Filologia, Morfologia e Sintaxe.

Acompanhando o texto, há esclarecimentos, que se encontram também, mais desenvolvidos, nas *Anotações* lançadas no

¹ Nesta *Revista* (vol.^{es} xv, pags. 177-235, e xvi, pags. 1-40, já o Sr. José Joaquim Nunes, distinto professor da Faculdade de Letras de Lisboa, tinha publicado uns extractos da *Crónica*, seguidos de um glossário e de observações literárias e filológicas. Mas entendeu, e muito bem, que o manuscrito devia ser publicado por completo, e conseguiu levar a cabo essa tarefa penosíssima.

fim dos dois volumes, onde se completa e corrige o texto português, aproximando-o do latino.

Terminadas as *Anotações* do 2.º volume, começa um *glossário*, onde os filólogos podem colher elementos preciosos. Incluiu o autor no *glossário* apenas os vocábulos «que não se encontram no *Diccionario* de Moraes, (8.ª edição)» e as acepções e grafias nêle não mencionadas.

No fim há um *Índice onomástico* com os nomes das personagens que figuram na Crónica e a explicação dos nomes das terras.

*

Como bem se salienta na introdução, o texto serve de base para estudos de confronto entre os dizeres arcaicos e a linguagem popular de hoje.

Com efeito são vulgares estes casos: Assimilação: *pelígrino*; dissimilação: *edefício*, *deficuldade*, *devino*, *saluç*; enfraquecimento de *i* em *e*: *deluvio*, *vertude*, *defamar*, *deceplina* (cfr. o pop. *senefica*); mudança do *e* em *a*, em contacto com líquida: *carrar*, *tarramoto*, *derrador*; *prótese*: *alimpar*; aférese: *maginhaçom* (cfr. *maginação* (pop.)); síncope: *delivraçom* (cfr. *delibração*); metátese: *detriminar*, *fremosura*; assimilação consonântica: *mananconia* (cfr. o pop. *mananconia*).

Se o tempo e o espaço não nos faltassem, fariamos aqui um paraleto entre o texto curiosíssimo do último quartel do século XIV com um manuscrito deixado por um soldado inculto das lutas liberais, e que ainda tencionamos publicar um dia.

O paralelo, pelo que diz respeito à fonologia, ortografia e morfologia, é frisante em muitos pontos.

*

Diz-se na «Introdução»¹ que o conteúdo do texto «não deixa de ter também utilidade pelos lados histórico e etnológico, pois que ali vemos perpassar a idade média com a sua fé simples e crédula, inteiramente sob o jugo do sobrenatural, que parece fazer parte integrante do seu existir...».

Procuraremos demonstrar com factos que estas palavras não representam nenhum exagêro, não sendo para desprezar tam-

¹ Pág. XII.

bém a possibilidade de relacionarmos as crenças da idade-média com aquelas que ainda hoje vigoram no espírito do povo.

Têm para nós um interesse especial os capítulos sobre Santo António, que vão no primeiro volume desde págs. 226 a 295, devendo ver-se também sobre o mesmo santo várias informações a págs. 12, 28, 100, 186 e 248 do 2.º volume.

Entre os casos maravilhosos que tiveram por actores os frades menores, aparecem muitos, cuja acção se faz passar em Portugal ¹.

Elementos para estudo dos *endemoninhados* encontram-se no 1.º vol.º a págs. 45, 83, 97, 277 e 340, e no 2.º a págs. 68, 70, 81, 119, e 153; sobre as *almas do outro mundo*, no 2.º vol.º a págs. 20, 174, 177, 178 e 221; sobre o *levantamento no ar*, provocado pelo êxtase místico, no 1.º vol.º a págs. 51, 115 e 334, e no 2.º a págs. 78, 208 e 219; sobre medicina, chagas de Cristo concedidas a eleitos, milagres produzidos pelo contacto de objecto pertencente a pessoa virtuosa no 1.º vol.º, págs. 129, 253, 254, 258, 262, 265, 268, 318, 368, 392 e 395; sobre evocação dos demónios pelos nigromantes, no vol.º 2.º, págs. 122, 167 e 169.

Não faltam no texto a descrição de uma descida aos infernos, onde se vêem sujeitos a penas cruciantes seres que gozaram nesta vida as maiores honras (vol.º 2.º págs. 122 e segs.) ²; a venda da alma ao demo, tam corrente nos contos tradicionais (vol.º II, pág. 154); as relações carnaes entre o demo e as mulheres (vol.º II, pág. 161), sem o episódio, porém, do produto monstruoso em que nos fala a «Demanda do Santo Graal» ³; a «cedula» vinda do céu (vol.º I, pág. 277), crença aproveitada na *Célia* de Sá de Miranda, e que, de longe a longe, revive no seio do povo; o sangue, manando, como sinal misterioso, de um osso e de um crucifixo, ou a cobrir a farinha amassada no dia da festa de S. Francisco (vol.ºs I, pág. 387, e II, págs. 224, 250 e 251), do mesmo modo que o povo o vê hoje no pão amassado no dia de sexta-feira santa (cfr. o caso sucedido com a hóstia do *Santo Milagre*); o aparecimento dos demónios nas encruzilhadas (vol.º I, pág. 83); a construção rápida de uma igreja em honra de S. Francisco por entes sobrenaturais (vol.º I,

¹ Vid. 2.º vol.º, págs. 70, 195, 196, 211, 213-215, 217, etc.

² Vê-se que o princípio da igualdade perante a morte, tratado no poema, na sátira, na pintura (dança macabra dos esqueletos) se encontra tratado também na Crónica. Nesta ideia se funda a trilogia das *Barcas* de Gil Vicente.

³ Vid. *Revista Lusitana*, vol. VI, pág. 336.

pág. 377), maravilha se assemelha à das pontes levantadas da noite para o dia por artes diabólicas; a trazida de demónios por artes mágicas para um «cerco de encantamentos» por um clérigo, que «sabia chamar os demonios por arte magica».

Há uma nota sôbre os *jograes* no vol.^e I, págs. 40 e 41; vemos o diabo servindo-se dos «esterços» das joias, das riquezas (vol.^e II, págs. 17 e 175) para cegar os pecadores, usando assim o mesmo processo do «*Auto da Alma*» de Gil Vicente; aparece-nos a pág. 279 do vol.^e II, em vez de Cupido, um pequeno demónio, «huum etiopo», que, armado de «huum arco tendido» não pode entrar dentro do dormitório dos frades de Paris, por terem derramado lá água benta, mas que, instigado por «huum grande demonio» lançou mesmo da porta uma seta que foi atingir um frade, por ventura não atingido pela água, obrigando o assim a pecar em sonhos; a pág. 378 do vol.^e I conta-se que os pais dum môço, «ferido de morte e desesperado dos fisicos», prometeram a S. Francisco, se o livrasse do perigo de morte «que lho enviariam aa sua igreja e a *percariam* em derredor com camdea»...

Feita a demonstração prometida, devemos frisar também que a «Crónica da Ordem dos Frades Menores» constitue ainda hoje uma fonte abundante de temas para trabalhos literários.

Gustave Flaubert, aproveitando uma lenda curiosa, desenvolveu-a admiravelmente, deixando-nos «TROIS CONTES» *La légende de Saint Julien l'Hospitalier*; Eça de Queiroz, nos seus *Contos*, estudou, embora um pouco forçadamente, Frei Genebro, que é o Frei Junípero da *Crónica dos Frades Menores*¹; nos *Contos*, Fialho de Almeida dá-nos «O Milagre do Convento» onde há falta de graça e de leveza, um luxo exagerado de estilo e uma irreverência irritante...

...Rematando esta nota um pouco desordenada, seja-nos licito transcrever parte de uma lenda²:

«... Em nas partes de Castella em Toledo, ...
«aconteço que vierom aa dita çidade fraires po-
«bres, ... E huum dia, como os nobres e pode-
«rosos çidadãaos, que cada ãno em taaes jogos

¹ Vid. o vol.^e I, pág. 94, onde se pode ler o episódio do porco: o frade «con o coitello que levava cortou-lhe hum pee e leixou aly o porco de-çepado».

² *Crónica...*, vol. II, pág. 62.

«sse acupam, corressem a huum touro, grande e forte, e o provocassem a foria, dous dos ditos fraires vierom aaquella praça a pidir esmolla, estamdo o touro em aquella furia. E huum dos ditos çidadãos disse a huum de aquelles fraires: «Fraire, se queres tomar aquelle touro, seja teu por amor de Jesu Cristo. E despois disse ainda «mais aquelle çidadão com os outros nobres e poderosos que estavam aly presentes: Se o touro tomares, nos te daremos esta praça pera fazer «voso moesteiro. E oo fraire, comendando-sse a «Deus e a sam Framçisco, foi-se ao touro, nom domado e foriosso, com feuzza e tomô-o por os cornos, e o touro, asy como carneiro manso, nom se moveeo, senom como o fraire quis. E entom o «fraire, alegre em no Senhor, disse: Senhores, o «touro he nosso e esta praça pera fazer o moesteiro. E os çidadãos e os nobres homeens foram «espantados, vendo tamanho milagre, e derom-lhe «o touro e aquela praça... em na quall praça os «fraires edificarom o convento,...»

AUGUSTO C. PIRES DE LIMA.

II

REVISTAS

—De uma critica bibliografica publicada em **The Romanic Review**, v, 105, vejo que ha tradução ou traduções de poesias populares portuguesas em *Folk-Ballad of Southern Europe, translated into English verse* by Sophie Jewett, New-York, Putnam's Sons, 1913, de v-299 pág., in-8.º.

—**Modern Philology**, xiii, 1916, 669-680: Hendrix, *The «Auto da Barca do Inferno» of Gil Vicente and the spanish «Tragicomedia alegórica del Parayso e del Inferno»*.—Apud *Revista de Filologia Española*, vi, 332.

—**Modern Language Notes**, xxxiv: pág. 375-376, nova etimologia do hesp. *calavera* e port. *caveira*, por Garcia de Diego; pág. 442, algo sobre cartas de jogar; pág. 462, a fabula de *pôr o cascavel ao gato*, estudada por P. Franklin Baum, a quem escapou o que sobre o assunto dissera F. Adolpho Coelho in *Revista d'Ethnologia* (1881), pág. 143-144.

III

VARIA QUAEDAM

— **Contribuições para o Vocabulario anatomico português:** I, *A linguagem anatomica popular*. — Por J. A. Pires de Lima, Porto 1919 (separata do *Portugal Médico*).

— **Compendio de Gramática historica portuguesa** (Fonetica e Morfologia), por J. J. Nunes, Lisboa 1919, Teixeira, VIII-474 pág.

— **Vocabulario regional** colhido no concelho de Lages (Ilha do Pico) por Lacerda Machado, Coimbra 1917, 80 págs.

— **Monumentos da literaratura dramatica portuguesa** (publicação da Academia das Sciencias de Lisboa):

- I. *Comedia Eufrosina* de J. F. de Vasconcellos, ed. de Aubrey Bell, Lisboa 1919;
- II. *A vingança de Agamenon* de Anrique Ayres Victorio, ed. de Esteves Pereira, Lisboa 1918;
- III. *Auto do fisico* de J. Ribeiro, ed. de Esteves Pereira, Lisboa 1919;
- IV. *Auto das regateiras*, composto por um frade Loyo, ed. de Esteves Pereira, Lisboa 1919.

LITTERATURA DO BRASIL:

A) FILOGOIA:

— **O problema Crisfal** por Lindolpho Gomes, Juiz de Fóra 1912.

— **Ensaio de Philologia** por Americo de Moura, Campinas 1913.

— **A mascara de um poeta** (Bernardim Ribeiro) por Silvio de Almeida, 1913.

— De Solidonio Leite:

- a) **Classicos esquecidos**, Rio 1914;
- b) **Classicos portuguezes**, Rio 1915;
- c) **A auctoria da "Arte de furtar"**, Rio 1917;
- d) **Fr. Manoel da Esperança** (Excerptos), Rio 1918.

—De Othoniel Motta:

a) **Questões philologicas** (separata do *Centro de sc. e letras*), s. l., 1914;

b) **O meu idioma**, 1.^a ed., Campinas 1916; 2.^a ed., S. Paulo 1917;

c) **Os Lusiadas de Camões** (ed. escolar), S. Paulo e Rio 1917;

d) **Lições de portuguez**, S. Paulo e Rio 1918.

—**Sintaxe de concordancia** por Carlos Goes, S. Paulo 1916.

—**Grammatica historica** por E. Carlos Pereira, S. Paulo e Rio 1916.

—**A lingua portugueza no Brasil** por Virgilio de Lemos, Bahia 1916.

—**Recepção de Alberto Faria** na Academia Brasileira: discursos do recipiendario e de Mario de Alencar, S. Paulo 1919.

—**O, A, em português** por A. de A. Melo Carvalho, Rio 1919.

B) ETNOGRAFIA:

—**Folk-Lore pernambucano** pelo Dr. F. A. Pereira da Costa, Rio 1919.

—**Questões e problemas** por Tito Livio de Castro, S. Paulo 1913. Entre outros artigos, contém: «O pretendido turanismo da modinha e do lyrismo brasileiro»; «Duas palavras sobre a hybridiz eugenesica»; «Odio entre raças».

—**Contos populares** (tradição oral de Minas) por Lindolpho Gomes, Juiz de Fôra 1918.

—De Alberto Faria:

a) **Aérides** (literatura e folk-lore), 1918;

b) «O feitiço contra o feiticeiro» in **Revista do Brasil**, Novembro de 1918 (resposta a um artigo de Othoniel Mota).

—**Quem conta um conto ...** (contos regionais) por Cornelio Pires, S. Paulo 1919.

—De Afranio Peixoto:

a) **Minha terra e minha gente**, Rio, etc. 1916;

b) **Trovas brasileiras**, Rio 1919.

Se algum dos escritores brasileiros que me dão a honra de estar comigo em relações literarias, ou outro, quisesse escrever, e enviar á *Revista Lusitana*, uma biografia, breve que fosse, do falecido **Silvio Romero**, a quem a *Etnografia luso-brasileira* tanto deve, eu de muito boa vontade a publicaria. Por mim não a posso escrever, nem encarregar d'isso outrem em Portugal, porque me falta o indispensavel conhecimento do *curriculum vitae*: apenas possuo d'ele algumas obras, talvez algumas cartas, e a saudosa lembrança de uma vez ter tido o gôsto de o ver em minha casa. As obras que possuo de Silvío Romero, todas elas, excepto as duas primeiras, oferecidas por ele, são, por ordem cronologica:

- a) **Cantos populares do Brazil**, 2 volumes, Lisboa 1883;
- b) **Contos populares do Brazil**, Lisboa 1885;
- c) **Uma esperteza** (os Cantos e Contos populares do Brazil e o Snr. Theophilo Braga), Rio 1887;
- d) **Ethnographia brasileira**, Rio 1888;
- e) **Estudos sobre a poesia popular do Brazil**, Rio 1888;
- f) **Cantos populares do Brazil**, 2.^a edição, melhorada, Rio e S. Paulo 1897;
- g) **Contos populares do Brazil**, 2.^a edição, consideravelmente aumentada, Rio e S. Paulo 1897;
- e) **O elemento portuguez no Brazil**, Lisboa 1902;
- f) **Passe recibo** (réplica a Theophilo Braga), Bello Horizonte 1904;
- g) **A patria portugueza** (o territorio e a raça), Lisboa 1906;
- h) **A America Latina**, Porto 1907;
- i) **Da critica e sua exacta definição**, Rio 1909.

Escreveu muitas outras, sobre historia literaria, etc., porém são estas, como disse, as unicas que tenho.

J. L. DE V.

NECROLOGIA

Ernesto Monaci

Finou-se na capital da Itália, em Janeiro de 1919, um benemérito de Portugal, restituidor a êste país de belos e importantes monumentos do seu passado literário: o ilustre Romanista **Ernesto Monaci**. Contava 65 anos. Nascido em 1844, discípulo do grande poliglota e iniciador do estudo científico da complicada dialectologia italiana Graziadio Ascoli, de Milão, foi nomeado professor de filologia neo-latina na Universidade de Roma em 1876. Essa distinção merecera-a por estreias importantes, relativas às literaturas arcaicas da Itália e Provença, mas sobretudo à época trovadoresca de Espanha e Portugal.

Durante toda a sua carreira de professor, distinguuiu-se por iniciativas fecundas, erguendo o nível do ensino universitário.

Se não foi o primeiro, seguramente foi um dos primeiros Romanistas que tiraram das trevas de bibliotecas textos inéditos dos períodos arcaicos.

Igualmente foi um dos primeiros que compreenderam a utilidade de os verdadeiros originais, na impossibilidade de os apresentarmos aos estudantes, serem substituídos por fac-símiles (heliotípias), e não por edições impressas, quer paleograficamente quer criticamente.

Nesse sentido publicou em 1880 um texto francês — *O mistério de Santa Inês* em reprodução fotográfica, e posteriormente colecções de fôlhas soltas nos cinco principais idiomas neo-latinos, de sorte que professores e estudantes podem hoje adquirir originais por preço relativamente diminuto.

Como fundador da primeira Revista italiana da sua especialidade, introduzira na língua nacional, no título dela, o termo técnico de *Filologia romanza*.

Na publicação dessa *Revista de Filologia Romanza*, cujo proémio assina, fôra auxiliado por L. Manzoni e E. Stengel (2 vols., 1872-75). Continuou-a só, depois de leve interrupção, transformada em *Giornale de Filologia Romanza* (2 vols, 1878-83), e de 1884 em diante até o seu fim, na nova forma de *Studj di Filologia Romanza*, em fascículos soltos, que saíam a intervalos livres (18 vols).

Juntamente com Francisco d'Ovidio elaborou Manuais científicos para uso dos alunos da Faculdade de Letras: I, *Spagnuolo* (1879); II, *Portoghese e Gallego* (1881), volumitos em que, além das Gramáticas, redigidas pelo colaborador, há boas selectas de textos arcaicos e Glossáriozinhos da sua lavra.

Para nós, Portugueses, a parte mais importante da sua actividade é todavia a publicação integral do *Cancioneiro do Vaticano*, a que já aludi, e a dos Inéditos do *Cancioneiro Colocci Brancuti* (em que ajudou seu discípulo, prematuramente falecido, Enrique Molteni).

Essas duas colecções trovadorescas, que, completando-se, constam de 1647 cantigas (1205 e 442), são, como sabem todos os estudiosos, fonte do nosso saber a respeito do primeiro período da lírica peninsular, a apreçoada era de D. Denis, em que o idioma ocidental, galego-português, servia de veículo a todos os trovadores, segreís e jograis hispânicos. Fonte caudalosa, mas não única, visto que nas laudas membranáceas do *Cancioneiro da Ajuda* possuímos um pecúlio muito mais próximo dos originais (310 cantigas, das quais apenas 65 são contudo privativas dessa colecção); e além delas, existem quatro centos e tantos textos sagrados do século XIII: hinos e milagres publicados como *Cantigas de Santa Maria*, em 1889, e atribuídas a Afonso X, o Sábio, de Castela e Leão.

As 310 composições do CA, bastantes do CV, como por ex. as del rei D. Denis, e algumas do CM, tinham vindo à luz de 1800 em diante, durante a primeira e fecunda revisão científica das literaturas românicas. E o próprio Diez se tinha ocupado, com intuição e critério admirável, da poesia trovadoresca portuguesa (1863). Mas nenhuma das publicações anteriores à edição de Monaci (trinta e seis no Catálogo razoado que intercalei no meu *Cancioneiro da Ajuda*), nem mesmo todas juntas, tem o valor dela.

Aparecida em 1875, ao cabo de um lustre de árduo labor, essa edição do *Cancioneiro do Vaticano* não apresenta ao leitor um texto criticamente depurado. É reprodução *diplomática*, destinada a substituir para o leitor o original, i. é. o Códice cartáceo 4803 da livraria dos Papas, que o Humanista Angelo Colocci, de Jesi, vivamente interessado pelo estudo comparativo das literaturas e lingoas neo-latinas, mandara tirar para seu uso (no último quartel do século XV, ou no primeiro do XVI) de outro original mais antigo, provavelmente membranáceo, já bastante deteriorado, e hoje desaparecido. Escrito com tinta corrosiva sobre

papel inferior, esse apógrafo, já quatro vezes secular, estava e está exposto a cada vez mais rápida destruição.

Por isso Ernesto Monaci julgou optimamente que o primeiro trabalho necessário era dar uma edição rigorosamente diplomática; e reproduziu o códice página a página, linha a linha, letra a letra, conservando todas as siglas e todos os erros cometidos pelos copistas italianos de 1500; assim como a numeração e paginação antiga, diferenciando também as escrituras diversas.

Não se contentou todavia com isso. Prestou aos deturpados textos os primeiros socorros de que careciam. Ajudado por F. A. Coelho (de saudosíssima memória, visto que se seguiu ao amigo quasi imediatamente), escreveu notas que contém numerosas propostas metódicas de restituição, um catálogo dos principais erros do copista, uma tabela das abreviaturas, um índice onomástico, etc. Estabeleceu que a mão, diversa da dos amanuenses, que escrevera rúbricas e notas marginaes, era de Angelo Coloci. Para o provar publicou dêste um *Índice autógrafo*, tirado de outro Cancioneiro português mais completo. Numa palavra ministrou elementos preciosos para a restauração dos textos.

Quando pouco depois de 1875 appareceu por um feliz acaso — perto de Jesi! — na livraria do Conde Paulo Antonio Brancuti aquele segundo Cancioneiro, cujo *Índice* mencionei, mais completo do que o da Vaticana, comquanto também esteja mutilado, — Monaci dirigiu os trabalhos do seu discípulo, e acompanhou o Cancioneiro Colocci-Brancuti de advertência preliminar. Nela promete o exame critico das partes comuns aos dois códices, convencido de que *sómente sobre a base de tal estudo e da lista das variantes se poderá fixar a lição definitiva das Cantigas*.

Antes que apparecessem as duas edições, Monaci já dera duas vezes amostras de textos, escolhendo, com gosto acertado, não *cantigas de amor* no gosto monotono dos Provençais, mas sim *Cantigas de amigo*, concebidas em estilo popular, segundo tipos tradicionais, comuns às principais nações românicas: cantigas em que falam meninas em cabelo, dançando em dias primaveris em volta de árvores floridas, ou peregrinando a lugares de romaria. Ofertou a amigos como presente de núpcias, segundo um gentil costume italiano, *plaquettes* com 17 *Canti antichi* (1873) e uma dúzia de *Cantos de ledino* (1875) (nome aplicado por A. F. Coelho e T. Braga ao género) por interpretação errónea de um trecho do *Crisfal* e relativos a um cantar que principia:

*Yo me iba, la mi madre,
a Santa Maria del Pino.*

Posteriormente Monaci deu ainda provas variadas do entusiasmo com que ia explorando o Cancioneiro Colocci Brancuti.

Em 1885 tentou por ex. restituir e interpretar os fragmentos em prosa de uma *Poética* que no Códice precedem as Cantigas.

A todas as perguntas que, preparando o *Cancioneiro da Ajuda*, lhe dirigi (1880 a 1890), respondeu sempre com gentileza. E generosamente comunicou em 1894 ao editor do *Cancioneiro de D. Denis*, o Norte-Americano Henry R. Lang, as variantes do segundo Códice.

Veio todavia um tempo em que escondeu o tesouro, que adquirira por compra em 1888, declarando a todos os solicitantes que não o mostrava a ninguém, nem comunicava nada a respeito dele, e deixando de publicar o prometido estudo sobre as variantes que seguramente já elaborara e de que tanto necessitamos.

Porque seria?

Não se pode dizer que o mundo se tenha mostrado ingrato aos serviços prestados por Monaci. Artigos de louvor, e sobretudo estudos importantes e valiosos foram ecos da sua voz. No meu catálogo, não completo, registei quarenta obras entre edições críticas (Lang), propostas de correções (Epifânio Dias), avaliações estéticas (Menendez e Pelayo), traduções (Storck), imitações (João de Deus, Afonso Lopes Vieira), biografias de trovadores (C. M. de V.), análises de géneros poéticos (Lang), aparecidas de 1875 a 1899. E depois vieram trabalhos notáveis de Oskar Nobiling, Hanssen, Armin Gassner, J. Huber, Aubrey Bell, Dr. Leite de Vasconcellos e alguns mais.

Nem mesmo quanto à Hispânia, e em especial quanto a Portugal e à Galiza, há razão de falarmos de indiferença. Os nomes que já citei, aos quais podia acrescentar os de Bonilla, Salazar, Murguía, Arana, Said Armesto, Oviedo y Arce de um lado, e do outro lado os de J. J. Nunes, Pedro de Azevedo e principalmente o de T. Braga, altamente atestam o desejo dos estudiosos de prestarem homenagem ao ilustre Italiano.

Factos se deram todavia que provocaram as iras e o retraimento dele. Sei de três, ou de quatro, se contarmos como tal a falta de qualquer distinção outorgada com aparências de espontaneidade pelo Governo português e pela Academia das Ciências de Lisboa a Ernesto Monaci.

Desagradou-lhe o lento avançar do meu *Cancioneiro da Ajuda*, publicado afinal, pelo carácter diverso que eu lhe dava, não como Parte Terceira das *Comunicazioni dalle Biblioteche*

di Roma e da altre Biblioteche per lo Studio delle Lingue e delle Letterature Romanze, conforme a princípio se planeara o mas independentemente. Nem o aplacaram os dezassete testemunhos da minha occupação não infecunda com os Cancioneiros que successivamente publiquei como *Randglossen* e em artigos relativos ao *Cancioneiro de D. Denis*.

Mais, muito mais do que os meus vagares, desagradaram-lhe todavia as pressas impetuosas de T. Braga. Não os artigos que publicava em Revistas, relativos a géneros poéticos e cantigas como *Leonoreta fin roseta*, mas sim a publicação immediata dos textos *popularizados*, tornados legíveis como *Edição Critica restituída* (1878). Empreendida e realizada sem os prévios «longos e múltiplos estudos» que Monaci recomendara, considerou-a, aplaudido por todos os amigos e admiradores e principalmente pelo desinteressado editor de Halle (Max Niemeyer), como acção má, digna de censura, por mais que eu lhe explicasse que T. Braga acudira, precipitadamente sim, mas com sincero entusiasmo ao outro desejo, por elle formulado, que o Cancioneiro fosse rapidamente objecto de novos estudos».

Depois, houve agravantes. Em 1899 um aliás notável Académico e Sócio da Sociedade de Geografia attribuiu abertamente ao benemérito professor de Roma os erros e as deturpações dos copistas de 1500, e fez a proposta que um Português tirasse nova e melhor cópia. E o próprio Teófilo Braga projectou que os três Cancioneiros profanos entrassem sem demora em nova edição nos Monumentos Históricos de Portugal.

Tais insultos contra a sua honra profissional fizeram trasbordar o copo já cheio de amarguras que mãos portuguesas tinham preparado ao erudito lusófilo.

*

A dívida de honra, assim contraída pelo país, poderá ser paga agora, visto que os herdeiros do nosso bemfeitor resolveram vender o Cancioneiro Colocci-Brancuti.

Oxalá o Governo, informado pelo nosso ministro em Roma, o adquira e deposite na livraria da Academia das Sciências; e a illustre corporação facilite e impulsione os trabalhos que a posse do volume nos imporia.

*

Como nota final direi que o lusofilismo de Ernesto Monaci parece ter perdurado até o seu fim, apesar dos desgostos indicados, e que eu já deixara veridicamente expostos no vol. II do meu Cancioneiro da Ajuda, talvez com demasiada imparcialidade.

Na sua última obra *Facsimili di Documenti per la Storia delle lingue e delle letterature romanze raccolte da Ernesto Monaci*, 2.^a Série, Roma, 1913 — estão reproduzidas nas laudas 112-114 três folhas de um manuscrito da Biblioteca do Vaticano (col. 275^b-278^a do códice 7182), que contém, com algumas leves divergências, os cinco importantíssimos *Lais de Bretanha* com que abre o *Cancioneiro Colocci-Brancuti*.

Se Ernesto Monaci vivesse, pode ser respondesse à Carta que a esse respeito lhe dirigi. E as nossas relações se reatassem. E eu conseguisse que fossem publicados os estudos ineditos que provavelmente, de novo o digo, deixou também aos herdeiros!

Pórtó, 13 de Maio de 1919.

CAROLINA MICHAELIS DE VASCONCELLOS.

F. Adolfo Coelho

(† 9-II-919)

Discurso pronunciado á beira da sua sepultura

MEUS SENHORES:

Espírito de multiplas feições, submetido a disciplina de ferro, que o punha em luta consigo mesmo, por ele não poder, como parece que desejava, abraçar, e indagar até os mínimos pormenores, todo o corpo das sciencias a que se dedicava, o Snr. Dr. Francisco Adolfo Coelho traçou sulcos luminosos em tres campos, qual d'eles mais vasto e difficil: no da Glotologia, no da Etnologia, e no da Pedagogia. Não me competindo agora falar dos dois ultimos, porque tomei a palavra na minha qualidade de Professor da Faculdade de Letras de Lisboa, e foi a Glotologia a disciplina que o Snr. Adolfo Coelho aí ensinou, di-

rei apenas umas breves palavras acêrca da sua acção como glotólogo.

Em 1868 publicou um opusculo com o titulo de *A lingua portugueza*, a que deviam seguir-se mais tres, que completassem a gramatica historica; tendo porém mudado de plano, e procurado «tomar por base de um estudo da lingua portugueza a analyse comparativa da lingua latina como idioma indogermanico», imaginou outra serie de livros, inaugurada em 1871 com a *Theoria da conjugação em latim e portuguez*. Tambem esta serie não foi por diante, e o autor, logo em 1874, nos deu, com plano novo, as *Questões da lingua portugueza*, que ficaram igualmente por terminar.

Apesar de incompletas, tiveram estas obras o merito immortal de introduzirem em Portugal, com exito, o metodo moderno da Filologia romanica, applicado na Alemanha, de 1836 a 1843, por Frederico Diez numa Gramatica que ficou célebre. Antes da primeira publicação do Snr. Adolfo Coelho, em 1868, muito se havia sem dúvida trabalhado entre nós em prol do conhecimento scientifico da nossa opulenta lingoa; mas, como em identicas circumstancias acontecia noutras nações, eram trabalhos feitos quasi sempre um pouco mecanicamente, e a que faltava direcção suprema e uniforme que vivificasse as investigações, e lhes alargasse o ambito.

Se, como eu ha pouco disse, o Sr. Adolfo Coelho não se contentava de consagrar a sua actividade psiquica a uma unica sciencia, do mesmo modo na propria Glotologia passou do restrito campo da lingua portuguesa a ocupar-se de problemas de character filosofico e geral: do da formação dos dialectos crioulos; do das gurias conjuntas com o idioma e etnografia dos Ciganos; e ultimamente do da influencia etnica na transformação das linguas, problema contudo a que não chegou a dar solução, porque só tratou uma parte.

São estes, me parece, os seus mais notaveis trabalhos glotologicos.

Como Professor do antigo Curso Superior de Letras, ora Faculdade de Letras, o Snr. Adolfo Coelho despendia constantemente no ensino profunda e variada erudição, que não raro deixava atonitos os que o escutavam.

Não posso levar mais longe o meu discurso. Nem a ocasião permite delongas, nem a comoção que me domina consente que eu me espraie na enumeração e apreciação de serviços officiais, e de obras literarias. Vejo diante de mim o féretro que esconde

in aeternum o cadaver do que, pelos livros, foi meu Mestre, e a quem a sorte quis que eu, com o meu pouco, substitua nas cadeiras que tão primorosamente regeu. Aqui presto ao sabio, ao amigo, na proximidade do seu tumulo, o meu último preito! Aqui lhe digo o meu último adeus!

No cemiterio de S. Domingos de Rana (Carcavelos), em 10 de Fevereiro de 1919.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

ERRATAS

Pagina 116, linha 10.^a, em vez de «deixou três pègadas» leia-se «deixou estampadas as pègadas».

Pagina 123, linha 8.^a, em vez de «da serra da Chiqueda» leia-se «da serra para Chiqueda».

Pagina 124, linha 4.^a, em vez de «afundaram-lhe» leia-se «afundaram-se-lhe».

Pagina 131, linha 14.^a, em vez de «fochinho» leia-se «fo-cinho».

Ibidem, linha 28.^a, em vez de «e o seu amor» leia-se «rosma-ninho e o seu amor».

*

Pagina 229, linha 11.^a, em vez de *muitas, outras tantas*, leia-se *muitos, outros, tantos*.

*

Pagina 230, linha 23.^a, em vez de *arcaico, moderno, litera-rio*, leia-se *arcaica, moderna, literaria*.

INDICE do VOLUME XXII

ARTIGOS DESENVOLVIDOS:

PAQ.

Importancia da Etnografia—por J. Leite de Vasconcellos.	5
• Glossario dialectologico do concelho das Arcas de Valdevez (continuação do volume XX, e não XXI, como por engano se diz a página 19) —por F. Alves Pereira.	19
• Tradições populares do concelho do Santo Tirso (3. ^a serie)—por Augusto C. Pires de Lima.	35
Estudos camonianos, III—por Gomes de Brito	91
Contos populares de Evora (continuação)—por Bernardino Barbosa.	100
Berço d'uma cantiga em indio-português—por Sebastião Rodolfo Dalgado	108
• Turquel folklorico, parte IV—por José Diogo Ribeiro	115
Textos antigos portugueses, VIII—por J. J. Nunes	138
Os «cardadores» da Castello de Vide—por Laranjo Coelho	170
Amostras de Toponímia Portuguesa (conclusão)—por J. Leite de Vasconcellos.	196
✓ Festas e costumes de Monchique—por J. Antonio Guerreiro Gascon	200
Alguns nomes mozarabes no Sul de Portugal—por Pedro de Azevedo	211
Os serões de tôra—por Augusto C. Pires de Lima	215

MISCELANEA:

✓ Ptg. <i>ingreme</i> , <i>ingrime</i> —por Leo Spitzer,	218
✓ Ptg. <i>arripiar</i> —pelo mesmo	219
Quem vai ao mar—por Oscar de Pratt & Leite de Vasconcellos	219
Lirica patriótica—por Oscar de Pratt	223
Jogo das chapas—por J. L. de V.	225
Lendas—por Augusto C. Pires de Lima.	227
✓ Etimologia de «Cascais»—por J. L. de V.	229
Plano de «Historia da lingua portuguesa»—por J. L. de V.	229
✓ Correções e observações a textos portugueses—por J. L. de V.	231
Duas notas de Gonçalves Viana—por Augusto C. Pires de Lima	232
Como se forma um culto—por J. L. de V.	234

BIBLIOGRAFIA:

I. Livros:

Cronica dos Menores de J. J. Nunes—por A. C. Pires de Lima.	233
---	-----

II. Revistas:

The Romanic Review—por J. L. de V.	243
Modern Philology—por J. L. de V.	243
Modern Language Notes—por J. L. de V.	243

III. *Varia quaedam:*

<i>Contribuições para o Vocabulário anatomico português</i> , I, de J. A. Pires de Lima.	244
<i>Compendio de Gramatica historica portuguesa</i> de J. J. Nunes.	244
<i>Vocabulário regional</i> de Lacerda Machado.	244
<i>Monumentos da literatura dramatica</i> (publicação da Academia das Sciencias de Lisboa):	
I. <i>Comedia Eufrosina</i> de J. F. de Vasconcellos.	244
II. <i>A vingança de Agamenon</i> de A. A. Victoria.	244
III. <i>Auto do fisico</i> de J. Ribeiro.	244
IV. <i>Auto das regateiras</i>	244
<i>O problema Crisfal</i> de L. Gomes.	244
<i>Ensaio de Philologia</i> de A. de Moura.	244
<i>A mascara de um poeta</i> de Silvio de Almeida.	244
<i>Classicos esquecidos, Classicos portugueses, A auctoridade da «Arte de furtar», Fr. Manuel da Esperança</i> de Solidonio Leite.	244
<i>Questões filologicas, O meu idioma, Os Lusíadas, Lições de portuguez</i> : de Othoniel Mota.	245
<i>Sintaxe de concordancia</i> de C. Goes.	245
<i>Gramatica historica</i> de E. Carlos Pereira.	245
<i>A lingua portuguesa no Brasil</i> de V. de Lemos.	245
<i>Recepção de Alberto Faria na Academia</i>	245
<i>O, A, em portuguez</i> de A. Melo Carvalho.	245
<i>Folklore pernambucano</i> de Pereira da Costa.	245
<i>Questões e problemas</i> de Tito Livio de Castro.	245
<i>Contos populares</i> de Lindolpho Gomes.	245
<i>Aerides, O feitiço contra o feiçiceiro, Quem conta um conto</i> : de Alberto Faria.	245
<i>Minha terra e minha gente, Trovas brasileiras</i> : de Afranio Peixoto.	245
<i>Cantos populares do Brazil</i> (1883), <i>Contos populares do Brazil</i> (1885), <i>Uma expertise, Ethnografia brasileira, Estudos sobre a poesia popular do Brazil, Contos populares do Brazil, O elemento portuguez no Brazil, Passe recibo, A patria portuguesa, A America Latina, Da critica e sua exacta definição</i> : de Silvio Romero.	246

NECROLOGIA:

Ernesto Monaci —por D. Carolina M. de Vasconcellos.	247
F. Adolfo Coelho —por J. L. de V.. . . .	252
Erratas	254

SINTAXE HISTORICA PORTUGUESA

POR

AUGUSTO EPIFANIO DA SILVA DIAS

1 volume broch. 3\$00

JOSÉ JOAQUIM NUNES

GRAMATICA HISTORICA DA LINGUA PORTUGUESA **FONETICA E MORFOLOGIA**

1 volume broch. 4\$00

JOÃO LUCIO D'AZEVEDO

EVOLUÇÃO DO SEBASTIANISMO

1 volume broch. 1\$50

HISTORIA DE ANTONIO VIEIRA

2 volumes broch. 10\$00

RICARDO JORGÉ

CONTRA UM PLAGIO **DO PROF. TEOPHILO BRAGA**

1 volume broch. 1\$50

REVISTA DE HISTORIA

ORGÃO DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE ESTUDOS HISTORICOS

Louçada pelo Ministerio da Instrução Publica em portaria de 9 de Dezembro de 1914

8 volumes (anos 1 a 8). 40\$00
Volume 9.º 6\$00
Volume 10.º (a distribuir no fim do corrente ano) 5\$00